



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

UMA HISTÓRIA DE DILMA ROUSSEFF EM IMAGENS NA MÍDIA

SÃO CARLOS
2018



Universidade Federal de São Carlos

Sidnay Fernandes dos Santos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA HISTÓRIA DE DILMA ROUSSEFF EM IMAGENS NA MÍDIA

Sidnay Fernandes dos Santos

Tese apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos,
como parte dos requisitos para a obtenção
do Título de Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser
Baronas

São Carlos - São Paulo - Brasil
2018



**BANCA EXAMINADORA DA TESE DE DOUTORADO DE
SIDNAY FERNANDES DOS SANTOS**

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas
Orientador e Presidente
UFSCar/São Carlos

Profa. Dra. Fernanda Mussalim
Membro titular
UFU/Uberlândia

Prof. Dr. Edson Carlos Romualdo
Membro titular
UEM/Maringá

Prof. Dr. Valdemir Miotello
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Profa. Dra. Mônica Baltazar Diniz Signori
Membro titular
UFSCar/São Carlos

Submetida a defesa pública em sessão realizada em: 18/novembro/2014.
Homologada na 6^a reunião da CPGL, realizada em 19/12/2014.

Carlos Piovezani
Coordenador
PPGL/UFSCar

ANTES DO NOME

Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o “de”, o “aliás”,
o “o”, o ‘porém’ e o “que”, esta incompreensível
muleta que me apoia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infrequentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.

Adélia Prado, *Bagagem*, 1976.

Em metade dos Estados, el...

http://eleicoes.uol.com.br/2014/noticias/2014/10/04/em-13-estados-eleicao-para-governador-deve-ser-definida-no-1-turno.htm#fotoNav=333

Arquivo Editar Exibir Favoritos Ferramentas Ajuda

Em **Minas Gerais**, o ex-ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior **Fernando Pimentel** (PT) pode pôr fim a 12 anos do governo do PSDB no Estado.



333 / 342

4.out.2014 - Caveletes com cartazes dos candidatos do Partido dos Trabalhadores (PT) foram cortados e ficaram com um vão no local onde estava a imagem do rosto da presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff, na noite desta sexta-feira (3), em Brasília. A face do candidato ao governo do Distrito Federal pelo partido, Agnelo Queiroz (à esq.), e do candidato ao Senado, Geraldo Magela (à dir.), não foram alteradas. Ueslei Marcelino/ Reuters

Selfie na urna pode dar até dois anos de prisão; veja outras proibições

Eleições 2014
Antes de votar, Dilma diz não esperar vitória no primeiro turno

Publicidade

AGORA ou NUNCA
LUMINÁRIA LED SOLAR DE JARDIM
6X R\$ 8,32

http://eleicoes.uol.com.br/2014/album/2014/07/08/campanha-eleitoral-pelo-brasil-2014.htm#fotoNav=333

100%

PT 15:42 05/10/2014

Imagem do rosto de Dilma Rousseff cortado em caveletes no DF

À Ana Beatriz, minha filha. Amor mais lindo. Bênção divina.

AGRADECIMENTOS

Muito tenho a agradecer a Deus, nosso Pai, por “ter escrito comigo este texto”. Em todas as dificuldades, que foram muitas, Ele me estendeu a mão, “me fez andar sobre uma rocha e firmou os meus passos”.

Agradeço ao Senhor pela proteção, principalmente durante trilhas constantemente percorridas entre tantos quilômetros que ligam a Bahia a São Paulo. Muitas delas levando minha filha na barriga, em algumas a carregando no colo, em outras me distanciando dela. Obrigada, Pai!

Agradeço a Deus também por todas as pessoas que Ele colocou no meu caminho durante esse processo. Muitas me ajudaram indiretamente, sem consciência do bem que me proporcionaram; outras me ajudaram diretamente e de diversas formas, desde o apoio acadêmico e intelectual até a força espiritual; poucas, contudo, tiveram atitudes controversas em alguns momentos, colocando pedras no caminho. Com todas elas, aprendi, todas constituindo a minha história.

Muito difícil nomear a todos que meu coração pede para agradecer neste momento e neste espaço. Minha família, meus familiares, todos firmes comigo me apoiando diante das intempéries. Por me ajudarem a tentar conciliar a maternidade e as tarefas do Doutorado. Amor eterno! Incondicional.

Roberto, por ampliar os limites do meu olhar, conduzindo-me a mirantes outros. Meu orientador, grande profissional, grande ser humano. Uma das pessoas mais lindas que já conheci; professor competente e parceiro. Confiou em mim, mesmo quando eu não tinha semelhante sentimento. Sem palavras para tamanha amizade, apoio e parceria. Gratidão eterna!

Amigos e colegas de luta. Tantos. Rilmara, Lígia, Jocenilson, Samuel, André, Marcela, Ivan, Allan, Carlos Turatti, Luciana Carmona. Meu carinho sempre!

A todos os companheiros do Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais – LEEDIM/UFSCar, com os quais muito aprendi.

Aos professores da Banca de Qualificação: Fernanda Mussalim, Luzmara Curcino e Eduardo Lopes Piris, pelas contribuições de grande valor e qualidade que, de certa forma, se materializam neste texto. Meus sinceros agradecimentos!

Aos professores da Banca de Defesa: Fernanda Mussalim, Edson Carlos Romualdo, Mônica Baltazar Diniz Signori e Valdemir Miotelo pela leitura, dedicação e presença nesta situação ímpar em minha vida. Obrigada!

Às instituições, concebendo-as pelo coletivo agir humano. À UFSCar, por me abrir as portas, pela oportunidade. À Uneb, por, mesmo que tardiamente, me liberar das atividades docentes, e à PPG, pelo apoio financeiro.

A minha história, desde o início do Doutorado até a escrita desta tese, foi marcada por contribuições diversas. Peço a Deus sabedoria para agradecer a todos e para viver todo mínimo instante guiada pelo amor, e que esse sentimento esteja cada dia mais presente em meu coração.

RESUMO

Nossa pesquisa objetiva analisar os sentidos dados a circular na mídia jornalística por fotografias do rosto de Dilma Rousseff e as probabilidades desses sentidos constituírem-se em percursos deonticos de interpretação. Nossa teoria de base é a Análise de Discurso de orientação francesa, principalmente a abordagem de Dominique Maingueneau (2007b; 2008; 2010; 2014a), mas recorreremos também à abordagem antropológica acerca da história do rosto, proposta por Courtine e Haroche (1988) e a uma discussão teórica acerca da fotografia e do fotojornalismo. Metodologicamente, nos amparamos na noção de *narrativa do acontecimento*, proposta por Guilhaumou (2009), e na noção de *percursos*, apresentada por Maingueneau (2008), e visitamos um arquivo que delimitamos a partir do acontecimento Eleições Presidenciais Brasileiras do ano de 2010 e, por extensão, o primeiro ano de Governo da primeira mulher presidente do Brasil. Organizamos nosso material por meio da “intriga narrativa” que aborda a proximidade política entre Dilma Rousseff e Lula que é narratizada pelo tom da contradição e, por isso, denominamos Dilma marionete *versus* Dilma autônoma. Tendo por base essa narrativa discursiva, mobilizamos textos que circularam nos mais diversos *mídiuns* (revistas e jornais impressos; revistas e jornais *online*; *blogs*), nos entremeios da campanha eleitoral e do primeiro ano de governo. Averiguamos como dois posicionamentos discursivos antagônicos – Dilma Rousseff tratada disforicamente e Dilma Rousseff apresentada de forma eufórica – valem-se de imagens fotográficas para construir um dado percurso interpretativo e constatamos que, na esfera da atividade jornalística, o rosto não fala por si, mas ele é, em primeiro plano, falado por uma dada instituição midiática. Os discursos que significam a relação entre Lula e Dilma Rousseff negativamente centram no sema /Dependência/, já os discursos opostos focam no sema /Parceria/. Assim, no interior desses discursos, dois percursos interpretativos se constituem deonticamente: o que apresenta Dilma Rousseff como uma candidata e presidente dependente/cria/marionete que não tem competência para governar o país e o que significa Dilma como uma candidata e presidente parceira do Governo Lula e com competência para governar o Brasil. Constatamos ainda que a fotografia na mídia jornalística brasileira prescinde da história e isso justifica o fato da grande recorrência de citações e retomadas de imagens, das quais analisamos seu percurso de circulação. Nossa pesquisa aponta ainda a viabilidade do arcabouço teórico de Dominique Maingueneau para se trabalhar com a materialidade imagética.

Palavras-chave: Dilma Rousseff. Mídia jornalística. Fotografia. Interdiscurso. Percursos de sentidos.

RÉSUMÉ

Notre recherche a pour but d'analyser les sens donnés à circuler dans le média journalistique par des photographies du visage de Dilma Rousseff et les probabilités que ces sens se constituent en parcours déontiques d'interprétation. Notre théorie de base est l'Analyse du Discours d'orientation française, principalement l'approche de Dominique Maingueneau (2007b ; 2008 ; 2010 ; 2014a), mais nous recourons aussi à l'approche anthropologique au sujet de l'histoire du visage, proposée par Courtine et Haroche (1988) et à une discussion théorique au sujet de la photographie et du photojournalisme. Méthodologiquement, nous nous appuyons sur la notion de *récit d'événement*, proposée par Guillaumou (2009), et sur la notion de *parcours*, présentée par Maingueneau (2008) et nous visitons une archive que nous délimitons à partir de l'événement Élections Présidentielles Brésiliennes de l'année 2010 et, par extension, la première année de Gouvernement de la première femme présidente du Brésil. Nous organisons notre matériel au moyen de « l'intrigue narrative » qui aborde la proximité politique entre Dilma Rousseff et Lula qui est narrativisée par le ton de la contradiction et, pour cela, nous nommons Dilma marionnette *versus* Dilma autonome. Avec pour base ce récit discursif, nous mobilisons des textes qui ont circulé dans les plus divers médiums (revues et journaux imprimés ; revues et journaux en ligne ; blogs) dans les entre-deux de la campagne électorale et de la première année de gouvernement. Nous vérifions comment deux positionnements discursifs antagoniques - Dilma Rousseff traitée dysphoriquement et Dilma Rousseff présentée d'une façon euphorique - se servent d'images photographiques pour construire un parcours interprétatif donné et nous constatons que, dans la sphère de l'activité journalistique, le visage ne parle pas par lui-même, mais il est, au premier plan, « parlé » par une institution médiatique donnée. Les discours qui signifient la relation entre Lula et Dilma Rousseff négativement se centrent sur le sème /Dépendance/, tandis que les discours opposés se centrent sur le sème /Partenariat/. Ainsi, à l'intérieur de ces discours, deux parcours interprétatifs se constituent déontiquement : celui qui présente Dilma Rousseff comme une candidate et présidente dépendante/filleule politique/marionnette qui n'a pas de compétence pour gouverner le pays et celui qui signifie Dilma comme une candidate et présidente partenaire du Gouvernement Lula et compétente pour gouverner le Brésil. Nous constatons encore que la photographie dans le média journalistique brésilien fait abstraction de l'histoire et cela justifie le fait de la grande récurrence de citations et de reprises d'images, dont nous analysons le parcours de circulation. Notre recherche indique encore la viabilité de la théorie de Dominique Maingueneau pour travailler sur la matérialité imagétique.

Mots-clés : Dilma Rousseff. Média journalistique. Photographie. Interdiscours. Parcours de sens.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
01.Considerações iniciais.....	10
02.Percurso metodológico.....	17
03.Organização geral do percurso da pesquisa.....	26
CAPÍTULO 1 - UMA TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO	28
1.1 O primado do interdiscurso.....	33
1.2 O processo de circulação de sentidos.....	51
CAPÍTULO 2 – FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO	65
2.1 Movimentos da fotografia: a representação e a realidade.....	66
2.2 Produções de sentido e a fotografia na mídia jornalística.....	79
2.3 Sujeitos discursivos na prática fotográfica: sentir e dizer entre sentidos e ditos.....	92
2.4 Fotografia e texto verbal.....	103
2.5 Rosto e fotografia.....	112
CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA DE UM ROSTO NA MÍDIA: DILMA ROUSSEFF, CANDIDATA E PRESIDENTE	122
3.1 Narrativas sobre a relação entre Dilma Rousseff e Lula.....	125
3.1.1 O percurso “criador e criatura”.....	129
3.1.2 A semelhança em imagens.....	141
3.1.3 A sombra em imagem.....	158
3.1.3.1 Ainda ministra e já na “sombra”: desde sempre “criatura”?.....	158
3.1.3.2 A candidata e o estigma da “sombra”.....	168
3.1.3.3 A presidente e a perseguição da “sombra”.....	188
3.1.4 O movimento em imagens.....	198
3.1.5 “À frente e atrás” em construção de discursos.....	223
CONSIDERAÇÕES FINAIS	245
REFERÊNCIAS	260
ANEXOS	270

INTRODUÇÃO

COM LICENÇA POÉTICA

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e,
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.*

*Inauguro linhagens, fundo reinos
- dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.*

*Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

Adélia Prado, Bagagem, 1976.

01. Considerações iniciais

Discurso, jornalismo e política são áreas que, articuladas pelas possibilidades teórico-metodológicas da Análise do Discurso de tradição francesa, nos interessam e que já nos acompanham desde 2008¹. Essa nossa constante curiosidade investigativa, que busca compreender de forma um pouco mais acurada as relações discursivas entre discurso, jornalismo e política, colocou-nos diante do acontecimento Eleições Brasileiras de 2010, o qual chamou nossa atenção não apenas por ter uma mulher como candidata à Presidência da República com grande probabilidade de ser eleita, mas também pelo fato de a mídia jornalística colocar em circulação discursos densamente recheados de imagens fotográficas de Dilma Rousseff nas mais variadas ocasiões que vivenciou desde sua infância e de parecer implantar tais imagens no interior de uma determinada grade semântica, produzindo um dado percurso interpretativo.

Ficamos, pois, inquietos e as muitas e diversas expressões estampadas pelo rosto fotografado e publicado de Dilma Rousseff tornaram-se nosso objeto de pesquisa. Esta tese é o resultado dessa pesquisa que desenvolvemos motivados, em primeiro plano, por compreender a construção discursiva da mídia jornalística sobre a política brasileira.

Nessa perspectiva, objetivamos analisar os sentidos dados a circular na mídia por imagens de Dilma Rousseff publicadas no entorno das Eleições Presidenciais de 2010 e as probabilidades desses sentidos constituírem-se em percursos deônticos de interpretação².

¹Início do Curso de Mestrado, no qual desenvolvemos a dissertação *Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira: uma leitura discursiva*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar, em fevereiro de 2010.

²Para Carrascossi (2003, p. 322), há duas categorias básicas de modalidades de expressão: a deôntica e a epistêmica. A modalidade epistêmica situa-se no eixo do conhecimento, diz respeito “à atitude do falante em relação ao conteúdo”. A deôntica, por sua vez, “situa-se no eixo da conduta e expressa valores como permissão, obrigação, habilidade, e também possibilidade e necessidade”. Maingueneau (2010, p. 15) traz o conceito de valor deôntico no sentido de direcionar o leitor para uma determinada conduta. E isso num

Dada a grande exposição imagética, sobretudo do rosto da então candidata a presidente pelo Partido dos Trabalhadores, decidimos construir uma pequena história de imagens de Dilma Rousseff a partir de fotografias, fotomontagens e charges publicadas na mídia jornalística, tendo por base pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, principalmente a abordagem de Dominique Maingueneau (2007b; 2008; 2010; 2014a). Recorremos ainda a uma abordagem antropológica acerca da história do rosto, proposta por Courtine e Haroche (1988), e a uma discussão teórica acerca da fotografia e do fotojornalismo a partir dos estudos de Barthes (1984), Buitoni (2011), Kossoy (2007; 2009), Flusser (2011), Machado (1984), Cordeiro (2006), Sontag (2004) e Sousa (2002). De antemão deixamos claro que tais autores, embora se inscrevam em percursos epistemológicos distintos, são importantes para ajudar a iluminar o nosso objeto de estudos.

A facilidade e rapidez com que se manuseiam os textos imagéticos e sua proeminente circulação nas mais diversas práticas discursivas contemporâneas têm instigado os pesquisadores da Análise do Discurso. Tanto que, no atual contexto acadêmico do Brasil, estudos voltados para a compreensão do funcionamento do texto imagético, sob o domínio da Análise do Discurso de orientação francesa têm sido objeto de muitas publicações e eventos científicos³. A necessidade, sentida por analistas de discursos, de pensar, de deslocar e/ou de articular teórica e analiticamente conceitos desse campo do saber para dar conta de materialidades não verbais, embora com publicações e eventos específicos sobre tal temática, tanto no Brasil como no exterior, faz-se ainda emergente em suas variadas vertentes discursivas.

trabalho de interpretação que exige do leitor atribuir a um “enunciado aparentemente trivial um sentido que vai além de seu sentido imediato. A interpretação assume a forma ‘dizendo X, o locutor implica Y’, onde Y é um enunciado genérico de valor deôntico”.

³ Citamos, como exemplos, o Congresso Internacional da Imagem em Discurso, realizado juntamente com a Jornada Internacional de Estudos do Discurso na Universidade Estadual de Maringá – UEM, em 2012, e a V Jornada Nacional e I Internacional de Análise do Discurso na Ciência da Informação realizada em 2011, na UFSCar, com o tema *Leitores de imagens*.

Por isso também nos inserimos nesse desafio de refletir cientificamente acerca da leitura de textos verbo-visuais. Temos como proposta contribuir para o campo dos estudos discursivos e, com tal intuito, além de estabelecermos um diálogo entre os aportes teóricos citados acima, trabalhamos, numa visada metodológica, com os conceitos de narrativa do acontecimento (GUILHAUMOU, 2009) e de percursos (MAINGUENEAU, 2008).

Em função da demanda de estudar na geografia brasileira os discursos verbo-visuais, o grupo de pesquisa LEEDIM – Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais –, da Universidade Federal de São Carlos, ao qual esta tese de doutorado está associada, tem sinalizado para a necessidade de analisar como os mais diversos suportes midiáticos, por meio de textos verbo-visuais, produzem sentidos.

Nosso objeto de estudo é o discurso⁴ materializado em fotografias jornalísticas e, como estas, em sua maioria, não circulam isoladamente na imprensa, mas sim no interior de reportagens, notícias, artigos de opinião, dentre outros gêneros discursivos, concebemos os elementos verbais e visuais equiparados ao mesmo nível de importância para a construção de sentidos. Todavia, nosso olhar incide, sobremaneira, nos aspectos icônicos por conta mesmo de nosso propósito investigativo.

Nosso movimento para compreender os modos como os sentidos dados a circular na mídia por imagens de Dilma Rousseff publicadas no entorno das Eleições Presidenciais de 2010 e em que medida esses sentidos engendram percursos deônticos de interpretação suscitou outros questionamentos, aos quais nos dedicamos por considerá-los relevantes e pertinentes teoricamente ao nosso itinerário de pesquisa. Para buscar possíveis respostas para esses questionamentos, objetivamos, por um lado, investigar, no interior de relações interdiscursivas, as ocorrências de zonas de

⁴ Lembramos, contudo, que, na teoria de Análise do Discurso proposta por Maingueneau, na qual nossa pesquisa se inscreve, não há discurso sem interdiscurso e este exerce primazia nas pesquisas, ainda mais na nossa, que mobiliza a unidade de análise *percursos*.

regularidades semânticas que se inscrevem em um mesmo percurso de sentido e, por outro, compreender as grades semânticas que regem a (re)contextualização de textos fotográficos, cujos títulos e legendas materializam sentidos divergentes em relação ao contexto de produção (discurso primeiro).

Nesse escopo, investigaremos ainda as possibilidades de destacamento em imagens fotográficas, observando quais aspectos do destacamento, conforme teoria postulada por Maingueneau (2010; 2012 e 2014a), são válidos e quais não são para o estudo dessa materialidade discursiva. Nessa perspectiva, discutiremos: Que condições permitem que algumas imagens fotográficas de Dilma Rousseff possuam maiores possibilidades de destextualização e de circulação em relação a outras? Podemos defender a existência de recortes da imagem fotográfica que adquirem relativa autonomia textual e se constituem como destacáveis do seu texto-fonte?

Tendo em vista as relações interdiscursivas, ou seja, as relações de um discurso com seu(s) outro(s), analisamos o funcionamento de redes semânticas que trazem a fotografia, a fotomontagem e a charge enquanto discurso outro. E observamos se a imagem fotográfica enquanto discurso citado (outro) nos ditames do discurso jornalístico está suscetível ao destacamento. Nesse sentido, objetivando ainda compreender a relação entre acontecimento histórico e acontecimento discursivo, observamos como as instituições midiáticas formulam seus discursos sobre o mesmo acontecimento histórico, a partir das imagens fotográficas que colocam em circulação. Assim, analisamos a imagem do rosto de Dilma Rousseff e os percursos interpretativos que são engendrados no interior do interdiscurso, observando a memória que sustenta as formulações discursivas e, em especial, a inserção de determinadas imagens fotográficas. Averiguamos também se os elementos semânticos verbais e imagéticos,

que caracterizam os percursos interpretativos em questão, materializam-se enquanto simulacros, enquanto interincompreensão regrada.

Courtine e Haroche, no livro *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções* (do século XVI ao início do século XIX), publicado em 1988, traçam um percurso histórico do rosto desde o século XVI até início do século XIX e apresentam como axioma central da obra a frase “o rosto fala”. Baronas (2012), no entanto, aponta que a pesquisa desses autores franceses, apesar da sua enorme pertinência tanto para os estudos do discurso como para os da antropologia cultural, não mostra, entre outras questões, que padrões não socialmente aceitos e/ou silenciados podem circular, deixando de refletir sobre como determinados suportes podem fabricar, a partir de determinados interesses, formas de comportamento ético e estético para os indivíduos⁵.

Considerando o apontamento do autor brasileiro, bem como as contribuições teóricas de Courtine e Haroche (1988), elegemos, como basilar para esta pesquisa, o pressuposto de que, no espaço midiático, o rosto não fala, mas ele é, em primeiro plano, falado por uma dada instituição. Sendo assim, a imagem fotográfica de Dilma Rousseff não ocupa o lugar de agente na mídia, mas de paciente: ela é tomada como objeto sobre o qual se fala a partir de um dado posicionamento discursivo. O rosto, por sequência, é falado no interior de formações discursivas, ligadas a determinadas instituições midiáticas que, por sua vez, engendram percursos interpretativos dados a circular em uma determinada conjuntura discursiva e histórica.

Perscrutamos, ainda, que os percursos de sentidos engendrados por sistemas de restrições semânticas são marcados por dois posicionamentos discursivos que se apresentam em situação contraditória e, assim, trabalhamos com a hipótese de que os

⁵Entendemos que Courtine e Haroche (1988) não refletem sobre essa questão porque não tomam como objeto de estudo os usos da fotografia em textos da imprensa, dado que o recorte temporal eleito pelos autores vai do século XVI ao século XIX. Mesmo assim, lançamos mão da abordagem apresentada por eles porque ela traz contribuições que julgamos basilares e pertinentes para nossa pesquisa.

mídiuns que se filiam a um posicionamento discursivo mais de centro-direita⁶ colocam em circulação fotografias que destacam traços disfóricos⁷ do ator político Dilma Rousseff, construindo sentidos na direção de caracterizá-la como criminosa/terrorista, durona/intransigente, cria do Lula/inexperiente politicamente, masculinizada/homossexual, marxista/ateia. Acreditamos, em contrapartida, que os *mídiuns* inscritos num posicionamento mais de centro-esquerda dão a circular imagens fotográficas que evidenciam traços vistos como eufóricos, construindo sentidos na direção de caracterizá-la não só como uma mulher forte e corajosa, que lutou contra a ditadura militar e está preparada para administrar o país porque trabalhou ao lado de Lula, ajudando-o a governar, mas como uma mulher feminina, mãe e avó.

Defendemos, ainda, uma perspectiva de hipótese, que, à exceção das entrevistas concedidas para uma determinada instituição midiática, as fotografias que circulam nos espaços jornalísticos não são fotografias posadas e/ou autorizadas para compor as narrativas de acontecimentos que analisamos. Pelo contrário, são “fruto de uma

⁶ Para Leal et al. (2011), as instituições (meios de comunicação), embora não assumam pertencimento a uma certa ideologia política, sempre interpretam a realidade numa perspectiva de parcialidade. Segundo Berger e Luckmann (apud Leal et al., 2011), as instituições comunicativas produzem sentido por “enquadramentos” que são sempre autointeressados. Para Leal et al., por conta de sua natureza empresarial, as grandes corporações de comunicação situam-se mais à direita que à esquerda, defendendo que o discurso hegemônico situa-se à direita. Os autores dizem ainda que a grande mídia é uma reprodutora dos valores básicos do liberalismo (uma das vertentes do discurso da direita). Destaca, também, que os discursos marcadamente extremados à direita ou à esquerda são silenciados nos espaços midiáticos tradicionais, mas estes se manifestam cada vez mais na internet, por meio de *sites*, *blogs*, canais de *Youtube*, etc. No site *Terrestre Extra*, por meio do texto “Imprensa: o exemplo de que os tempos sempre voltam repaginados”, publicado em 03/11/2010, apresenta-se uma breve análise sobre o posicionamento ideológico de instituições midiáticas brasileiras e reconhece-se que a imprensa “trouxe para os dias de hoje o velho bipartidarismo midiático. *Veja e Época* de um lado, *Carta Capital e IstoÉ*, de outro; Rede Record, de um lado; Rede Globo, de outro”. Disponível em: <<http://terrestreextra.wordpress.com/2010/11/03/imprensa-o-exemplo-de-que-os-tempos-sempre-voltam-repaginados/>>. Acesso em: 20/04/2014. Por conta de nossos dados de pesquisa, de nossas leituras teóricas e de um “discurso genérico, que circula no Brasil, principalmente na própria mídia jornalística, observamos, que, dentre as instituições brasileiras que se posicionam mais à ideologia de centro-direita (não de forma marcadamente extremada), principalmente por demonstrar afinidade política aos partidos do PSDB e DEM (oposição ao Governo do PT), estão: revistas *Veja*, *Época*, jornais *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Valor Econômico*, etc.; já as de centro-esquerda: *Carta Capital*, *IstoÉ*, *Brasil de Fato*, etc.

⁷ Utilizamos os termos disfórico e eufórico no sentido de valor negativo e positivo, respectivamente. Fiorin (2002, p. 20), valendo-se da semiótica greimasiana, diz que euforia e disforia são qualificações semânticas opostas: “O termo ao qual foi aplicada a marca /euforia/ é considerado um valor positivo; aquele a que foi dada a qualificação /disforia/ é visto como um valor negativo”.

apreensão clandestina”⁸. Os rostos de Dilma Rousseff falam num espaço discursivo outro e as instituições midiáticas trazem esses discursos outros – fotografias – para figurar no contexto de suas formulações. Tais instituições constroem um efeito de que as fotografias, mais especificamente, as expressões faciais de Dilma Rousseff, foram manifestadas diante dos textos verbais formulados por elas mesmas. Há, assim, na “montagem enunciativa”⁹, o apagamento ilusório de que a imagem fotográfica é um discurso outro – citado apenas para atribuir efeito de veracidade ao discurso citante. Conforme Curcino, a fotografia, principalmente a de apreensão clandestina, “por si só já lhe garante certo estatuto de verdade, do qual a mídia se faz especialista” (2006, p. 163).

Cartografamos até aqui nossas motivações pela presente pesquisa, nossas justificativas pelas escolhas que operacionalizamos, os objetivos que vamos perseguir, as questões que nos inquietam e as hipóteses com as quais trabalharemos. A seguir, apresentaremos considerações metodológicas acerca do nosso modo de agir nesse campo investigativo em que ora nos inscrevemos.

02. Percurso metodológico

Neste item apresentamos os procedimentos metodológicos mobilizados nesta investigação que incluem a leitura do arquivo, a seleção, a constituição e a organização do *corpus*, bem como a eleição das categorias de análise.

⁸ Para Curcino (2006, p. 163), fotografia fruto de apreensão clandestina é uma fotografia não autorizada por parte daquele que foi fotografado.

⁹ Referimos à montagem enunciativa como a apresentação do texto em sua totalidade que, nesse caso, inclui as modalidades imagéticas e verbais articuladas no interior do texto.

Com base no aporte teórico que mobilizamos – Análise do Discurso proposta por Maingueneau¹⁰ –, procuramos constituir nosso *corpus* analítico numa perspectiva arquivística, conforme propõe Courtine (2007, p. 125). O estudioso francês diferencia duas possibilidades de trabalhar com o *corpus*: perspectiva experimental – com questionários, por exemplo, dirigidos a um interlocutor numa dada situação enunciativa; perspectiva arquivística – conjunto de textos institucionais, semelhante ao trabalho do historiador. Consideramos, que, em Análise do Discurso, o que determina a constituição do *corpus* é a questão da pesquisa. Como esta é formulada *a priori*, é norteadora não só do itinerário teórico, como também do modo de frequentar o arquivo e selecionar/agrupar o *corpus* da pesquisa.

Como nossa questão primeira se apresenta com o fito de investigar os modos como os sentidos dados a circular na mídia pelas imagens de Dilma Rousseff são formulados e constituídos em percursos deônticos de interpretação, visitamos um arquivo que delimitamos a partir do acontecimento Eleições Presidenciais Brasileiras do ano de 2010 e, por extensão, o primeiro ano de Governo da primeira mulher presidente do Brasil. Esse recorte justifica-se porque esse evento discursivo insere-se em nossa trajetória de pesquisa, contemplando ao mesmo tempo o campo discursivo do jornalismo e o dizer da mídia sobre política brasileira. Além do mais, o modo como a mídia jornalística coloca em circulação a imagem de Dilma Rousseff, primeira mulher candidata ao cargo de Presidência do Brasil, provocou nosso interesse em estudar tal funcionamento discursivo. Nosso recorte não se restringe às Eleições de 2010, abarca também o ano de 2011, porque a nossa questão de pesquisa requer um trabalho com a unidade *percurso* e só com acesso aos textos que circularam após a posse presidencial poderemos focalizar o percurso da imagem de Dilma Rousseff enquanto presidente e

¹⁰ O texto “Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso”, da autoria de Possenti e Mussalim, publicado no livro *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas* (2011).

não apenas enquanto candidata. Esse investimento analítico para além das eleições de 2010 se justifica também pelo fato de verificarmos se a mídia mudou seu posicionamento discursivo acerca da presidente eleita.

Conforme já mencionamos, nossa abordagem metodológica é a arquivística e o nosso agir analítico foi fundamentalmente direcionado pelos conceitos de narrativa do acontecimento, tal como proposto por Guilhaumou (2009), e de percursos, conforme Maingueneau (2008). Pelo fato de ser a noção de acontecimento basilar para nossa pesquisa, optamos, logo de início, por ler o arquivo e configurar o *corpus* de análise tendo como fio condutor a noção de narrativa do acontecimento, proposta por Guilhaumou (2009). Escolhemos essa categoria teórico-metodológica porque nos interessa, primeiramente, abordar o acontecimento numa dimensão totalizadora, que envolve a contradição e, portanto, acopla diversas versões discursivas sobre um acontecimento dado a circular na mídia jornalística.

A nossa pesquisa propõe, portanto, um trabalho com discursos que circulam, que atravessam gêneros, que provocam construção de narrativas diversas (individuais e/ou coletivas) e principalmente antagônicas sobre um dado acontecimento, que materializam um passado numa dimensão prospectiva, o “futuro passado”¹¹.

A narrativa do acontecimento é uma noção teórico-metodológica que se caracteriza por considerar esses aspectos. Caracteriza-se também pela ação de transformação do acontecimento narrado, pela ação narrativa capaz de pôr em ação os sujeitos inscritos no processo discursivo - não apenas contador de história, mas também ator, protagonista, espectador, etc. visto que estes “participa[m] na narrativa do acontecimento, co-constr[oem] esse acontecimento” (GUILHAUMOU, 2009, p. 138).

¹¹Guilhaumou (2009, p.135) recorre a essa ideia e cita tal expressão, em referência a Kosellek (1990).

Guilhaumou (2009) aponta uma lacuna no campo da Análise do Discurso na França no que se refere a essa teoria centrar-se, particularmente, na dimensão criadora do acontecimento, sem considerar, em sua descrição, sua forma acabada; sem se interrogar sobre sua implicação para a totalização da narrativa. Como faz, por exemplo, Michel Pêcheux, ao analisar o enunciado *on a gagné* nas eleições presidenciais francesas de 1980, cuja preocupação se concentra no deslocamento desse enunciado do campo esportivo para o campo político. Para apresentar, portanto, uma noção de narrativa do acontecimento pertinente para os estudos discursivos, Guilhaumou (2009) parte da observação histórica do conceito de acontecimento no âmbito dos estudos linguageiros, percorrendo as diferenças entre acontecimento linguístico e acontecimento discursivo, e, deste último, propondo a categoria “narrativa do acontecimento”.

Guilhaumou (2009) considera a noção de acontecimento discursivo na perspectiva aberta por Foucault (1986 [1969]), que se refere à “inscrição do que é dito como elemento atestado do enunciado” (p.124) e, dessa abordagem, avança:

[...] no universo do enunciado atestado, particularmente na leitura de arquivo. [Sai] do mundo dos nomes e de seus referentes para entrar no universo da reflexividade do discurso, dos recursos próprios dos sujeitos da enunciação implicados no acontecimento. Interessa-[se], prioritariamente, pelos sujeitos, objetos e conceitos assim como por funções derivadas do enunciado. (GUILHAUMOU, 2009, p. 124)

Tomados como inseparáveis os elementos descritivos e os reflexivos no enunciado de arquivo, a dimensão interpretativa pode envolver, simultaneamente, a descrição de um itinerário de um sujeito, da organização de um objeto e da formação de um conceito no interior de um dispositivo acontecimental. O ato descritivo dos enunciados atestados na sua dispersão arquivística [conduz] à compreensão do *sentido ocorrido*, sem passar necessariamente pela descrição de frases (GUILHAUMOU, 2009, p.125). Nessa perspectiva:

[...] o arquivo não é um simples material de onde se extraem fatos de maneira referencial; ele participa sobretudo de um *gesto de leitura* no qual se atualizam as configurações significantes, os dispositivos de significações de enunciados atestados. Aliás, o arquivo de uma época não é nunca descritível na sua totalidade, ele se dá a ler por fragmentos: sua descrição é sempre aberta, ainda que a frase historiográfica se esforce em fechá-lo (GUILHAUMOU, 2009 ,p. 125).

No nosso caso, recorreremos a essa perspectiva metodológica para a própria “construção” do nosso arquivo, pois, ao descrever o itinerário do ator político Dilma Rousseff no interior de uma investida acontecimental que envolve sua fase de candidata – ano de 2010 – e sua fase de Presidente da República - ano de 2011, já estávamos interpretando-o e realizando um *gesto de leitura*, responsável sobretudo pelas possibilidades de configurações textuais na modalidade verbo-visual que fomos, com dificuldade, “fechando” nesse processo de análise discursiva.

Para definir a narrativa do acontecimento, Guilhaumou (2009) toma por base os trabalhos de Ricoeur (2010) sobre a noção de ação e de Hannah Arendt, por considerar que “o sentido chega à plenitude apenas na narração de vida, e em seu interior a narrativa de acontecimento. A ação torna-se, assim, ao final do caminho, [...] uma ação narrada por um espectador que testemunha sua autenticidade, sua verdade” (p.136).

A noção de ação, conforme Ricoeur (2010), permite considerar a dinâmica do enunciado no interior do arquivo, tornando possível a descrição do acontecimento como *ato ao mesmo tempo constituinte e configurante*. E a noção de ação realiza-se na narrativa do acontecimento. Inicialmente traduz-se pela *mise en intrigue* dos enunciados. A *mise en intrigue*, em Ricoeur (2010), segundo Carvalho e Lage (2012, p.210), não se reduz a *intrigue*, uma vez que é operação e não estrutura. Enquanto operação, realiza uma “síntese do heterogêneo”, num movimento de integração de acontecimentos, personagens, circunstâncias, etc., fazendo mesmo a “mediação entre

acontecimentos ou incidentes individuais e uma história tomada como um todo” (RICOEUR, 2010, p. 114).

Ricoeur destaca que o acontecimento é constituído na intriga, visto que “[u]ma história [...] tem de ser mais que uma enumeração de acontecimentos numa ordem serial, tem de organizá-los numa totalidade inteligível, de modo tal que possa sempre perguntar qual é o ‘tema’ da história” (2010, p.114).

A intriga (ou o sentido ou a narrativa) é que salva o acontecimento de cair na insignificância. Trata do que Ricoeur (2010) denomina “retorno do acontecimento”. Assim, é, pela revelação e exaltação que ocorrem a partir de sua tessitura numa intriga, que “o acontecimento retorna a si próprio, tornando-se inteligível” (CARVALHO & LAGE, 2012, p.213).

O acontecimento narrado, diferente do histórico – apreendido no interior de seu estado de coisas – é:

[...] pura transformação, mais precisamente experimentação do pensamento na atualidade, isso é, naquilo em que estamos nos transformando, nosso tornar-nos outro (DELEUZE; GUATTARI, 1991). Assim, nossa atenção desloca-se sobre quem está lá onde o sujeito narrador torna-se sua própria ampliação, atinge sua perfeição estabelecendo elos, recusando qualquer experiência separada. (GUILHAUMOU, 2009, p. 135-136)

Para caracterizar a narrativa do acontecimento como sucessão de micro-acontecimentos que se desenrolam ao longo de um eixo temporal, o autor apresenta dois elementos: a unidade temática – em torno de uma sucessão de elementos de conteúdo – e a unidade de ação – em torno de um actante principal. Mas, para o historiador, essa funcionalidade da narrativa é o que menos interessa diante do problema de conclusão de um percurso individual e/ou coletivo de um acontecimento narrado. Considera, pois, o percurso acontecimental em sua lógica sequencial e sua dimensão configurante,

inscrevendo “a narrativa biográfica no horizonte de uma partilha específica do relato coletivo” (GUILHAUMOU, 2009, p.140).

De uma visada metodológica, a análise de uma narrativa de acontecimento

[...] se conclui por uma pesquisa de novas perspectivas com o olhar cruzado dos outros, apoia-se sobre uma interrogação plural em que cada ator ou espectador contribui para a elucidação da relação entre acontecimento e identidades políticas, temáticas sociais, diversos regimes de historicidade, e pluralidade dos espaços emergentes, etc. (GUILHAUMOU, 2009, p. 139)

Consideramos, portanto, a narrativa de acontecimento a categoria mais adequada tanto como porta de entrada de nossa pesquisa via arquivo, como pelas possibilidades de abordagem analítica de nosso objeto. Lançamos mão também da abordagem proposta por Dominique Maingueneau (2008) por intermédio da teorização acerca de unidades *tópicas* e *não tópicas*, mais precisamente, da unidade de análise denominada *percursos*. Cumpre destacar que, embora tais autores se situem em lugares distintos na análise do discurso – Guilhaumou mais do lado da história e Maingueneau mais do lado da enunciação –, ambos têm nas ideias de Michel Foucault uma de suas fontes teóricas elementares.

O princípio que basicamente diferencia unidades *tópicas* de *não tópicas* são as fronteiras, ou seja, as unidades *não tópicas* são construídas pelos analistas independentemente de fronteiras pré-formatadas; já as unidades *tópicas* são “mais pré-formatadas”, mesmo que coloquem aos pesquisadores problemas de delimitação (MAINGUENEAU, 2008, p. 18-25).

Nesse sentido, mesmo que as unidades *não tópicas* não estejam sujeitas a fronteiras preestabelecidas e valorizem uma visão “interpretativa”, Maingueneau (2008, p. 24) diz que a construção de *percursos* não está submetida exclusivamente aos desejos

epistemológicos do pesquisador: “há um conjunto de princípios, de técnicas que regulam esse tipo de atividade hermenêutica”. No nosso caso, podemos dizer que os princípios que, de certa forma, regularam a organização do nosso *corpus* e a maneira de perseguirmos a circulação da fotografia do rosto de Dilma Rousseff em redes interdiscursivas, estão sobremaneira voltados para a visibilidade que a mídia jornalística atribuiu a determinados temas em torno da biografia da candidata-presidente, bem como a determinados acontecimentos que eclodiram durante o ano da campanha presidencial – 2010 – e o primeiro ano de mandato presidencial de Dilma Rousseff – 2011.

Para definir a categoria que funciona, para nós, como uma diretriz metodológica, *percursos*, Maingueneau a diferencia de formação discursiva, ambas unidades *não tópicas*, cujo princípio que as agrupa é uma decisão exclusiva do analista. Mas o que as diferencia é a abordagem metodológica, pois uma pesquisa que parte de *percursos* não se prende a um campo ou requer do analista a construção de espaços discursivos. A prática por *percursos* remete ao

[...] estabelecimento em rede de unidades de diversas ordens [...] extraídas do interdiscurso [...]. O pesquisador pretende desestruturar as unidades instituídas, definindo *percursos* não esperados: a interpretação apoia-se, assim, sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso. (MAINGUENEAU, 2008, p. 23)

Maingueneau (2008, p. 23) diz que os *percursos* podem ser do tipo formal (por exemplo, tal tipo de metáfora, tal forma de discurso relatado, de derivação sufixal...) e também fundados sobre materiais lexicais e textuais, exemplificando com um trabalho desenvolvido por Krieg-Planque (2010) sob a fórmula “depuração étnica”. Voss (2011, p. 17) aponta que os trabalhos que estudam fórmulas são relativamente novos, principalmente no Brasil. Entendemos que tais trabalhos, que, no caso brasileiro, se concentram nas produções do grupo de pesquisa “FEsTA – Fórmulas e Estereótipos: teoria e análise” (IEL/Unicamp), priorizam a associação da noção de *percursos* de Maingueneau com a noção de fórmula de Krieg-Planque. Trabalhar com a noção de

percursos associada a textos imagéticos parece algo um tanto novo e desafiador. Não só em relação a essa unidade de análise – assumida nesta pesquisa para trabalhar principalmente a fotografia – mas ao trabalho em geral da análise do discurso que se desenvolva na perspectiva de “integrar no mesmo sistema semântico as produções verbais e a de outros domínios semióticos” parece ainda pouco explorado por analistas de discurso (MAINGUENEAU, 2007b, p.13). Assim, também pela necessidade de estudos que priorizem a articulação entre o verbal e o não verbal, propomos esta investigação traçando e perseguindo *percursos* com base na circulação via espaço midiático de imagens fotográficas.

Considerando como unidades de estudo textos que circulam na mídia jornalística e concebendo que tal circulação proporciona a instabilidade, pois o sentido está sempre em construção, traçamos nossas temáticas de análise apoiados na “atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 23).

Inicialmente, organizamos quatro *percursos* sobre a narrativa que nomeamos *a história do rosto de Dilma Rousseff via narrativa da mídia jornalística*, materializados pelo viés da contradição. A partir das primeiras leituras de nosso arquivo, constatamos a existência de uma narrativa midiática que poderia ser compreendida discursivamente em quatro “momentos”¹²: 1) Dilma Rousseff na luta contra a ditadura militar; 2) Dilma Rousseff na atuação como ministra do Governo Lula; 3) Dilma Rousseff como candidata à Presidência da República; e 4) Dilma Rousseff como presidente.

Mais especificamente por considerarmos, de um lado, esses “momentos” e, de outro, as tendências ideológicas das instituições midiáticas, construimos e nomeamos, em princípio, nossas temáticas discursivas: 1) Dilma guerrilheira *versus* Dilma militante; 2) Dilma ministra *versus* Dilma “Dama de Ferro”; 3) Dilma candidata *versus*

¹² Momentos não no sentido apenas temporal, mas no sentido de temas, de acontecimentos narrados, de “intriga” de narrativas individuais e/ou coletivas.

Dilma marionete; e 4) Dilma presidente *versus* Dilma à sombra de Lula. Percebemos posteriormente a dificuldade em delimitarmos espaços discursivos que separassem didaticamente, como queríamos, o tema que trata na relação entre Dilma Rousseff e Lula, políticos do PT (Partido dos Trabalhadores), no momento da candidatura (2010) e na fase de presidente (2011). Assim, optamos por unir esses dois percursos em torno da “intriga”, que verdadeiramente é uma só, apesar de se materializar em distintos momentos históricos¹³.

Inicialmente, fizemos um recorte a partir dessas três temáticas discursivas – que são narrativizadas pelo tom da contradição – e constituímos nosso *corpus* de análise a partir delas. Mas, por conta da grande quantidade de textos analíticos, bem como da amplitude de exploração investigativa, precisamos, com pesar, deixar dois desses discursos de lado. Essa pesquisa que ora apresentamos focaliza, então, os discursos sobre a relação política entre Dilma Rousseff e Lula, materializados por sentidos antagônicos, que decidimos assim nomear: Dilma marionete *versus* Dilma autônoma¹⁴.

Tendo por base a narrativa discursiva Dilma marionete *versus* Dilma autônoma, selecionamos textos que circularam nos mais diversos *mídiuns* (revistas e jornais impressos; revistas e jornais *online*; *blogs*...) durante os anos de 2010 e 2011 sobre a história de Dilma Rousseff nos entremeios da campanha eleitoral e do primeiro ano de governo. Esclarecemos também que nossa proposta é mesmo trabalhar com o período de 2010 e 2011, mas o acontecimento **Eleições Presidenciais de 2010** e, mais especificamente, o trajeto acerca da relação entre Dilma Rousseff e Lula, conduziu-nos a datas anteriores e posteriores.

¹³ No terceiro capítulo, essa questão é tratada analiticamente.

¹⁴ Esclarecemos que, de certa forma, abordamos o tema Dilma guerrilheira *versus* Dilma militante, mas não enquanto narrativa de acontecimento nem com o objetivo de analisar percursos de circulação, apenas para exemplificar questões teóricas relativas à área da fotografia/fotojornalismo que discutimos no segundo capítulo.

A constituição dessa narrativa discursiva que estudamos pelo viés da contradição é resultado de um processo de construção passo a passo que se desenvolveu à medida que frequentávamos o arquivo, que pensávamos na constituição do *corpus*, que recorriamos às teorizações de Guilhaumou e Maingueneau. Enfim, a aproximação entre as noções de narrativa de acontecimento (GUILHAUMOU, 2009) e de percursos (MAINGUENEAU, 2008) possibilitou-nos adentrar em nossa investigação na perspectiva de buscarmos possíveis respostas para nossas inquietações.

Consideramos, ainda, que, num intenso processo de batimento entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 2006 [1983], p. 54) e num constante “ir-e-vir” entre teoria, consulta ao *corpus* e análise, estamos estabelecendo critérios discursivos que nos permitirão colocar em diálogo proposições tratadas por Courtine e Haroche (1988), por estudiosos da fotografia no campo do jornalismo e, principalmente, por Dominique Maingueneau no campo teórico da Análise do Discurso, com o objetivo de pensar na leitura de materialidades verbo-visuais.

03. Organização geral do percurso da pesquisa

Além desta introdução, este texto contempla três capítulos. O primeiro capítulo, constituído de duas seções, trata do arcabouço teórico da Análise do Discurso na perspectiva de Dominique Maingueneau. Abordamos brevemente alguns fatos sobre a gênese da Análise do Discurso no contexto francês e, posteriormente, discutimos questões pertinentes ao primado do interdiscurso e à circulação das discursividades.

No segundo capítulo, tratamos de questões específicas do campo teórico da fotografia e do fotojornalismo em cinco seções intituladas: 1) Movimentos da fotografia: a representação e a realidade; 2) Produções de sentido e a fotografia na mídia

jornalística; 3) Sujeitos discursivos na prática fotográfica: sentir e dizer entre sentidos e ditos; 4) Fotografia e texto verbal; e 5) Rosto e fotografia. Após discussões teóricas, aproximamos a teoria da Análise do Discurso do campo da fotografia e jornalismo para embasarmos as análises que empreendemos no terceiro capítulo.

No último capítulo, analisamos fotografias de rosto do ator político Dilma Rousseff a partir de uma das três “intrigas” narrativas que construímos, tendo em vista a circulação midiática durante sua fase de candidata a Presidente do Brasil e no primeiro ano de sua atuação como Presidente da República¹⁵. Assim, nesta tese, trabalhamos com narrativas sobre a proximidade entre Lula e Dilma Rousseff, abordando quatro eixos semânticos que intitulamos nos itens: 3.1.2 A semelhança em imagens; 3.1.3 A sombra em imagem; 3.1.4 O movimento em imagens e 3.1.5 “À frente e atrás” em construção de discursos.

Nas considerações finais, apresentamos, resumidamente, os resultados de nossa pesquisa.

¹⁵Pensávamos em abordar apenas discursos que circularam no primeiro ano de Presidência de Dilma Rousseff (2011), mas as narrativas jornalísticas acerca da relação política entre Lula e Dilma ainda estão em circulação, o que nos exigiu expansão temporal de nosso arquivo nesse item do terceiro capítulo.

CAPÍTULO 1

UMA TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO

ENSINAMENTO

*Minha mãe achava estudo
a coisa mais fina do mundo.*

Não é.

A coisa mais fina do mundo é o sentimento.

*Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,
ela falou comigo:*

'coitado, até essa hora no serviço pesado'.

Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.

Não me falou em amor.

Essa palavra de luxo.

Adélia Prado, Bagagem, 1976.

No contexto de irrupção da Análise do Discurso de vertente francesa¹⁶, Michel Pêcheux se destaca. Do encontro com Althusser e Lacan na Escola Normal Superior da rua d'Ulm, inicia-se um processo de ruptura epistemológica com a perspectiva estruturalista e com a visão positivista das ciências humanas e sociais. Do encontro com Paul Henry e Michel Plon no Centro Nacional de Pesquisa Científica em 1966, a construção de um projeto teórico que rompa, principalmente, com a Análise de Conteúdo, começa a se concretizar. O terreno começa a ser preparado e, em 1969, é publicada a obra *Análise automática do discurso*, considerada o marco inicial da Análise do Discurso (MALDIDIER, 2003).

Na confluência com a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, constitui-se um novo campo teórico, cujo objeto de estudo é o discurso concebido como espaço da língua, da história e do sujeito. Conceitos dessas três regiões do conhecimento são tomados emprestados e são reinventados no interior da teoria do discurso. Tais conceitos não são, contudo, incorporados à AD, permanecendo nesse campo de saber como Linguística, Materialismo e Psicanálise. Há um movimento que os diferencia, que os reinventa e é esse movimento que torna a AD, conforme denomina Orlandi (1996, p.

¹⁶ Em livro lançado no início de 2014, *Discours et analyse du discours*, publicado pela Armand Colin, Dominique Maingueneau assevera: “ce champ de l’analyse du discours, aujourd’hui mondialisé et en expansion continue, résulte de la convergence de courants de recherche issus de disciplines très diverses (linguistique, sociologie, philosophie, psychologie, théorie littéraire, anthropologie, histoire...) et, en retour, il exerce son influence sur elles. On a beaucoup parlé d’un « tournant linguistique » pour la philosophie, pour l’histoire ou pour les sciences sociales de la seconde moitié du xxe siècle ; on pourrait aussi parler d’un « tournant discursif ». En effet, il n’est pas un secteur des sciences humaines et sociales ou des humanités qui ne puisse faire appel à ses problématiques, ses concepts ou ses méthodes [...] même si les problématiques d’analyse du discours développées en France ont indéniablement joué un rôle fondateur et continuent à présenter un certain nombre de traits caractéristiques, elles se trouvent aujourd’hui prises dans un espace de recherche qui est mondialisé, où les hybridations conceptuelles se multiplient ; – le champ des études de discours doit être distingué de celui, plus restreint, de l’analyse du discours, qui définit un point de vue spécifique sur le discours; – l’univers du discours, le matériau à partir duquel travaillent les analystes du discours, est foncièrement hétérogène : on ne peut pas l’unifier autour du modèle dominant de la communication orale en face à face.” (grifos meus).

23), uma disciplina de entremeio. Esse movimento proporciona interrogar a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, o Materialismo Histórico pela ausência do simbólico e a Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele.

A língua, no campo da Análise do Discurso, não é tomada enquanto sistema, como no quadro saussuriano. Ela excede a área da Linguística, pois a AD não trabalha com a língua marcada pela transparência, autonomia e imanência, mas sim “a língua da ordem material, da opacidade, da possibilidade do equívoco como fato estruturante, da marca da historicidade inscrita na língua. É a língua da indefinição do direito ao avesso, do dentro e fora, da presença e ausência” (FERREIRA, 2005, p. 17).

Tendo como base o objetivo de mudar o paradigma empirista do campo das ciências humanas e sociais, sobretudo no âmbito da Linguística e a proposta de tratar a “teoria do discurso como teoria da determinação histórica dos processos semânticos, Pêcheux se aparta da ótica do historicismo-comparatista” (ZANDWAIS, 2009, p. 26) e firma os primeiros passos de um projeto de construção teórica que ele percorre até a década de 1980.

Durante esse percurso, Michel Pêcheux segue deixando em aberto pelo caminho alguns conceitos, mas, sobretudo, refinando pressupostos teóricos e propondo conceitos novos. No período de 1980 a 1983, denominado por Maltby (2003) de *desconstrução domesticada*, tendo em vista a crise das esquerdas francesas, o filósofo afasta-se de posições dogmáticas antes ancoradas em seu vínculo com o Partido Comunista e aproxima-se de Michel Foucault de *A Arqueologia do Saber* (1986 [1969]) e de *A*

Ordem do Discurso (2006 [1970])¹⁷, bem como de pensadores vinculados à Nova História.

Por ocasião dessa junção intelectual, nesse momento emergem questões radicalmente novas sobre o objeto *discurso*. Uma obra representativa desse momento é *Discurso: estrutura ou acontecimento?*, de 1983, na qual Pêcheux trata a produção de sentido a partir de reflexões sobre os discursos logicamente estabilizados, que pressupõem a estrutura e sobre os discursos não logicamente estabilizados, que remetem a não evidência do sentido, ao acontecimento. Essa obra é também muito importante porque o autor trata o enunciado “On a gagné” em consonância com a conjuntura desse acontecimento, abordando não apenas o linguístico e o histórico da materialidade discursiva, mas também o processo de circulação e os efeitos de sentido discursivizados pela mídia .

O conceito de discurso – concebido simultaneamente, a partir dessa obra, como estrutura e acontecimento – diferencia a perspectiva da leitura no âmbito da Análise do Discurso e oferece outra possibilidade teórica para a proposta encabeçada por Pêcheux desde os anos de 1960.

Quando Pêcheux morre, ele já havia não só proporcionado uma reviravolta no campo dos estudos semânticos, mas firmado as bases sólidas de um campo do saber, cujas especificidades científicas teóricas e metodológicas já lhe conferiam o *status* de disciplina.

¹⁷ No entendimento de Dominique Maingueneau (2014b, p.14), “a influência do livro *A arqueologia do saber*, de M. Foucault, sobre a análise do discurso francesa é muito mais indireta do que a influência de J. Dubois ou de M. Pêcheux, mas é considerável. Esses últimos se apoiam na linguística, Foucault, por sua vez, a recusa. O que o autor de *A arqueologia do saber* denomina ‘discurso’ não tem relação direta com os usos da língua”. No entendimento de Maingueneau, as linhas a seguir retiradas de Foucault (1986 [1969]) são reveladoras: “O que descrevemos como ‘sistema de formação’ não constitui o estágio terminal do discurso, se por esse termo entendemos os textos (ou as falas) tal como eles se dão com seu vocabulário, sua sintaxe, sua estrutura lógica ou sua organização retórica. A análise permanece abaixo desse nível manifesto que é o da construção do arquivo”. (Tradução nossa)

Na década de 1980, Michel Pêcheux deixa um grande legado. Os analistas de discurso dessa época e/ou de épocas posteriores, independentemente da vertente teórica a que se filiam, encontram um campo de saber construído sob as bases do percurso histórico traçado por Pêcheux e seu grupo. Maingueneau (2008) atribui a Pêcheux¹⁸ um lugar singular e reconhece-o não como um pesquisador como outros, cujos conceitos ou métodos seriam passíveis de críticas, mas como o “fundador cujos textos podem servir como ‘arquitextos’ de uma comunidade na lógica dos ‘discursos constituintes’” (p. 89).

A Análise do Discurso se constitui num campo muito instável porque, além de se situar no cruzamento das ciências humanas – com destaque para a Linguística, Sociologia, História, Psicologia, Antropologia – há ainda divisões dentro desse campo do saber que se solidificam por correntes divergentes (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 45).

Além disso, a Análise do Discurso permite um eterno processo de questionar seus pressupostos, não se constituindo como uma teoria fechada e acabada em si mesma. Pelo contrário, está sempre aberta a novas possibilidades, a novas reformulações, a novas articulações, tendo em vista uma dada conjuntura teórico-histórica. O trabalho do pesquisador francês Dominique Maingueneau surge em terrenos francófonos, na década de 1980, como um arcabouço teórico-analítico forte que considera as raízes da Análise de Discurso e avança apresentando novas reconfigurações. No item seguinte, discutimos alguns conceitos teóricos por ele

¹⁸ Maingueneau (2014b, p.13-14) afirma que Michel Pêcheux (1938-1983), “autor de *Análise automática do discurso*, não participou do número 13 da *Langages* [uma das certidões de batismo da AD]: seu projeto é diferente. Pêcheux não é um linguista, mas um filósofo marxista especialista em história da ciência que busca contestar os pressupostos ‘idealistas’ das ciências humanas. Ele era um pesquisador em um laboratório de psicologia social. Na sua perspectiva, a análise do discurso se ancora no marxismo do filósofo L. Althusser; na psicanálise de J. Lacan e na linguística estrutural: três empreendimentos que dominavam a cena intelectual francesa do final dos anos 1960. A abordagem de M. Pêcheux é uma espécie de psicanálise do discurso, que é motivada por projeto marxista, cuja entrada é política e epistemológica: propondo uma análise – em forma de decomposição – dos textos, em que se busca revelar a ideologia que esses textos buscam dissimular; significativamente, a palavra “analista” designa igualmente os psicanalistas e, “análise”, a psicanálise”(Tradução nossa).

propostos, que também se desenvolvem em meio a frequentes questionamentos e, por isso, estão em pleno processo de construção.

1.1 O primado do interdiscurso

Os trabalhos desenvolvidos por Maingueneau se inscrevem num arcabouço teórico-metodológico que pode ser visualizado como derivado da vertente de Análise do Discurso proposta por Pêcheux. Como em toda espécie de derivação, a mudança é inerente ao processo, a pesquisa do linguista francês firma-se num campo que concebe o discurso como lugar da língua e da história e o sujeito como instância enunciativa não pragmática, mas apresenta perspectivas de abordagens bem diversas, que resultam, desde a década de 1980, na construção de um quadro teórico-analítico que já marcou seu lugar na área da Linguística e que se encontra em plena expansão internacional.

A consistência teórica do trabalho de Maingueneau pode ser observada desde suas primeiras obras. Sua preocupação de linguista faz com que ele, por um lado, reconfigure no interior dos estudos discursivos muitos conceitos propostos por Bakhtin e por Foucault e, por outro, pense na construção de categorias novas que acolham as mais variadas materialidades discursivas, inclusive às advindas por conta do avanço tecnológico da contemporaneidade.

Defendemos que o pensamento de Maingueneau, desde a década de 1980 até os dias atuais, apresenta extrema coerência teórica ou, dito de outro modo, apesar dos avanços que operacionaliza em suas pesquisas e dos diversos objetos que analisa, o alicerce de seu quadro científico permanece, nos anos de 2014, na mesma linhagem epistemológica com base na qual erigiu o *Gênese dos discursos* (1984).

O conceito de interdiscurso representa a coluna do quadro teórico-metodológico do linguista francês. E é pelo primado do interdiscurso sobre o discurso, postulado por

ele em 1984, que nos movimentamos para, em certa medida, pensar a evolução do pensamento de Maingueneau e defender a existência de uma base comum, principalmente entre a obra *Gênese dos discursos* (1984) e *Frases sem texto* (2014a).

Dois livros que Maingueneau lançou, na década de 1980, foram traduzidos no Brasil: *Gênese dos discursos*, em 1984, e *Novas tendências em análise do discurso*, em 1987¹⁹. Na primeira obra, o autor apresenta um verdadeiro quadro com pressupostos teóricos e metodológicos bem definidos. Na segunda, como o próprio título sinaliza, ele discute novos domínios possíveis para a Análise do Discurso, além de aprofundar muitas questões expostas em *Gênese dos discursos*.

No prefácio da edição brasileira de *Gênese dos discursos*, Maingueneau (2007b, p.11) esclarece que “[e]sta obra constitui uma reflexão teórica que surgiu após uma longa pesquisa empírica”, na qual aborda uma semântica dos discursos devotos do século XVII.

Publicado na França, em 1984, esse livro aparece no cenário francês numa conjuntura intelectual ainda pouco favorável à Análise de Discurso. No entanto, “*Genèses du discours* fez parte dessas obras que propunham outros conceitos, outras formas de pensar e estudar o discurso, além da que prevalecia no movimento althusseriano da análise do discurso, até então dominante na França” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 12).

Para o autor, o fato de essa obra estar hoje inclusa plenamente na Análise do Discurso revela que se produziu uma remodelagem profunda nessa área, da qual *Genèses du discours* participou.

Possenti, na apresentação da edição brasileira, considera que:

Genèses du discours deu forma a um modo de fazer análise do discurso que levou em conta ao mesmo tempo os ganhos do grupo que

¹⁹O público brasileiro recebe primeiramente *Novas tendências em análise do discurso*, publicado em 1987, e só posteriormente *Gênese dos discursos*, publicado em 2005.

trabalhou em torno de Pêcheux (para cuja teoria a consideração dos fatores históricos que afetam o discurso é provavelmente o elemento principal) e acrescentou certos aspectos que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 8)

Considerando a perspectiva aberta por Pêcheux, principalmente no aspecto que afirma Possenti, no trecho que citamos acima, sobre a articulação entre o linguístico e o histórico, Maingueneau vale-se dos trabalhos de Foucault e Bakhtin e, ao focalizar mais diretamente questões referentes à discursividade, constrói, a partir de *Gênese dos discursos*, uma nova tendência teórica para o campo da Análise do Discurso²⁰.

Paveau e Sarfati (2006, p. 208) afirmam que, em *Genèses du discours*, Maingueneau apresenta e define três conceitos centrais da Análise do Discurso, antes de formular as sete hipóteses que constituem um programa de Análise do Discurso. Os conceitos fundamentais são: formação discursiva – herdada de Foucault e concebida como um sistema de restrições de boa formação semântica; superfície discursiva – conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema e discurso – responsável pela união dos dois conceitos precedentes e concebido como “um conjunto virtual, o dos enunciados que podem ser produzidos de acordo com as restrições da formação discursiva”.

As sete hipóteses postuladas por Maingueneau estão entrelaçadas entre si e todas possuem um pressuposto teórico comum como ponto de partida que é a relação entre

²⁰ No entendimento de Baronas (2013), os variados trabalhos no domínio do discurso (AD francesa), nos últimos anos, no Brasil, podem ser ‘enquadrados’ em pelo menos três grandes tendências de estudos discursivos: a materialista; a historicista e a enunciativa [nesta última tendência se inscrevem os trabalhos de Dominique Maingueneau]. Embora cada uma dessas tendências tenha o discurso como objeto de observação, cada uma delas constrói objetos teóricos distintos, se constituindo dessa forma em programas de pesquisa distintos.

discursos, definida pela perspectiva da interdiscursividade, ou seja, pela relação do discurso com seu outro²¹.

Para o autor (2007b, p.20-21), o termo *discurso* trata da relação entre a formação discursiva – sistema de restrições de boa formação semântica – e a superfície discursiva – conjunto de enunciados produzidos de acordo com tal sistema. Nessa perspectiva, o conceito de superfície discursiva associa-se à concepção de discurso apresentada por Foucault:

Chamaremos discurso um conjunto de enunciados na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva... ele é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT²² apud MAINGUENEAU, 2007b, p. 20)

Assim, ao redefinir a noção de discurso proposta por Foucault, Maingueneau assevera que o interdiscurso tem precedência sobre o discurso e que este só pode ser apreendido no interior da rede interdiscursiva. Para corroborar essa tese, afirma que, além de “o estudo da especificidade de um discurso supor que ele seja posto em relação com outros”, o interdiscurso é espaço de regularidade, do qual diversos discursos são apenas componentes. Os discursos não se constituem, pois, “independentemente uns dos outros, para serem, em seguida, postos em relação, eles se formam no interior de um interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 21).

O conceito de interdiscurso, na teoria de Maingueneau (1997 [1987]; 2007b), só pode ser compreendido quando se leva em conta uma tríade conceitual complementar: universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Universo discursivo é entendido como o conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa determinada conjuntura. Essa categoria teórica

²¹Maingueneau emprega os termos outro e mesmo com letra maiúscula e diz que faz assim não por semelhança à proposta lacaniana, mas por falta de um termo melhor. De nossa parte, optamos por usá-los neste texto com letras minúsculas.

²² A arqueologia do saber, 1969, p.135.

define o horizonte a partir do qual os campos discursivos serão recortados, mas, por conta de sua abrangência, é de pouca utilidade para os analistas de discurso (MAINGUENEAU, 1997 [1987]; 2007b).

O linguista francês aproxima a noção de universo discursivo ao que J.M. Marandin, reelaborando o termo de Foucault, denomina de arquivo:

O conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. Este conjunto não é a coleção de um espaço homogêneo (o espírito de uma época, um estado de cultura ou de civilização), de tudo que foi dito, de tudo o que se diz, mas um conjunto de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas irreduzíveis. (MARANDIN²³ apud MAINGUENEAU, 1997 [1987], p. 116)

O termo universo discursivo acopla, portanto, o conjunto de regiões discursivas heterogêneas, no interior do qual os analistas de discursos construirão os campos discursivos passíveis de serem estudados. Possenti (2009, p. 163), entende que essa noção “é mais ou menos equivalente à noção de interdiscurso de Pêcheux”.

Já *campo discursivo* – categoria esta suscetível de ser estudada pelos analistas – é concebido como “conjunto de formações discursivas que se encontram em relação de concorrência, em sentido amplo, e se delimitam, pois, por uma posição enunciativa em uma dada região” (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p.116).

Embora o autor diga que há campos que a própria tradição tratou de etiquetá-los como o religioso, o político, o literário, destaca que eles foram assim definidos de modo grosseiro e são de pouco interesse para a AD, pois os analistas de discurso precisam estabelecer parâmetros para, a partir deles, construir campos pertinentes de estudo. Os campos discursivos são resultantes de escolhas e, para elucidar esse modo de procedimento, Maingueneau cita a sua pesquisa, na qual optou pelo campo devoto e não pelo campo religioso.

O discurso se constitui no interior do campo discursivo e tal constituição pode

²³ Langages, n° 55,1979, p.48.

ser descrita “em termos de operações regulares sobre formações discursivas já existentes. O que não significa, entretanto, que um discurso se constitua da mesma forma com *todos* os discursos desse campo; e isso em razão de sua heterogeneidade” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 36).

Assim, o analista precisa isolar, no campo, espaços discursivos com os quais ele considera importante estabelecer uma relação. O *espaço discursivo* é caracterizado como subconjunto do campo discursivo e liga, pelo menos, duas formações discursivas que o analista, tendo em vista seu objetivo de pesquisa, coloca em relação.

O autor aborda a possibilidade de trabalhar com relações interdiscursivas entre campos heterogêneos, tratando inclusive da amplitude de um esquema de correspondências. Destaca, contudo, que os analistas têm pouco interesse em estudar essas relações, mantendo-se “nos limites de um campo determinado” (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p.118). E afirma que os trabalhos mais notáveis nessa esfera são de filósofos. Cita, por exemplo, os trabalhos de Michel Foucault e de Michel Serres, que trabalham com circulação de discursos entre campos.

Para Mussalim (2009, p. 63), essas três noções propostas colocam o interdiscurso numa situação metodológica mais operacional, visto que tanto os recortes quanto as relações que podem ser estabelecidas estarão “minimamente reguladas pelos limites do campo discursivo”. A autora diz ainda que, com o primado do interdiscurso:

[Mainguenu] não está concebendo o discurso como uma “dispersão de ruínas” [...] Ao contrario, postula para além da heterogeneidade dos tipos de textos, dos autores, de sua dispersão no tempo e no espaço, a existência de uma zona de regularidade semântica que estrutura o modo de coesão dos discursos. (MUSSALIM, 2009, p. 63)

Para dar conta da dimensão interdiscursiva, a proposta requer um sistema de operações semânticas. Tal sistema, contudo, não se fecha em si mesmo. Pelo contrário, as zonas de regularidade semântica, a formação e os espaços discursivos são definidos

na descontinuidade. Por isso Maingueneau, para prezar pelo interdiscursivo como unidade de estudo e ainda tratar as formas de transição entre as zonas de regularidade, rejeita qualquer justaposição de regiões discursivas insulares (MAINGUENEAU, 2007b, p. 45).

A noção de formação discursiva, apreendida como “todo sistema de regras que funda a unidade de um conjunto de enunciados sócio-historicamente circunscrito” MAINGUENEAU (1998, p. 68), não deve ser concebida como um bloco homogêneo, mas como uma realidade constitutivamente heterogênea.

Visto que o discurso já emerge na rede interdiscursiva, a formação discursiva se relaciona com o interdiscurso em um nível constitutivo (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p.111). Ademais, é o princípio da semelhança/diferença, inerente à heterogeneidade discursiva, que deve direcionar o trabalho do analista de discurso:

A afirmação do primado do interdiscurso exclui que se coloquem em contraste formações discursivas consideradas independentemente umas das outras. A identidade de um discurso é indissociável de sua emergência e (de) sua manutenção através do interdiscurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2006, p. 287)

Maingueneau (1997; 2007b) afirma que essa proposta de não fechar os discursos em si mesmos²⁴ é tema frequente em pesquisas recentes sobre o texto e cita os trabalhos de Gérard Genette e M. Bakhtin como exemplos dessas pesquisas. Genette, com o que denomina “arquitextualidade”, interessa-se pelos fenômenos de hipertextualidade - relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto). E Bakhtin porque o seu grupo considera a relação com o Outro (ou dialogismo) o ponto fundamental da discursividade.

Para Maingueneau (2007b, p. 35), o trabalho que ele desenvolve pode, em algum sentido, inscrever-se na perspectiva do Círculo de Bakhtin, mas o quadro teórico-

²⁴ Tendência que surge, conforme Maingueneau (1997 [1987], 2007b), provavelmente em oposição aos moldes estruturalistas.

metodológico com o qual opera desloca o quesito da relação com o outro para outros horizontes de pesquisa.

Em *Novas tendências em análise do discurso* (1997), Maingueneau traz duas possibilidades de abordar o primado do interdiscurso: uma, a que ele desenvolve e que citamos acima, na qual o interdiscurso é definido a partir de universo, campo e espaço discursivos, e a outra se refere ao trabalho de Courtine (1981), à rede de formulações. Abordagens bem distintas, como o próprio autor diz, mas ambas possíveis.

A perspectiva de Courtine, cuja base é o trabalho de Michel Pêcheux, acrescido das discussões foucaultianas acerca do discurso, presentes em *A arqueologia do saber*, considera que toda formulação enunciativa está posta na intersecção de dois eixos: o vertical – do pré-construído, do domínio de memória, o eixo do interdiscurso – e o horizontal – da linearidade do discurso, do intradiscurso, da escolha realizada pelo sujeito enunciator dentre tantas outras possíveis no âmbito do interdiscurso (MAINGUENEAU, 1997 [1987], p. 115). Courtine também acrescenta a essa perspectiva contribuições de Foucault (1986 [1969]) no tocante ao conceito *campo associado*, postulando, no interior dessa questão, além dos conceitos domínio de memória, domínio de atualidade e domínio de antecipação. Os enunciados são, dessa forma, concebidos como pertencentes a uma rede que engloba os enunciados passados, os atualizados, os rejeitados e os possíveis em discursos futuros.

Essa concepção de interdiscurso difere da concepção apresentada por Maingueneau pela inscrição em quadros teóricos e metodológicos diferentes em ambas as propostas. Neste texto, a concepção de Courtine torna-se válida, por ser tomada como requisito para compreender o conceito de interdiscurso postulado por Maingueneau. Quanto à relação entre interdiscurso e intradiscurso, principalmente tal como assumida nas fases iniciais dos trabalhos em AD, cujo “interdiscurso aparecia

como um conjunto de relações entre diversos ‘intradiscursos’ compactos” (MAINGUENEAU, 2007b, p.38), uma diferença significativa se delinea. Trata-se da equivalência entre o exterior do discurso e o interdiscurso. Maingueneau (2007b, p. 38) concebe a “presença do interdiscurso no próprio coração do intradiscurso”.

A proposta de Maingueneau é pensar a identidade discursiva na interdiscursividade, na relação com o outro, tendo o fio discursivo (ou o intradiscurso) como lugar de realização do interdiscurso. Isso implica não tratar o outro como uma espécie de envelope fechado, tampouco

[...] um fragmento localizável, uma citação, nem uma entidade exterior; não é necessário que seja localizável por alguma ruptura visível da compacidade do discurso. Encontra-se na raiz de um Mesmo sempre já descentrado em relação a si próprio, que não é em momento algum passível de ser considerado sob a figura de uma plenitude autônoma. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 39)

Ter o interdiscurso como objeto requer do analista a atitude de considerar, em primeiro momento, não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas. Nesse sentido, um enunciado inscrito em uma formação discursiva “pode ser lido em seu ‘direito’ e em seu ‘avesso’: em uma face, significa que pertence a seu próprio discurso, na outra, marca a distância constitutiva que o separa de um ou vários discursos” (MAINGUENEAU, 1987, p. 120). Com isso, o autor não apenas concebe a polêmica como constitutiva do interdiscurso, mas mostra que a polêmica não surge do exterior e sim do interior dos discursos que são considerados. A pesquisa que desenvolveu sobre o discurso humanista devoto e o discurso jansenista, colocados em relação, comprova esse caráter constitutivamente polêmico do interdiscurso²⁵.

Por considerar o discurso do outro como constitutivo do discurso do eu, Maingueneau (2007b) postula que cada um traduz os enunciados do outro na categoria

²⁵Na obra *Gênese dos discursos*, o autor apresenta essa pesquisa e o trabalho teórico que construiu tendo como objeto de análise a relação entre esses discursos religiosos.

do mesmo sob a forma de simulacros.

Em outra perspectiva teórica no campo do discurso, Authier-Revuz (1990; 2004), ao focalizar a presença do outro no discurso, denomina *heterogeneidade constitutiva do sujeito e de seu discurso* a categoria teórica que propõe com apoio em duas abordagens exteriores ao campo linguístico: o dialogismo bakhtiniano e a psicanálise via interpretação lacaniana de Freud. A concepção dialógica do círculo de Bakhtin faz da interação com o discurso do outro a lei constitutiva de qualquer discurso. Já a psicanálise, pela releitura feita por Lacan da psicanálise freudiana, mostra que:

[...] sob nossas palavras, “outras palavras” sempre são ditas; que, atrás da linearidade da “emissão por uma única voz”, se faz ouvir uma “polifonia”; que todo discurso parece se alinhar sobre várias pautas de uma partitura e que o discurso é constitutivamente atravessado pelo “discurso do Outro”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69)

Essa teoria da heterogeneidade da palavra articula-se à teoria do descentramento do sujeito – marcado pela clivagem e concebido como um efeito de linguagem.

Entendendo que todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” materializados na sociedade e pelo discurso do Outro – do inconsciente –, Authier-Revuz (1990) distingue duas formas de heterogeneidade enunciativa: a constitutiva e a mostrada. Embora a autora aponte a relação entre os dois tipos de heterogeneidade, há que se considerar a especificidade de cada um. Enquanto a heterogeneidade constitutiva, “palpável” através do interdiscurso, não é marcada na superfície textual, a heterogeneidade mostrada “incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação” (apud MAINGUENEAU, 1997 [1987], p. 75).

Maingueneau (2007b), deslocando os estudos de Authier-Revuz sobre heterogeneidade enunciativa, apresenta a categoria da heterogeneidade em forma de simulacro. Desse modo, o autor aponta, em termos de funcionamento da linguagem, como o discurso do outro é materializado no discurso do mesmo. Nesse sentido, o

mesmo não traduz o discurso do outro, mas o seu avesso, ou melhor, aquilo que ele teve que negar para se constituir. Assim

[...] o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de *interincompreensão* regrada. Cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do “simulacro” que dele constrói”. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 22)

Nessa perspectiva, por ser a tradução do outro materializada pelo mesmo a partir de sua grade semântica, de sua formação discursiva, vê-se concretizada a polêmica enquanto interincompreensão.

Para o referido autor, cada formação discursiva tem uma maneira própria de interpretar seu outro, por isso, no processo de interação entre dois discursos em posição de delimitação recíproca, postula que a tradução não se opera de uma língua natural para outra, mas de uma formação discursiva a outra (MAINGUENEAU, 2007b, p. 108).

Para dar conta da dimensão da interdiscursividade, Maingueneau postula a existência de *sistemas de restrições semânticas globais*. Conforme a interpretação de Mussalim (2009, p. 63), a “noção de semântica global estrutura-se sobre esse postulado da existência de uma zona de regularidade semântica a partir da qual todos os planos da discursividade [...] estão submetidos ao mesmo sistema de restrições globais”.

O sistema de restrições semânticas é definido a partir de operadores de individuação, “um filtro que fixa os critérios em virtude dos quais certos textos se distinguem do conjunto dos textos possíveis como pertencendo a uma formação discursiva determinada” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 49).

Levando em conta que as filtragens realizadas recaem sobre domínios que variam de discurso para discurso, Maingueneau (2007b) apresenta os conceitos de competência discursiva e competência interdiscursiva, que se manifestam a partir da

articulação entre o(s) discurso(s) e a capacidade dos sujeitos de interpretar e de produzir discursos, sob o prisma daquilo que pode ser dito.

A competência discursiva implica a capacidade de o enunciador, por um lado, reconhecer enunciados que pertençam a sua própria formação discursiva e, por outro, produzir enunciados pertencentes a essa formação discursiva. Mas, como no espaço discursivo o que está em voga é a dimensão interdiscursiva, o autor acrescenta a essa noção de competência a noção de competência interdiscursiva (MAINGUENEAU, 2007b). Esta última trata não somente da “aptidão para reconhecer a incompatibilidade semântica de enunciados da ou das formação(ões) do espaço discursivo que constitui (em) seu Outro”, mas também da aptidão interpretativa, “de traduzir esses enunciados nas categorias de seu próprio sistema de restrições” (MAINGUENEAU, 2007, p. 56-57).

Não é o caso de o enunciador imitar discursos produzidos no interior de um núcleo semântico semelhante aos discursos que produz (ou visa a produzir), mas de observar as “regras que lhe permitem filtrar as categorias pertinentes e fazer com que estruturam o conjunto dos planos do discurso” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 72). E tais regras fazem intervir restrições de ordem histórica e também de ordem sistêmica.

O sistema de restrições semânticas funciona como um sofisticado filtro de enunciados e ele é apenas uma das dimensões da discursividade:

Ele é apenas uma estrutura que pode investir-se nos universos textuais mais diversos. Certamente, essa estrutura de organização semântica possui uma significação em si mesma, mas cada discurso a explora de maneira específica. Operador de coesão semântica do discurso, o sistema de restrições não é a sua chave hermenêutica. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 76)

O sistema de restrições é apenas um operador de coesão semântica, mas com o poder de individuar o discurso. A individuação do discurso ocorre porque o próprio

discurso é o resultado da relação que se estabelece entre o sistema de restrições e certos códigos que estão inscritos numa dada conjuntura histórica.

Maingueneau desloca as noções de sistemas de restrições semânticas e formação discursiva sob o parâmetro da noção de semântica global. Quando se trabalha nessa perspectiva, o discurso não é apreendido privilegiando alguns de seus planos, mas “integrando-os a todos, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 79).

Com o conceito de semântica global, o autor propõe um olhar sobre o discurso que leve em conta a produção de sentidos na sua totalidade. Para demonstrar a possibilidade de se trabalhar assim, ele parte do discurso dos humanistas devotos e dos jansenistas, evidenciando alguns planos que podem/devem ser considerados em uma análise discursiva. Como planos constituintes da semântica global, o estudo do francês trata de: intertextualidade, vocabulário, temas, estatuto do enunciador e do destinatário, dêixis enunciativa, modo de enunciação e modo de coesão (MAINGUENEAU, 2007b).

A intertextualidade pode se realizar no interior de um campo – quando este define certo modo de citar discursos anteriores do mesmo campo, num processo de escolhas e de recursas ou ainda num trabalho da memória discursiva – e entre campos – quando um discurso estabelece relação com outros campos e traz desse(s) outro(s) campo(s) discursos que podem ser citáveis ou não citáveis (MAINGUENEAU, 2007b).

Quanto ao vocabulário, o autor chama a atenção para o fato de que um discurso não possui um léxico próprio, visto que a palavra isolada não pode ser tomada como uma unidade de análise pertinente. As “unidades lexicais tendem a adquirir o estatuto de signos de pertencimento”, elas possuem sentido de acordo com a inscrição em uma dada formação discursiva. Ademais, quando uma palavra é privilegiada por um discurso, isso

ocorre tendo em vista a totalidade semântica, o universo discursivo (MAINGUENEAU, 2007b, p. 85).

Os temas estão submetidos ao sistema de restrições semânticas de cada discurso/formação discursiva; o conjunto da temática de cada discurso se desdobra a partir do sistema de restrições. Os temas convocados por um discurso são relevantes quando se trabalha com a ideia da semântica global, mas não são os temas por si que definem a especificidade de um discurso. Tal especificidade é definida pela formação discursiva (MAINGUENEAU, 2007b, p. 85-91).

Ao tratar do plano concernente ao modo de enunciação, Maingueneau (2007b) trata da voz do discurso e do corpo do texto, apresentando os conceitos de “tom” e de “incorporação”, englobados de forma mais sofisticada em obras posteriores do autor à noção de *ethos* discursivo. Essa maneira de dizer também está submetida às restrições semânticas que regem o conteúdo do discurso (MAINGUENEAU, 2007 b).

Ao falar do plano discursivo denominado modo de coesão, Maingueneau (2007b) evoca a noção de interdiscursividade. Trata, no caso, de considerar não só a formação discursiva, mas o modo mesmo como os parágrafos são construídos, os capítulos, os modos de passar de um tema a outro, por exemplo, e todos esses processos são construídos por um modo específico de cada formação discursiva e são governados por restrições da semântica global.

O linguista francês insere nessa perspectiva teórico-metodológica, a proposta de articular discurso e instituição por meio de um sistema de restrições semânticas comuns. Nessa visada, uma concepção sociológica “externa” – que não faz articulação entre discurso e funcionamentos institucionais – é rejeitada, pois o que interessa não é a instituição, mas a possibilidade de tratá-la pela imbricação que se estabelece com a discursividade (MAINGUENEAU, 2007b, p. 126-127).

Diante dessa proposta de trabalhar a relação entre semântica do discurso e instituição, o autor percebe que a noção de competência discursiva precisa ser ampliada, de forma a abarcar tanto o estatuto dos enunciadores e seu modo de enunciação, quanto de fenômenos da vocação enunciativa. Por vocação enunciativa, Maingueneau entende que se refere “às condições postas por uma formação discursiva para que um sujeito nela se inscreva, ou melhor, se sinta ‘chamado’ a inscrever-se nela” (2007b, p. 137).

O autor de *Gênese dos discursos* concebe como dependentes os modos de produção e de consumo dos textos. Diz que a enunciação tem “um rio acima” e “um rio abaixo” para se referir às condições de emprego dos textos do discurso e, embora nascente e foz sejam distintas, elas colocam em oposição realidades dependentes. Para o autor, a “própria rede institucional desenha uma rede de difusão, as características do público, indissociáveis do estatuto semântico que o discurso se atribui”, todavia essas são práticas pouco estudadas ou, quando são, não se coloca em relação com o dito e o dizer dos discursos em questão (MAINGUENEAU, 2007b, p. 141).

Quando os discursos são antagonistas, a passagem de um a outro implica modificações no modo de consumo e ainda mudanças nos ritos genéticos e na população enunciativa. E isso interessa enquanto estudo do tipo de consumo que o próprio discurso estabelece por intermédio de seu universo semântico (MAINGUENEAU, 2007b, p. 141).

Essa ideia, fundada no pressuposto da semântica global, requer que se pense a discursividade sob a forma da sucessão. Nesse sentido, fica evidente que as restrições semânticas não funcionam dentro do fechamento da superfície discursiva, o que leva Maingueneau, nessa visada de articulação entre discurso e instituição, a remodelar a noção de discurso – não apenas restrito à textualidade – para a noção de *prática discursiva*, a qual contempla o “ambiente” do discurso. O conceito de *prática*

discursiva, em parte, firma-se na proposta de Foucault que a vincula “ao ‘sistema de relações’ que, para um discurso dado, regula a localização institucional das diversas posições que pode ocupar o sujeito da enunciação”. Com isso, o objeto de teoria dos discursos do linguista francês deixa de ser o discurso e passa a ser a *prática discursiva* (MAINGUENEAU, 2007b, p. 143).

Essa teoria, fundada no princípio do sistema de restrições semânticas, não se limita ao campo da textualidade, Maingueneau propõe uma formação discursiva como sistema de restrições que incide sobre organizações de sentido e não como uma gramática que engendra enunciados. Nessa direção, a proposta não restringe o universo discursivo às produções de ordem linguística, mas abrange uma prática intersemiótica. Tal prática considera os diversos suportes intersemióticos como dependentes uns dos outros, portanto submetidos às mesmas escansões históricas, às mesmas restrições temáticas: “O pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos de domínios intersemióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 146).

A prática discursiva como unidade de análise pode integrar domínios semióticos variados, como o pictórico e o musical. Maingueneau exemplifica, em *Gênese dos discursos* (2007b), essa possibilidade de trabalho tomando como material analítico os quadros *Ceia de Emaús* e *Peregrinos de Emaús*, cujos posicionamentos estão inscritos nos discursos do humanismo devoto e do jansenismo, respectivamente²⁶.

Maingueneau (2007b) discute ainda as relações que são estabelecidas entre conjuntos textuais e conjunturas históricas. Nesse quesito, lembra que a noção de ideologia é sempre requisitada, todavia a “escola francesa de análise do discurso” abandonou tal abordagem, deixando pouca contribuição sobre a temática.

²⁶ Análise minuciosamente descrita no capítulo 6, intitulado “Uma prática intersemiótica”, do livro *Gênese dos discursos* (2007b).

De sua parte, o autor aborda a questão, colocando em evidência uma conexão semântica entre funcionamento institucional e funcionamento discursivo, mas ressalta que não desenvolve uma teoria de conjunto acerca da inscrição sócio-histórica dos discursos. O sistema de restrições semânticas é a base conceitual sobre a qual o teórico firma o funcionamento discursivo em relação com o exterior, com uma conjuntura histórica: “é antes de tudo pelo sistema de restrições semânticas que deve passar a inscrição das práticas discursivas em suas conjunturas históricas” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 170).

Assim, recoloca a noção de formação discursiva, que não poderá mais ser apreendida em associação com um determinado campo, mas como um *esquema de correspondência* entre campos e afirma que sua teoria já sinaliza para tais correspondências entre discursividade e história, ultrapassando não só espaços discursivos, mas também campos:

O simples fato de postular o primado do interdiscurso afeta já notavelmente o caráter autárquico do modelo semântico, já que não se está mais diante de objetos fechados e compactos, mas de um espaço de circulação semântica articulado sobre uma descontinuidade fundadora. Essa descontinuidade, fonte da interincompreensão, só pode remeter a rupturas que o discurso, em si mesmo, não poderia explicar. Assim, mesmo que a análise do espaço discursivo não vá além de um estudo imanente, a estrutura de seu objeto exige sua ultrapassagem. (MAINGUENEAU, 2007b, p. 171)

Nessa perspectiva, o discurso, por intermédio de seu sistema de restrições, está “engajado em uma reversibilidade essencial com grupos, instituições, e, igualmente, com outros campos. Não há imagem simples que torne isso visível” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 189).

Gênese dos discursos é uma obra que funda um quadro teórico-metodológico amplo e firme, constituído sobre a abordagem da interdiscursividade como uma rede que articula todas as instâncias discursivas, as práticas discursivas/intersemióticas, as

instituições, as conjunturas históricas. É preciso ressaltar, no entanto, que a pretensão de Maingueneau tenha sido bem mais modesta ao afirmar que o “que importa é que esta obra possa inspirar ideias, estimular novas pesquisas” (2007b, p. 14). Paveau e Sarfati (2006, p. 210) destacam que esse programa de Maingueneau evoluiu bastante nos últimos vinte anos, constituindo “sempre um pedestal teórico e metodológico eficaz para os pesquisadores atuais e futuros”.

Na década de 1990, três obras de Maingueneau são traduzidas para o português no Brasil: *Elementos de linguística para o texto literário* (1996), *Pragmática para o discurso literário* (1996) e *O contexto da obra literária* (1995). É uma época em que se dedica mais diretamente ao estudo do discurso literário, sem, contudo, deixar de lado o programa teórico que desenvolve em *Gênese dos discursos*.

Posteriormente até os dias atuais, o analista tem se dedicado, principalmente, a material de análise que circula na mídia impressa e na web. Desse período mais recente, trazemos para discussão no item a seguir, conceitos postulados em *Cenas da enunciação* (2008), *Doze conceitos da análise do discurso* (2010) e *Frases sem texto* (2014). Como dissemos anteriormente, embora Maingueneau tenha explorado diferentes objetos empíricos de análise, o núcleo duro de seu objeto teórico, o discurso, permanece cada vez mais consistente.

1.2 Processos de circulação de sentidos

Como asseveramos, a nossa pesquisa filia-se aos trabalhos de Maingueneau tendo como intuito compreender como certos textos circulam, textos verbo-visuais, cujas fotografias estão, sobremaneira, no foco de nossa atenção. A circulação que nos

interessa envolve textos, mas estes foram agrupados no interior de uma narrativa²⁷ midiática que trata da relação política entre Dilma Rousseff e Lula, na perspectiva de compreendermos “em que medida essa circulação determina o que pode e deve ser (re)dito enquanto debate no espaço público”.

Maingueneau sempre se preocupou não somente com a produção dos discursos mas também com a sua circulação. Desde *Genèses du discours* (1984), quando traz as práticas discursivas e não apenas o discurso como objeto de estudo, destaca que “a maneira pela qual o texto é produzido e pela qual é consumido estão ligadas” (2007b, p. 140). Para ele, “[a] própria rede institucional desenha uma rede de difusão, as características de um público, indissociáveis do estatuto semântico que o discurso se atribui” (MAINGUENEAU, 2007b, p.141).

O modo de consumo dos textos que interessa à Análise do Discurso está visível na própria materialidade discursiva. Diz respeito à população enunciativa e trata-se “somente de determinar o tipo de consumo que o próprio discurso institui através de seu universo semântico” (MAINGUENEAU, 2007b, p. 141).

Nos dias atuais, com os grandes avanços tecnológicos e diversificadas possibilidades de comunicação proporcionadas pela internet e seus inúmeros dispositivos, aumentou-se e muito o circuito das discursividades. Essas novas modalidades de circulação das práticas discursivas têm sido objeto de investigação constante de Maingueneau. Para o autor, a Análise do Discurso precisa considerar os variados suportes e modos de difusão.

Na obra *Cenas da Enunciação*, publicada no Brasil em 2006, com artigos reunidos exclusivamente para a publicação brasileira, Maingueneau retoma e reafirma pressupostos instituídos em *Gênese dos Discursos*, além de propor novos conceitos que

²⁷ No sentido de Guilhaumou, J. (2009).

respondem a expectativas das práticas discursivas contemporâneas. Possenti e Souza-e-Silva (2008, p. 7), ao apresentarem a obra *Cenas da Enunciação*, esclarecem a permanência e relevância da noção de semântica global, visto que o discurso não se limita a um plano central, mas a planos diversos que, em confluência, produzem os sentidos de acordo com determinadas regras de restrições semânticas.

Nessa obra, dentre outros de extrema relevância, há o artigo “Unidades tópicas e não-tópicas”, no qual Maingueneau (2006) apresenta um verdadeiro referencial teórico-metodológico, estabelecendo, por categorização de unidades, as possibilidades de o analista do discurso agrupar e selecionar textos.

O autor parte do conceito de formação discursiva porque julga necessário recolocá-lo no âmbito dos estudos discursivos, de modo a evitar “confusões”. Para tal, distingue o conceito proposto por Foucault (1986 [1969]) do conceito apresentado por Pêcheux (2007 [1971]) e afirma que pode haver confusão porque o conceito de formação discursiva proposto por Pêcheux trata da “posição” inscrita no espaço da luta de classes. Posição difere de posicionamento, já que este é definido no espaço de um campo discursivo.

Posicionamento está inscrito no quadro das unidades tópicas territoriais, está vinculado a instituições, tipos e gêneros discursivos. Formação discursiva, por sua vez, é uma unidade não tópica, cuja construção é estabelecida pelo analista.

Em 1984, na obra *Gênese dos Discursos*, Maingueneau define o termo formação discursiva associado às noções de universo, campo e espaço discursivos. Posteriormente, no texto intitulado *Unidades tópicas e não tópicas*, que foi publicado no Brasil em 2006²⁸, o pesquisador francês agrupa as unidades com as quais trabalham os analistas em unidades tópicas e não tópicas. Também já não limita a análise de

²⁸No livro *Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*, organizado por Baronas e publicado em 2007, há um artigo de Dominique Maingueneau, intitulado “Formações discursivas, unidades tópicas e não-tópicas”, que trata dessa questão.

discursos às unidades posicionamento e formação discursiva, pois apresenta a noção de *percurso*, a qual não se prende a campos e a espaços discursivos, mas a trajetos que “perseguem as várias instituições, gêneros, registros funcionais e campos discursivos” (VOSS, 2011, p. 20).

O quadro abaixo mostra como Maingueneau procede aos agrupamentos das unidades de análise:

Unidades tópicas		Unidades não-tópicas	
Territoriais	Transversas	Formações discursivas	Percursos
Tipos / gêneros de discurso ----- Gêneros concernentes a campos Gêneros concernentes a aparelhos	Registros linguísticos Registros funcionais Registros comunicacionais		
		Unifocais	Plurifocais

Fonte: Maingueneau (2008, p. 24)

Como se vê, as unidades *tópicas* subdividem-se em unidades *territoriais* e unidades *transversas*. As unidades *territoriais* referem-se aos tipos e gêneros dos discursos que se realizam por gêneros de campo e gêneros de aparelho. As unidades *transversas*, por sua vez, referem-se aos registros: linguísticos, funcionais e comunicacionais. São unidades mais obedientes às fronteiras, enquanto as não tópicas são construídas pelos próprios analistas e não dependem de fronteiras pré-estabelecidas. Estas se subdividem em *formações discursivas* (unifocais e plurifocais) e *percursos*, unidade a partir da qual trabalhamos e priorizamos nesta pesquisa.

O autor percebe a necessidade de “afinar” a noção de formação discursiva diante da existência de práticas discursivas que convergem para um único foco e outras que se materializam a partir de dois ou mais focos. Há as formações discursivas, cuja construção de *corpora* se dá pela heterogeneidade, mas os textos de gêneros diversos são unificados em um nível superior por apenas um foco que os faz convergir, como é o caso do “discurso racista”, denominado por ele de unifocal. Há também as formações discursivas que podem ser divididas em dois ou mais conjuntos discursivos porque não veiculam a mesma ideologia; são denominadas, portanto, de plurifocais²⁹.

Maingueneau (2006) refina o conceito de formação discursiva proposto em 1984, admitindo que, quando trabalhou com os dois posicionamentos em um mesmo campo, o humanismo devoto e o jansenismo, não pensava em comparação de dois posicionamentos, mas em construir uma unidade bifocal. Os estudos do linguista francês avançam e, nesse aspecto em especial, abarcam situações “novas” que, conseqüentemente, exigem (re)ajustes, os quais possibilitam a incorporação de novos conceitos a uma teoria que está sendo pensada para a compreensão do funcionamento das práticas discursivas.

A noção de percursos é a outra unidade de estudo não tópica proposta, pelo menos para os estudiosos brasileiros, mais recentemente, a partir da publicação do referido artigo. E essa unidade não tópica funciona em nossa pesquisa como eixo metodológico; por intermédio dela, começamos a observar a circulação de fotografias de Dilma Rousseff no interior de redes interdiscursivas e a analisar nosso material investigativo.

²⁹ Para o aprofundamento da diferença entre formações discursivas unifocais e plurifocais remetemos nosso leitor ao capítulo de Dominique Maingueneau, intitulado “Das formações discursivas unifocais às plurifocais”, publicado em BARONAS, R. L.; ARAUJO, L. M. B. M.; PONSONI, S. *Análise do discurso: continuidades, calibragens, interfaces*. 1. ed. São Paulo: Editora Paulistana, 2014.

A construção de percursos coloca o analista de discurso diante da imprevisibilidade. A interpretação, nesse caso, ancora-se “sob a atualização de relações insuspeitas no interior do interdiscurso” (MAINGUENEAU, 2008, p. 23). Além do mais, a circulação faz com que o sentido esteja sempre em construção. O autor francês diz ser preciso ponderar o fato de o discurso ter espaços delimitados e, em contrapartida, espaços abertos e instáveis, ou melhor, os espaços da circulação. São duas vertentes da atividade discursiva e duas vertentes complementares.

Em entrevista a Baronas e Mussalim, publicada na revista *Linguasagem*³⁰, Maingueneau diz que a categoria *percursos* tem como princípio o fato de que

[...] o discurso tem espaços delimitados, mas há também, digamos, fórmulas, frases, textos que circulam e que são apropriados por diversos atores, mas que não têm uma significação estável, porque a circulação faz com que o sentido seja sempre construído.

E diz ainda que, quando se busca estudar como o discurso funciona, duas vertentes precisam ser consideradas, pois

[...] tem sentidos que estão delimitados porque correspondem a uma função local/regional, uma estratégia, por exemplo, no discurso político, você pode sempre reconstruir a estratégia, ou imaginar, do político, se diz isso e porque está dizendo isso etc. Mas sempre tem uma fórmula que circula, por exemplo, e não tem estratégia, são coisas que são apropriadas dentro de estratégias e temos uma visão muito diferente, porque temos significantes que flutuam e buscam um sentido e do outro lado você tem um espaço nos quais os parceiros estão de acordo para dar uma certa significação, porque é um jogo de palavras no qual estão engajados, e acho que essas duas possibilidades: de comunicação, por um lado e por outro lado significantes de tamanhos diversos que circulam, digamos que são as duas vertentes da atividade discursiva, mas são duas visões complementares, no sentido que significantes que buscam um sentido ou dispositivos que restringem o sentido; não significa que o sentido seja unívoco, mas tem uma espécie de quadros que fecham, que trancam um pouco a polissemia virtual do sentido. (MAINGUENEAU, 2009).

³⁰ Disponível em: <http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao10/entrevista_maingueneau.php>. Acesso em: 28 maio 2013.

O “sentido é fronteira e subversão da fronteira, negociação entre pontos de estabilização da fala e forças que excedem toda localidade” (MAINGUENEAU, 2008, p. 25). A existência da Análise do Discurso depende, pois, não apenas da existência de agrupamentos de enunciados ou textos inscritos nas fronteiras, mas também depende ainda dos enunciados ou textos que não se fecham nessas fronteiras.

Na obra *Cenas da Enunciação*, Dominique Maingueneau apresenta os conceitos de citação e destacabilidade, os quais estão diretamente inscritos no processo de circulação das discursividades. A citação é colocada em consonância com a questão da destacabilidade de enunciados. O “destacamento” manifesta-se de duas formas bem diferentes, podendo ser constitutivo, como é o caso dos “provérbios e de todas as fórmulas sentenciosas que por natureza não possuem contexto situacional nem contexto original”, ou ser extraído de um fragmento de texto, numa lógica de citação (2010, p. 10).

A questão da destacabilidade está condicionada a duas situações discursivas que o autor denomina sobreasseveração e aforização. Inicialmente, ele diz que a sobreasseveração caracteriza um enunciado:

- . relativamente breve, de estrutura pregnante no plano do significado e/ou do significante;
- . em posição relevante no texto ou em uma passagem do texto, de modo a lhe atribuir o estatuto de um condensado semântico, o produto de uma espécie de sedimentação da realização do discurso;
- . tal que sua temática deve estar em relação com o intuito do gênero de discurso, do texto em questão: trata-se de uma tomada de posição no interior de um conflito de valores;
- . implica um tipo de “amplificação” da figura do enunciador, manifestada por um *ethos* apropriado. (MAINGUENEAU, 2008, p. 82)

Em *Doze conceitos em análise do discurso* (2010), especificamente no capítulo “Aforização – Enunciados sem texto?”, o autor francês redefine o lugar da sobreasseveração, ao apresentar a noção de enunciação aforizante. A sobreasseveração é

uma modulação da enunciação que coloca um fragmento como candidato à destextualização e ocorre pelo destaque do trecho que é operado em relação ao restante dos enunciados, por meio de marcadores diversos: de ordem aspectual (generacidade), tipográfica (posição de destaque dentro de uma unidade textual), prosódica (insistência), sintática (construção de uma forma pregnante), semântica (recurso aos tropos), lexical (utilização de conectores de reformulação), etc. (2010, p. 11).

Na visão do teórico francês, “a sobreasseveração e os enunciados destacados têm um *status* pragmático distinto”, por isso o conceito de enunciação aforizante, apresentado em oposição a enunciação textualizante. A enunciação aforizante materializa-se numa aforização destacada por natureza, cujos enunciados já são tipicamente destacáveis, ou numa aforização destacada de um texto.

Em ambos os casos de enunciação aforizante, para Maingueneau (2010), o locutor fala para uma espécie de “auditório universal”; não há, portanto, interação entre os dois protagonistas, também por não haver “ruptura entre uma instância fora da enunciação e uma instância que é um papel discursivo”. O aforizador ostenta o *ethos* de alguém que fala do alto, que está em contato com uma fonte transcendente e que não se endereça a um interlocutor que está no mesmo plano que ele. Assim, na aforização, há coincidência entre “sujeito da enunciação e Sujeito no sentido jurídico e moral: alguém que se coloca como responsável, afirmando valores e princípios diante do mundo, se endereçando a uma comunidade para além dos alocutários empíricos que são seus destinatários” (MAINGUENEAU, 2010, p. 13-15).

Como a aforização resulta em um destacamento, torna-se imprescindível definir o lugar do sujeito que enuncia, que, conforme afirma Baronas e Ponsoni (2011, p. 423), “não se trata apenas de outra instância enunciativa distinta tanto da do locutor/alocutário quanto da do enunciador/enunciatário”. Para os autores brasileiros que interpretam o

pensamento de Maingueneau, “quando se extrai um fragmento de texto para fazer uma aforização, um título de uma matéria na imprensa, por exemplo, converte-se *ipso facto* seu locutor original em aforizador” (BARONAS & PONSONI, 2011, p. 423). Nesse sentido, no entendimento de Baronas, a aforização e a conseqüente figura discursiva do aforizador é o “fruto” do trabalho do destacamento e não uma manobra discursiva realizada por locutor jornalista, por exemplo.

Sobre destacamento, o autor diz ainda que, na imprensa escrita e nos *sites* da web, “as sobreasseverações são candidatas naturais ao destacamento fraco, na forma de manchetes, de intertítulos, ou de legendas de fotos” (MAINGUENEAU, 2014a, p. 19). Essas noções de destacamento forte e fraco estão relacionadas ao acesso do leitor ao texto-fonte. Uma tendência forte na imprensa escrita e na web refere-se ao fato de o texto-fonte se apresentar no mesmo texto (ou página impressa/digital) que ocorre o destacamento ou ainda sob a forma de *link* que conduz facilmente o leitor ao texto fonte do destaque operacionalizado.

Em *Frases sem texto*, publicado no Brasil em 2014, Maingueneau aprofunda a teoria, também para contemplar os mais diversos dispositivos de comunicação, muitos advindos do avanço tecnológico e da revolução digital da era contemporânea. A produção e a circulação de discursos funcionam como domínios centrais dessa obra, sob os quais se pavimentam conceitos e análises discursivas que demonstram a pertinência de um referencial teórico. Dois aspectos que julgamos fortes nessa obra e destacamos neste texto são as abordagens que o autor atribui ao contexto, no âmbito da circulação de aforizações, e à forma de apreensão das aforizações ou interpretação.

A aforização é definida como uma frase “sem texto” – não está ligada a outras frases, não formando uma “totalidade textual ligada a um gênero de discurso” – mas, paradoxalmente, ela não fica sem contexto. Diferentemente das aforizações que

adquiriram autonomia e circulam desprovidas de texto fonte, há as aforizações que o autor denomina secundárias e são consideradas em dois contextos: um contexto-fonte e um contexto de recepção (MAINGUENEAU, 2014a, p. 30-31).

Nesse processo ocorrem descontextualização e recontextualização, que necessariamente implicam modificações de sentido. A diferença entre um contexto e outro pode gerar “deformações”, “mal-entendidos”, “deslizamentos de sentido”, que o contexto de recepção impõe às aforizações. Torna-se complexo, contudo, para o locutor que se sentir “traído” pelo aforizador, reclamar o sentido produzido no texto-fonte, porque “o simples acesso de um fragmento de texto ao estatuto de aforização modifica profundamente seu estatuto pragmático, e, portanto, sua interpretação, mas também porque a recontextualização ativa potencialidades semânticas incontroláveis” (MAINGUENEAU, 2014a, p.31). O autor francês destaca que a instituição midiática é altamente frouxa em relação à fidelidade ao texto-fonte.

Em *Cenas da enunciação*, Maingueneau já pontua questões referentes ao processo interpretativo das aforizações, considerando que a descontextualização torna o sentido opaco, sendo necessário um trabalho interpretativo mais complexo. Essa complexidade diz respeito ao trajeto de leitura, que ultrapassa o sentido imediato do enunciado. Sendo assim, a “interpretação assume a fórmula ‘dizendo X, o locutor implica Y’, onde Y é um enunciado genérico de valor deôntico” (MAINGUENEAU, 2010, p. 15).

Em *Frases sem texto*, o autor defende que a interpretação das aforizações destacadas de um texto “varia em função do quadro através do qual elas são apreendidas” e, independentemente do quadro, o intérprete é forçado a construir uma alteridade que pode estar marcada no enunciado (MAINGUENEAU, 2014a, p. 117). Nessa perspectiva, o sentido interpretativo de uma “mesma” aforização pode ser

diferente de acordo com o enquadramento a que é submetida, podendo existir a combinação de dois enquadramentos, sem exclusão de nenhum deles.

Maingueneau observa que os enquadramentos variam conforme o regime discursivo que ele denomina regime de atualidade e regime de memorial. O primeiro implica que as aforizações podem ser “interpretáveis no interior do vasto interdiscurso do que pode alimentar as conversas em um tempo e lugar determinados”. E exemplifica dizendo que, no espaço midiático, o leitor que acompanha as notícias possui um saber enciclopédico importante para interpretar as aforizações (MAINGUENEAU, 2014a, p. 123-124).

Já o regime memorial refere-se à inscrição da aforização em uma memória coletiva de longa duração, envolve “os ditos, referentes a um autor identificado e inscritos em um *thesaurus*” (MAINGUENEAU, 2014a, p. 124).

O regime de atualidade pode contemplar três tipos de enquadramentos: o informacional, o testemunhal e o acional. O enquadre centrado na informação, visa apenas a fazer saber e, por isso, proporciona mais facilidade de interpretação. O enquadre testemunhal visa à expressão de uma convicção, de uma emoção, de uma experiência; pode se manifestar de forma sentenciosa – quando há um apagamento enunciativo – e de forma personalizante – quando há um superinvestimento subjetivo, com foco nas emoções do locutor. O enquadre acional, por sua vez, traz uma aforização com perspectiva de ação e de transformação da realidade (MAINGUENEAU, 2014a, p. 119-124).

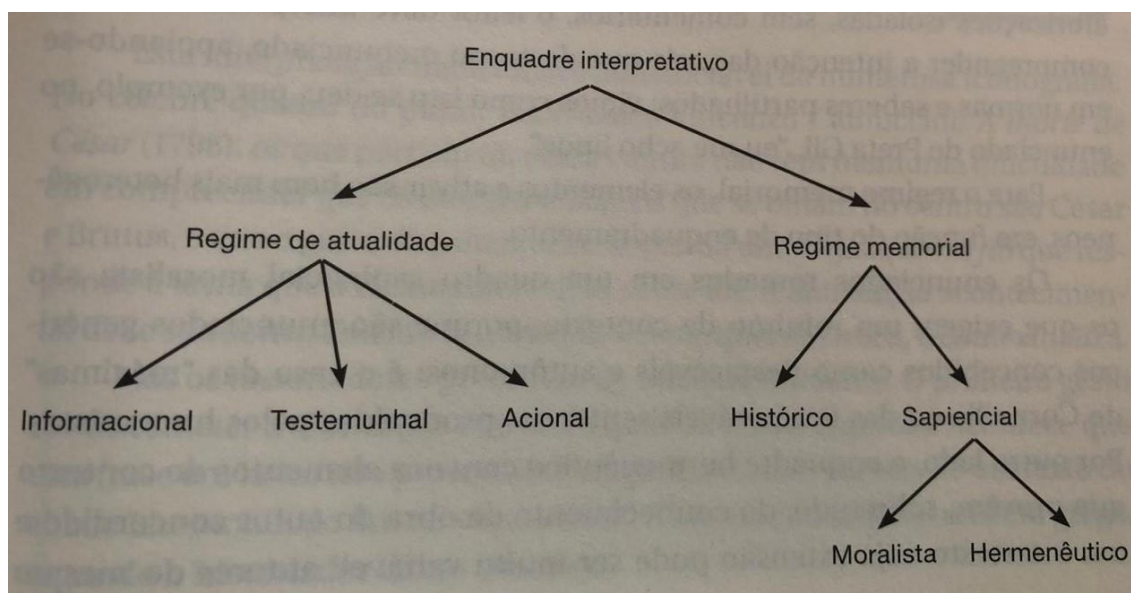
O regime memorial realiza-se por meio do enquadramento histórico e do sapiencial. Quando apreendida por um enquadramento histórico, “a aforização é inseparável de uma narrativa, é uma parte e um traço de um acontecimento que se perpetua como singular e exemplar”. O enquadramento sapiencial não considera o

acontecimento, mas a apreensão da aforização pela ótica de um sujeito privilegiado pode ter cunho moralista ou hermenêutico (MAINGUENEAU, 2014a, p. 124).

Tais enquadramentos correspondem a distintas figuras prototípicas de aforizador:

Ao enquadre informacional se associa o especialista, ao enquadre testemunhal, o que podemos chamar de “testemunha”, ao enquadre acional, o “ator”, ao enquadre histórico, o “personagem”, ao enquadre sapiencial, o “sábio”. Cada uma dessas figuras implica um fundo sobre o qual ela se sobressai: uma comunidade de especialistas ligada a uma disciplina (o especialista), o conjunto de uma experiência (a testemunha), uma certa conjuntura (o ator), um acontecimento histórico (o personagem), uma visão de mundo (o sábio). (MAINGUENEAU, 2014, p. 128)

Esses enquadres interpretativos projetam um determinado sentido de leitura e, para isso, selecionam elementos do contexto que são pertinentes para a construção desse percurso de leitura. O quadro a seguir, retirado de Maingueneau (2014a, p. 127), sintetiza a proposta do autor francês acerca dos enquadramentos interpretativos da aforização.



Fonte: Maingueneau (2014a, p.127)

No início deste capítulo, propomos um trabalho que demonstrasse a existência de uma base teórica coerente e coesa entre as pesquisas desenvolvidas por Maingueneau

na década de 1980 e nos dias atuais, assumindo como centrais as obras *Gênese dos discursos* e *Frases sem texto*. Para empreender essa nossa tarefa-esboço, elegemos a perspectiva do primado do interdiscurso e abordamos também o processo de difusão dos discursos, por serem também categorias teórico-analíticas centrais para nossa pesquisa.

Os propósitos de cada uma dessas obras são diferentes; em *Gênese dos discursos*, o autor apresenta uma teoria para a Análise do Discurso externa aos quadros althusserianos. Apresenta toda sua conceituação na esteira de hipóteses, apesar de demonstrar a pertinência da teoria ao tomar como objetos de análise textos religiosos. Em *Frases sem texto* (2014), refina conceitos que apresentou sobre o eixo da destacabilidade e aborda o tema das “frases sem texto” que, segundo o autor, ainda não havia tido um tratamento unificado. Toma como objetos de análise textos que circulam na máquina midiática.

Defendemos que muitos conceitos que apresentou em 1984 sob a forma de hipóteses são esboçados em *Frases sem texto* numa perspectiva de aplicabilidade e avanço. O conceito de interdiscurso permanece como o objeto de estudo da Análise do Discurso; apesar de não dizer isso literalmente, todo o tratamento que atribui aos textos que circulam no universo midiático é sob a voga das redes interdiscursivas.

A ideia do sistema de restrições semânticas permanece basilar, embora também não a mencione literalmente. Maingueneau (2014a) focaliza diretamente as instâncias discursivas e apresenta outros planos discursivos que funcionam como operadores de restrições. Citamos brevemente a abordagem que atribui à questão da comunidade e *thesaurus*, bem como o modo de interpretar as aforizações, tratados na visada intrínseca da produção e da circulação de discursos. Percebemos, contudo, que os conceitos que apresenta sobre o leque de pequenas frases podem ser estendidos para outros objetos analíticos. Em certa medida, tentamos fazer isso em nossa pesquisa.

Ademais, as análises apresentadas em *Frases sem texto* estão fundamentalmente alicerçadas nos conceitos de práticas discursivas e intersemióticas e na abrangência dos “galhos” discursivos que se prendem ao “tronco” das instituições e da conjuntura histórica.

Não apenas pelos conceitos que discutimos neste capítulo, mas por todo o arcabouço teórico-metodológico postulado por Maingueneau, o analista de discurso encontra um pensamento perspicaz acerca da produção e circulação de discursos nos mais diversos *mídiuns*, com as mais variadas possibilidades de constituição dos *corpora*.

Cumpre destacar que o anteriormente dito, para além de buscar defender a existência de coerência teórica em diferentes fases do percurso epistemológico de Dominique Maingueneau, será muito importante para alicerçar teórico-metodologicamente as análises que empreenderemos nos capítulos vindouros acerca das fotografias do rosto de Dilma Rousseff.

CAPÍTULO 2

FOTOGRAFIA E FOTOJORNALISMO

LEITURA

*Era um quintal ensombrado, murado alto de pedras.
As macieiras tinham maçãs temporãs, a casca vermelha
de escuríssimo vinho, o gosto caprichado das coisas
fora do seu tempo desejadas.*

Ao longo do muro eram talhas de barro.

*Eu comia maçãs, bebia a melhor água, sabendo
que lá fora o mundo havia parado de calor.*

*Depois encontrei meu pai, que me fez festa
e não estava doente e nem tinha morrido, por isso ria,
os lábios de novo e a cara circulados de sangue,
caçava o que fazer pra gastar sua alegria:*

*onde está meu formão, minha vara de pescar,
cadê minha binga, meu vidro de café?*

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,
nunca nada está morto.*

O que não parece vivo, aduba.

O que parece estático, espera.

Adélia Prado, Bagagem, 1976.

Em contato com nosso objeto de pesquisa, a fotografia, nossa pesquisa nos colocou diante de alguns questionamentos sobre os quais, de alguma forma, pretendemos refletir ao longo deste segundo capítulo. Esses questionamentos podem ser traduzidos mais ou menos como: O que diz a fotografia? Como seu(s) sentido(s) é(são) constituído(s), formulado(s) e dado(s) a circular? Como o jornalismo usa fotografias para informar, mostrar, denunciar e opinar? Em que medida a relação texto-imagem na esfera da atividade jornalística direciona o leitor para um determinado percurso interpretativo?

Tendo em vista as propostas de nossa pesquisa, abordaremos, inicialmente, posições diversas acerca da relação entre a imagem fotográfica e o “real”; posteriormente, discutiremos algumas questões referentes ao fotojornalismo; e, por fim, esboçamos algumas considerações acerca da expressão do rosto e de “sua” imagem fotográfica, na perspectiva de contemplarmos a construção de “seus” sentidos no discurso jornalístico.

2.1 Movimentos da fotografia: a representação e a realidade

Ao pensar no que a fotografia revela (no objeto fotografado), muitos estudiosos trazem contribuições diversas que, em certa medida, convergem por alguns aspectos e divergem por outros. Percorremos, neste item do segundo capítulo, algumas contribuições de semiólogos, filósofos, críticos de fotografia, historiadores e jornalistas para a análise da complexa natureza da fotografia que, desde sua origem até os dias de hoje, requer discussões e relocalações teóricas acerca do “peso” do real no texto imagético.

Desde o surgimento da fotografia – ou, melhor dizendo, quando foi patenteada, no século XIX, na França, por Louis Jacques Mande Daguerre (FERREIRA, 2008) –, atribuíram a ela um valor de objetividade em relação à realidade. A fotografia já nasceu sendo considerada uma imitação perfeita do real. Trazendo para o debate as artes plásticas, muitos defendiam que a fotografia surgiu para libertar a pintura do caráter obsessivo do realismo. Assim, cabia à fotografia o papel documental, a referência, o concreto, o conteúdo, e à pintura, a busca formal, a arte, o imaginário (DUBOIS, 2011, p. 31-32).

Dubois (2011) cita Bazin como o autor que provavelmente se inscreve no pensamento da mimese da fotografia. Assim diz André Bazin num texto publicado em 1945:

O grupo de lentes que constitui o olho fotográfico que substitui o olho humano chama-se precisamente “objetiva”. Pela primeira vez, entre o objeto inicial e sua representação, nada se interpõe além de um outro objeto. Pela primeira vez, uma imagem do mundo exterior forma-se automaticamente sem intervenção criadora do homem de acordo com um determinismo rigoroso [...]. Todas as artes baseiam-se na presença do homem; apenas na fotografia usufruímos sua ausência. Ela age sobre nós como *fenômeno* “natural”, como uma flor ou um cristal de neve cuja beleza é inseparável das origens vegetais ou telúricas. (BAZIN apud DUBOIS, 2011, p. 34-35)

Bazin defende a objetividade da fotografia, chamando a atenção para o produto fotográfico em si, sem considerar o agir humano. Para ele, o que conta é o olho fotográfico visto como a “objetiva” e, assim, concebe a representação fotográfica como a única representação cujo objeto/referente está diretamente ligado a outro objeto/lente fotográfica, “sem intervenção criadora do homem”.

Enquanto nos discursos do século XIX sobressai o aspecto da semelhança entre imagem fotográfica e realidade – fotografia vista como “espelho do real” –, nos discursos do século XX difunde-se a ideia de “transformação do real”. Muitos autores rejeitam o discurso da mimese e da transparência, desconstruindo o realismo

fotográfico; Gombrich, por exemplo, defende que “a mais realista das imagens icônicas requer uma atividade configuradora para ser compreendida” (NUNES, 2007). As teorias da percepção apoiam-se numa observação da técnica fotográfica e de seus efeitos perceptivos, em que as análises de cunho ideológico e os propósitos determinados pelos usos antropológicos da fotografia indexam princípios não apenas de a “caixa preta fotográfica não [ser] um agente reproduzidor neutro, mas uma máquina de efeitos deliberados [assim como] a língua, é um problema de convenção e instrumento de análise e interpretação do real” (DUBOIS, 2011, p. 40-41), mas sim de também ser a fotografia um dispositivo codificado culturalmente.

A ideia de espelho, de documento exato, de semelhança fiel reconhecida para a fotografia é questionada:

De fato, como se denega então qualquer possibilidade de a fotografia ser simplesmente um espelho transparente do mundo [...], vamos assistir ao desenvolvimento de diversas atitudes que vão todas no sentido de um deslocamento desse poder de verdade, de sua ancoragem na realidade rumo a uma ancoragem na própria mensagem: pelo trabalho (a codificação) que ela implica, sobretudo no plano artístico, a foto vai se tornar reveladora da verdade interior (não empírica). É no próprio artifício que a foto vai se tornar verdadeira e alcançar sua própria realidade interna. A ficção alcança, e até mesmo ultrapassa, a realidade. (DUBOIS, 2011, p. 42-43)

Dubois (2011) diz ainda que esse tipo de posição teórica teve muitos defensores em vários campos. O princípio de “uma verdade interior revelada pela foto” é a base, principalmente, de muitos retratistas. Avedon praticamente derruba essa relação da imagem com o real: “Para mim as fotos têm uma realidade que as pessoas não têm. Só por intermédio das fotos é que conheço essas pessoas” (AVEDON apud DUBOIS, 2011, p. 44).

Essa segunda postura, que valoriza o papel do código, além de denunciar a capacidade da imagem de se fazer cópia fiel da realidade, analisa toda imagem “como

uma interpretação-transformação do real, como uma formação arbitrária, cultural, ideológica e perceptualmente codificada” (DUBOIS, 2011, p. 53).

O autor de *O ato fotográfico* classifica as fases citadas anteriormente como pertencentes à ordem do ícone (representação por semelhança, na qual persiste a ideia da fotografia como “espelho do real”/mimese) e à ordem do símbolo (representação por convenção, visto que prevalece o discurso do código e da desconstrução do real, que permite a concepção da fotografia como “transformação do real”). E, valendo-se dessas categorias peircianas, apresenta uma terceira perspectiva teórica sobre o “peso do real” na imagem fotográfica, na qual se inscreve, baseada na teoria do índice.

Dubois (2011) reconhece que a “eliminação” total da realidade do fazer fotográfico provocou um movimento forte de volta do real. Segundo ele, “seria necessário passar pela fase *negativa* de desconstrução do efeito do real e da mimese para poder recolocar finalmente, *positivamente, mas de outra forma*, a questão da pregnância do real na fotografia” (DUBOIS, 2011, p. 45).

Essa proposta que contempla os estudiosos que têm como base os conceitos semióticos de Peirce, principalmente a noção de *índice*, parte da natureza técnica do ato fotográfico, parte mesmo da *impressão luminosa*. Assim,

[...] a fotografia aparenta-se com a categoria de “signos”, em que encontramos igualmente a fumaça (indício de fogo), a sombra (indício de uma presença), a cicatriz (marca de um ferimento), a ruína (traço do que havia ali), o sintoma (de uma doença), a marca de passos etc. Todos esses sinais têm em comum o fato “de serem realmente afetados por seu objeto”, de manter com ele “uma relação de conexão física”. (DUBOIS, 2011, p. 50)

Tendo, então, a fotografia como procedente da categoria do índice, a representação ocorre por contiguidade física do signo com seu referente na condição de

“traço de um real”. Com isso, destaca-se a natureza pragmática da fotografia, visto que o seu sentido é encontrado, em primeiro lugar, na referência:

Por mais que se diga que esta ou aquela foto acaba por encontrar seu sentido nela mesma, que sua carga simbólica excede seu peso referencial, que seus valores plásticos, seus efeitos de composição ou de textura fazem dela uma mensagem autossuficiente etc., jamais se poderá esquecer que essa autonomia e essa plenitude de significações só se instituem para virem revestir, transformar, preencher posteriormente, sob a forma de efeitos, uma singularidade existencial primitiva que, num determinado momento e num determinado local, veio se inscrever num papel tão bem qualificado de “sensível” (DUBOIS, 2011, p. 79)

O princípio do traço “marca apenas um momento do conjunto do processo fotográfico”, o momento do clique. O antes e o depois do ato em si são constituídos por “gestos completamente ‘culturais’, codificados, que dependem inteiramente de escolhas e de decisões”. O depois não se restringe à revelação e à tiragem, mas envolve o fato de a fotografia entrar nos circuitos de difusão, sempre codificados e culturais (DUBOIS, 2011, p. 51).

A fotografia-índice apenas designa e atesta a existência daquilo que ela representa; ela mostra o real, mas não apresenta o sentido dessa representação. Ademais, o real é representado parcialmente, pois a imagem mostra aquilo que, pelo clique fotográfico, foi separado do resto do mundo. Nessa perspectiva, “a foto é *em primeiro lugar índice*. Só depois ela *pode* tornar-se parecida (ícone) e adquirir sentido (símbolo)” (DUBOIS, 2011, p. 53).

Essa perspectiva traz o referente de volta à pauta, mas sem a obsessão e ilusão do espelho e do caráter mimético (DUBOIS, 2011, p. 53).

Na clássica obra *A câmara clara*, Roland Barthes defende que o referente da fotografia é diferente do referente dos outros sistemas de representação, denominando “referente fotográfico”, ou seja, “não a coisa *facultativamente* real a que remete uma

imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva, sem a qual não haveria fotografia” (BARTHES, 1984, p. 115).

Diferentemente de outros sistemas de representação, Barthes assevera que jamais se pode negar que “a coisa esteve lá”. Assim, o “noema” da fotografia é o “Isso-foi”: “isso que vejo encontrou-se lá, nesse lugar que se estende entre o infinito e o sujeito (operator ou spectator)”. Ele esteve lá, mas já não está mais, impossível, portanto, sua repetição porque ele pertence ao passado (BARTHES, 1984, p. 115-116).

A fotografia não rememora o passado, pois o efeito que ela produz não é o de restituir o que foi abolido (pelo tempo e distância), mas o de atestar que o que se vê de fato existiu, “toda fotografia é um certificado de presença” (BARTHES, 1984, p.123-129).

Para Barthes (1984), sociólogos e semiólogos que estudam a imagem fotográfica rejeitam a ideia de “real” por defender que “o que ela representa é fabricado, porque a óptica fotográfica está submetida à perspectiva albertiniana (perfeitamente histórica) e a inscrição no clichê faz de um objeto tridimensional uma efigie bidimensional”. Ainda para o autor, esse debate entre realistas e sociólogos/semiólogos é em vão. Incluindo-se entre os realistas, reafirma que a fotografia é “uma imagem sem código – mesmo que, evidentemente, códigos venham infletir sua leitura” e esclarece que, nessa perspectiva, não se considera “a foto como uma ‘cópia’ do real – mas como uma emanção do *real passado*: uma magia, não uma arte” (BARTHES, 1984, p. 132).

O autor julga improdutivo discutir se a fotografia é analógica ou codificada, considerando, no entanto, importante que a “foto possui uma força constativa e que esse constativo da Fotografia incide não sobre o objeto, mas sobre o tempo. Na Fotografia, de um ponto de vista fenomenológico, o poder de autenticação sobrepõe-se ao poder de representação” (BARTHES, 1984, p. 132).

No texto *A mensagem fotográfica* (1982), Barthes assume uma postura absolutamente referencialista. Diz o teórico francês que a fotografia transmite “a própria cena, o literalmente real”. E mais ainda: “decerto, a imagem não é o real; mas ela é pelo menos seu perfeito *analogon*, e é precisamente esta perfeição analógica que, para o senso comum, define a fotografia” (BARTHES, 1982, p. 304).

Apesar de Barthes ter contribuído muito para os estudos da imagem fotográfica, esse ponto de vista referencialista é criticado por muitos estudiosos. Dubois (2011) afirma:

Barthes é pego na armadilha, não mais da mimese, mas do referencialismo. Pois aqui está o perigo que espreita esse tipo de concepção: generalizar, ou melhor, *absolutizar*, o princípio da “transferência de realidade”, quando se adota uma atitude exclusivamente subjetiva de pretensão ontológica. Barthes está longe de ter escapado a esse culto – a essa loucura – da referência pela referência. (p. 49)

O autor de *O ato fotográfico* dialoga com o conceito de referência de Barthes, apesar de criticar sua posição absoluta do referencialismo (TACCA, 2006).

Tanto Dubois, quanto Barthes, embora este se inclua entre os realistas, rejeitam a tradicional concepção da fotografia como cópia fiel da realidade. Dubois trabalha com a necessidade de libertar a fotografia do viés mimético a que foi submetida desde quando surgiu. No entanto, sua concepção indiciária não chega a tanto. A fotografia-índice apresenta-se como um atestado de uma dada realidade e é reduzida à função de comprovação.

Muitos fotógrafos, filósofos e literatos rejeitam a vertente indicial, porque essa perspectiva supervaloriza o momento do “clique” em detrimento do antes e do depois do instante de captura da imagem. Entre outros aspectos anteriores ao momento decisivo, acomodação do referente, disposição da iluminação, processo de codificação antes do clique, bem como ações posteriores (revelação, retoque, digitalização,

processamento em computador, etc.), são também componentes da produção fotográfica. A restrição ao “ato” fotográfico limita a fotografia a uma função exclusivamente documental e desconsidera o fecundo sistema significante da imagem fotográfica.

Nunes (2007) diz que o caráter indicial não deve ser o único aspecto utilizado para a interpretação da imagem fotográfica, visto que o foco recairá em elementos externos à imagem e não em elementos composicionais da imagem propriamente dita. Nessa perspectiva, deslumbrar-se e deter-se no registro do real é um modo de apagar a discursividade própria da imagem fotográfica. A autora defende outra abordagem interpretativa para a fotografia que contemple as duas perspectivas em voga, já que os princípios que as regulam não são antagônicos. A ideia da autora é pensar em abordagens que se concentrem tanto no referente fotografado, portanto valorizando o aspecto indicial, quanto na discursividade interna da imagem, no seu caráter icônico. Para ela, colocar em inter-relação esses modos de abordagem possibilita a valorização de diferentes facetas da fotografia e, mais ainda, permite a análise desse meio expressivo, complexo e um tanto paradoxal, tornando a compreensão da fotografia mais abrangente.

Essas abordagens da fotografia por intermédio das categorias de Peirce restringem a interpretação da imagem ao seu caráter de signo, desconsiderando as relações sócio-históricas nas quais ela emerge e, a partir das quais, constrói sentidos que lhe são correspondentes.

Nesse sentido, os autores Flusser, Sontag, Machado e Kossoy rompem com a abordagem indicial e referencialista ao proporem uma leitura da fotografia considerando-a como imagem marcada culturalmente.

Para o filósofo Flusser (2011, p. 51-52), o fotógrafo registra tudo, seja um rosto humano, uma pulga, o interior de seu próprio estômago, etc., acreditando que está escolhendo livremente. Entretanto, ele só pode fotografar o fotografável, isto é, o que está inscrito no aparelho. E, para que algo seja fotografável, deve ser transcodificado em cena, pois não é possível fotografar processos. A fotografia, para ele, é uma imagem de conceitos, visto que não revela impressões do mundo físico, mas transcodifica conceitos em cenas. Exemplificando, ele afirma que

[...] o verde do bosque fotografado é imagem do conceito “verde”, tal como foi elaborado por determinada teoria química. O aparelho foi programado para transcodificar tal conceito em imagem. Há, por certo, ligação indireta entre o verde do bosque fotografado e o verde do bosque lá fora: o conceito científico “verde” se apoia, de alguma forma, sobre o verde percebido. Mas entre os dois verdes se interpõe toda uma série de codificações complexas. (FLUSSER, 2011, p. 60)

Tais codificações complexas, segundo o filósofo, dizem respeito, por exemplo, ao “verde Kodak” contra o “verde Fuji”. E o autor destaca que, da mesma maneira como ocorre com as cores, ocorre com os demais elementos da imagem. “São, todos eles, conceitos transcodificados que pretendem ser impressões automáticas do mundo lá fora. Tal pretensão precisa ser decifrada por quem quiser receber a verdadeira mensagem das fotografias: conceitos programados” (FLUSSER, 2011, p. 61).

As situações do mundo físico registradas pelo aparelho só serão reais quando aparecerem na fotografia; antes, não passam de virtualidades. Dessa forma, há “inversão do vetor da significação: não o significado, mas o significante é a realidade. Não o que se passa lá fora, nem o que está inscrito no aparelho; a fotografia é a realidade (FLUSSER, 2011, p. 53-54).

O brasileiro Arlindo Machado (1984; 2000) vale-se das postulações de Flusser acerca da fotografia como expressão de conceitos e toma uma posição contrária à perspectiva indicial/referencialista, assumida por teóricos como Barthes e Dubois. Ele

se propõe a discutir argumentos e razões que permitem reposicionar a fotografia no terreno classificado por Peirce como o terreno do conceito; considerando a fotografia como “um signo de natureza predominantemente simbólica” (MACHADO, 2000, p. 8).

Em *A ilusão especular*, Machado (1984) questiona a função da fotografia como “espelho do real” e explica que a “indústria da figuração automática só consegue ‘reproduzir’ ou ‘duplicar’ uma realidade que lhe é exterior porque opera com concepções de ‘mimese’, ‘objetividade’ e ‘realismo’ que ela própria cria ou perpetua”. Recusa, portanto, a abordagem da imagem-código porque considera a representação totalmente marcada ideologicamente e destaca que “as câmeras são aparelhos que constroem as suas próprias configurações simbólicas, de outra forma bem diferenciada dos objetos e seres que povoam o mundo” (MACHADO, 1984, p.10).

Nesse sentido, apresenta o conceito de “ilusão especular” como: “um conjunto de arquétipos e convenções historicamente formados que permitiram florescer e suportar essa vontade de colecionar simulacros ou espelhos do mundo, para lhes atribuir um poder revelatório” (MACHADO, 1984, p. 10).

No contexto norte-americano, Susan Sontag contribui significativamente para os estudos sobre a fotografia. A posição dessa autora (2004) aproxima-se, em alguns aspectos concernentes ao real na fotografia, de Vilém Flusser, pois atribui às imagens fotográficas o valor de realidades materiais por si mesmas, concebe-as como “meios poderosos de tomar o lugar da *realidade* – ao transformar a realidade numa sombra”. (SONTAG, 2004, p. 196)

Para a autora, na atualidade, as imagens fotográficas gozam de poder porque há preferência à imagem e não à coisa (SONTAG, 2004). As imagens fotográficas são as imagens que desfrutam uma autoridade quase ilimitada em uma sociedade moderna. Não se pode possuir o real, mas as imagens, sim. As pessoas das sociedades modernas e

industrializadas querem ter tudo fotografado, um desejo pela fotografia. Aliás, essas pessoas “procuram ser fotografadas – sentem que são imagens e que as fotos as tornam reais” (SONTAG, 2004, p. 178).

Esse desejo pela fotografia na contemporaneidade marca também a necessidade humana do “possuir”. Não se pode possuir o passado, pode-se eternizá-lo via fotografia. A imagem fotográfica fornece, assim, formas simuladas de posse do passado, presente e até futuro. “Uma foto não é apenas semelhante a seu tema, uma homenagem a seu tema. Ela é uma parte e uma extensão daquele tema; um meio poderoso de adquiri-lo, de ganhar controle sobre ele” (SONTAG, 2004, p. 169-172).

Para a autora, os sentimentos vividos diante do “real” são diferentes dos sentimentos vividos ao observar uma fotografia. São realidades diversas, a que se viveu/passado e a que está experimentando diante da imagem. Também “possuir o mundo em forma de imagens é, precisamente, reexperimentar a irrealidade e o caráter distante do real” (SONTAG, 2004, p. 180-183).

Kossoy (2001; 2007; 2009) é um autor brasileiro que traz contribuições relevantes acerca do referente da fotografia. Sob um viés histórico, o autor entende a fotografia como documento e representação que contém em si mesma realidades e ficções. Para ele, a fotografia “tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, ‘testemunho da verdade’ do fato ou dos fatos”, mas, se ela tem esse aspecto de valor incontestável, sempre se prestou aos diferentes e interesseiros usos dirigidos (KOSSOY, 2009, p. 19). Focando-as enquanto fontes históricas, ressalta que “as fotografias não podem ser aceitas imediatamente como espelhos fiéis dos fatos”, pois, da mesma forma que os demais documentos, elas são plenas de ambiguidades, de significados não explícitos e de omissões (KOSSOY, 2009, p. 20).

Boris Kossoy compreende a fotografia a partir de duas realidades que se entrecruzam, cada uma com suas especificidades e seu próprio espaço de atuação. Trata-se da primeira e da segunda realidade. “A primeira realidade é o próprio passado [...]; diz respeito à história particular do assunto independentemente da representação, posto que anterior e posterior a ela, como, também, ao contexto deste assunto no momento do ato do registro”. A essa realidade histórica, confunde-se a realidade interior, contida na imagem fotográfica de forma oculta e interna, por isso invisível fotograficamente e inacessível fisicamente (KOSSOY, 2009, p. 36).

Já “a segunda realidade é a realidade do assunto representado, contido nos limites bidimensionais da imagem fotográfica, não importando qual seja o sistema no qual esta imagem se encontre gravada”. O objeto representado é o fato definitivo que ocorre na dimensão da imagem fotográfica, imutável documento visual da aparência do referente selecionado no espaço e no tempo (durante sua primeira realidade). Essa *segunda realidade* é “a realidade fotográfica do *documento*, referência sempre presente de um passado inacessível”. Como esse “assunto representado configura o conteúdo explícito da imagem fotográfica: a face aparente e externa de uma micro-história do passado, cristalizada expressivamente”, o autor classifica essa segunda realidade como *realidade exterior* (KOSSOY, 2009, p. 37).

Nessa perspectiva, a “fotografia implica uma transposição de realidades: é a transposição da realidade visual do assunto selecionado no contexto da vida (primeira realidade), para a realidade da representação (imagem fotográfica: segunda realidade)”. Essa transposição não garante à imagem fotográfica a expressão da verdade histórica, ela é um registro expressivo da aparência e, por isso, suas informações permitem diferentes “leituras” (KOSSOY, 2009, p. 37-38).

Como é o fotógrafo o construtor do signo, ele cria uma nova realidade, o conteúdo representado na imagem é um novo real: interpretado e idealizado, dito de outro modo, ideologizado. O real cristalizado na superfície fotográfica é o resultado de um trabalho de recorte espacial e temporal. O assunto – que é um recorte espacial – foi congelado num dado momento de sua ocorrência, marcando uma interrupção temporal. É pela relação de fragmentação espacial e congelamento temporal que “se ergue o sistema de representação fotográfica” (KOSSOY, 2009, p. 22-43).

No próprio ato de registrar, a realidade primeira é submetida não só a um processo de manipulação, mas mesmo de criação. Destacar e isolar um aspecto de sua totalidade espacial, bem como congelar um breve instante, no meio de um fluxo de acontecimentos, é processo de criação do real, é processo de construção de significados outros e múltiplos. Além disso, a própria história oficial, a imprensa, ou grupos interessados atribuem certo(s) significado(s) às imagens fotográficas, a fim de criarem realidades e verdades (KOSSOY, 2009).

As reflexões de Kossoy sobre a imagem fotográfica inscrevem-se no interior das discussões da história e da sociologia. Mesmo focando a fotografia enquanto fonte histórica, o historiador valoriza o caráter simbólico da imagem. Ao tratar a superfície fotográfica como ficção, nega a concepção de “espelho do real” e desenvolve um raciocínio produtor entre imagem e referente, chamando a atenção para as tramas ideológicas que se materializam na superfície fotográfica. As instituições discursivas também são responsabilizadas pelos sentidos que atribuem às imagens, são consideradas criadoras de realidades e verdades conforme suas convicções e conveniências.

Machado (1984) também aborda o papel da instituição diante dos sentidos produzidos pela imagem técnica, que, de certa forma, se impõe como objetiva e

transparente, mas, na verdade, não passa de construção particular e convencional. E diz ser

[...] nesse ponto que as mídias mecânicas e eletrônicas do nosso tempo se tornam o terreno privilegiado das formações ideológicas: o fetiche de sua “objetividade, no qual se acham mergulhadas massas inteiras de espectadores, é a máscara formal que oculta a intenção formadora que está na base de toda significação. (MACHADO, 1984, p. 11)

O autor destaca que as instituições midiáticas, pautadas numa suposta “objetividade”, camuflam a presença de um discurso ideologicamente marcado (MACHADO, 1984). Menciona a inexistência de sistemas significantes neutros e inocentes, chamando a atenção para as práticas discursivas oriundas de cada classe social, cujos signos já surgem marcados pela natureza de classe do grupo que os produzem, pelas suas necessidades e interesses (MACHADO, 1984).

Recorremos até aqui, principalmente, a Barthes, Dubois, Flusser, Machado, Sontag e Kossoy para situarmos, em diferentes vertentes, como a fotografia representa o mundo e como ela é concebida, com vistas a pavimentar nosso trajeto em torno da(s) função(ões) discursiva(s) da fotografia no domínio jornalístico. Nosso interesse, no próximo item, é discutir a relação entre a imagem fotográfica e a realidade que ela representa no interior da atividade jornalística. Consideramos, ainda, que, na era da tecnologia digital, questões polêmicas se impõem sobre o processo de construção de um efeito de real na mídia jornalística.

2.2 Produções de sentido e a fotografia na mídia jornalística

Para Maingueneau (2004), o modo de manifestação material dos discursos, seu suporte e seu modo de difusão são constitutivos do sentido. O *mídium* não é, pois, um simples meio de transporte do discurso. Dessa forma, ao tratar de um *mídium* de um

gênero de discurso, deve-se levar em conta não apenas “o suporte material no sentido estrito (oral, escrito, manuscrito, televisivo etc.)”, mas também “o conjunto do circuito que organiza a fala” (MAINGUENEAU, 2004, p.72).

Importante, portanto, considerar o suporte que veicula a imagem fotográfica, visto que os seus sentidos são produzidos e interpretados em função do meio de circulação. O *mídiu*m não se limita a mero contexto, ele também é responsável pela construção de sentidos. Por ser o jornalismo a esfera da atividade discursiva com a qual trabalhamos, abordamos, neste item do texto, a relação entre o referente fotográfico e a materialidade jornalística, discutindo modos de citação da imagem fotográfica e fatores que podem caracterizar uma fotografia como jornalística.

É, no final do século XIX, que a fotografia adquire espaço nos jornais, firmando-se como um complemento relevante da informação. Conforme Ferreira (2008), alguns autores consideram o ano de 1880 nos Estados Unidos como marco do momento em que a fotografia passou a ser utilizada na imprensa.

Desde então, a fotografia é citada no jornalismo com o valor de atestar a verdade do(s) fato(s) noticiado(s). Conforme Vilches (apud FERREIRA, 2008):

A foto de imprensa em maior ou menor grau que o texto escrito aparece com uma tremenda força de objetividade. Se uma informação escrita pode omitir ou deformar a verdade de um fato, a foto aparece como um testemunho fidedigno e transparente do acontecimento ou um gesto de um personagem público. [...] Toda fotografia produz uma “impressão de realidade”, que no contexto de imprensa se traduz por uma “impressão de verdade”.

Para Ferreira (2008, p. 4), desde a invenção da fotografia, há um esforço “no sentido de minimizar a subjetividade inerente ao processo fotográfico, em especial, no jornalismo”. A autora destaca que o pressuposto da objetividade ocasionou, por muito tempo, um consumo da imagem fotográfica, principalmente a de imprensa, quase sem desconfianças (FERREIRA, 2008).

Especialmente por se constituir como uma ferramenta valiosa que comprova o que é verdade – do ponto de vista jornalístico –, a fotografia tem se tornado um artefato essencial para o discurso da imprensa.

A objetividade, a verdade e a transparência são condições básicas de constituição do discurso jornalístico e são, em contrapartida, consideradas um problema diante da posição de muitos estudiosos da fotografia que têm demonstrado que captar o real em imagem fotográfica é ação praticamente impossível³¹. Mas o discurso jornalístico permanece na posição de sustentar sua credibilidade na objetividade e no registro do real e, por isso, utiliza as imagens como argumentos para garantir a veracidade da informação e o registro fiel da realidade.

Buitoni (2011, p. 25) esclarece que o jornal, a revista, a televisão e o webjornal trabalham com a perspectiva de “espelho do real”, movidos por razões ideológicas e mercadológicas. Também por conta do modo de recepção – cuja concepção da fotografia corresponde a essa representação de sua função, construída histórica e tecnicamente –, o domínio midiático respalda-se nessa representação geral e coletiva de leitura da fotografia como análogo do real.

A autora brasileira destaca que o objetivo de representação realista acompanha a imprensa desde antes da invenção da fotografia:

No tempo das imagens pré-fotográficas – feitas diretamente pela mão humana –, a imprensa já utilizava ilustrações com finalidade de documentar o real. Mesmo antes do nitrato de prata possibilitar e difundir a impressão fotográfica, **o desenho realista construía o jornalismo visual**. Na primeira metade do século XIX, ilustradores iam aos lugares onde os fatos estavam acontecendo ou já haviam acontecido e elaboravam gravuras que acompanhavam os textos. (BUITONI, 2011, p. 49)

³¹ Entre eles, citamos Flusser (2011) e Machado (1984).

O uso da imagem fotográfica pelo jornalismo demonstra o fascínio pelo análogo que emerge quase como um impulso para aceitar a fotografia como prova do real; em termos de percepções, a função do “espelho” surge mais forte do que a função de manipulação (BUIIONI, 2011, p. 54).

Já que a fotografia jornalística é produzida e publicada com a função de registrar fielmente a realidade, os efeitos de sentidos construídos colocam a instituição midiática como portadora de informações relativamente neutra e comprometida com a verdade. O campo de produção de sentidos já está preparado previamente, bem antes de colocar os discursos em circulação. Assim, o jornalismo impresso, o jornalismo televisivo e o webjornalismo já usufruem, de antemão, de um discurso coletivo que depositam nessa esfera de atividade a qualidade de informar fielmente os fatos.

Embora haja esse discurso cristalizado que atribui à atividade jornalista o prisma da neutralidade e da objetividade, há também em circulação o discurso da não neutralidade e não objetividade das instituições midiáticas. Nesse horizonte, a fotografia jornalística também vem sendo desconstruída enquanto representação fidedigna da realidade.

O repórter de imagem busca produzir fotografias que reproduzam, de modo realista, um objeto, um fato, um cenário, mas sua atividade é marcada por um conjunto de padrões social e culturalmente construídos, que interferem na focalização, enquadramento, etc. (GOMES, 2008). Por isso, Kossoy afirma que a manipulação da imagem fotográfica sempre existiu:

As possibilidades de o fotógrafo interferir na imagem – e portanto na configuração própria do assunto no contexto da realidade – existem desde a invenção da fotografia. Dramatizando ou valorizando esteticamente os cenários, deformando a aparência de seus retratados, alterando o realismo físico da natureza e das coisas, omitindo ou introduzindo detalhes, elaborando a composição ou incursionando na própria linguagem do meio, o fotógrafo sempre manipulou seus temas de alguma forma: técnica, estética ou ideologicamente. (2001, p. 114)

Na imprensa, a manipulação imagética sempre existiu. No início, valorizava-se a ideia do instantâneo, do flagrante, mas depois passaram a priorizar a interpretação e elaboração técnica, abrindo espaço para o trabalho de tratamento editorial de imagens. A manipulação já surge na reunião de pauta da instituição jornalística, quando “encomenda-se” uma fotografia. (FERREIRA, 2008, p. 8-9).

A manipulação e a criação podem ocorrer nas duas etapas de construção de sentidos pelas quais passam as fotografias: produção e publicação. A primeira diz respeito à produção do fotógrafo, pois o significado da imagem fixa, captada pela câmera, visível isoladamente (impresa, digitalizada ou ainda no aparelho) é diferente da significação produzida no momento de sua publicação no interior de um texto jornalístico. Em ambas as enunciações, por menor que seja, há espaço para a intervenção, pois os sentidos são construídos e só existem em sua materialização discursiva e não no mundo físico, externo ao discurso. Em termos simbólicos, a reprodução fiel da realidade pode até ser desejável, mas não será realizável.

O suporte material por si só já contribui para a significação da imagem, mas tal informação não chega aos leitores. Conforme Flusser (2011, p. 75-76), só dentro do canal, do *mídium*, as fotografias adquirem seu último significado, mas a crítica não reconhece a função codificadora do canal distribuidor e silencia-se nesse aspecto, tornando os aparelhos de distribuição invisíveis. O leitor, refém desse sistema, vê a fotografia de forma não crítica, podendo, inclusive, ser programado pelos aparelhos de distribuição rumo a um determinado percurso interpretativo.

Flusser (2011, p. 73) destaca que, a cada vez que se muda uma fotografia de canal, muda também seu significado: de científica pode passar a ser artística, política, privativa. Ele diz ainda que o próprio fotógrafo capta a imagem em função do suporte

material que irá colocá-la em circulação; a foto é produzida em função de determinado jornal, determinada publicação científica, determinada exposição, etc. No caso do fotojornalista, ele sabe que sua fotografia só será aceita pela instituição se esta se enquadrar em sua linha editorial.

O filósofo diz que as fotografias não têm valor enquanto objetos, mas sim enquanto informações. São, assim, objetos pós-industriais, visto que o interesse se desvia para a informação. E, antes de serem distribuídas, elas são transcodificadas pelo aparelho de distribuição (FLUSSER, 2011, p. 75).

Sontag (2004, p. 32) também chama a atenção para esse aspecto da fotografia ao dizer que as imagens fotográficas são arroladas a serviço de instituições de controle, como objetos simbólicos e fontes de informação. Fotografias têm valor enquanto informação, mas, tendo em vista as situações em que a maioria das pessoas as usa, seu valor informacional é da mesma linha que o da ficção.

Esse aspecto ficcional para o qual a autora chama a atenção parece estar presente no discurso jornalístico por conta dos posicionamentos político-ideológicos que cada instituição coloca em circulação. Para Buitoni (2011, p. 152-155), a imagem fotográfica “inscrita em um suporte de veiculação está diretamente relacionada aos conceitos representativos que são próprios daquele suporte”. Ela chama a atenção também para os fotojornalistas que expressam e colhem imagens com a camisa de força da pauta fechada das instituições da imprensa para as quais trabalham.

A revista *Época* colocou na capa de sua edição 639, publicada em 14 de agosto de 2010, uma fotografia 3x4 do rosto de Dilma Rousseff:



Figura 01

Fonte: Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/edicoes-antiores/p/9/>>. Acesso em: 20/07/2012.

Essa imagem fotográfica foi reproduzida da ficha criminal da protagonista, produzida por ocasião de sua prisão no Dops de São Paulo, em fevereiro de 1970 (AMARAL, 2011). É uma imagem que sai de um suporte material – documentação criminal – e migra para uma revista semanal. A fotografia do rosto na capa da revista não tem a função identificatória do documento produzido quando a protagonista tinha 22 anos. Além de funcionar como um convite à leitura da reportagem, principalmente por estar na capa, apresenta a função informativa.

É uma imagem com alto grau de informatividade e narratividade. Na revista, atualiza-se uma fase do passado de Dilma Rousseff e apresentam-se informações sobre sua atuação contra a ditadura militar. Essa fotografia, na revista, funciona como “ponte entre o acontecimento e o leitor, permitindo-lhe imaginar o cenário e de alguma forma a ação que ali é apresentada [...]”. A imagem veiculada não deixa de ser um recorte da realidade, mas é uma possibilidade de aproximar o leitor dos fatos” (VITOR, 2012). A fotografia não é cópia fiel da realidade, mas ela não perde seu valor como prova de um fato e, numa instituição midiática, ela é citada para credibilizar o que é dito. Ela não perdeu seu valor de credibilidade, apenas dá margem a diferentes interpretações (VITOR, 2012).

A revista *Época* vale-se, portanto, do poder de credibilidade que ainda é atribuído à fotografia como também dessa possibilidade de interpretações diversas, e transcodifica a cena em conceitos. A cena da prisão de Dilma Rousseff é transcodificada em conceitos que trazem a protagonista como criminosa, terrorista, assaltante. Conceitos que se inscrevem no posicionamento discursivo da instituição, ou dito conforme Buitoni (2011, p. 152-155), a imagem fotográfica “inscrita em um suporte de veiculação está diretamente relacionada aos conceitos representativos que são próprios daquele suporte”. Para Flusser (2011), o leitor não tem conhecimento da função codificadora do canal de distribuição e vê a fotografia de forma não crítica, podendo, inclusive, ser programado pelos aparelhos de distribuição rumo a um determinado percurso interpretativo.

Para Sousa (2002, p. 5), as fotografias jornalísticas podem mostrar, revelar, expor, denunciar, opinar, mas sua principal função é informar e ajudar a credibilizar a informação verbal. A imagem 3x4 ampliada, ocupando toda a capa da revista, potencializa o sentido em construção de um passado que Dilma “não gosta de lembrar: seu papel na luta armada contra o regime militar”³².

No fotojornalismo, a imagem está inserida em outra imagem: a página impressa, a página da internet. Todos os elementos do texto convergem para a informação central, cujos sentidos materializam um posicionamento político-ideológico que está a serviço de uma instituição, de uma ideia, de uma causa. Por isso, diz Sontag (2004, p. 141) que “uma fotografia pode dizer muito mais do que se imagina”.

As imagens fotográficas são utilizadas pela mídia jornalística com objetivos pragmáticos. Comprovar a veracidade das informações que coloca em circulação é o

³² Capa da Revista *Época*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/edicoes-antiores/p/9/>>

intuito maior e, para isso, além de enquadrá-las pelo visor da câmera, elas são enquadradas no interior de um texto, cujos sentidos são pré-moldados pela instituição.

A fotografia 3x4 de Dilma Rousseff não foi enquadrada pelo visor da câmera do repórter de imagem a serviço de uma instituição, ela foi retomada de um documento policial guardado em arquivo. Ela foi hermeneuticamente enquadrada no processo de publicação.

É uma fotografia que pode ser qualificada como jornalística, conforme conceituação apresentada por Buitoni (2011), porque tem caráter noticioso e está em plena relação com a atualidade, vinculada a valores informativos e/ou opinativos. Além disso, apresenta o “embrião narrativo”, que existe quando a imagem aponta para uma ação a ser continuada ou sugere a existência de ações que antecedem e sucedem a cena registrada (BUITONI, 2011, p. 90).

A imagem de Dilma Rousseff foi capturada quando ela estava estática, olhando para a câmera. A narratividade concentra-se, contudo, no contexto histórico, sugere acontecimentos anteriores ao momento da prisão e os motivos que levaram à ocorrência do fato. É uma fotografia do passado, mas está vinculada à atualidade porque ela emerge no momento da campanha eleitoral, cujas pesquisas apontavam grande possibilidade de a candidata ser eleita presidente do Brasil.

Buitoni (2011) apresenta dois tipos de fotografias de imprensa: a foto jornalística – que abordamos acima – e a foto ilustração. Para a autora, fotoilustração é

[...] toda imagem fotográfica composta por imagens advindas de processos fotográficos (que podem ser em forma de colagem ou fotomontagem, por edição eletrônica ou convencional); e também a fotografia combinada com outros elementos gráficos, sempre com a finalidade de ilustrar uma ideia, um conceito ou auxiliar a compreensão de um fato, de um objeto, de um processo. (BUITONI, 2011, p. 91)

A fotoilustração é mais comum em temas que geram reportagens analíticas, não exclusivamente noticiosas e, por isso, sem uma data definida.

A revista *Época*, no interior da reportagem, cuja chamada de capa apresenta a foto 3x4 de Dilma Rousseff, produz e cita uma foto ilustração criada a partir da fotografia da ficha criminal da então candidata:



Figura 02

Fonte: Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI163155-15223,00-DILMA+NA+LUTA+ARMADA.html>>. Acesso em: 20 jul. 2012.

Essa fotografia estilizada foi produzida pelo ilustrador Sattu a pedido do editor de arte da revista *Época*, Marcos Marques³³. Ela é um exemplo do fazer artístico, via tecnologia, que incide sobre a fotografia aproximando-a da pintura.

É uma produção icônica que não é citada em substituição à fotografia original, já que essa figura na capa, mas para reforçar o sentido da imagem da capa e, conseqüentemente, para reforçar o efeito de credibilidade do discurso da instituição.

³³ Informações disponíveis em: <http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>. Acesso em: 10/11/2012.

Conforme Leila Suwwan (2010)³⁴, na mesma semana de circulação dessa edição da revista, a campanha de Dilma Rousseff começou a usar a imagem em perfis do *Twitter*, camisetas, fazendo-a virar “ícone petista”.

É uma imagem que não apenas muda de suporte material – da revista para camisetas, *Twitter* –, mas transita do campo midiático para o campo discursivo político-eleitoral. Esse fenômeno é pouco comum na esfera da atividade jornalística no Brasil; o oposto – do discurso político-eleitoral para o jornalismo – é que prevalece.

No primeiro turno das eleições de 2014, a campanha de Dilma Rousseff permanece usando essa imagem (com variações ou não) em camisetas, cartazes, e, num processo interativo, oferece-a para o leitor/eleitor usá-la como imagem de perfil do *Facebook*. No *site* da campanha “Muda mais”, disponibilizaram uma imagem – que denominaram “avatar da Dilma” – com variações dessa foto em meio a outras que também remetem ao contexto da participação de Dilma contra a ditadura, estilo mosaico, para o leitor/eleitor criar sua imagem de perfil do *Facebook*.

Diante de tantos avanços tecnológicos, via *softwares* de computador, aplicativos, etc., as possibilidades de intervenção na produção de imagens fotográficas são múltiplas. Nesse horizonte, a tecnologia da imagem digital traz uma questão polêmica para o campo do jornalismo: Como garantir a objetividade e referencialidade da imagem fotográfica se com a “captação da imagem em meio digital foi perdida a noção de imagem primeira, original”? (FERREIRA, 2008, p. 11).

Na virada do milênio, a imagem digital foi incorporada ao fotojornalismo brasileiro (FERREIRA, 2008, p. 10) e, a partir de então, ela é acusada de ameaçar a credibilidade do jornal, colocando como tema o nível de manipulação que pode ser tolerado em uma fotografia jornalística (COLUCCI JUNIOR, 2003).

³⁴ Texto “Retrato de Dilma guerrilheira vira ícone petista”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>>. Acesso em: 10/11/2012.

Conforme Buitoni (2011), a fotografia teve sua morte anunciada no final do século XX. As imagens digitais suscitaram (e ainda suscitam) intensas transformações tecnológicas, as quais levaram muitos estudiosos da área a anunciar a morte da fotografia. A autora brasileira diz, contudo, que essa questão é paradoxal, visto que muitos teóricos tratam tal “morte” apenas como metafórica (BUITONI, 2011). Mesmo sem “morte”, o surgimento da imagem digital é verdadeiramente um marco na história da fotografia. A autora destaca que, nos anos 1990, William J. Mitchell, professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), anunciou o começo de uma “era pós-fotográfica” (BUITONI, 2011, p. 27).

Alguns autores pensavam que a fotografia estava circunscrita ao seu automatismo e realismo e consideravam os fotógrafos como simples registradores da realidade. A era pós-fotográfica, todavia, libertou a fotografia e os fotógrafos desse cárcere, principalmente por remeter e se aproximar da pintura – antecessora da fotografia – proporcionando o trabalho “manual” de interferência e digitalização na fabricação da imagem (NÖTH³⁵ apud BUITONI, 2011, p. 28).

A atividade criadora possível pelas imagens digitais está conduzindo a imagem da era pós-fotográfica à independência em relação aos referentes do mundo real. A perda do referente e, conseqüentemente, a crise entre a realidade e sua imagem permitem a Nöth enxergar a questão num cenário mais amplo: “A morte da fotografia é a manifestação da ‘crise da representação’, cujas raízes nas artes visuais são as raízes da modernidade” (NÖTH³⁶ apud BUITONI, 2011, p. 29). Buitoni (2011, p.27-29) destaca que a perda de referentes começou cedo na história da fotografia e que Nöth cita, como exemplos de modalidades dessa morte, “a eliminação ou acréscimo por meio de retoques com o propósito de enganar; o não reconhecimento do referente ao representá-

³⁵ NÖTH, W. La muerte de la fotografia. De Signis, n.10, Barcelona, Gedisa, out.2006.

³⁶ NÖTH, W. La muerte de la fotografia. De Signis, n.10, Barcelona, Gedisa, out.2006.

lo de modo incompleto ou distorcido”. A era pós-fotográfica trouxe, para ele, como principal inovação semiótica não a desaparecimento do referente do signo fotográfico, mas a mudança de imagens indiciais para imagens genuinamente icônicas (NÖTH apud BUITONI, 2011, p. 29).

Para Barthes (1984, p. 66-67), as fotografias de reportagens são frequentemente imagens unárias, que não provocam *punctum*. São imagens que têm todas as características para serem banais porque sua composição prioriza o aspecto da “unidade”, devem ser simples e sem acessórios inúteis.

Talvez a era da imagem digital traga para o interior do jornalismo fotografias que possam provocar *punctum*, todavia essa possibilidade parece ser bem remota, pois vai de encontro ao caro princípio da objetividade /imparcialidade desse campo discursivo e da rapidez com que o leitor interage com tais imagens. Ademais, as fotografias manuseadas, tais como a fotoilustração de *Época*, requerem um trabalho artístico que o tempo da publicação diária não permite. Por isso, as fotos ilustrações são mais presentes em revistas semanais.

Buitoni (2011, p. 180) assinala que a almejada “unidade” de informação consiste no fator primordial para o discurso jornalístico em detrimento do valor estético, acrescentando que, na atualidade, essa abordagem está sendo alterada, pois “a divulgação contemporânea de imagens realmente significativas exige que se pense nas características estéticas como produtoras de conhecimento”.

A autora brasileira pensa também no uso que a produção multimídia faz da imagem digital e nas possibilidades advindas das novas tecnologias, e reconhece que, apesar do aumento de opções de produção e edição, o fotojornalismo de qualidade é bem pouco presente na web (BUITONI, 2011). No contexto do webjornalismo, as potencialidades da fotografia não têm sido utilizadas; elas aparecem apenas com uma

função identificatória, são simples adorno, muito distante da relevância que têm nas edições impressas (BUITONI, 2011, p. 176-177).

Buitoni (2011) cita o *Clarín.com* como exemplo raro de uma instituição que usa a linguagem multimídia de forma criativa. E a seção do ensaio “Borges em Clarín” é mencionada porque atribui relevância às fotografias comuns, retratos 3x4 e imagens de arquivo que são articuladas “em narrativas, sugerem poemas, decorrências, comparações, memórias. Fotos dos entrevistados servem para identificar quem está falando, sem que haja uma frase ou legenda específica” (BUITONI, 2011, p.184). A autora chama a atenção para essa seção do *Clarín.com* porque sua construção está bem distante dos conteúdos jornalísticos convencionais transmitidos pela internet e suas fotografias “não são apenas ilustrações de um conhecimento expressado mediante a linguagem verbal; a imagem visual é cogestora do conhecimento junto com a palavra” (BUITONI, 2011, p.186).

Buitoni (2011) parece mencionar essa instituição e a seção “Borges em Clarín” para mostrar que é possível ampliar as potencialidades de uso de fotografias pelo webjornalismo, atribuindo mais qualidade a esse discurso informativo. Seja por meio de jornais impressos ou da internet, as fotografias publicadas são duplamente significadas: no momento da captura da imagem e no momento da seleção e publicação. Nesses dois processos de produção de sentidos, o veículo que coloca a fotografia em circulação, de antemão, já determina não apenas pela função, mas também pelo posicionamento político-ideológico, a narratividade na qual as imagens fotográficas serão inseridas e significadas.

2.3 Sujeitos discursivos na prática fotográfica: sentir e dizer entre sentidos e ditos

Neste item pensamos nos sujeitos discursivos envolvidos na prática fotográfica porque consideramos sua atuação parte constitutiva dos sentidos. Trazemos para a pauta alguns aspectos pontuados por estudiosos da área da fotografia que tratam dos dois elos indissociáveis dessa representação simbólica³⁷.

“As sociedades industriais transformam seus cidadãos em dependentes de imagens”, diz Sontag (2004, p. 34). E a autora coloca a necessidade da imagem fotográfica, típica da contemporaneidade, como a necessidade não somente de confirmação da realidade, mas também de destaque para a experiência vivida; ações próprias do consumismo estético, nas quais todos os sujeitos estão viciados. Qualquer evento é fotografado, a ponto de a presença da fotografia naturalmente se sobrepor aos acontecimentos. Fotografar tornou-se ato tão natural que “hoje, tudo existe para terminar numa foto” (SONTAG, 2004, p. 35).

Independentemente da função, fotografias são produzidas principalmente porque as sociedades contemporâneas valorizam o olhar para o mundo físico, para os eventos e para as experiências por intermédio das imagens. Sontag (2004, p. 172) ainda explica que “quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação” e, enquanto tal, é um meio de controle. Controlar o que se fotografa é controlar, pois, a informação e não a experiência. A experiência está no plano da primeira realidade proposta por Kossoy, já a informação é parte constitutiva da segunda realidade. “Consumir” fotos significa possuir ou partilhar informações e não experiências, estas são acessíveis apenas enquanto passado e jamais experienciáveis; somente os personagens fotografados experimentaram o “noema” da fotografia.

Apesar de consumir (ou ter posse) apenas a informação fotográfica, a sociedade contemporânea necessita olhar para o mundo de forma fotografada, a tal ponto que a

³⁷Não consideramos aqui o sujeito personagem da imagem, apenas o *operator* e o *spectator*.

fotografia tornou-se imprescindível tanto para a esfera privada quanto para a esfera pública (SONTAG, 2004). Fotografar e, principalmente, ver fotografias são atitudes que emergem a todo instante, que se impõem aos sujeitos, mesmo que esses não tenham consciência da forte presença da imagem fotográfica em seu dia a dia, nas mais variadas situações sociais.

Roland Barthes, na obra *A câmara clara*, apresenta duas noções que focalizam diretamente o *operator* e *spectator* (conforme ele denomina o produtor e o receptor de fotografias): o *studium* e o *punctum*. O *studium* está relacionado ao afeto, ao gosto do *spectator* pela fotografia em virtude de sua cultura e de sua história.

É pelo *studium* que me interesso por muitas fotografias, quer as receba como testemunhos políticos, quer as aprecie como bons quadros históricos: pois é culturalmente (essa conotação está presente no *studium*) que participo das figuras, das caras, dos gestos, dos cenários, das ações. (BARTHES, 1984, p. 45-46)

Para Barthes (1984, p. 48), é pelo *studium* que o *spectator* pode encontrar o *operator*, identificando suas funções, aprovando-as ou desaprovando-as, mas sempre as compreendendo por intermédio da cultura que representa um contrato entre os criadores e os consumidores. O autor, por sua vez, destaca que a fotografia, quando dotada de funções, sejam elas informar, representar, surpreender, fazer significar e dar vontade, é perigosa. Para o fotógrafo, no entanto, essas funções são álibis, são os pré-sentidos³⁸. Pelo *studium* – que jamais é prazer ou dor – o *spectator* reconhece tais funções (BARTHES, 1984, p. 48-49).

Já pelo *punctum*, não há ponto de contato entre *operator* e *spectator*. Conforme Barthes, o *punctum* é da ordem do *spectator*, visto que ele é a flecha que parte da cena e transpassa o *spectator*, ferindo-o, picando-o. O *punctum* não tem relação com as funções do *operator*, é uma sensação exclusiva do *spectator*. E, como o *punctum* é o

³⁸ Termo utilizado por R. Cordeiro (2006, p. 7).

acaso, o detalhe que fere/punge o *spectator*, ele não é dado *a priori*. Por isso mesmo, ele varia de *spectator* para *spectator* (BARTHES, 1984, p. 46).

Barthes (1984) diz ainda que o *punctum* é o acréscimo que o *spectator* faz à foto e que, todavia, já estava nela. Para aprofundar essa ideia, ele diz que, por ser a fotografia uma imagem imóvel, “isso não quer dizer apenas que os personagens que ela representa não se mexem; isso quer dizer que elas não saem” (BARTHES, 1984, p. 84-86). Mas, quando há *punctum*, cria-se um campo cego, os personagens adquirem vida exterior a seus retratos, o *spectator* os leva para fora de seu enquadramento. O *punctum* é, assim, uma espécie de extracampo sutil, como se a imagem lançasse o olhar de *spectator* para além daquilo que ela dá a ver. Fotografia anima o *spectator* e este a anima reciprocamente (BARTHES, 1984, p. 89).

Além desse *punctum* que descrevemos até aqui e que está relacionado à forma, Barthes apresenta um segundo tipo de *punctum*, marcado pela intensidade, pelo tempo, “é a ênfase dilacerada do noema (‘isso-foi’), sua representação pura”³⁹ (BARTHES, 1984, p. 141).

Cordeiro (2006) defende que o *punctum* não pode ser preparado. Para o autor,

[...] o efeito que uma determinada fotografia poderá provocar numa pessoa não pode ser previsto. É o próprio *spectator* que, perante a fotografia, se tem que sentir “ferido” por algum pormenor que, certamente, o *operator* estaria longe de pensar que iria ser o aspecto que mais interessaria ao público. Assim, o *punctum* nunca é o que o autor da fotografia queria que fosse. (CORDEIRO, 2006, p. 19)

Então, é o *spectator* que sabe se foi ou não tocado por algum detalhe de uma determinada fotografia.

³⁹ Para explicar esse *punctum* concretizado pelo tempo, Barthes exemplifica com a fotografia de Lewis Payne, tirada por Alexandre Gardner quando o jovem estava em sua cela, aguardando seu enforcamento. O *punctum*, nesse caso, é “ele vai morrer”, possibilitando simultaneamente o “isso será” e o “isso foi”. Passado e futuro juntos na materialidade da fotografia.

Lima (2004), a partir das ideias propostas por Barthes, defende a existência do *punctum operator*. Barthes (1984) trabalhou apenas com a noção de *punctum* como a ferida do *spectator* e chega a dizer que “não é possível estabelecer uma regra de ligação entre o *studium* e o *punctum* (quando ele está presente)”; o que ocorre é uma situação de copresença. Em relação ao ponto de vista da realidade (que talvez seja a do *operator*), o autor francês diz ser uma mera causalidade que explica a presença do “detalhe” (BARTHES, 1984, p. 68). Com isso, entendemos que Barthes não só não aborda a perspectiva do *operator*, como também negligencia seu poder de clicar em algo que o fere. Se for uma causalidade que explica a presença do pormenor, o *operator* talvez não tenha sido pungido por ele.

Lima (2004) cita a suposição de Barthes acerca de ser a emoção do *operator* o poder de surpreender, através do estênope, sua presa, questionando se essa suposta emoção não seria a equivalente ao *punctum spectator*. E acrescenta que a

[...] fotografia é, para o *operator*, o desejo de aprisionar a ferida e de reter na prata ou na eletrônica do pixel, o detalhe que lhe punziu quando na visualização da cena através de seu visor – pequeno simulacro da imagem. Não haveria, dessa forma, imagem criada pelo ato fotográfico sem a manifestação de um *punctum operator*. A condição para a existência da imagem é a ferida que, no momento da tomada, o *operator* cauteriza na prata. (LIMA, 2004, p. 4)

Sendo assim, o *punctum*, para o *operator*, “é a essência do ato, o detalhe que lhe confere verdadeira paternidade”. Lima (2004), fazendo analogia ao *punctum spectator*, defende que o *punctum operator* também se manifesta em dois níveis: forma e intensidade. No primeiro, considera que o visor limita, enquadra e, nesse processo, “se torna pequeno simulacro da imagem por onde o fotógrafo também recorta e isola o elemento punctual que o fere”. Já o segundo *punctum* está ligado ao “isso foi” e “atua para o operator por meio de sua imagem mental, de sua memória psíquica, pois, se é

verdade que tudo se inscreve na memória psíquica, o que volta do passado é, em parte, o que compõe a tomada da foto, o ‘isso-foi’ para o *operator*” (LIMA, 2004, p. 5).

Essas colocações de Lima precisam, contudo, ser relativizadas. Barthes (1984) apresenta o conceito de *punctum* no processo de interpretação/leitura de uma imagem, de uma representação/ realidade segunda.

Não entendemos, como Lima, a existência de *punctum operator*; a essência da paternidade da imagem não lhe confere o estatuto de *punctum*. Além disso, são instâncias diferentes; o fotógrafo tem, de forma mais próxima ou não, contato com o referente por intermédio do visor, pela observação; sua memória não é construída, pois, com base nos mesmos aspectos da memória do protagonista, no caso de fotografia de pessoas, que é verdadeiramente quem tem a experiência, quem está ligado ao “isso foi”, quem participa da realidade primeira. O *spectator* encontra-se diante da imagem, seu contato com o “isso foi” se dá pela via da representação e não da observação de uma dada realidade. É no processo de apreciação/leitura da fotografia que surge a possibilidade do *punctum*.

O repórter de imagem capta fotografias como frutos do acaso, muitas vezes, ainda, conta com a sorte do sistema automático da câmara, que dispara e produz em série uma sequência narrativa de imagens. Fotografias capturadas dessa forma, sem finalidades estéticas, dificilmente provocariam *punctum*. Por outro lado, o leitor da imagem jornalística realiza uma leitura rápida do jornal, uma leitura informativa. A imagem no jornal impresso é descartável como o próprio jornal. As fotografias veiculadas no interior de suportes jornalísticas são, conforme Barthes (1984), unárias e não provocam *punctum*.

Buitoni (2011, p. 6-7) destaca que, embora a época atual seja marcada pela presença das imagens, as fotografias de grande qualidade estética e/ou informativas são

relativamente poucas. No jornalismo, a pressão do tempo prejudica a qualidade das imagens que são postas em circulação e no webjornalismo o espaço é ainda um fator determinante, porque fotografias pequenas demais não conseguem trazer muita informação, funcionam praticamente como *links* para os textos verbais.

Para a autora brasileira, um bom fotógrafo e/ou um consumidor consciente de imagens precisam desenvolver um “terceiro olho”, um conjunto de sensibilidade, de técnica e de repertório, visto que não há imagem inocente (BUITONI, 2011, p. 7).

Há que se considerar também que, na prática discursiva do fotojornalismo, o fotógrafo é apenas uma das partes da cadeia produtora de informações, pois muitas vezes não é ele quem decide qual imagem será publicada e quais manipulações serão necessárias para a imagem informar o que se objetiva colocar em circulação. No processo de publicação, as manipulações podem ser feitas pelo editor de fotografia e, muitas vezes, pelo diagramador ou editor de texto (BUITONI, 2011, p. 126).

Para Buitoni (2011), são muitas as etapas de produção de uma fotografia jornalística até a sua publicação. A imagem nasce antes do clique e, apesar de a fotografia instantânea ser muito valorizada pela imprensa em detrimento da imagem posada, não é “apenas o dedo e o olho do fotógrafo” que atuam nesse processo; mas a interpretação do momento conforme sua inteligência, cultura, visão de mundo é elementar para a produção de uma grande fotografia jornalística (BUITONI, 2011).

Sontag (2004, p. 89) destaca que, para a cultura ocidental, a fotografia é um instrumento de dois gumes, seja para produzir clichês, seja para oferecer percepções inéditas. No jornalismo, as fotografias mais valorizadas são aquelas que flagram a novidade, o pouco comum e oferecem grande carga informativa. Mas, dependendo da ideia que se quer fazer circular, o trivial também pode ser inédito desde que se firme

como a comprovação de uma informação que passou a ser corriqueira numa dada conjuntura social.

A fotografia jornalística é o resultado de uma série de fatores: a contribuição pessoal moldada pela cultura do fotógrafo, o motivo da produção da imagem, o conhecimento do tema a ser fotografado, a linha editorial da instituição que irá publicá-la, etc. Todos esses fatores incidem sobre o momento do clique, sobre o enquadramento – a escolha entre o que vai fazer parte da foto e o que será excluído –, que não é neutro. Pelo contrário, é decisivo para a produção de uma imagem que esteja a serviço de uma determinada ideia (BUITONI, 2011, p. 136, 141).

Kossoy (2009) defende que a representação fotográfica envolve múltiplas realidades, que são construídas tanto no processo de produção quanto de recepção da fotografia. Para ele, a conexão física entre fotografia e referente é condição inerente ao sistema de representação fotográfica, mas isso só é possível por meio de “um filtro cultural, estético e técnico, articulado no imaginário de seu criador” (KOSSOY, 2009, p.42).

Do ponto de vista da recepção da imagem, para Kossoy (2009, p. 44), estão subentendidos os mecanismos internos do processo de construção da interpretação,

[...] processo esse que se funda na evidência fotográfica e que é elaborado no imaginário dos receptores, em conformidade com seus repertórios pessoais culturais, seus conhecimentos, suas concepções ideológicas/estéticas, suas convicções morais, éticas, religiosas, seus interesses econômicos, profissionais, seus mitos.

Como as imagens são constitutivamente polissêmicas, as leituras são plurais e dependem de quem as lê. As próprias *imagens mentais preconcebidas* dos receptores atuam como filtros ideológicos, culturais, morais, etc. Assim, “o que rege o comportamento de cada um diante das imagens [...] está definitivamente vinculado ao seu repertório cultural particular” (KOSSOY, 2009, p. 44).

A fotografia tem, pois, o poder de acionar a imaginação receptiva para o interior de um mundo representado (tangível ou intangível), fixo enquanto registro documental do mundo físico, mas moldável em conformidade com as imagens mentais dos receptores. Assim, “a imagem fotográfica ultrapassa, na mente do receptor, o fato que representa” (KOSSOY, 2009, p. 46-47).

Diante dessa discussão, Kossoy aponta a existência de um mito consensual acerca de a fotografia ser uma espécie de “sinônimo” da realidade, lembrando que

[...] são constantes os equívocos conceituais que se comete na medida em que não se percebe que a fotografia é uma representação *elaborada cultural/estética/tecnicamente* e que, o índice e o ícone, inerentes ao registro fotográfico - embora diretamente ligados ao referente no contexto da realidade -, não podem ser compreendidos isoladamente, ou seja, desvinculados do processo de construção da representação. (KOSSOY, 2009, p. 134)

E, para interpretar essa “representação elaborada”, o autor propõe uma “desmontagem” do processo de construção operacionalizado pelo fotógrafo, na perspectiva de “ultrapassar o plano iconográfico: o outro lado da imagem, além do registro fotográfico” (KOSSOY, 2009). E isso só será possível “através da sensibilidade, do constante esforço de compreensão dos documentos e do conhecimento multidisciplinar do momento histórico fragmentariamente retratado” (KOSSOY, 2009, p.134). Assim, entende o autor ser possível “decifrar olhares e gestos, compreender o entorno, decifrar o ausente” e, por essa tentativa de descongelamento do documento, “devolver aos cenários e personagens sua *anima*, ainda que seja por um instante” (KOSSOY, 2009, p. 135).

Kossoy (2009) trata os processos de produção e de recepção da fotografia de um modo geral, sem especificar o *mídium* de circulação. Na esfera da atividade jornalística, as imagens (foto-notícia, foto-reportagem), em sua maioria, são difundidas no interior de um texto verbo-visual. E os aspectos condicionantes da leitura de imagem, apontados

por Kossoy (2009), tais como, repertório pessoal e cultural, concepções ideológicas/estéticas, convicções morais, éticas, religiosas, interesses econômicos, profissionais, mitos, estendem-se à leitura do texto verbo-visual.

No jornalismo, as fotografias publicadas em revistas e jornais impressos e na web são significadas pelos enunciadores institucionais que produzem sentidos conforme a ordem das convicções em pauta e também conforme os modos previstos de recepção e repercussão da(s) informação(ões) que noticiam.

A imagem fotográfica, na prática jornalística, tem grande poder informativo e, muitas vezes, possui o poder de impactar o leitor (causando emoções de indignação, desprezo, revolta) diante da realidade narrativizada pela instituição midiática.

Para Santos (2010), em pesquisa realizada sobre os discursos dos leitores publicados nas revistas *Veja* e *Carta Capital*, os leitores materializam novas formulações dos dizeres e sentidos construídos pelos jornalistas que são retomados e valorizados na edição seguinte do periódico. Os leitores enunciadores fazem uma abordagem do tema de forma semelhante à abordagem construída pelos jornalistas enunciadores, porque compartilham as mesmas concepções político-ideológicas e as materializam discursivamente regidos por uma grade semântica comum.

Há um pacto de leitura/interpretação entre enunciadores da instituição midiática e enunciatários (ou clientes) dos sentidos que são construídos no jornalismo acerca da política brasileira. Esse pacto, marcado ideologicamente, é materializado na prática discursiva das duas instâncias enunciativas porque estas partilham o mesmo sistema de restrições semânticas.

Para Gomes (2008, p. 36), há um acordo entre os participantes da comunicação midiática:

Apesar da variedade de recursos de concretização de conteúdos em imagens, desde os que permitem uma apreensão inteligível dos fatos

aos que colocam em funcionamento uma abordagem mais estética dos elementos visuais, pode-se dizer que há uma convenção, um acordo entre os participantes da comunicação midiática que rege o que é verossímil e aceitável em relação ao visível.

É nessa perspectiva que a autora postula a existência de modos diferentes de citar as imagens na esfera jornalística que variam conforme o perfil da instituição – de “grande imprensa” ou de publicações populares (GOMES, 2008). Por um lado, o leitor da chamada “grande imprensa” é um leitor “selecionado”; por outro, o leitor de publicações populares é considerado não “civilizado”, “inculto”. Assim, tanto as imagens quanto a linguagem verbal tendem a ser mais “refinadas”, mais cultas, sem “julgamentos parciais e envolvimento passionais” explícitos em instituições da “grande imprensa” (GOMES, 2008, p. 35).

O pacto de leitura entre os sujeitos do discurso jornalístico não se restringe ao estilo linguageiro, envolve, como já abordamos, posicionamentos político-ideológicos. A fotografia, com toda sua carga polissêmica, fica ainda mais vulnerável às possibilidades de ser percebida, aceitável e lida a partir de determinadas crenças, valores, ideologias. Para Kossoy (2009), as imagens sempre favorecem diferentes leituras para os diferentes receptores, o que dá margem às interpretações “convenientes”, caracterizadas por desconhecimento do momento histórico representado ou por engajamento a um dado modelo ideológico. O imaginário do receptor “reage diante das imagens visuais de acordo com [suas] concepções de vida, situação socioeconômica, ideologia, conceitos e pré-conceitos”, “o conteúdo das imagens visuais provoca impactos diferentes”, não sendo possível defender uma interpretação-padrão (KOSSOY, 2009, p. 45-46).

Por isso que, de um lado, o leitor da revista *Época* tende a significar e a aceitar as fotografias de Dilma Rousseff – a da capa e a estilizada, que citamos anteriormente – conforme o percurso de sentido proposto pela instituição, que coincide com a leitura na

qual acredita ou quer acreditar: Dilma guerrilheira e criminosa. De outro lado, o (e)leitor/usuário de uma camiseta que estampa a mesma fotografia estilizada, que circulou no interior da reportagem da revista, tende a interpretá-la como o proposto por esse circuito de distribuição da imagem: Dilma guerreira, valente, corajosa.

São, assim, as instituições de distribuição das fotografias que exercem, na contemporaneidade, a função de programar o receptor para determinado comportamento e isso, muitas vezes, passa despercebido porque a crítica fotográfica silencia-se em relação aos papéis das instituições (FLUSSER, 2011, p. 57).

No próximo item, refletimos sobre a relação entre a imagem e o texto verbal, com o objetivo de observar os modos de as instituições midiáticas “programarem” os leitores tendo em vista a concomitância ou não desses dois sistemas de significação.

2.4 Fotografia e texto verbal

Abordaremos neste item algumas questões acerca da relação entre fotografia e texto verbal na prática discursiva do jornalismo.

Para início da discussão, recorreremos ao filósofo tcheco:

A relação texto-imagem é fundamental para a compreensão da história do Ocidente. Na Idade Média, assume a forma de luta entre o cristianismo textual e o paganismo imaginístico; na Idade Moderna, luta entre a ciência textual e as ideologias imaginísticas. A luta, porém, é dialética. À medida que o cristianismo vai combatendo o paganismo, ele próprio vai absorvendo imagens e se paganizando; à medida que a ciência vai combatendo ideologias, vai ela própria absorvendo imagens e se ideologizando. Por que isso ocorre? Embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de *remagicizá-los*. Graças a tal dialética, imaginação e conceituação que mutuamente se negam, vão mutuamente se reforçando. As imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos, cada vez mais imaginativos. Atualmente o maior poder conceitual reside em certas imagens, e o maior poder imaginativo, em determinados textos da ciência exata. Deste modo, a hierarquia dos códigos vai se perturbando: embora os textos sejam metacódigo de imagens, determinadas imagens passam a ser metacódigo de textos. (FLUSSER, 2011, p. 25-26)

Vilém Flusser (2011) mostra como é inextricável a dialética relação entre os sistemas simbólicos verbais e imagéticos, chamando a atenção para a função que as imagens têm assumido na época atual, mesmo numa sociedade em que, segundo ele, a função da escrita é explicar imagens.

O filósofo mostra que, no século passado, a textolatria assumiu grandes proporções; indivíduos incapazes de “decifrar textos, não conseguindo reconstituir as imagens abstraídas [passam] a viver não mais para se servir dos textos, mas em função destes” (FLUSSER, 2011, p. 26). Sem as imagens que também constroem o significado dos conceitos, o discurso científico passa a ser composto de conceitos vazios. Diante da crise dos textos, onde eles não mais significam imagens, as explicações passam a ser supérfluas, e é nesse mundo absurdo da atualidade que surgem as imagens técnicas e, em primeiro lugar, as fotografias, que visam a ultrapassar a crise dos textos (FLUSSER, 2011, p. 26-27).

Flusser (2011) apresenta historicamente fatos acerca do surgimento de novos sistemas de representação que parecem encontrar seu espaço na crise do código anterior:

Os textos foram inventados, no segundo milênio a.C., a fim de *desmágicizarem* as imagens (embora seus inventores não se tenham dado conta disto). As fotografias foram inventadas, no século XIX, a fim de *remágicizarem* os textos (embora seus inventores não se tenham dado conta disto). A invenção das imagens técnicas é comparável, pois, quanto à sua importância histórica, à invenção da escrita. Textos foram inventados no momento de crise das imagens, a fim de ultrapassar o perigo da idolatria. Imagens técnicas foram inventadas no momento de crise dos textos, a fim de ultrapassar o perigo da textolatria. (FLUSSER, 2011, p. 33-34)

Desde o surgimento dos sistemas de comunicação (imagem e escrita), os estudiosos de cada época tendiam mais para uma compreensão via exclusão (ou uma expressão ou outra) do que para a conexão dos sistemas. Quando surgiu a fotografia, muitos disseram que seria o fim da pintura; diante do surgimento da internet

(webjornalismo), muitos disseram que seria o fim do livro, do texto/jornal impresso. Sabemos que isso não ocorreu nem tende a ocorrer (FLUSSER, 2011).

Mesmo com a concomitância de diversos sistemas representativos em um único meio/suporte/canal, o poder expressivo da imagem sempre gerou polêmicas.

Machado (1984) defende a autonomia da comunicação não verbal, considerando que a linguagem interiorizada não é composta apenas de palavras, mas também de todo um complexo de imagens, sons, movimentos, formas geométricas, sentimentos, cheiros, paladares, sensualismo. No entanto, a fisiologia humana proporciona a “facilidade” de exteriorização da palavra, pois qualquer indivíduo tem pulmões e cordas vocais; já os outros signos para serem exteriorizados dependem de outros meios de produção, tais como: tintas, pincel, instrumento musical, câmera fotográfica, etc., além o conhecimento para operar esses instrumentos e códigos.

Camargo (apud HOFFMANN, 2009) também se posiciona em favor da autonomia da imagem, concebendo-as como textos e não meras ilustrações dos textos verbais. O autor diz que as imagens não são isentas de significados, inocentes ou neutras, mas plenas de sentidos e, por isso, independente dos suportes ou veículos em que se encontrem, devem ser:

[...] tomadas, reconhecidas e entendidas como entidades autônomas, ou seja, como presenças significantes em si mesmas. Devem ser também vistas como manifestações capazes de produzirem sentido, independente de serem apoiadas em ditos verbais (como nas legendas), explicações ou descrições que aparecem nos suportes impressos ou digitais, como se fossem meras ilustrações desses textos [...]. A aparência figurativa de uma imagem é também uma estratégia de significação. Para entender uma imagem é preciso admitir não ser a semelhança ou dessemelhança que conta, mas o que ela demonstra nas suas relações com o conhecido ou o desconhecido, como as relações entre os elementos e qualidades que as constituem enquanto imagem, ou como elas estabelecem os diálogos com os outros discursos com os quais convive, sejam eles verbais, gestuais ou diagramáticos, encontrados em suas relações com o contexto existencial e na própria mídia. É a somatória de todos esses fatores e relações que faz com que as imagens signifiquem – e não a pura e simples aparência que elas revelam. (CAMARGO apud HOFFMANN, 2009)

Avaliza, portanto, a autonomia das imagens enquanto textos por considerá-las nas relações que podem ser estabelecidas com o conhecido ou o desconhecido, com os elementos e qualidades constitutivas das imagens e com os diálogos com os outros discursos com os quais convivem.

Acerca da imagem fotográfica veiculada em gêneros jornalísticos, Flusser (2011) trata os dois sistemas significantes como constitutivos do texto, mas lembra que, na atualidade, a fotografia exerce um papel que antes não exercia. O artigo é lido em função da fotografia, por intermédio dela:

Não é o artigo que ‘explica’ a fotografia, mas é a fotografia que ‘ilustra’ o artigo. Este só é texto no curioso sentido de ser pré-texto da fotografia. Tal inversão da relação ‘texto-imagem’ caracteriza a pós-indústria, fim de todo historicismo.

No curso da História, os textos explicavam as imagens, *demitizavam-nas*. Doravante, as imagens ilustram os textos, *remitizando-os*. Os capitéis românticos serviam aos textos bíblicos com o fim de *desmágicizá-los*. Os artigos de jornal servem às fotografias para serem *remagicizados*. No curso da História, as imagens eram subservientes, podia-se dispensá-las. Atualmente, os textos são subservientes e podem ser dispensados. (FLUSSER, 2011, p. 80-81)

O filósofo considera a imagem indispensável aos textos jornalísticos verbais, que carecem de *remagicização*; onipresente nas mais diversas práticas sociais que já não ocorrem sem serem fotografadas (FLUSSER, 2011). Para ele, não são as fotografias que exigem textos verbais, mas os textos verbais jornalísticos que exigem as fotografias para a construção dos sentidos que colocam em circulação (FLUSSER, 2011).

Para Buitoni (2011), na imprensa, a relação entre imagem e texto verbal sempre foi tensa. Ela defende que a “foto precisa de uma ancoragem verbal: o significado vem com a inserção em uma narrativa. Somente conseguimos situar a fotografia se há narrativa” (BUITONI, 2011, p.33). Portanto, não concebe a fotografia como autônoma no interior do discurso jornalístico, mas reconhece sua importância visual; a mídia, na

atualidade, apesar de utilizar o desenho, a pintura e a infografia, vale-se da “fotografia e as construções parafotográficas [como] os procedimentos técnico-expressivos mais determinantes do conteúdo visual da imprensa” (BUITONI, 2011, p. 50-53).

Sousa (2002, p. 9) diz que o fotojornalismo não é constituído apenas de fotografias e que os textos verbais são indispensáveis: “a fotografia é ontogenicamente incapaz de oferecer determinadas informações, daí que tenha de ser complementada com textos que orientem a construção de sentido para a mensagem”.

No fotojornalismo, a presença do verbalismo tanto pelas legendas quanto por demais textos visam a fornecer uma interpretação e direcionar o leitor para um percurso de sentido, aquele defendido pela instituição midiática. Uma imagem fotográfica pode gerar múltiplas possibilidades de leitura, mas, inserida nas páginas do jornalismo, essa carga polissêmica tende a ser incessantemente elidida. Buitoni (2011) reconhece a ação da mídia para limitar o sentido da fotografia:

A ambiguidade da imagem fotográfica tem sido um dos pontos mais discutidos, e não é à toa que legendas de diversos jornais e revistas contêm muito mais que informações indicativas de nome, lugar e tempo, “cercando” o leitor para um sentido único. A legenda dissolve a multiplicidade de significados da fotografia ou ainda a compreensão de uma fotografia dirigida pela legenda pode ser mais um esforço da mídia convencional para assegurar leituras únicas de um mesmo fenômeno. (BUITONI, 2011, p. 134)

Tradicionalmente, as fotografias jornalísticas aparecem acompanhadas de legendas. Conforme Buitoni, muitas instituições não se limitam a fornecer apenas as informações básicas para as legendas, fornecendo o percurso interpretativo ao qual deseja direcionar o leitor. Parece que muitas instituições jornalísticas exploram ao máximo essa possibilidade das legendas, subestimando a capacidade dos leitores e valendo-se da rapidez com que leem tais gêneros discursivos, com o intuito mesmo de “cercar” a interpretação da imagem para a unicidade que coloca em circulação. Com isso, recorreremos à indagação de Walter Benjamin sobre a possibilidade de a legenda

tornar-se a parte mais importante da fotografia, para reconhecemos o quanto podem ser perigosas as limitações interpretativas que o fotojornalismo atribui aos textos imagéticos.

Para Curcino (2007, p. 63), a fotografia, no texto editorial que se ocupa de questões da política nacional, “não se trata de um texto em si, em sua totalidade, mas de uma das modalidades de linguagem que [...] compõem o texto em sua totalidade”. A autora, diante de um gênero específico, o editorial, defende que a modalidade fotográfica é parte constitutiva do texto, portanto, significativa em sua totalidade textual.

Como vimos, alguns estudiosos dizem que as imagens são significantes em si mesmas, não necessitam de “ancoragem” verbal. Outros asseveram que as imagens, inseridas em gêneros jornalísticos, exigem textos verbais para oferecerem certas informações. Outros a concebem como parte constitutiva do texto verbo-visual. Há ainda os que chamam a atenção para o poder que os elementos verbais possuem ou podem possuir na construção de percursos interpretativos.

De nossa parte, considerando, de modo geral, gêneros que circulam na esfera da atividade jornalística, reconhecemos a necessidade de relativizar a questão que propomos inicialmente sobre o fato de a fotografia exigir ou não o texto verbal.

Os textos no domínio do jornalismo são, predominantemente, produzidos pela conjugação das duas modalidades da linguagem: a verbal e a imagética. Entendemos, no entanto, que essas duas modalidades podem ser dissociáveis, materializando-se em textos exclusivamente verbais e em textos imagéticos.

Embora a primeira situação seja a mais frequente, há a possibilidade de a fotografia jornalística constituir-se texto em si mesma, principalmente se considerarmos que o leitor de textos jornalísticos que tratam de política é um leitor que tem

conhecimento dos acontecimentos que estão em pauta na mídia. A fotografia, conforme diz Camargo, significa numa rede de relações de conhecimentos e de diálogos com outros textos.

As imagens do rosto de Dilma Rousseff na fotografia de capa e na fotografia estilizada da revista *Época*, por exemplo, adquiriram autonomia em relação ao verbal. Isso foi possível porque, desde antes de sua veiculação na capa da revista, a máquina midiática brasileira já estava citando essa fotografia no interior de uma ficha policial:

The image shows a false police file card for Dilma Rousseff. The card is divided into two sections. The top section contains personal information and a photograph. The bottom section contains a list of activities and arrests.

L I N H A R E S		TERRORISTA/ASSALTANTE DE BANCOS	
Sobrenome		Número do artigo 00237	
DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES		ESTELA	
Nome		Alcunha	
		POLEGAR DIREITO	
Outros nomes: LUIZA; PATRICIA; VANDA			
Assinaturas:			
Filiação: Pedro Rousseff e Dilma Rousseff			
Endereço: Av. João Pinheiro, 85 apto. 1001			
Naturalidade: Belo Horizonte - MG		Data Nasc: 14/12/47	
Profissão: Desconhecida		Est. civil: Casada (Lobato?)	
Atividade:			
1967 - militante da Política Operária (POLOP), MG			
06/10/68 - assalto ao BANESPA, Rua Iguatemi, NCR8 80 mil.			
12/10/68 - planejamento assassinato Cap. Charles R. Chandler (?)			
11/12/68 - assalto à casa de Armas Diana, R. do Seminário, 48 armas			
27/04/69 - Comendo de Libertação Nacional (COLINA)			
24/01/69 - Assalto ao 40 RI Quitauna, Osasco - SP: 63 FAL, 3 INA, 4 cunhetes munição			
18/07/69 - Assalto casa Gov. Ademar de Barros			
01/08/68 - assalto ao Banco Mercantil de São Paulo			
22/09/69 - Congresso VAR Palmares (Teretópolis)			
20/09/69 - assalto ao quartel da Força Pública, Barro Branco (cont.)			

Figura 03

Fonte: Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de-campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 27 abr. 2013



Figura 04

Fonte: Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp05042009.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

De acordo com André Lopes⁴⁰, essa ficha policial é falsa. Ela foi publicada no jornal *Folha de S. Paulo*, em 05 de abril de 2009, mas “essa falsificação circula pelo menos desde 30 de novembro do ano passado [2008] na internet, postada no *site* www.ternuma.com.br⁴¹”. Dilma Rousseff diz, em carta enviada ao jornal *Folha de S. Paulo*, que os assaltos e ações armadas que constam na ficha ela nunca cometeu e nunca respondeu juridicamente por eles.

Seja por meio de documentos falsificados ou não, a mídia tornou conhecida a história dessa fotografia. Acontecimentos históricos dos anos de 1970 acerca do

⁴⁰ André Borges Lopes é bacharel em História pela USP, consultor especializado em tecnologia de artes gráficas e professor no curso superior de Fotografia do Centro Universitário Senac. Ele aponta sete erros na ficha. Disponível em: <http://idiarte.files.wordpress.com/2010/08/fichafalsa.pdf>. Acesso em: 27 abr 2013.

⁴¹ É uma transcrição de parte de um texto atribuído a Dilma Rousseff e enviado para o *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* em resposta e denúncia da ficha falsa, conforme: <<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u556855.shtml>>. Acesso em: 27 abr 2013.

envolvimento da então ministra da Casa Civil contra a ditadura militar são retomados pela mídia brasileira.

Nesse texto (Figura 03), a imagem do rosto que consta na fotografia 3x4 parece ser uma reprodução da fotografia original⁴². As manipulações – ou fraudes – ocorreram, em grande parte, no plano verbal. Produziram informações verbais, tais como: “terrorista/assaltante de bancos”; “assalto ao 4 RI Quitauna Osasco -SP”; “assalto casa do Gov. Adhemar de Barros”; “assalto ao Banco Mercantil de São Paulo”, apresentadas no interior do gênero documento oficial, provavelmente fraudulento, para direcionar os sentidos da fotografia.

No jornal *Folha de S. Paulo* (Figura 04), além dessas informações contidas no “documento falso”, os textos verbais produzidos pela instituição enquadram o sentido atribuído à imagem que pode ser sintetizado no título do texto de capa: “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto”.

O jornal *Folha de S. Paulo* fez uma retratação no dia 25 de abril de 2009 no texto intitulado “Autenticidade de ficha de Dilma não é provada”, do qual destacamos:

O primeiro erro foi afirmar na Primeira Página que a origem da ficha era o “arquivo [do] DOPS”. Na verdade, o jornal recebeu a imagem por e-mail. O segundo erro foi tratar como autêntica uma ficha cuja autenticidade, pelas informações hoje disponíveis, não pode ser assegurada – bem como não pode ser descartada.⁴³

Mesmo com a retratação da instituição, os discursos que emergiram por conta do episódio – ou erro – do jornal inserem-se na rede interdiscursiva que questionam a objetividade e imparcialidade do jornalismo, conforme discutimos no item 2.2.

A fotografia 3x4 e a imagem estilizada do rosto de Dilma Rousseff adquiriram autonomia discursiva, porque, em conjunção com a modalidade verbal, a mídia tornou o

⁴²Consideramos como original a cópia da fotografia publicada no livro *A vida quer é coragem*, cuja fonte indicada é o acervo pessoal de Dilma Rousseff.

⁴³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u556855.shtml>>. Acesso em: 27 abr.2013.

acontecimento histórico conhecido dos brasileiros. Essa autonomia em relação ao verbal deve-se ao fato de sua recorrente circulação na mídia numa época que antecedia as eleições presidenciais. Todavia, sem o enquadre verbal, é o suporte de circulação o responsável pelo enquadramento, atribuindo à imagem um ou outro percurso de sentido. Belting (2004, p. 30) diz que é o médium-suporte que confere às imagens “uma superfície, ao mesmo tempo que lhes dota de uma significação e de uma possibilidade efetiva de serem percebidas”.

Consideramos que o texto verbal e o texto imagético podem ser autônomos um em relação ao outro. Por outro lado, entendemos que essas duas modalidades dependentes/conjugadas tendem a elevar o grau de informatividade dos gêneros jornalísticos. E, desse modo, é o leitor quem sai ganhando por intermédio dessa “ponte” que o liga aos fatos. Seja para questionar, seja para aceitar, seja para ler conforme o enquadramento interpretativo que lhe é proposto.

2.5 Rosto e fotografia

Neste último item do capítulo, discutimos questões referentes ao rosto enquanto objeto discursivo, levando em conta o livro de Courtine e Haroche, publicado em 1988, *História do rosto*; traremos também algumas notas sobre a fotografia do rosto, de acordo com Barthes (1984) e Kossoy (2009), e algumas considerações de Maingueneau (2014a) sobre a fotografia do rosto na mídia contemporânea.

Barthes (1984, p. 153-159) diferencia a fotografia de seres da fotografia de coisas. Para ele, mais penetrante que a semelhança, a fotografia do rosto, às vezes, faz aparecer algo não perceptível diante do rosto real:

[...] um traço genético, o pedaço de si mesmo ou de um parente que vem de um ascendente [...]. A Fotografia engendra um pouco de verdade, com a condição de retalhar o corpo. Mas essa verdade não é a do indivíduo, que permanece irreduzível; é a da linguagem. (BARTHES, 1984, p. 153)

Barthes (1984) fala da fotografia sem manipulação posterior ao clique, a fotografia que congela um instante, “fina fatia do tempo e do espaço”, que proporciona, pela realidade da imagem fixa, uma realidade não acessível diante do rosto real em movimento.

Para Barthes (1984, p. 159-161), a fotografia do rosto oferece a “essência” humana, “para além de uma simples semelhança, civil ou hereditária”. Essa “essência” é algo indizível, que o autor denomina *ar*. Para ele, o *ar* não é um dado esquemático, não é analogia, mas “essa coisa exorbitante que induz do corpo à alma – *animula*, pequena alma individual”, “é como que o suplemento intratável da identidade, o que é dado graciosamente, despojado de qualquer ‘importância’: o *ar* exprime o sujeito na medida em que ele não se dá importância”, talvez algo de moral que traz para o rosto o reflexo de um valor de vida (BARTHES, 1984, p.160).

Possivelmente, Barthes (1984) entende que a fotografia do rosto diz mais do que o “real”, o mundo físico, o sujeito empírico. Para ele, a imagem fotográfica diz o que o “espelho” não consegue refletir. Até que ponto uma imagem fotográfica do rosto revela algo além do exterior? A alma, o caráter, as emoções e os sentimentos podem estar materializados numa imagem “congelada”? (BARTHES, 1984).

Kossoy (2009) assume uma posição diferente da de Barthes. Para ele, toda fotografia se refere ao passado e as sensações e emoções ficam registradas no íntimo do indivíduo sob a forma de impressões. Ele diz que “[a] fotografia, obviamente, não guarda essas impressões – elas situam-se ao nível do invisível, além da imagem. São as

emoções que não podem ser gravadas materialmente, residem em nosso ser e só a nós pertencem” (KOSSOY, 2009, p. 137).

Essas colocações de Barthes (1984) e Kossoy (2009), de certa forma, exemplificam o que Courtine e Haroche (1988) dizem sobre a construção histórica e cultural das percepções do rosto/da imagem e suas mutações ao longo dos tempos e das culturas. A concepção de que a fotografia dá acesso ao interior do indivíduo é muito difundida na atualidade, todavia sua origem remonta à época em que traços físicos estáticos eram reconhecidos como índices de caráter.

Courtine e Haroche (1988) olham para o rosto no percurso do século XVI até o início do século XIX, visto que assentam o denominado paradigma da expressão no século XVI e, paradoxalmente, abordam as “necessidades” de controlar as paixões e a expressão, apontando para a constituição do “indivíduo moderno”. É, assim, num movimento paradoxal que incita, simultaneamente, a “dever exprimir-se” e a “dever calar-se”, que os autores pavimentam o itinerário arquitetado e balizado por vastas fontes diacrônicas de textos verbais e visuais (COURTINE; HAROCHE, 1988).

Focalizando, em primeiro lugar, “uma história do emergir da expressão, desta sensibilidade crescente, desta atenção mais exigente incidindo sobre a expressão do rosto como sinal da identidade individual, a partir do século XVI”, os autores privilegiam a tradição fisiognômica (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 12).

Não só os tratados de fisiognomia, mas os manuais de retórica, os livros de civismo e a arte de conversação, do século XVI ao século XVIII, lembram discursos em torno da afirmação “o rosto fala” ou “o indivíduo exprime-se pelo rosto” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 7-8). Discursos que se repetem incessantemente e que ganham, em distintos campos teóricos, novos contornos marcados por um vínculo intrínseco entre o sujeito, a linguagem e o rosto.

Nos tratados de fisiognomonia, o conhecimento e domínio de si próprio são princípios essenciais que vão, de certa forma, privilegiar a expressão do homem por inteiro e não apenas pela palavra. Trata-se do corpo como “verbo”, como “expressão”, “como intérprete do pensamento, linguagem natural da alma: é, como nos diz Cureau⁴⁴, “toda alma derramada no exterior”” (apud COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 26). Segundo os autores da obra *História do Rosto*, denomina-se, assim, “paradigma da expressão” a esse “processo pelo qual a linguagem vai pouco a pouco passar a ser a medida de todas as coisas, dar sentido aos comportamentos, penetrar profundamente a interioridade subjetiva e fazer do corpo o lugar expressivo de uma voz íntima” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 27).

Todavia, destacam ainda Courtine e Haroche (1988, p. 27), essa perspectiva da expressão, durante a idade clássica, apresenta aspectos paradoxais: responde, por um lado, a um desejo de transparência política e social que se manifesta nos tratados de fisiognomonia e, por outro, na codificação das condutas por meio dos manuais de civilidade.

Com o avanço do racionalismo científico na segunda metade do século XVII, a fisiognomonia, até então ligada ao pensamento divinatório e à astrologia, fica desacreditada. Mas, pela via da antropologia, ciência “que estabelece a relação do homem físico e do homem moral”, ela “volta a florescer no fim dos anos 1760, tanto como ‘teoria’ como prática” e, assim, ocorre a “curiosa ressurreição de uma disciplina de que a ciência havia pronunciado a condenação e anunciado a morte” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 93).

Por ser o final do século XVIII dominado pelas ideias científicas, a fisiognomonia, a partir de então, passa a ser marcada por uma tensão que se constitui, de

⁴⁴Cureau de la Chambre é uma figura emblemática na corte de Luís XVI, porque além de médico, artesão e fisionomista, exercia função divinatória (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 24-25).

um lado, pelo aumento da racionalidade científica e, de outro, pelo refúgio do irracionalismo. Jogando, pois, com a razão e com o sentimento, observam o rosto orgânico e exaltam o rosto expressivo (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 95).

Curcino (2006, p. 165) destaca, com base na leitura de Courtine e Haroche (1988), que, na Idade Média sobretudo, a estaticidade do rosto e de suas expressões era o princípio analítico – uma espécie de morfologia baseada na observação de marcas de nascença, cicatrizes, rugas, etc. – a partir do qual se caracterizava não apenas o próprio indivíduo, mas também se podia prever seu destino. Posteriormente, rompe-se com essa concepção estática da expressão e os estudos fisionômicos se voltam para o movimento do rosto, tomando-o como signo. Passa-se, assim, de uma influência da astrologia para uma influência da medicina e da anatomia. O que prevalece é a ideia:

O rosto é movimento. O século XVIII prolonga esta concepção surgida no século XVII e vai dar-lhe uma amplidão e uma intensidade novas: se a expressão continua a ser movimento do rosto, acentuar-se-á mais a sua vivacidade, a sua energia. Desenvolve-se assim, na segunda metade do século XVIII, uma estética da mímica e do rosto como gesto facial. (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 108)

Essa mudança de concepção que valoriza o movimento do rosto ou ainda o modo como o rosto manifesta publicamente as paixões do sujeito revela “*a emergência de uma nova individualidade psicológica*, de um novo modo de conceber o indivíduo em sociedade e da concepção do próprio indivíduo por ele mesmo, fundamentando o então *humanismo renascente*” (CURCINO, 2006, p. 166).

E, assim, pelo processo do “individualismo de costumes” – que transformou a identidade individual e reconfigurou, de modo paradoxal, os comportamentos da ordem do público e do privado –, afirma-se, por um lado, o domínio do indivíduo “indissociável da expressão singular do seu rosto, tradução corporal do seu eu íntimo. Mas por outro lado este mesmo movimento que o incita a exprimir-se, ordena-lhe ao

mesmo tempo que se apague, que mascare esse rosto, que encubra essa expressão” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 8).

Para os autores da obra *História do rosto*, esse processo paradoxal da individualização e também socialização da expressão explica não só o percurso que traçaram, mas ainda a própria constituição do indivíduo moderno; uma vez que incita à expressão da interioridade, à manifestação dos sentimentos e, concomitantemente, “volta o rosto ao silêncio, relativo ou profundo, da inexpressividade” (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 226).

Com o surgimento da fotografia e com os grandes avanços tecnológicos, as percepções do rosto se alteram significativamente. É possível fixar, a partir do século XIX, a instantaneidade da expressão e, mais do que nunca, capta-se o movimento. As ciências fazem uso da fotografia para identificar caracteres, e a justiça e as novas técnicas de investigação e julgamento dos indivíduos também se valem dela. O rosto, esse “lugar mais íntimo e mais exterior do indivíduo”, é agora registrado em seus mínimos detalhes (COURTINE; HAROCHE, 1988, p. 225-226).

Courtine e Haroche tratam da história do rosto até início do século XIX, por isso pouco se referem à representação fotográfica. Também não tratam da imagem do rosto na imprensa. Todavia o arcabouço teórico que apresentam nessa obra é imprescindível para desenvolvermos nossa pesquisa e constitui um dos elementos básicos que alicerçam nosso trabalho.

Maingueneau (2014) traz contribuições acerca da fotografia na imprensa. Para esse autor, o rosto é frequentemente associado a aforizações porque é a parte do corpo que possibilita a identificação do indivíduo como distinto de outros, além de concentrar a sede do pensamento e da fala, por conta das partes físicas que o compõem.

Para o linguista francês, a fotografia na mídia tem o papel de autenticar uma aforização do locutor como sendo sua fala e, nesse caso, o foco da imagem é mesmo o rosto e o olhar do protagonista/referente. Quando a imagem mostra o rosto e as mãos, implica-se mais diretamente a presença do alocutário. De qualquer modo, é o olhar – acompanhado de gestos ou não – que estabelece uma interação com o alocutário.

Além da função de autenticar, Maingueneau (2014a, p. 46) reconhece a foto do rosto como produto de um destacamento que exclui elementos do contexto, tais como vestimenta, local, momento e outras partes do corpo do indivíduo.

A mídia vale-se de dois modos de apresentar a fotografia do rosto: de forma fortemente contextualizada, quando mostra o cenário no qual a fotografia foi capturada, e de forma menos contextualizada ou até descontextualizada, quando coloca o protagonista da imagem contra um fundo neutro (MAINGUENEAU, 2014).

A fotografia 3x4 do rosto de Dilma Rousseff apresentada na capa da revista *Época* (Figura 01) é pouco contextualizada, porque as imagens das mãos e do número são cortadas; mas, mesmo assim, é altamente informativa. Nesse caso, o gênero ficha policial, no qual a imagem foi inserida e/ou colocada em circulação, também contextualiza a foto.

Conforme Suwwan (2010), o rosto dessa fotografia “mostra uma jovem abatida e desgrenhada, presa pela repressão aos 22 anos”. O olhar expressa tristeza, apesar de o reflexo dos óculos dificultar a visibilidade.



Figura 05

Fonte: Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff>. Acesso em: 22/07/2012.

Na fotografia da capa da revista, o editor de arte, Marcos Marques “melhor[ou] o máximo a qualidade [...], mantendo a originalidade”⁴⁵. Uma manipulação, contudo, que alterou os sentidos da imagem, pois o reflexo dos óculos sobre o olhar dificultando a interação com o leitor produz efeitos de sentidos mais próximos do contexto histórico de uma prisão por crime político. Em outras palavras, os óculos tendem a esconder a face da prisioneira, tolhendo as possibilidades de identificação e singularização.

A expressão dessa fotografia não se restringe ao rosto, o movimento; como afirmam Courtine e Haroche (1988), é um signo. Além da fotografia, que é a modalidade da linguagem mais forte no contexto policial/judicial quando o objetivo é identificar e singularizar o indivíduo, há fichas de identificação de Dilma Rousseff que constam nos arquivos dos documentos oficiais da ditadura no Arquivo do Estado de São Paulo que buscam, verbalmente e por meio de digitais, identificar a prisioneira⁴⁶. No registro geral da Polícia do Estado de São Paulo/Departamento de Ordem Política e Social (Anexo 01), datado de 11 de fevereiro de 1970 e com a assinatura do

⁴⁵Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>. Acesso em: 22/07/2012.

⁴⁶Documentos que conseguimos em visita e pesquisa ao Arquivo de São Paulo em setembro de 2011.

identificando Dilma Vana Rousseff Linhares, há espaço para, se houver, colocar a fotografia. Esse espaço está vazio. Há imagens de impressões digitais da mão direita e caracteres cromáticos – “cútis morena”; “cabelos casts.”; “sobrancelhas casts.”; “olhos casts” ; e a “estatura 1,70”.

Em outro documento (Anexo 02), datado de 30 de janeiro de 1970 e também com a assinatura da identificada, há digitais das mãos direita e esquerda e caracterizações da cútis (branca), dos olhos (castanhos), dos cabelos (pretos), do tipo de cabelo (ondulado), da altura (1,60-1,70) e da compleição (médio).

Essas caracterizações apresentadas nos dois documentos que citamos referem-se ao físico da identificada, não dizem totalmente o que a fotografia diz. A fotografia 3x4 (Figuras 01, 03, 04, 05) pertence a outro documento policial, o qual não localizamos no Arquivo do Estado de São Paulo porque, provavelmente, conforme nos disseram os funcionários do Arquivo, parte dos documentos do Dops havia sido apreendida oficialmente pelo Governo Federal.

Essa fotografia, capturada no início de 1970 e nesse contexto histórico, mostra as características físicas da “identificada na Polícia do Estado de São Paulo” e mostra também, de acordo com Barthes (1984), uma verdade que não é a do indivíduo, mas da linguagem, e ainda, de acordo com Courtine e Haroche (1988), expressões do interior e dos sentimentos da protagonista da imagem.

As instituições midiáticas brasileiras valem-se desse rosto que fala num momento difícil do passado – há exatos 40 anos – atribuindo-lhe verbalmente um efeito de referencialidade que simula uma verdade: “o passado que ela [Dilma Rousseff] não gosta de lembrar”; “seu papel na luta armada”; “Grupo de Dilma planejou sequestro de Delfim Netto”. Tal imagem fotográfica fala, portanto, na prática discursiva de cunho jornalístico, conforme o percurso interpretativo proposto pela instituição.

Na fotografia estilizada (Figura 02), as expressões faciais são alteradas, mas a referencialidade ao fato histórico e ao contexto permanece, reforçado pelo fundo vermelho. Para Suwwan (2010), a versão estilizada da fotografia “mostra a mesma jovem, desta vez bem delineada e carregada de tinta vermelha, destacando um olhar fixo, quase impetuoso”. O olhar firme e o rosto menos arredondado sugerem uma mulher com mais idade, um efeito de sentido de mais maturidade e mais coragem.

Conforme Curcino:

As práticas de escrita midiática [...] inscrevem essas representações do rosto e da fotografia, em sua própria escrita. É porque pressupõem que seus leitores compartilham dessas mesmas representações, que delas se valem em sua escrita, exploram-nas em sua potencialidade (2006, p. 167)

Do ponto de vista da Análise do Discurso, o “rosto fala” muito mais do que se pode imaginar e a imagem do rosto, conforme tentaremos mostrar, mais acuradamente, no próximo capítulo, não só fala, mas é falada. Defendemos que, na mídia jornalística, é a instituição que fala o que o rosto da fotografia que coloca em circulação deve falar, é ela que conduz o leitor a um percurso de sentido para a imagem fotográfica. Nessa perspectiva trabalhamos, no capítulo a seguir, com nosso *corpus* de análise, explorando questões acerca da fotografia na mídia e, metodologicamente, movidos por narrativas de acontecimentos e os percursos de circulação de imagens e sentidos.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA DE UM ROSTO NA MÍDIA: DILMA ROUSSEFF, CANDIDATA E PRESIDENTE

ORFANDADE

*Meu Deus,
me dá cinco anos.
Me dá um pé de fedegoso com formiga preta,
me dá um Natal e sua véspera,
o rressonar das pessoas no quartinho.
Me dá a negrinha Fia pra eu brincar,
me dá uma noite pra eu dormir com minha mãe.
Me dá minha mãe, alegria sã e medo remediável,
me dá a mão, me cura de ser grande,
Ó meu Deus, me pai,
meu pai.*

Adélia Prado, Bagagem, 1976.

Neste capítulo, procuramos possíveis respostas para a questão que tem direcionado nossa pesquisa, analisando, via percursos de circulação pelo campo da mídia jornalística, imagens fotográficas do rosto do ator político Dilma Rousseff.

Para lermos nosso arquivo e organizarmos nosso *corpus*, como já esclarecemos na introdução desta tese, recorreremos à noção de *narrativa de acontecimento*, proposta por Guilhaumou (2009), e à unidade de análise não tópica *percursos*, apresentada por Maingueneau (2008), as quais consideramos adequadas e operacionais para nossa análise. Pelo conceito de *narrativa de acontecimento*, recorreremos à noção de “intriga” não só como porta de entrada metodológica, mas ainda como princípio de sustentação teórica, visto que o acontecimento configurado pela “intriga” não está preso ao universo discursivo, mas livre diante de infinitas possibilidades de sentido (CARVALHO; LAGE, 2012, p. 15). Pela perspectiva da unidade não tópica *percursos* (MAINGUENEAU, 2008), mobilizamos diversos *mídiuns* e, pautados sobre materiais textuais que selecionamos tendo em vista a visibilidade dada pela mídia jornalística a determinados temas, observamos processos de produção e de circulação de significações dos “já-(re)ditos e (re)tomados” a partir da interdiscursividade.

Pela leitura de nosso arquivo, percebemos a existência de três “intrigas” a partir das quais as instituições jornalísticas constroem suas narrativas, produzindo e colocando em circulação sentidos contraditórios. São elas: 1) a proximidade entre Lula e Dilma Rousseff, 2) a participação de Dilma Rousseff contra a ditadura militar e 3) o perfil de liderança de Dilma Rousseff nos cargos públicos em que atuou. Conforme já mencionamos na introdução, foi preciso recortar nosso espaço investigativo e, por isso, constituímos nosso *corpus* e desenvolvemos nossa pesquisa a partir da narrativa que trata da proximidade entre Lula e Dilma Rousseff.

Trabalhar “intriga”, na perspectiva de Guilhaumou (2009), não significa reduzi-la a si mesma, mas considerá-la como *mise en intrigue*, ou seja, conforme Carvalho e Lage (2012, p. 210), significa olhar a operação e não apenas para a estrutura. E a *mise en intrigue* é associada ao conceito de trajeto temático e por isso envolve “múltiplas redes de enunciados, articulados cronologicamente em torno de atos que configuram” e reconfiguram os acontecimentos (GUILHAUMOU, 2009, p. 127-128).

De certa forma, tomamos a intriga que envolve a proximidade entre Lula e Dilma Rousseff no interior de um trajeto discursivo, observando as narrativas de acontecimento enquanto operação. E associamos também essa proposta de Guilhaumou à primazia da interdiscursividade postulada por Maingueneau. Com base nesse movimento teórico-metodológico, constatamos que as narrativas que tratam da relação política entre Lula e Dilma Rousseff inserem-se numa relação de polêmica discursiva e engendram percursos deônticos de interpretação distintos que se materializam conforme os filtros dos posicionamentos discursivos das instituições jornalísticas.

Os filtros referem-se aos operadores de individuação definidos pelo sistema de restrições semânticas que fixam critérios distintivos dos textos possíveis como pertencendo a uma ou outra formação discursiva (MAINGUENEAU, 2007b). Na nossa pesquisa, tais filtros marcam o pertencimento a um dado percurso interpretativo.

Observamos, assim, dois discursos que narram diferentemente os acontecimentos. Tais discursos engendram percursos⁴⁷ interpretativos que se materializam verbo-imageticamente numa relação de oposição. Constatamos, assim, no interior da *mise en intrigue*, os percursos de sentido que se manifestam pela contradição e que nomeamos: Dilma marionete *versus* Dilma competente/autônoma. Diante da constatação dessa polêmica narrativa, trabalhamos com nosso material de pesquisa

⁴⁷ O termo percursos utilizado aqui não se refere à unidade não tópica. Refere-se a sentido de leitura, refere-se à modalidade deôntica proposta por Maingueneau (2010) diante de um trabalho de interpretação.

tendo em vista as narrativas individuais (de cada instituição midiática) que se entrecruzam com narrativas coletivas e distintas. Todas as narrativas são condicionadas por “princípios reguladores – históricos, conjunturais –, ou seja, não se pode retomar tudo de qualquer maneira, tampouco em qualquer conjuntura e/ou a qualquer momento histórico, visto que tais princípios condicionam também aquilo que pode e deve entrar na ordem do (re)dizível enquanto debate no espaço público” (BARONAS; PONSONI, 2013).

Conforme os autores citados, o:

[...] (re)dizível se apresenta sempre enquanto percurso deôntico de interpretação, isto é, a comunicação política ao dizer X traz incrustado nesse X um Y (ou ‘Ys’ compatíveis com a inscrição histórica do ‘locutor’ de X) como percurso interpretativo e que seria outras possibilidades de significação dos já-(re)ditos e (re)tomados para as muitas vozes dos locutores darem vazão aos sentidos. (BARONAS; PONSONI 2013, p. 413-431)

Pautados nessa concepção de que as práticas de (re)tomada de textos no campo político materializarem-se enquanto percursos deônticos de interpretação, a partir do próximo item, analisamos, a partir do interior do interdiscurso, imagens do rosto de Dilma Rousseff, publicadas em narrativas midiáticas que abordam sua relação política com Lula.

3.1 Narrativas sobre a relação entre Dilma Rousseff e Lula

Desde os primeiros comentários sobre a possibilidade da candidatura de Dilma Rousseff à Presidência da República, nas eleições de 2010, lançada pelo Partido dos Trabalhadores (PT), a mídia jornalística passou a olhar mais acuradamente para a então Ministra Chefe da Casa Civil, com destaques, de um lado, voltados à sua vida pessoal e, de outro, à possível imagem de uma candidata ao mais alto cargo político de um país.

Dentre os discursos que circularam desde essa época, a relação da Ministra Chefe da Casa Civil com o então Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva provavelmente foi um dos temas mais presentes na mídia jornalística, tema que circula até os dias atuais, quando Dilma Rousseff ocupa o cargo de Presidente do Brasil, em seu segundo mandato, e Lula encontra-se na condição de ex-presidente.

Observamos que, desde as primeiras especulações sobre a possível candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) ser Dilma Rousseff, a proximidade entre ela e Lula tem sido discursivizada de modos distintos por diversas instituições midiáticas. A imagem do rosto de Dilma Rousseff no interior dessas narrativas, por conjunto, também é apresentada diferentemente.

Um rosto que fala, que expressa e cala emoções é, no discurso da mídia, falado conforme o percurso de sentido que está em construção. Esse nosso pressuposto, de que o rosto não fala, mas é falado pela mídia ou traduzido de acordo com o quadro de um sistema de restrições semânticas, provocou um trabalho analítico que apresentamos neste capítulo.

A nossa trajetória em busca de dados para comprovar ou refutar essa questão, trouxe hipóteses que julgamos relacionadas. Pensamos que, diante do fato de o Governo Lula ter alta aprovação e Dilma Rousseff ser a candidata da situação, as instituições jornalísticas que se filiam a um posicionamento mais de centro-direita, representado pelo discurso da oposição, engendram e colocam em circulação textos verbo-visuais recheados por traços semânticos disfóricos acerca da relação política entre Lula e Dilma Rousseff. Já os discursos mais marcados pelos valores de centro-esquerda colocam em circulação textos verbo-visuais que tratam tal tema de forma eufórica. Dito de outra maneira, Dilma é caracterizada como inexperiente politicamente, como “cria” do Lula e totalmente dependente dele no discurso mais de centro-direita; em

contrapartida, para os discursos mais de centro-esquerda, Dilma é valorizada enquanto candidata que teve a oportunidade de participar de um Governo Federal com altos índices de aprovação e, por isso, tem experiência e competência política por ter trabalhado diretamente ao lado do Presidente.

Outra hipótese que emergiu, em meio ao nosso trabalho investigativo, trata de considerarmos que as instituições apagam a informação de que a fotografia não só é um discurso outro, mas também de que é uma imagem capturada numa situação específica de discurso que não equivale ao discurso que a instituição apresenta. Ou seja, embora a fotografia busque sustentar certa referencialidade em relação a determinado fato, pelo trabalho da mídia ela torna-se “arreferencial”, justamente, por, nas retomadas, prescindir da situação fonte da qual emergiu.

Tendo em vista nossas questões, nossos objetivos e nossas hipóteses de pesquisa, mobilizamos, num primeiro plano, as categorias analíticas da interdiscursividade, da polêmica como interincompreensão e do destacamento, com vistas a encontrar possíveis respostas para essa investigação. Ainda nessa empreitada, fizemos um levantamento de fotografias veiculadas em diferentes instituições que tematizam essa proximidade de Dilma e Lula.

Maingueneau (2007b), em sua pesquisa acerca da relação entre os discursos religiosos: humanista devoto e jansenista, trabalha analiticamente com uma relação polêmica, referendando um programa teórico-metodológico, do qual destacamos aqui a possibilidade de trabalhar com semas. O autor apresenta os semas organizados em duas classes: os que o discurso reivindica (semas “positivos”) e os que o discurso rejeita (semas “negativos”). A relação polêmica funda-se, assim, numa “dupla repartição: cada polo discursivo recusa o outro, como derivando de seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo” (p. 67).

Nossa pesquisa é concebida pela análise de discursos que se realizam pelo embate, discursos que emergem pela polêmica que é constitutiva de nosso espaço discursivo. Organizamos, então, as narrativas que tratam da proximidade entre Dilma Rousseff e Lula sob a perspectiva polêmica entre um posicionamento discursivo mais próximo dos valores de centro-direita e um posicionamento discursivo mais afinado com os valores de centro-esquerda.

Com base no nosso espaço discursivo, constatamos que o principal sema do posicionamento discursivo de centro-direita é /Dependência/, concretizado em muitos textos pela expressão verbal “criador e criatura” que também se materializa por elementos visuais presentes em fotografias, fotomontagens, charges, etc. Esse sema é rejeitado pelo posicionamento discursivo de centro-esquerda, já que tal discurso coloca em circulação sentidos acerca da relação entre Lula e Dilma Rousseff voltados para o sema /Parceria/. A narratividade materializada nos discursos da mídia jornalística acerca do acontecimento “proximidade de Lula e Dilma Rousseff” apresenta-se numa posição de contradição que engendra dois percursos interpretativos bem diferentes. Um significa Lula como “criador” e Dilma Rousseff como “criatura”, construindo sentidos disfóricos acerca da relação entre os dois e da competência e independência administrativa de Dilma. O outro percurso produz sentidos eufóricos acerca da relação Lula e Dilma, significando-a como uma relação de parceria⁴⁸.

Percebemos, ainda, no interior desses percursos de sentidos, quatro eixos semânticos materializados pela oposição que nos permitem defender a presença do percurso “criador e criatura”, percurso que coloca o ator político Dilma Rousseff como totalmente dependente do ex-presidente, e a presença do percurso “parceria”, que traz Dilma Rousseff como parceira de Lula e vice-versa. Os aspectos em oposição – que

⁴⁸ E, por conseguinte, de continuidade, visto que, à época da eleição, o discurso que circulava pela campanha da candidata versava sobre o governo da continuidade.

abordaremos individualmente – são: 1) semelhança entre Dilma e Lula *versus* diferença entre ambos; 2) Lula como sombra de Dilma *versus* Dilma com luz própria; 3) o movimento de ambos: Dilma como paciente *versus* Lula agente; e 4) a posição de ambos: Dilma atrás de Lula *versus* Dilma à frente.

Nos primeiros contatos com nossos dados, pensávamos que as fotografias que expressam a “dependência” de Dilma a Lula, por intermédio de imagens que retratam Lula sempre numa situação de comando e Dilma numa posição subalterna, tais como: a imagem de Dilma atrás da imagem de Lula, a fotografia de Dilma com reflexos da sombra de Lula, tivessem sido veiculadas somente nos suportes midiáticos de centro-direita. Mas, à medida que fomos interpretando cada vez mais detidamente o *corpus*, fomos percebendo que muitas fotografias publicadas em instituições que colocam em circulação sentidos mais compatíveis aos valores do posicionamento de centro-direita foram também (re)tomadas em textos cujos sentidos produzidos destacam valores político-ideológicos opostos. Mais à frente, analisaremos elementos verbais e visuais que não só sustentam a presença das mesmas imagens em posicionamentos discursivos contraditórios, como também apontam semelhanças e distinções que governam o uso de uma dada imagem no interior de uma grade semântica.

3.1.1 O percurso “criador e criatura”

Acerca da relação política entre Dilma Rousseff e Lula, narrativizada pela mídia durante os anos de 2010 e 2011, defendemos a existência de zonas de regularidades semânticas que se convergem em percursos deônticos de interpretação, nos quais Dilma é apresentada como “cria” de Lula.

Destacamos, em âmbito geral, algumas imagens fotográficas publicadas no início de 2010 pela revista *Veja*, quando o PT já havia assumido publicamente a candidatura de Dilma Rousseff, as quais materializam aspectos semânticos negativos quanto à proximidade entre Lula e Dilma, confirmando o percurso interpretativo “criador e criatura”, marcado pelo sema /Dependência/.

Logo no início de 2010, a revista *Veja* publica em sua edição de 06 de janeiro, na Seção Panorama Radar, a seguinte fotografia e legenda:

■ ELEIÇÕES 2010

Aprendiz de candidata

O professor Lula tem dado algumas lições de campanha a **Dilma Rousseff**. Recentemente, na antessala de um teatro onde os dois e mais algumas personalidades aguardavam a hora de subir ao palco de uma cerimônia de premiação, Lula sugeriu a Dilma que desse atenção ao garçom que lhe servia: “Ô Dilma, cumprimenta o menino que ele pode ser seu eleitor no ano que vem...”. Dilma, meio sem graça, fez o que o chefe mandou.



Hora de sorrir

Dilma: lições do professor Lula de como ser simpática com o eleitor

Figura 06 – (Fonte: VEJA, 06/01/2010)

Imagem fotográfica e legenda, acompanhadas do pequeno texto verbal intitulado “Aprendiz de candidata”, revelam que Dilma Rousseff não é simpática. A fotografia mostra Dilma Rousseff com o braço estendido, dedo indicador em riste, olhos bem abertos, sobrancelhas levantadas e a boca entreaberta que compele os músculos faciais. Essa imagem expressa um rosto um tanto “insofrito” e inseguro. Os sentidos construídos pela instituição midiática desvalorizam a candidata Dilma Rousseff não só pela falta de simpatia e necessidade de agora aprender a sorrir, como também por ser subordinada ao

presidente Luiz Inácio Lula da Silva, caracterizado como professor e chefe, a quem ela, aluna, obedece: “Dilma, meio sem graça, fez o que o chefe mandou”.

Na edição de 27 de janeiro de 2010, *Veja* publica, na página do Índice, uma fotografia em que aparecem Lula e Dilma Rouseff:



Figura 07 – (Fonte: *VEJA*, 27/01/2010)

Nessa imagem, Lula está numa posição de quem fala ao ouvido de Dilma, e ela, com a cabeça um pouco inclinada, na posição de quem o ouve⁴⁹. A imagem expressa o presidente sério e a ministra chefe da Casa Civil com um semi-sorriso perdido no rosto, olhos semiabertos, indicação de um estado de plena absorção do que lhe está sendo transmitido.

A mesma revista publica, no dia 17 de fevereiro de 2010, um texto intitulado “A tempestade FHC”, no qual coloca em destaque a frase “Dilma não é líder. É reflexo de um líder.” (VEJA, 17/02/2010, p. 46), atribuída ao ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Esse sentido é valorizado por *Veja* quando, na edição da semana seguinte, elabora, numa entrevista a Dilma Rouseff, a seguinte questão: “O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso definiu a senhora como uma lua política sem luz

⁴⁹ Essa imagem foi retomada pela revista, que a colocou em circulação novamente no dia 19 de fevereiro de 2010. Mais à frente, no item 3.1.4, apresentamos uma análise mais detalhada.

própria girando em torno e dependente do carisma ensolarado do presidente Lula. Como a senhora pretende firmar sua própria identidade?” (VEJA, 24/02/2010, p. 53).

Ainda nessa edição, cuja reportagem trata da oficialização da candidatura de Dilma Rousseff pelo PT, os sentidos construídos em torno da ideia de Dilma ser “cria do Lula” permeiam todo o texto. Ao tempo em que Lula é aclamado por ter poder dentro do partido, suficiente para “desinfl(ar) os bolsões radicais e (fazer) sua candidata”, questiona-se a competência de Dilma Rousseff para governar o Brasil sozinha/sem Lula:

Lula é o presidente mais popular da história e seu governo é aprovado por oito em cada dez brasileiros. Um padrinho com essa força pode fazer de Dilma presidente. Uma vez no governo, porém, pode ser um risco deixá-la à própria sorte. Uma candidata sem o domínio do próprio partido e com o sempre chantagista PMDB na vaga de vice pode viver em constante crise política. Por isso, Lula precisará funcionar como um fiador da governabilidade. O apoio do mentor é imprescindível a uma candidata escolhida por um *dedazo* presidencial. (VEJA, 24/02/2010, p. 59)

Nessa página 59, da qual a citação acima foi retirada, há uma fotografia de Dilma Rousseff e Lula em campanha diante dos eleitores. Dilma, sorridente, descontraída, cumprimentando a todos, e Lula, observando, mas focalizado em primeiro plano. A imagem, juntamente com a legenda “O CRIADOR E A CRIATURA Lula e Dilma puseram o pé na estrada há seis meses: em alta nas pesquisas”, buscam direcionar o leitor para um percurso interpretativo, o de que Dilma é “cria do Lula”.



O CRIADOR E A CRIATURA
Lula e Dilma puseram o pé na estrada há
seis meses: em alta nas pesquisas

Figura 08 – (Fonte: VEJA, 24/02/2010)

A expressão “o criador e a criatura” para se referir a Lula e a Dilma Rousseff candidata ganhou grandes possibilidades de enunciabilidade na mídia impressa brasileira por fazer alusão a textos que tratam da criação humana: o texto bíblico do Livro de Gênesis e a obra clássica da literatura de terror gótico da autoria de Mary Shelley, *Frankenstein*⁵⁰.

Por ser uma expressão que transita de um campo discursivo, religioso, a outro, político, os suportes midiáticos mais afinados com o posicionamento discursivo de centro-direita passaram a utilizá-la constantemente desde as primeiras especulações sobre a possível candidatura de Dilma Rousseff.

Tanto em termos bíblicos como em termos “frankensteinianos”, o que se enfatiza no processo da criação humana é o agir do criador. Na passagem bíblica “criou Deus o homem à sua imagem” do Gênesis (BÍBLIA SAGRADA, 1, p. 27) e, na obra de Shelley (1996), Victor Frankenstein faz a criatura/monstro almejando criar um ser humano, o desejo de semelhança parte do criador.

⁵⁰ *Frankenstein: or the Modern Prometheus* foi publicada inicialmente em 1818 sem crédito para a autora.

Ambas as narrativas ressaltam, inicialmente, o controle do criador sobre a criatura não só no processo de criação, mas também de condução de suas vidas. Na relação “criador e criatura” do texto bíblico do Gênesis, a subserviência é requisitada pelo criador quando coloca o homem no jardim do Éden:

E ordenou o Senhor Deus ao homem, dizendo: De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás. (BÍBLIA SAGRADA, 2, p. 16-17)

A criatura, todavia, representada por Adão e Eva, ao comer o fruto da árvore proibida, “rompe” com o criador. Mas, nem por isso, a relação entre eles é destruída. Em termos divinos, a relação entre Deus, pai/criador, e os seres humanos, filhos/criaturas, é eterna. De acordo com a interpretação bíblica, mesmo que alguns seres humanos “rompam” com Deus, não acreditando em sua existência e/ou de formas diversas, Deus, Pai, nunca rompe com seus filhos/criaturas. Está sempre de braços abertos para eles, visto que a capacidade de perdoar é inerente a Deus. A relação não é, pois, totalmente rompida.

Na obra de Mary Shelley, a criatura volta-se contra o criador, destruindo-o. Nessa narrativa o rompimento é bilateral, o criador abandona a criatura e, quando esta lhe pede uma companheira, o criador decididamente diz que irá atendê-lo, mas não o faz, “traindo-o”. Embora essa narrativa tematize a incapacidade humana de “criar” homens, de “criar” vida, há o processo da criação e há relacionamento entre criador e criatura.

Na charge que apresentamos a seguir, retoma-se o sentido do processo de criação da obra literária “Frankenstein”:

O CRIADOR E A CRIATURA.



Acho que vai dar Frankenstein!!!

Figura 09⁵¹

O discurso “criador e criatura” do campo literário transita para o campo midiático no interior de um texto de humor, cujos sentidos associam a imagem da candidata Dilma Rousseff à imagem da criatura da referida obra. Ademais, a onomatopeia engendrada pelo barulho do martelo sobre o formão retoma interdiscursivamente a sigla do Programa de Aceleração do Crescimento – PAC, programa a partir do qual a Ministra Dilma Rousseff ganhou notoriedade e também a partir do qual foi bastante criticada por diversos suportes midiáticos.

Com base na expressão “o criador e a criatura”, materializada principalmente a partir de legendas, títulos, intertítulos e em comunhão com textos não verbais, mobilizamos diversas imagens que circularam desde o ano de 2008, fase da “candidata” Dilma Rousseff, até o final do primeiro ano de Dilma na Presidência do Brasil, final de 2011.

⁵¹ Disponível em: <<http://robertodelorena.blogspot.com.br/2010/04/o-criador-e-criatura.html>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

O jornal *Folha de S. Paulo* publica, no dia 05 de janeiro de 2010, uma charge assinada por Angeli e inserida na segunda página do primeiro caderno:

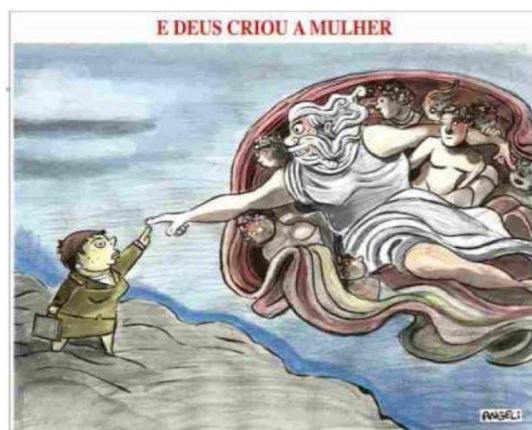


Figura 10 (Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 05/01/2010)

O autor dessa charge retoma interdiscursivamente o afresco “A criação de Adão”, pintado por Michelangelo Buonarroti entre os anos de 1508 e 1512, no teto da Capela Sistina na Cidade do Vaticano. A cena representada por Michelangelo refere-se à narrativa do *Livro do Gênesis*, quando Deus cria o primeiro homem:

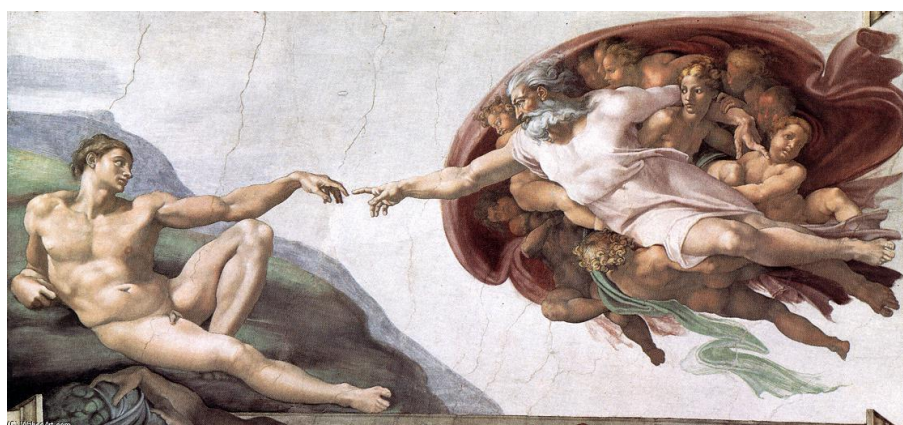


Figura 11 – ⁵²

⁵² Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o. Acesso em: 16 abr. 2013

Essa imagem mostra Deus, um ancião barbudo, vestido com um manto, rodeado por vários anjos. O braço direito de Deus está estendido para tocar o dedo indicador do braço esquerdo de Adão, que também está estendido. Essa ação representa, no interior do discurso cristão, a transmissão da centelha da vida para Adão. Ademais, essa retomada interdiscursiva do quadro de Michelangelo evidencia que também as imagens, para além de serem o produto de destacamento, podem se constituir em verdadeiras aforizações, prestes a saturar significativamente os mais variados acontecimentos discursivos.

Conforme o discurso científico, há semelhanças entre a imagem do formato do manto, bem como da disposição dos elementos que o compõem: Deus e anjos com a anatomia de um cérebro, exposto a partir do corte sagital do crânio. Segundo essa leitura, Michelangelo apresenta fortes referências à ciência pela anatomia cerebral, o que pode simbolizar Deus passando consciência e inteligência a Adão⁵³.

Retomando sentidos da leitura divina e/ou científica da pintura de Michelangelo, que é uma releitura do discurso bíblico, o enunciador da charge mostra, pela caricatura, a figura de Dilma Rousseff no lugar de Adão e a caricatura de Lula inserida no rosto de Deus. O título da charge – “E Deus criou a mulher” – intensifica o sentido do discurso que o sujeito enunciador retoma, formula e coloca em circulação: Lula criador e Dilma criatura.

Na política brasileira, o fato de um político sólido conseguir fazer seu sucessor por usufruir de grande prestígio eleitoral tem longa história e série de repetições nas diversas localidades do Brasil (ARAÚJO, 2011).

Araújo (2011) apresenta três casos desses, ou seja, três ocorrências na política marcadas pela relação “criador criatura”. Os casos citados pelo autor referem-se à

⁵³ Conforme: <<http://www.cienciacuriosa.com.br/site/ciencia-em-cores-02-criacao-de-adao/>> Acesso em: 16 abr. 2013.

política no estado de São Paulo: O governador Adhemar de Barros e seu sucessor Lucas Nogueira Garcez; o governador Orestes Quécia e seu sucessor Luiz Antonio Fleury Filho; e o governador Paulo Maluf e seu sucessor Celso Pitta. Nesses três casos, o herdeiro político rompe, depois de um tempo no poder, com seu criador político.

Muitas outras situações semelhantes ocorreram no Brasil⁵⁴. Diante de repetições tão comuns na política brasileira, Prima (2012) nomeia o fato de a criatura voltar-se contra o criador de “a maldição do criador e criatura”.

Freire (s.d.) trata tais situações num contexto denominado “antropofagia política”. Para ele, desde a época da pedra lascada já havia políticos, caracterizando-os como os espertos que conseguiam estocar mais caças e provisões do que outros, muitas vezes saqueando a caça e as provisões alheias, daqueles mais honestos. Já, em comparação ao reino selvagem, descreve o fenômeno como o fato de os mais fortes alimentarem-se dos mais fracos de sua própria espécie para sobreviver. Na esfera política, aponta o canibalismo contemporâneo à “morte” das ditas crias por parte de seu criador político ou a “morte” do criador por parte da criatura, ressaltando que essas mortes não carnais são muito comuns em nossos dias.

Nas eleições de 2010, dois casos da relação “criador e criatura” foram destacados pela mídia brasileira. Um caso é o da relação Lula e Dilma, e o outro ocorreu em nível estadual; refere-se à relação entre Aécio Neves, governador de Minas Gerais, e Antonio Anastasia, candidato da situação.

No *site* Brasilwiki,⁵⁵ foi publicado, em 06 de junho de 2010, um texto com o título “Criador e criatura”. Logo após o título, aparecem estas fotos e legenda:

⁵⁴ Sobral de Prima (disponível em: <<http://sobraldeprima.blogspot.com.br/2012/02/em-massape-maldicao-do-criador-e.html>>) e Gilvan Freire (disponível em: <<http://www.wscom.com.br/blog/www.wscom.com.br/post/post/ricardo+x+luciano%3a+o+criador+mata+a+criatura.-6472>>). Acesso em: 19 abr.2013) citam outros exemplos.

⁵⁵ Disponível em: <http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=26387>. Acesso em: 19 abr.2013.



Lula, Dilma, Anastasia e Aécio: continuidade do poder marcam escolhas de figuras inexpressivas. - Foto: Edição Soares

Figura 12 – Fonte: BRASILWIKI

56

As duas fotografias justapostas expressam a relação comum existente entre Dilma e Lula e Aécio e Anastasia, numa certa conjuntura da história da política brasileira. No último parágrafo do texto, o sujeito enunciator diz:

No atual processo eleitoral, Lula e Aécio Neves, ao lançarem politicamente os desconhecidos Dilma Rousseff e Antônio Anastasia, deixam claro o propósito de, através deles, continuarem a ter o controle e a influência sobre seus respectivos partidos e territórios. Em outras palavras, não querem perder o poder construído nos oito anos de mandato. Pode dar certo. Mas o tiro pode sair pela culatra se, uma vez eleita, a criatura traçar o seu próprio trajeto, ganhar liderança prestígio e popularidade e, ao final, se rebelar contra o criador.

O enunciator desse texto parece mostrar que não está alinhado a nenhum dos dois posicionamentos que marcam a política brasileira atual: centro-esquerda e centro-direita, por isso trata, de uma só vez, das situações referentes ao governo do PT e ao governo do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira). Mas o que nos interessa neste momento é a recorrência de um discurso que transita do campo bíblico para o campo político e, no ano de 2010, é retomado pela mídia brasileira.

⁵⁶ Disponível em: <http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=26387>. Acesso em: 18 abr.2013)

A expressão “criador e criatura”, que vimos materializada na legenda da Figura 08 e como título da charge (Figura 09), e do texto que cita a Figura 12, tem grande poder de circulação na esfera da atividade jornalística e, por isso, conforme já dissemos, adquire o estatuto de aforização.

Por esse breve itinerário que desenvolvemos rapidamente até aqui, já percebemos a existência de zonas de regularidades semânticas que nos permitem pensar na construção de um percurso de sentido em torno da relação “criador e criatura” ou ainda numa prática discursiva que possui “um rio acima” e “um rio abaixo”. Metáfora que Maingueneau (2007b) utiliza para se referir à produção e aos modos de difusão dos discursos.

Após essa explanação geral que pavimenta nossa construção discursiva organizada por narrativas de acontecimentos e, em especial, a “intriga” midiática que se estabelece sobre a relação entre Lula, ex-presidente, e Dilma Rousseff, candidata da situação, ou candidata do Partido dos Trabalhadores, mesmo partido político de Luiz Inácio Lula da Silva, abordaremos o discurso da semelhança, que concebemos como um dos indicativos semânticos que centralizam um aspecto contraditório na construção dos dois percursos interpretativos que estamos analisando.

3.1.2 A semelhança em imagens

Constatamos que, mais exatamente no final de 2009 e início de 2010⁵⁷, um discurso começa a circular na mídia impressa. É o início da construção de um percurso interpretativo que traz Dilma Rousseff como “cria” do Lula. Quando esse discurso começa a circular, prioriza-se o tema da semelhança entre “criador e criatura”. Mas,

⁵⁷ Tal afirmação tem base na leitura do arquivo com o qual trabalhamos.

diferentemente do texto bíblico e da obra de Shelley, é a “criatura Dilma” que busca a semelhança ao seu “criador Lula”.

O jornal *Folha de S. Paulo* publica, no dia 04 de janeiro de 2010 (p. A6), um texto intitulado “No palanque, Dilma mimetiza até mesmo os discursos de Lula” (ANEXO 3). Acima do título, ocupando toda a página, há um texto verbo-visual, cuja escrita lateral “TRANSFORMAÇÃO da pasta de Minas e Energia até se tornar ministra-candidata” figura acima de uma seta que indica para o leitor olhar para a direita. À direita, cinco fotografias pequenas do rosto de Dilma Rousseff. Em quatro imagens fotográficas, a ministra da Casa Civil está com cortes de cabelo um pouco mais longos que o cabelo apresentado na quinta foto. A última foto da sequência revela o rosto de Dilma Rousseff como está naquele momento, início de janeiro de 2010. Após ter raspado o cabelo por conta de um câncer, a ministra, já curada, abandona a peruca que estava usando e mostra o cabelo que já cobre o crânio da cabeça. Abaixo das três últimas fotos há uma tarja com os seguintes dizeres: “MIMETISMO POLÍTICO Pré-candidata, Dilma se molda ao estilo de Lula”:



Figura 13 (Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 04/01/2010)

Os efeitos de sentidos decorrentes desse texto verbo-visual tratam de mostrar a transformação pela qual a pré-candidata está passando para se construir candidata. Além da transformação física: “uma plástica remoçou o rosto, óculos de grau foram abandonados e o visual incorporou roupas de cores fortes e maquiagem marcada”, chama-se a atenção para a transformação de seu estilo/personalidade e de seu modo de discursar. Estilo, personalidade e modos de discursar que, segundo a reportagem, precisam ser transformados com o objetivo de assemelhar a candidata a Lula.

A instituição pede a analistas em discurso e especialista em *marketing* político para analisar vídeos e áudios de Dilma desde quando era Ministra de Minas e Energia. Valem-se, assim, de discursos outros para buscar legitimar o sentido em construção no texto: Dilma não tem perfil para ser candidata e espelha-se no perfil do presidente Lula para tal. Num fragmento do texto, assim diz o jornal *Folha de S. Paulo*:

A ministra, dizem eles, tenta abandonar o “estilo consultora” para falar de forma emotiva – consagrada pelo presidente. “Ela está tentando se aproximar do Lula, com mais ou menos sucesso”, avalia a doutora em linguística Eni Orlandi. O expediente, cada vez mais frequente, diz Orlandi, é criar situações como aquelas que Lula tem mais êxito: viagens em que seu público é o povo. “Quando se tem um interlocutor real, isso desencadeia elementos que ajudam a acessar uma fala mais popular”. (FSP, 04/01/2014, p. A6)

No título em letras grandes, abaixo, já são construídos sentidos de que o processo mimético refere-se “até mesmo” aos discursos de Dilma, não apenas à mudança de seu estilo “consultora” para um estilo mais popular e emotivo, semelhante ao estilo de Lula.

O discurso que traz a necessidade de a ministra-candidata ser semelhante a Lula para ter um estilo e um perfil condizentes ao cargo que pleiteia começa a circular e essa reportagem da *Folha de S. Paulo* tem um papel importante na difusão desse discurso.

Foi no dia seguinte, 05/01/2010, que a *Folha de S. Paulo* publica a charge que citamos anteriormente “E Deus criou a mulher” numa página (ANEXO 4) em que figura

também um enunciado destacado atribuído a uma fala de Eni Orlandi, citada por conta da reportagem do dia anterior: “DILMA Está tentando se aproximar do Lula... Está criando uma imagem convincente, fisicamente e pela palavra. Mas ainda está no meio do caminho”.

Os discursos em torno da questão de a ministra, “criatura”, querer se parecer com o presidente Lula, “criador”, começam a circular na mídia antes do início oficial da campanha, ou melhor, antes da oficialização da candidatura de Dilma Rousseff. No final de 2009, em 27 de dezembro, esta charge da autoria de Amarildo é publicada em seu *blog*:

Já está parecida



Figura 14⁵⁸

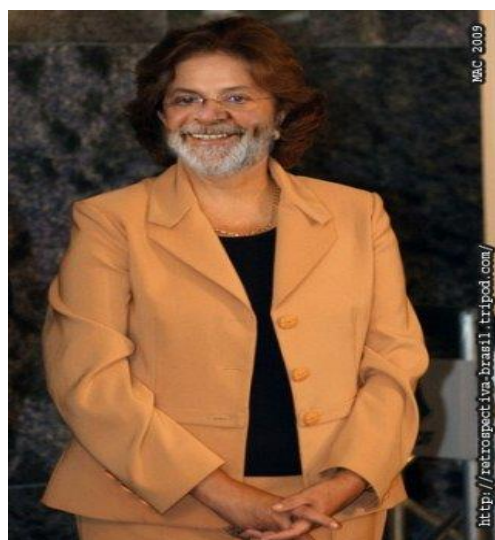
O enunciador formula, por meio do gênero charge, dizeres que estão circulando na época. A informação com a qual trabalha está em pauta em muitas instituições midiáticas. Priorizando a imagem e com poucos elementos verbais, o enunciador constrói os mesmos sentidos que também circulam na reportagem do jornal *Folha de S.*

⁵⁸ Disponível em: <<http://amarildocharge.wordpress.com/2009/12/27/ja-esta-parecida/>>. Acesso em: 07 ago 2012.

Paulo. Verbo-imageticamente, dois elementos semânticos são ressaltados: o cabelo e a barba. Esses dois aspectos físicos do rosto são utilizados na construção de uma cenografia que destaca a semelhança de Dilma a Lula⁵⁹.

No mesmo dia, 27/12/2009, essa charge também é publicada no *blog Jogo do Poder*, mas com outro título: “Dilma e Lula: criatura já começa a ganhar as feições do criador”⁶⁰. Nesse *mídiun*, o enunciador, em similaridade com o posicionamento discursivo assumido pelo *Blog do Amarildo* e do jornal *Folha de S. Paulo*, coloca em circulação o mesmo discurso presente nos textos citados anteriormente. No nível da formulação, contudo, o enunciador altera as palavras do título e faz questão de utilizar os termos “criador” e “criatura”, mas não altera o sentido.

Muitos caricaturistas assumiram esse discurso acerca da semelhança entre Dilma Rousseff e Lula, em circulação na época da campanha presidencial de 2010, e representaram Dilma Rousseff com barba. Vejamos mais alguns exemplos:



⁵⁹ Pode-se ler também por essa cenografia a presença de um discurso de masculinização da imagem do rosto feminino. Mas esse não é nosso propósito nesta pesquisa.

⁶⁰ Disponível em: <<http://www.jogodopoder.com/blog/politica/dilma-e-lula-criatura-ja-comeca-a-ganhar-as-feicoes-do-criador/>>. Acesso em: 08 mar.2013.

Figura 15⁶¹

Figura 16⁶²

PETRALHAS - O criador e a criatura



Figura 17⁶³

⁶¹ (Disponível em: <[http://www. Robsonpiresxerife.com/notas/lula-dilma- e-mais-homem-do-que-nos-dois-juntos/](http://www.Robsonpiresxerife.com/notas/lula-dilma- e-mais-homem-do-que-nos-dois-juntos/)>. Acesso em: 05 abr 2013)

⁶² Disponível em: < <http://laudaamassada.blogspot.com.br/2012/09/sem-uma-oposicao-competente-dilma-finge.html>; <http://brasildacorruptao.blogspot.com.br/2010/12/dando-uma-de-diferente-para-continuar.html>; <http://compimentanalingua.blogspot.com.br/2012/06/pt-antes-e-depois-de-governar.html>> Acesso em: 05 abr. 2013.

⁶³ Disponível em: <<http://novoblogdobarata.blogspot.com.br/2010/12/petralhas-o-criador-e-criatura.html>>. Acesso em: 05 abr.2013.



Figura 18⁶⁴



Figura 19⁶⁵

Maingueneau (2014a, p. 15) aborda a ocorrência de enunciados generalizantes que condensam a tese em defesa em um dado texto como um tipo de enunciado com grandes possibilidades de ser citado. Observamos que a imagem da barba no rosto de Dilma Rousseff é um fragmento imagético que facilmente pode ser citado em textos de humor. Sua forte recorrência, manifestada em alguns textos que apresentamos, parece comprovar que textualmente a imagem da barba representa uma destacabilidade que abre a possibilidade de destextualização.

Na Figura 15, o enunciado “Com o apoio do presidente Lula, essa eleição vai ser uma barbada!” intensifica o sentido da dependência de Dilma a Lula e o termo “barbada” traz ambigualmente o sentido derrisório da fotomontagem que apresenta a imagem da barba no rosto de uma mulher, Dilma Rousseff, e o sentido de ser fácil

⁶⁴ Disponível em: <http://blogs.estadao.com.br/jornal-eldorado/marquetinguem-politico/?doing_wp_cron=1367349573.5633189678192138671875>. Acesso em: 05 abr.2013.

⁶⁵ Disponível em: <<http://mccouto.blogspot.com.br/2010/12/e-na-mare-baixa-que-se-ve-quem-nada.html>>. Acesso em: 05 abr.2013.

Dilma Rousseff ser eleita por conta do apoio de Lula, que, à época, presidia um governo com alto índice de aprovação. Verbalmente, o posicionamento discursivo de centro-direita apresenta uma contradição, pois, ao desmerecer o perfil da candidata, constrói o sentido de Lula ser bom presidente.

A Figura 16, que localizamos em quatro textos, publicados em quatro *blogs* distintos, também é uma fotomontagem que apresenta o rosto de Dilma Rousseff com a presença da barba. Na verdade, corpo, cabelo e brincos são representações de Dilma Rousseff e o rosto (olhos, nariz, boca, dentes, barba), de Luiz Inácio Lula da Silva.

Na charge, que apresentamos como Figura 17, todo o rosto caricaturado é de Lula, com exceção do cabelo. O corpo refere-se à figura da mulher, no caso, Dilma Rousseff. É no rosto, e não no corpo, que ocorre uma espécie de simbiose das imagens de Dilma e de Lula.

As figuras 18 e 19 também apresentam a simbiose entre imagens de Dilma e Lula. Na Figura 18, há uma fotografia do rosto de Dilma, com o acréscimo da barba; já, na Figura 19, barba, boca e dentes são imagens do rosto de Lula e o restante do rosto apresenta elementos fisionômicos de Dilma. São fotomontagens construídas, a partir de fragmentos imagéticos que circulam – a barba e o cabelo principalmente – para produzirem um dado percurso interpretativo.

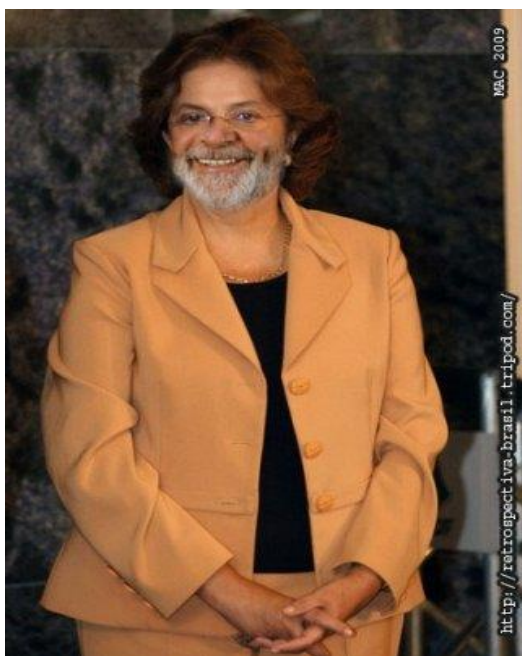
Os efeitos de sentido que tais construções trazem apenas estão inscritos num percurso de interpretação que trata negativamente a relação política entre Dilma e Lula, caracterizando a candidata como dependente do atual presidente e, mais ainda, como uma candidata sem identidade própria e, portanto, sem competência administrativa para exercer o cargo que pleiteia.

Dentre o material que analisamos, publicado antes da eleição de 2010, os fragmentos imagéticos do rosto – barba e, às vezes, cabelo – foram destextualizados de

textos que trazem a marca da semelhança em questão como algo almejado por Dilma Rousseff. E esse desejo é necessário porque a candidata, por não ter histórico de atuação na política eleitoral brasileira, não tem competência para se eleger e governar sozinha. Inscritos nesse mesmo posicionamento, as imagens da barba e do cabelo circularam com bastante recorrência devido aos sentidos propostos por esses elementos visuais. E, nos novos textos de circulação, foram recontextualizados conforme a mesma linha de sentido dos textos publicados anteriormente.

Após as eleições de 2010 e a vitória de Dilma Rousseff, textos verbais e verbo-visuais inscritos nesse percurso de sentido, que traz negativamente a semelhança entre Dilma Rousseff e Lula, continuaram em circulação. As imagens destacadas da barba e do cabelo fizeram-se presentes em outros contextos.

Por exemplo, no *site Com pimenta na língua*, um texto intitulado “O PT antes e depois de governar” é publicado em 11 de junho de 2012, já no segundo ano de governo de Dilma Rousseff. Após o título, a fotomontagem e o texto verbal:



PT antes da Posse de Lula:

Nosso partido cumpre o que promete.
Só os tolos podem crer que
não lutaremos contra a corrupção.
Porque, se há algo certo para nós, é que
a honestidade e a transparência são fundamentais
para alcançar nossos ideais
Mostraremos que é grande estupidez crer que
as máfias continuarão no governo, como sempre.
Asseguramos sem dúvida que
a justiça social será o alvo de nossa ação.
Apesar disso, há idiotas que imaginam que
se possa governar com as manchas da velha política.
Quando assumirmos o poder, faremos tudo para que
se termine com os marajás e as negociatas.
Não permitiremos de nenhum modo que
nossas crianças morram de fome.
Cumpriremos nossos propósitos mesmo que
os recursos econômicos do país se esgotem
Exerceremos o poder até que
Compreendam que
Somos a nova política.

Depois da Posse (leia do fim para o começo).

Figura 20⁶⁶

O texto verbal em forma de versos, se lido de cima para baixo, apresenta o PT antes da Posse de Lula e, de baixo para cima, apresenta o PT depois. Verbalmente, não há referência direta a Lula ou a Dilma, mas o texto imagético refere-se à relação entre ambos. A imagem, que circulou em 2010 com o sentido de Dilma Rousseff ser marionete de Lula, volta a circular em 2012, mas com um verbalismo que lhe atribui outro sentido: a junção dos dois atores políticos – Lula e Dilma num só corpo/rosto – significa os anos do PT no Governo: oito anos de Governo Lula e dois do Governo Dilma.

No *blog Lauda amassada* (Figura 16), a mesma imagem é utilizada juntamente com os elementos verbais – “Sem uma oposição competente, Dilma finge que governa mas não se distancia de Lula.” –, publicados em 21 de setembro de 2012.

Nessa mesma página do *blog*, há um texto da autoria de Marco Antonio Villa, “Gritos presidenciais não ocultam fracassos”, no qual diz que “[a] oposição viu em Dilma uma estadista que até romperia com Lula”, mas que “[o] sonho acabou”. E, ao estabelecer relação direta entre o ex-presidente Lula e a presidente Dilma Rousseff, escreve:

Nunca na história republicana um sucessor conversou tanto com seu antecessor. E foram muito mais que conversas. A presidente não se encontrou com Lula para simplesmente ouvir sugestões. Não, foi receber ordens, que a boa educação chamou de conselhos. (VILLA, 2012)⁶⁷

E, mais adiante: “Dilma chegou a responder em nota oficial a um simples artigo de jornal que a elogiava, tecendo amenas considerações críticas ao seu antecessor.

⁶⁶ Disponível em: <<http://compimentanalingua.blogspot.com.br/2012/06/pt-antes-e-depois-de-governar.html>>. Acesso em: 05 abr.2013.

⁶⁷ Disponível em: <<http://laudaamassada.blogspot.com.br/2012/09/sem-uma-oposicao-competente-dilma-finge.html>>. Acesso em: 05 abr.2013.

Como uma criatura disciplinada, retrucou, defendendo e exaltando seu criador?”. Nesse *blog*, o enunciador retoma um texto imagético utilizado antes e alhures e acopla aos sentidos construídos verbalmente acerca da relação de Lula e Dilma, agora ex-presidente e presidenta respectivamente.

Embora a imagem, tanto no *blog Com pimenta na língua* quanto no *Lauda amassada*, seja utilizada para significar outros fatos e outros dizeres, o que permanece, em primeiro plano, é o discurso da dependência de Dilma Rousseff a Lula, veiculado desde os primeiros comentários de que Dilma Rousseff seria a candidata à Presidência da República.

Os textos publicados após a eleição, que colocam em circulação a imagem do rosto de Dilma Rousseff com barba, apesar de não abordar diretamente a necessidade de ser semelhante, inscrevem-se no mesmo posicionamento discursivo dos textos anteriores. Mesmo que o significante imagético seja o mesmo, o significado é alterado, o que pode ser justificado pelo fato de o momento político ser outro.

Maingueneau (2014, p. 24) afirma que, por serem descontextualizados, os destacamentos tendem automaticamente a sofrer alterações de sentido. Em nosso material de análise, deparamos com alterações de sentido, embora estas não promovam a mudança de percurso interpretativo. A ideia da dependência de Rousseff a Lula permanece. Só que os textos veiculados em 2012 não colocam em foco o tema da semelhança como requisito necessário para a candidata se eleger.

Em 2012, Dilma Rousseff é presidente do Brasil, os efeitos de sentido decorrentes não apresentam mais a perspectiva futura de que o Governo de Dilma Rousseff não será competente. Agora, no tempo presente, o Governo de Dilma Rousseff já é caracterizado negativamente. No texto do *blog Com pimenta na língua*, o Governo

Lula também é incluso nessa avaliação negativa, visto que o enunciador contempla a atuação do Partido dos Trabalhadores.

A fotomontagem que apresenta a simbiose visual das imagens de Dilma Rousseff e Lula volta a circular em 2012. A presença da imagem da barba nesses textos só faz, portanto, corroborar a existência de um percurso de sentido que vem sendo construído desde antes das eleições de 2010.

O discurso da semelhança que se materializa mais presentemente em textos humorísticos insere-se no discurso mais amplo acerca da relação de dependência de Dilma Rousseff, ou ainda no posicionamento discursivo que coloca em circulação a relação “criador e criatura”. Relação dita na materialidade discursiva (X), que orienta uma implicação de sentido (Y). Ou seja, não se diz de imediato, exige do leitor um trabalho de interpretação, conforme postulação de Maingueneau.

Muitos textos trazem também a relação “criador e criatura”, empregando verbalmente a aforização. A fórmula “criador e criatura” adquire *status* de aforização que se materializa, principalmente, na condição de títulos, intertítulos, legendas de fotografias.

Em 22 de julho de 2009, na seção *Opinião* do jornal *Folha de S. Paulo*, o escritor Valdo Cruz apresenta um texto intitulado “Criador e criatura”. O sujeito enunciador aborda possíveis mudanças na economia brasileira a partir de 2010, quando o(a) novo(a) presidente eleito(a) tomar posse, pois tanto Serra quanto Dilma são críticos da atual política do Governo Lula conduzida por Henrique Meireles, presidente do Banco Central. O enunciador prevê, no entanto, que Dilma Rousseff será “doutrinada” por Lula: “Aí entraria em cena o criador, dizem petistas, para doutrinara a criatura. Dilma será orientada por Lula a dizer na eleição que manterá sua política monetária e fiscal” (FOLHA DE S. PAULO, 22/07/2009).

Esse discurso, produzido no ano de 2009, insere-se numa rede interdiscursiva que significa Dilma Rousseff como criatura e Lula como criador, na qual Dilma é desqualificada como candidata, visto que, diante de qualquer situação, aparecem discursos que a mostram sem autonomia e, totalmente, dependente de Lula. E esses discursos não se restringem ao momento atual, o de candidatura, mas a momentos posteriores. São feitas projeções futuras, caso Dilma seja eleita, em que a “criatura” ficará sempre presa ao “criador” enquanto presidente de uma nação. Desqualificando-a também como presidente, já que, de acordo com esse discurso, Dilma não tem competência para ocupar o cargo político mais alto de uma nação.

Na edição de 05 de maio de 2010, a revista *Veja* publica uma entrevista⁶⁸ com José Eduardo Dutra, então presidente do PT. O título do texto – “A cara vai ser de Dilma” – já sinaliza o tema central da entrevista. O discurso outro, de um posicionamento de centro-esquerda, é citado pela revista, mas ela constrói sentidos que já direcionam o leitor a questionar o que é dito pelo outro. Antes de apresentar as perguntas e respostas propriamente ditas, o entrevistador escreve: “Questionado sobre qual marca Dilma deve buscar para não ser apenas um subproduto de Lula, Dutra pensa, coça a cabeça, olha para o chão e responde: ‘É difícil!’ ”.

Além do enunciado destacado da resposta de Dutra e apresentado na introdução do texto com a mudança do ponto final para o ponto de exclamação – “É difícil!” –, a narratividade que o enunciador de *Veja* atribui à cena reforça o sentido de que Dilma não tem identidade própria e ainda de que isso é dito pelo entrevistado. Essa resposta do entrevistado não surge isoladamente. Refere-se a uma pergunta já direcionada pelo percurso interpretativo oferecido ao leitor:

⁶⁸ Embora priorizemos os textos nos quais figuram elementos verbais e não verbais, recorreremos, em muitos acontecimentos, a textos verbais que não trazem a imagem de Dilma, justamente porque reforçam e confirmam os percursos interpretativos que defendemos nesta investigação.

Qual deve ser a marca de Dilma para que ela não fique parecendo apenas um sub-Lula?

É difícil. A marca da campanha é continuidade com avanço. Mas transformar isso em um tema legível para o eleitor comum é difícil, terá de ser construído pelos profissionais. (VEJA, 05/05/2010, p. 23)

A instituição *Veja* destaca apenas a primeira frase, não esclarecendo que a marca da campanha de Dilma é a continuidade com avanço, mas que o difícil “é transformar isso em um tema legível para o eleitor comum”. Ainda respondendo a essa pergunta, o entrevistado diz que Lula é “um general eleitoral” e que “[i]sso é bom para nós”. Diz ainda que a “oposição adoraria que o Lula estivesse do lado deles. Tanto é que faz um esforço danado para que esqueçam o que eles disseram sobre o Lula desde o início do governo” (VEJA, 05/05/2010, p. 23).

O enunciado “É difícil!” apresenta-se como um destaque fraco, porque o texto em sua íntegra está próximo do leitor. Mas, nem por isso, a instituição deixa de exercitar sua capacidade de alterar o sentido pelo destaque e, assim, trazer o discurso outro para o interior das grades semânticas do mesmo.

Enunciados inscritos no posicionamento discursivo de centro-esquerda, mais especificamente, relacionados ao fato de ser bom ter Lula apoiando a candidata Dilma, são publicados em *Veja*, mas ela própria acopla esses dizeres ao seu posicionamento de centro-direita, direcionando o leitor, ao mesmo tempo, a olhar negativamente para a relação entre Lula e Dilma e a questionar as palavras e opiniões do entrevistado. É a competência interdiscursiva da instituição, visto que ela é capaz de reconhecer o incompatível semanticamente a seu discurso e interpretá-lo nas categorias de seu próprio sistema de restrições (MAINGUENEAU, 2007 b).

Ademais, o gênero entrevista, com suas próprias regras, simula o desdobramento do sujeito em entrevistador e entrevistado. Porém o enunciador é um só, é a instituição.

Nesse exemplo: a revista *Veja*. A seguir, veremos como a revista *IstoÉ*, governada por seu sistema de restrições, constrói seu discurso.

Essa revista publica, no dia 08 de maio de 2010, uma entrevista com a candidata Dilma Rousseff. Em certos momentos, as perguntas abordam ou sugerem comparações com o presidente Lula. Em outros, questionam a relação de ambos no tempo presente e numa probabilidade futura:

ISTOÉ – A sra. é a favor ou contra a reeleição?

Dilma – Sou a favor. Acho muito importante.

ISTOÉ – A sra. cederia a possibilidade de uma reeleição para o presidente Lula, no caso de ele querer se candidatar em 2014?

Dilma – Ele já me disse para não responder a essa pergunta.

ISTOÉ – Até quando a sra. vai obedecer cegamente o que ele manda?

Dilma – Lula não exige obediências cegas.⁶⁹

A instituição entrevistadora “arma” e, subitamente, “pega” Dilma, conduzindo-a pelo tema da reeleição. A pergunta “Até quando a sra. vai obedecer cegamente o que ele manda?” revela o posicionamento discursivo desse texto, revela a crença de que Dilma obedece cegamente a Lula. Diante desse enunciado de *IstoÉ*, os sentidos construídos direcionam o leitor a um percurso interpretativo: Dilma não só é cria do Lula, como o obedece cegamente.

No texto “Lula desvaloriza sua pupila”, publicado no blog *Porque voto no Serra*, em 02 de abril de 2010, o blogueiro destaca a “dependência” de Dilma em relação a Lula:

Mesmo que tenha sido ele o inventor de Dilma, e que ela faça questão de exibir sua dependência a cada palavra que pronuncia, assumindo o papel de sua criatura eleitoral, Lula não se mostra satisfeito.

Ela chegou a usar 28 vezes o tratamento de “senhor” ao se referir ao presidente Lula no seu discurso de despedida do ministério, o que é um sinal de subserviência não condizente com o papel de candidata à Presidência da República.

⁶⁹ Disponível em:

<http://www.istoe.com.br/reportagens/71504_NOS+FIZEMOS+E+SABEMOS+COMO+CONTINUAR+A+FAZER+PARTE+1>. Acesso em: 14 mar.2013.

Dilma não se preocupa em explicitar sua subalternidade em relação a Lula, e o presidente não se preocupa em liberá-la para uma atuação mais autônoma.⁷⁰

Esse fragmento demonstra fortemente o posicionamento discursivo assumido pela instituição, visto que Lula é caracterizado como “o inventor de Dilma” e o tratamento respeitoso utilizado por Dilma numa situação solene e protocolar é interpretado/traduzido no interior de sua grade semântica como subserviência. O sistema de restrições semânticas rege a escolha de um léxico que enquadre o sentido e, assim, o discurso outro materializa-se num processo de interincompreensão.

Dentre os textos imagéticos publicados no interior desse artigo de opinião, destacamos:



Figuras 21 e 22⁷¹

A Figura 21 – que já citamos anteriormente e no interior de outra publicação – e a Figura 22 reforçam o sentido em construção nesse texto. A Figura 22 apresenta, por

⁷⁰ Disponível em: <<http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

⁷¹ Disponíveis em: <<http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html>>. Acesso em: 15 mar.2013.

montagem, Dilma Rousseff fisicamente desengonçada e pesada demais para o presidente Lula, visto que a água está cobrindo quase totalmente sua cabeça.

Percebemos, pela proeminência de discursos que circularam sobre a necessidade de Dilma Rousseff se assemelhar a Lula para ser candidata, que o elemento semântico /Semelhança/, em oposição ao elemento /Diferença/ ou /Identidade própria/, materializa-se no interior de um percurso de sentido que desqualifica o ator político Dilma Rousseff.

Esses nossos breves estudos nos permitem questionar até que ponto a destextualização de elementos verbais e/ou imagéticos podem se inscrever no interior de um percurso interpretativo deôntico. Baronas (2013, p. 111-112) defende a possibilidade de expandir a proposta de Maingueneau acerca da enunciação aforizante, por entender que as aforizações “destacadas por um processo de extração podem figurar tanto na ordem do verbal (títulos, intertítulos, etc.) quanto do visual (imagens) e do verbo-visual (imagens, títulos, intertítulos, etc.)”.

Corroborando o que diz o autor brasileiro, nossa análise demonstra que o destaque pode ocorrer também por extração de elementos visuais e verbo-visuais. Averiguamos que o significante imagético barba – e, em menor ocorrência, cabelo – é o que realmente destextualiza de uma imagem e circula no interior de outra, no interior de outro contexto de recepção. Não só porque destextualizam e circulam, mas principalmente porque retomam direta ou indiretamente a memória de Dilma Rousseff nunca ter sido candidata antes das eleições de 2010, as imagens da barba e do cabelo masculino podem se aproximar de um regime aforizante. Maingueneau (2014a, p. 28) destaca que a enunciação aforizante se dá como memorável e memorizável e concretiza-se na expressão de uma convicção, de uma tese, de uma afirmação.

No nosso caso, a orientação de sentido é direcionada para a convicção: Dilma Rousseff não tem história na política. E, assim, os efeitos de sentido produzidos trazem à tona a necessidade de Dilma Rousseff ser semelhante a Luiz Inácio Lula da Silva para se legitimar e conseguir ser eleita presidenta do Brasil. Ao dizer isso (X), o locutor implica Y (a dependência de Dilma Rousseff em relação a Lula), que se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: Dilma Rousseff não está preparada para governar o país, Dilma Rousseff não tem marca própria.

No próximo item, perseguindo o objetivo de investigar a presença dos semas /Dependência/ e /Parceria/, que engendram percursos deônticos de interpretação materializados pela contradição, analisaremos o elemento semântico /Sombra/.

3.1.3 A sombra em imagem

3.1.3.1 Ainda ministra e já na “sombra”: desde sempre “criatura”?

No início do ano de 2008, os holofotes da mídia brasileira mais afinada com posicionamentos discursivos de centro-direita miram a Ministra Chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff, acusando-a, no âmbito do escândalo dos cartões corporativos, de produzir um dossiê para chantagear a oposição política ao Governo Lula e ainda de pressionar a Anac (Agência Nacional de Aviação Civil) para vender a Varig ao fundo americano Matlin Patterson sem averiguar a origem do capital dos três sócios brasileiros que receberam o dinheiro emprestado do próprio fundo.

Em meio às discussões sobre essas temáticas, Sergio Leo publica em seu *blog*, no dia 05 de junho de 2008, um texto intitulado “Luz própria”, no qual figura a seguinte imagem:



Figura 23⁷²

Em referência à fotografia (Figura 23), o enunciador diz que a imagem “tira das sombras outra razão para acreditar nas costas quentes da ministra”.

É uma imagem que apresenta o rosto de Dilma Rousseff quando ela era ministra e ainda usava óculos. Um rosto com um sorriso contido, olhar lateral e o movimento das mãos batendo palmas. Um rosto – associado ao gesto das mãos – que expressa emoção de satisfação, alegria; mas o sorriso é contido, a situação é pública e ela ocupa o cargo no governo brasileiro.

É um rosto, conforme teorização de Maingueneau (2014), pouco contextualizado, mas há dados do contexto. A imagem mostra que a protagonista está sentada atrás de uma mesa. Pela imagem da sombra projetada ao fundo, atrás de Dilma Rousseff mostra-se que há outras pessoas compondo a mesa. Dilma Rousseff está aplaudindo alguém que, provavelmente, está falando. Não se informa, contudo, nem por meio de legenda – que não existe – a situação (quando), o local (onde), as pessoas que estão presentes, compondo a mesa com a ministra.

⁷²Disponível em: <<http://sergioleo.opsblog.org/2008/06/05/luz-propria/>; <<http://alfarrabio.org/index.php?blogid=1&archive=2008-06>>; <<http://blogdomello.blogspot.com.br/2008/06/dilma-e-lula-uma-foto-espetacular-de.html>>; <<http://lucianovc.blogspot.com.br/2008/06/dilma-rousseff-e-lula.html>>; <http://gilbertoleda.zip.net/arch2008-06-01_2008-06-15.html>; <<http://www.ctvcliv.com/cccss/blog-21.05.2009;htm>>; <<http://deslumierres.blogspot.com.br/2010/06/ameaca-fantasma.html>>; <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/presidente-lula-e-presidente-roosevelt.html>>. Acesso em: 15 mai.2013.

É uma imagem capturada “clandestinamente”, sem pose. O olhar demonstra isso, pois a protagonista não olha para o fotógrafo e, conseqüentemente, não olha para o leitor desse texto publicado no *blog*. Para Guimarães (2011), “o olhar de uma imagem pode estabelecer relações interpessoais (seja de reciprocidade, de admiração, identificação etc.) entre ela (a imagem) e seus leitores”. Mas, nesse caso, o olhar não estabelece interação com o leitor, o olhar não está direcionado a ele.

O que o rosto de Dilma Rousseff fala por meio dessa imagem é o que a instituição midiática propõe que ele fale. E ele fala no interior de um texto que, além de todos os elementos imagéticos que compõem a fotografia, há o título e o enunciado que citamos acima. Fala ainda por meio de um *mídiu*m de circulação – a web – e de um gênero – o *blog*⁷³. Todos esses elementos enquadram o rosto fotografado e direcionam o leitor para um percurso interpretativo.

No dia seguinte (06 de junho do mesmo ano), o blogueiro do Alfarrábio publica a mesma fotografia inserida na seção “Foto do Dia” e acrescida da seguinte legenda: “Foto: Ruy Baron, do Valor Econômico, que o mestre SLeo comenta: [a foto] ‘tira das sombras outra razão para acreditar nas costas quentes da ministra’. Ééé...”. O percurso de sentido proposto pelo enunciador do *blog*⁷⁴ é retomado, inserido em novas formulações verbais e colocado em circulação nesse novo espaço discursivo. Com isso o discurso citante valida o percurso de sentido apresentado pelo discurso citado, afunila as possíveis interpretações e coloca em circulação esse percurso de sentido, impedindo que o mesmo seja lido diferentemente.

⁷³ Web é uma palavra inglesa que, em português, significa rede. Bitencourt define *blogs* como páginas da internet nas quais as pessoas escrevem sobre diversos assuntos; é uma ferramenta colaborativa, pois as pessoas podem colocar comentários sobre o que está sendo escrito (Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2013.). Há vários tipos de *blogs* que se diferenciam pela proposta, pelo conteúdo. Primo (2008), classificou 16 gêneros de *blogs*, que se subdividem, dentre outros aspectos, pelas características profissionais, pessoais, grupais, individuais, etc. Na nossa pesquisa, os *blogs* mais focalizados são aqueles que se ocupam de comentários sobre política nacional.

⁷⁴ Disponível em: <<http://sergiroleo.opsblog.org/2008/06/05/luz-propria/>>. Acesso em: 15 mai 2013.

Esses dois textos publicados em *blogs* de comentários políticos são também direcionados para um leitor que tem conhecimento dos últimos fatos político-históricos do Brasil. E, assim, ao dizer isso: Dilma Rousseff tem as “costas quentes” de Lula, implica que as acusações que recaem sobre ela, que incluem o fato de se ter produzido um dossiê para chantagear a oposição dentro da Casa Civil, não resultará em nada.

Considerando ainda que, à época, já se comentava que Dilma Rousseff poderia vir a ser a candidata do PT em 2010, parece que está em construção também o sentido de que ela “está à sombra de Lula”. O título “Luz própria” indicia esse sentido.

Esse texto fotográfico é publicado em outros *blogs* que parecem materializar o percurso de leitura comentado até aqui. No *Blog do Mello*, a imagem aparece antecedida do título “Dilma e Lula, uma foto de Ruy Baron que diz tudo”. Nessa página consta apenas a data: “Sexta-feira 06 de junho de 2008”, o título, a fotografia e a fonte da fotografia. Outros enunciados estão presentes apenas em forma de *links* e não se referem aos mesmos temas abordados na fotografia. No *Blog do Luciano*, a fotografia aparece depois do título “Dilma Rousseff e Lula” e do enunciado “Vejam que foto bacana do fotógrafo Ruy Baron.” Além dessas informações consta um título “Coisas nossas”, a data: “Terça-feira, 10 de junho de 2008” e *links* para acesso ao arquivo do *blog*, alguns ordenados por ano, outros por mês.

Essa fotografia de Ruy Baron começa a circular e, nos *blogs* citados acima, os títulos que a inserem ou a apresentam mencionam verbalmente a relação entre Dilma, ministra, e Lula, presidente, validando o percurso de sentido em construção nesses *blogs*.

O texto publicado no *Blog do Hermenauta*, apesar de garantir o mesmo percurso interpretativo, acrescenta outra informação, a de que a causa do sofrimento de Dilma provém de Lula, de sua sombra. O sujeito blogueiro assim apresenta o texto:



Figura 24⁷⁵ (Fonte: *Blog do Hermenauta*)

O enunciador altera a cor da foto original, colocando-a num tom envelhecido, em preto e branco, o que a aproxima das imagens das mãos que produzem sombras *fakes* de animais. Inscrito no mesmo posicionamento discursivo que está em circulação, essa instituição produz efeitos de sentidos derrisórios, desacreditando a protagonista da imagem com essa comparação à brincadeira de criança.

No dia 06 de junho de 2008, o enunciador do *blog* de Walter Rodrigues⁷⁶ apresenta a seguinte referência à imagem de Ruy Baron: “Dilma 2010 na sombra de Lula”. O sentido, embora ainda inscrito no mesmo posicionamento discursivo de centro-direita, aponta verbalmente para outro acontecimento, um acontecimento futuro: a eleição presidencial do ano de 2010. Essa imagem fotográfica nesse novo contexto diz mais do que nos textos que mencionamos anteriormente. Nos textos anteriores, por meio de recursos imagéticos e verbais, o ator político Dilma Rousseff já é significado

⁷⁵ Disponível em: <<http://ohermenauta.wordpress.com/2008/06/07/porque-dilma-sofre/>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

⁷⁶ Disponível em: <http://www.walter-rodrigues.jor.br/detalhe.php?ART_ID=1181>. Acesso em: 15 jun.2013.

como dependente de Lula. A diferença de sentido, presente no texto de Walter Rodrigues, é marcada por elementos verbais que dizem diretamente a posição subalterna a Lula, caso a ministra Dilma Rousseff venha a ser a candidata do PT no ano de 2010.

Tal imagem interpretada no contexto histórico e incerto da suposta candidatura de Dilma também é retomada em outros espaços. No *Blog do Gilberto Léda*, no dia 06 de junho de 2008, a foto é citada depois de: “A foto diz tudo / Mesmo acuada, Dilma ainda é nome forte do PT para 2010”. Após a fotografia o texto verbal:

Enquanto o Governo não consegue emplacar a (esdrúxula) ideia de um terceiro mandato para o presidente Lula, vai-se firmando dentro do Partido dos Trabalhadores a tese de que a chapa ideal para 2010 deve ter Dilma Rousseff (Casa Civil) como candidata a presidente. Nem mesmo as denúncias envolvendo dossiês, cartões corporativos e tráfico de influência na venda da Varig e da VarigLog parecem abalar o *status* de toda poderosa da ministra-chefe no alto escalão petista. Assim, ela permanece na sombra de Lula, à espreita, como bem ilustra a foto acima - de autoria do fotógrafo Ruy Baron e “pescada” do blogue do colega jornalista Walter Rodrigues (*linkado* ao lado).⁷⁷

Nesse *blog*, o enunciador assume que “pescou” a fotografia do colega Walter Rodrigues. Mas não só a fotografia. “Pescou” também o sentido que é atribuído à imagem e faz alusão à próxima eleição para presidente do Brasil e já desqualifica Dilma Rousseff como candidata por “permanecer na sombra de Lula, à espreita, como bem ilustra a foto acima”.

Desde quando surgem os primeiros comentários sobre a possibilidade de Dilma Rousseff vir a ser a candidata à Presidência da República em 2010, constrói-se o sentido de que a ministra está à sombra de Lula. E esse sentido ganha grandes proporções de circulação nos suportes midiáticos que se inscrevem num posicionamento discursivo mais de centro-direita.

⁷⁷ Disponível em: <http://gilbertoleda.zip.net/arch2008-06-01_2008-06-15.html>. Acesso em: 15 jun.2013.

Em 21 de maio de 2009, no *Blog do Camilo.com.br*, a foto de Ruy Baron é publicada na Seção “Câmera da Verdade” antecedida pelo título: “Para bom entendedor, uma sombra basta...”⁷⁸. No mesmo dia, ele publica como Pensamento do dia, o enunciado: “Pela vontade do PT o Lula vai virar Residente da República”. Esses textos que essa instituição coloca em circulação no mesmo dia direcionam o leitor para o sentido da “sombra” que, segundo o enunciador, basta para um bom entendedor.

Em junho de 2010, quando Dilma Rousseff é oficializada candidata à Presidência da República, essa fotografia é publicada no *blog Lumières* com o título “A Ameaça Fantasma”. Após título e fotografia, o texto verbal:

Vai ser a primeira eleição, desde que voltou (sic) as eleições diretas para presidente, que o meu nome não vai estar na cédula. Vai haver um vazio naquela cédula. E, para que esse vazio seja preenchido, eu mudei de nome e vou colocar Dilma lá na cédula. E aí as pessoas vão votar.

*Lula, na convenção petista*⁷⁹

A imagem fotográfica que começou a circular em 2008, ilustrando acontecimentos discursivos diversos, aparece nesse *blog* para ilustrar uma frase do presidente Lula anunciada um dia antes (13 de junho de 2010), durante a Convenção do PT que oficializou a candidatura de Dilma Rousseff. Como Lula disse que “mud[ou] de nome e v[ai] colocar Dilma lá na cédula”, o enunciador retoma a imagem fotográfica capturada (ou montada) no momento em que Dilma ainda era Ministra Chefe da Casa Civil para atribuir-lhe um sentido negativo acerca da proximidade entre Lula e Dilma, aracterizando a figura do presidente, por intermédio da imagem de sua sombra, como uma “ameaça fantasma”.

⁷⁸ Disponível em: <<http://www.ctvclie.com/ccss/blog-21.05.2009.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013

⁷⁹ Disponível em: <<http://deslumieres.blogspot.com.br/2010/06/ameaca-fantasma.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

Em contrapartida a esse posicionamento discursivo, no *blog PTREMDAS13E13*, essa imagem fotográfica é retomada e utilizada no ano de 2011 para atribuir sentido positivo à relação entre Dilma, agora presidente, e Lula, ex-presidente. Nesse *blog*, a fotografia é publicada 10 vezes, nos seguintes dias: 12, 13 (em três textos), 14, 15 (em dois textos), 16, 29 e 30 de julho de 2011, época em que o Governo Dilma completa seis meses.

No dia 12/07/2011, o *blog PTREMDAS13E13* publicou a imagem inserida no texto intitulado “Descoberta a nova fórmula do PIG (Partido da Imprensa Golpista), PSDB/UDN (União Democrática Nacional)/DEMOS, dividir a base aliada, PR quer pular fora” e seguida da legenda: “Turma do PIG, com esta durona da foto o lema é: prevaricou, dançou!”⁸⁰. O texto versa, em primeira instância, sobre a atuação de Dilma de afastar a cúpula do Ministério dos Transportes após denúncias de irregularidades, o que atingiu diretamente o PR, partido político que comandava essa pasta ministerial. O texto verbal não faz nenhuma referência ao ex-presidente Lula e Dilma Rousseff é nomeada na legenda como a “durona da foto”.

No dia 13/07/2011, no primeiro texto da página, a fotografia é seguida da legenda: “Com ela não é permitido aditivar. Prevaricou dançou!”⁸¹ e, a seguir, o segundo texto: “Presidenta Dilma faz todo mundo rebolar sem bambolê! Depois dizem que ela não sabe fazer política. Não, Pedro Bó, eu é que sei!”⁸², cuja legenda cita o nome de Lula: “Dilminha é um ‘animal’ político, lapidado pelo Presidente Lula!”. Ambos os textos tratam da firmeza da presidente diante das denúncias de irregularidades no Ministério do Trabalho e o segundo, particularmente, trata do fato de

⁸⁰ Disponível em: <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/descoberta-nova-formula-do-pig.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

⁸¹ Disponível em: <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/mauro-santayana-o-desalento-da.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

⁸² Disponível em: <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/presidenta-dilma-faz-todo-mundo-rebolar.html>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

ela nomear um ministro filiado ao PR para substituir Alfredo Nascimento, de forma a não perder o apoio do partido, o que, segundo o enunciador, era o desejo do PIG. No segundo texto, mais explicitamente, o enunciador elogia a atuação da presidente e atribui tal competência ao que ela aprendeu com o presidente Lula, citando, inclusive a expressão “animal político”, utilizado por Lula antes, em outro espaço discursivo. O terceiro texto publicado no dia 13 de julho de 2011 que cita a fotografia de Ruy Baron – “Marcos Coimbra: Governo Dilma chega aos 6 meses, o saldo? Sucesso total!” – apresenta uma avaliação escrita por Marcos Coimbra sobre os seis primeiros meses do Governo Dilma. Pelos sentidos construídos verbalmente no título, na legenda da fotografia de Ruy Baron – “Esta Dilminha... Eu já sabia que seria sucesso total!” – e no próprio texto, o Governo Dilma é avaliado positivamente. Diz o enunciador que os 55 milhões de eleitores de Dilma confiaram que ela aprenderia a ser presidente exercendo a função e de que, “enquanto estivesse ‘se acostumando’ com suas funções”, precisaria da colaboração de Lula”⁸³.

Nos dias 14, 15, 16, 29 e 30 de julho de 2011, os textos com a fotografia de Ruy Baron publicados nesse *blog* materializam o mesmo posicionamento discursivo oposto ao posicionamento instituído pelos suportes que a (re)utilizaram em 2008, 2009 e 2010. Destacamos o texto publicado no dia 16 de julho de 2011 por apresentar duas fotografias de Lula e Dilma. A primeira e sua respectiva legenda:

⁸³ Disponível em: <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/marcos-coimbra-governo-dilma-chega-aos.html>>. Acesso em: 17 jun.2013.



NA FOTO OS DOIS DESENVOLVIMENTISTAS BRASILEIROS, ASSIM COMO ROOSEVELT NOS USA, ELES TIVERAM E TÊM QUE ENFRENTAR AS ELITES.

Figura 25 ⁸⁴

A fotografia acima, mais atual, mostra Lula de mãos dadas com Dilma, apontando para a presidente com o dedo da mão esquerda. Ambos sorridentes. O sentido expresso na legenda confirma o caráter eufórico atribuído à relação dos dois.

A outra fotografia que já conhecemos, a de Ruy Baron, aparece mais à frente no texto com a seguinte legenda: “Na foto, a mulher que dará seguimento, ao desenvolvimentismo de Lula”. Essa legenda apresenta Dilma como a continuidade do Governo Lula, que é tratada positivamente. Embora a legenda aponte que na foto há “a mulher”, entendemos que a presença de Lula está, para esse posicionamento discursivo, entrelaçada à imagem de Dilma como um único projeto de Governo.

Essa mesma imagem fotográfica publicada nesse *blog* no dia 15 de julho de 2011 aparece com a legenda: “Os dois que evitaram que o ‘progresso’ da era FHC chegasse aqui”. O enunciador considera a imagem da sombra de Lula como a imagem do próprio ex-presidente, referindo-se aos “dois”.

Como vimos, no *Blog PTREMDAS13E13*, a fotografia de Ruy Baron é direcionada para um percurso interpretativo distinto do sentido que lhe foi atribuído anteriormente. A relação entre Dilma e Lula é significada de modo eufórico e a imagem

⁸⁴ Disponível em: <<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/presidente-lula-e-presidente-roosevelt.html>>. Acesso em: 17 jun.2013.

fotográfica em questão apresenta-se como o discurso outro que é incorporado à sua grade semântica, materializada pelo verbal, para dizer o avesso do que foi dito antes.

No início de nosso trajeto de pesquisa, tínhamos como hipótese que fotografias que apresentavam Dilma numa situação subalterna a Lula, por meio de elementos visuais, tais como a sombra, só teriam sido circuladas no interior de instituições midiáticas que se mostram mais afinadas a um posicionamento discursivo de centro-direita. Após a análise do percurso da fotografia de Ruy Baron, que circulou desde a época em que Dilma Rousseff era ministra da Casa Civil até meados de 2011⁸⁵, quando ocupava o cargo de presidente, constatamos que essa hipótese não procede. A imagem fotográfica é citada em instituições midiáticas mais próximas de um posicionamento discursivo de centro-esquerda, mas o posicionamento discursivo não se altera.

Essa imagem fotográfica é traduzida no discurso do mesmo – aqui posicionamento discursivo de centro-esquerda – como um simulacro. A imagem da sombra que é um sema requisitado no discurso do outro é interpretada no discurso do mesmo, não como sombra em todos os seus sentidos negativos, mas como apoio e parceria. Nessa relação constitutivamente polêmica, o posicionamento discursivo de centro-esquerda cita o discurso outro para desautorizá-lo. A interincompreensão se instaura regida por um sistema de restrições semânticas que reconhece a incompatibilidade semântica do discurso outro, mais especificamente a imagem da sombra, e o traduz no interior de suas categorias semânticas (MAINGUENEAU, 2007b).

O que coloca esses discursos em posição de contradição não é a presença ou ausência de uma imagem fotográfica ou ainda a presença ou ausência do tema que trata da relação entre Dilma e Lula, mas os percursos de sentido que são construídos.

⁸⁵ Considerando o recorte temporal que estabelecemos.

Maingueneau (2007b) diz que a especificidade de um discurso não é definida por temas, mas por sua formação discursiva.

Nesse processo não apenas de traduzir o discurso outro conforme uma dada grade semântica, mas ainda de produzir um determinado percurso de sentido a partir de imagens fotográficas, o texto verbal exerce um papel importante. A imagem é enquadrada no interior de um discurso que busca pelo verbal significar ou interpretar o visual. No nosso caso, a imagem da sombra é verbalmente referida com sentidos distintos. Anulam-se as várias possibilidades interpretativas e institui-se um único caminho de leitura para o texto verbo-visual.

A seguir, continuaremos analisando a imagem da sombra que parece se destextualizar e circular. Mas focalizaremos agora o período da campanha eleitoral de 2010.

3.1.3.2 A candidata e o estigma da “sombra”

Na Convenção do PT em 13 de junho de 2010, Dilma Rousseff é oficializada candidata à Presidência da República. Considerando nosso arquivo e, nesse âmbito, os destaques imagéticos atribuídos a esse acontecimento, levantamos a hipótese de que a mídia centro-direita opta por colocar em circulação fotografias que mostram a imagem de Lula sempre em primeiro plano e, portanto, em detrimento da imagem de Dilma.

A ligação entre ambos é tema central dos discursos de muitas instituições midiáticas sobre o evento da Convenção. O jornal *Folha de S. Paulo* coloca em circulação na primeira página do dia 14 de junho de 2010, um dia após a Convenção, a seguinte manchete: “À sombra de Lula, Dilma promete ‘alma de mulher’”. Assim retrata o jornal:

FOLHA DE S. PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.com.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 90 • SEGUNDA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2010 • Nº 29.657

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18H • R\$ 2,50

BOA NOTÍCIA

Programa de TV ajuda a recuperar detentas em SP

Em Votorantim, no interior de São Paulo, presas fazem o primeiro programa de TV numa prisão. Criado para ressocializar, o TV Cella fez das detentas celebradas nos presidios. **Pág. 64**

A seção "Boa Notícia" volta a ser publicada na Primeira Página.

Dentista fatura R\$ 120 mi com clínicas para as classes C, D e E

Dona de uma rede de 111 clínicas voltadas para as classes C, D e E, a dentista Carla Renata Sami, 36, faturou R\$ 120 milhões em 2009.

A Soridents, que já atendeu mais de 1 milhão de pacientes, nasceu em 1995 com uma cadeira de dentista alugada na zona leste de São Paulo. A clientela paga em até 12 meses. **Pág. 86**

RUY CASTRO

Simon iguala-se em oportunismo aos que atacava

Na noite de quarta, o senador Pedro Simon (PMDB-RS) perdeu a oportunidade de dormir como um político respeitado. Ele ressuscitou uma emenda sobre royalties que é inconstitucional.

Agora Simon se iguala em marote e oportunismo aos políticos que já atacou e, com isso, se despede dos que um dia o admiraram. **Pág. 82**

À sombra de Lula, Dilma promete 'alma de mulher'

'Mudei de nome e vou colocar Dilma', afirma presidente; candidata fala em 'continuidade da mudança'



O presidente Lula discursa na convenção nacional do PT, em Brasília, à frente de Dilma

A candidatura de Dilma Rousseff à Presidência, oficializada ontem em Brasília, reforçou a aposta no presidente como cabo eleitoral. "Mudei de nome e vou colocar Dilma", disse Lula. A ex-ministra, menos popular no eleitorado feminino, pregou um governo com "alma de mulher". Na convenção do PT, vídeos citavam brasileiras ilustres, e um espaço nobre foi reservado ao público feminino.

"O tabu que derrubamos foi o de que era impossível governar para todos", destacou Dilma. "A continuidade que o Brasil deseja é a continuidade da mudança."

Em 51 minutos, a candidata prometeu campanha de "alto nível", com o confronto de projetos. "Sei estimular o debate sério, e não o envolvimento." **Pág. A6**

ANÁLISE O presidente Lula sabe que sua crítica está longe de empregar, escreve Valdo Cruz. **Pág. A7**

Oposição inventou dossiê, diz presidente

O presidente Lula afirmou em discurso na convenção do PT esperar que os seus adversários "não façam jogo suado, inventando dossiê todo dia".

Disse que sabe como a oposição funciona e pediu tranquilidade a Dilma: "porque o bicho vai pegar".

A Folha revelou que há um dossiê com dados fiscais sigilosos de Eduardo Jorge, vice-presidente do PSDB.

Lula levantou suspeitas sobre a neutralidade da imprensa nas eleições. **Pág. A6**

Na convenção tocana que oficializou sua candidatura ao governo, Geraldo Alckmin atacou Dilma. **Pág. A8**

Afganistão tem US\$ 1 trilhão em minérios, relata jornal dos EUA

OAB vai apurar se homicídio de advogada tem elo com clientes

Pág. A13

Pág. C4

Figura 26 – (Fonte: FOLHA DE S. PAULO, 14/06/2010)

Após a manchete, o subtítulo “‘Mudei de nome e vou colocar Dilma’, afirma presidente; candidata fala em ‘continuidade da mudança’” e, após a imagem fotográfica, a legenda “O presidente Lula discursa na convenção nacional do PT, em Brasília, à frente de Dilma”. Na manchete e na legenda, duas expressões adverbiais se destacam: “À sombra de Lula” e “à frente de Dilma”. Na manchete, o adjunto adverbial é destacado por vir deslocado no início da oração. Após, como segunda informação, o sujeito e a ação verbal. Na legenda, o adjunto adverbial aparece no final da oração.

Para Barthes (apud CURCINO, 2006, p. 162), a legenda desempenha a função de ancoragem – “função de regular a possível dispersão da polissemia da imagem” –, de revezamento – preenchimento da mensagem que a imagem fixa dificilmente pode

representar, tais como, a temporalidade e a causalidade – e de amplificação dos significados da imagem ou aquilo que a imagem não denota por ela mesma.

Nesse texto, os sentidos produzidos pela legenda dizem o mesmo que a imagem diz: Lula discursando à frente de uma mesa e à frente de Dilma Rousseff. A legenda reforça o sentido da imagem. Com sua função referencial de informar “quem”, “quando”, “o quê”, “como”, a legenda de foto-notícia deveria ser objetiva e imparcial. Nesse texto, porém, essa referencialidade não é neutra, atribui-se um sentido de proeminência de Lula em relação a Dilma; apesar de o evento ser a oficialização da candidatura de Dilma, fala-se primeiro do discurso de Lula. Essa formulação que coloca Lula e seu discurso como foco temático é também reproduzida sintaticamente, visto que Lula é o sujeito da oração e Dilma, o adjunto, tomado como referência à localização de Lula. Ademais, o adjunto adverbial é apresentado no final da oração, quando poderia estar localizado em qualquer posição.

As locuções adverbiais são informações importantes para esse posicionamento discursivo. Elas estão intradiscursivamente formuladas em jogo com a ambiguidade, estabelecem não apenas relação direta com a imagem reproduzida, mas marcam a posição que Dilma ocupa no PT, em comparação ao presidente Lula.

Esse sentido em construção nessa edição do jornal é reforçado no corpo da reportagem, na página A4. A reportagem intitulada “Dilma diz que fará Brasil de Lula com ‘alma de mulher’” é seguida pelo enunciado “Na convenção do PT, presidente reforça ideia de que votar na petista é votar nele”, e pela fotografia com sua respectiva legenda:



Figura 27 – (Fonte: *FOLHA DE S. PAULO*, 14/06/2010)

Ao lado dessa imagem do fotógrafo Evaristo de Sá, um pequeno texto em destaque: “Lula diz que, apesar de não disputar a eleição, continuará na cédula: ‘Eu mudei de nome e vou colocar Dilma’”. Nessa página do jornal *Folha de S. Paulo*, a referência a Lula está presente nos enunciados destacados: título, lide, manchete, legenda e fotografia. O discurso dessa instituição midiática insiste na associação de Dilma a Lula para comparar esses dois políticos e desqualificar a candidata, taxando-a de dependente. Esse discurso traz um dado, visto na esfera político-eleitoral, como ponto forte para qualquer candidato a cargo público – o apoio de outro político bem avaliado, e, no caso de Lula, ainda popular e carismático – e reformula-o no interior de um posicionamento discursivo que anuncia tal apoio como um ponto fraco.

A fotografia mostra duas representações: a imagem da sombra de Lula e a imagem fotográfica de Dilma, cuja legenda pontua um dado aparentemente irrelevante. Só que, para esse posicionamento discursivo, ter captado essa imagem e tê-la colocado em circulação no interior de uma grade semântica que apresenta a relação entre Lula e Dilma como disfórica, esse dado passa a ser muito importante. Parece a materialização

visual de uma verdade. A legenda dessa fotografia, assim como a legenda da foto que analisamos acima, diz o mesmo que a imagem: “A sombra de Lula é projetada sobre imagem de Dilma, durante discurso do presidente”. Como o jornal é uma instituição que preza – ou diz prezar – a imparcialidade, a legenda deveria dizer objetivamente apenas informações que descrevem e situam a ação. Essa legenda simula sua objetividade, demonstrando certa “neutralidade”, mas também sugere que as conclusões de sentido fiquem a cargo dos leitores, o que reforçaria a ideia da relativa autonomia da imagem que “fala por si mesma”.

A imagem também não mostra objetivamente as pessoas e o evento, função da fotografia jornalística. É uma imagem de imagens: da sombra de Lula e da fotografia do rosto de Dilma Rousseff. Uma imagem citada no interior de um discurso que produz efeitos de sentido disfóricos da relação entre os dois políticos.

Essa imagem fotográfica teve grande poder de circulação. Muitos suportes midiáticos utilizaram-na. Para caracterizar negativamente a relação entre Lula e Dilma, no interior do percurso “criador e criatura”, a mídia mais afinada com o posicionamento discursivo de centro-direita evoca também o vocábulo “sombra” e fotografias de sombras que funcionam como traços semânticos utilizados para dizer que Dilma está à sombra de Lula. Termo e imagens também ganharam grandes possibilidades de enunciabilidade na mídia, principalmente após a convenção do PT, quando foi possível captar por câmeras fotográficas imagens das sombras das pessoas que estavam à frente do grande cartaz de propaganda, com as imagens de Dilma e Lula, colado na parede ao fundo.

Essa ideia de sombra de Lula perdurou após a eleição e perdura até os dias atuais. A fotografia, cuja sombra de Lula é projetada sobre a imagem de Dilma, foi utilizada novamente pelo jornal *Folha de S. Paulo* no dia 1 de novembro de 2010, um

dia após a vitória de Dilma Rousseff. Nesse momento, sobre a fotografia foi acrescentado o vocábulo “PADRINHO” e alterou-se a legenda para: “Sombra de Lula sobre cartaz de Dilma Rousseff durante discurso do presidente no lançamento de candidatura da petista, escolhida por ele para ser a sua sucessora”. Sobre as condições que levaram à retomada desse enunciado imagético num caderno especial sobre a vitória de Dilma Rousseff na eleição de 2010, pensamos que a necessidade de muitas instituições filiadas aos posicionamentos de centro-direita em desqualificá-la permanece após a eleição.

Muitas instituições continuaram, após a eleição, desqualificando Dilma Rousseff, ao produzir discursos que a caracterizam como sombra de Lula não só verbalmente, como visualmente. A fotografia da sombra de Lula sobre a imagem de Dilma veicula no dia 31 de outubro de 2010, dia da vitória de Dilma Rousseff, no *Blog de Josias de Souza* e no site *Porque voto no Serra*⁸⁶. A fotografia não apresenta legenda, mas os títulos “Extensão de Lula, Dilma sai da urna como incógnita” e “Dilma, a esfinge mal-alvissareira! Extensão do Lula, Dilma sai da urna como incógnita” respectivamente direcionam o leitor para o percurso interpretativo de considerar Dilma como dependente de Lula. Vejamos o texto completo publicado no *Blog de Josias de Souza*:

⁸⁶ No site *Porque voto no Serra*, há a cópia do texto publicado no *Blog do Josias* acrescido de outras informações.



Evaristo de Sá/FP

Figura 28 ⁸⁷

Extensão de Lula, Dilma sai da urna como incógnita

Nos dias que antecederam o primeiro turno, o comitê de Dilma Rousseff tomou uma decisão temerária: reduziu a presença de Lula na campanha. Concluiu-se que chegara a hora de mostrar que a candidata tinha luz própria. Sobreveio o segundo turno. E Lula foi devolvido ao primeiro plano.

Coadjuvante da própria candidatura, Dilma chega ao final da campanha como uma incógnita. Um enigma que hipnotiza 55% dos votos, segundo o Datafolha. Na expedição eleitoral, ela encarnou Lula. Mimetizou-o no discurso e nos gestos. Elegendo-se, terá de reassumir o próprio corpo antes de assumir a Presidência.

Cara amarrada, tecnocrata de mostruário, Dilma teve a fama de durona recoberta por densas camadas de marketing. Fabricada por Lula, a candidata foi envernizada pelo jornalista João Santana. Atrás do marqueteiro, uma equipe de cerca de 180 pessoas.

Nos comícios, uma fórmula imutável. Primeiro, falavam os candidatos ao Senado. Depois, o postulante ao governo do Estado. Dilma foi sempre a penúltima da fila. Reservaram-se os epílogos para Lula. Sob atmosfera apoteótica, o padrinho ofuscava a afilhada.

Lula fez por Dilma mais do que fizera por si mesmo nas cinco campanhas em que corra o país como candidato. Nunca antes na história do país um presidente da República jogou-se tanto numa campanha como Lula. Virou cabo eleitoral com dois anos de antecedência.

Nesse texto, a instituição midiática, por meio do blogueiro, atribuiu à imagem fotográfica, por meio de elementos verbais, sentidos que caracterizam a candidata, agora presidente eleita, como “cria” de Lula. No texto verbal, dá-se ênfase à presença de Lula na campanha de Dilma, colocando-a como “coadjuvante” da eleição e sem personalidade própria: “Na expedição eleitoral, ela encarnou Lula. Mimetizou-o no discurso e nos gestos. Elegendo-se, terá de reassumir o próprio corpo antes de assumir a Presidência”.

⁸⁷ Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-10-01_2010-10-31.html>. Acesso em: 31 out. 2010.

O *The New York Times*, jornal diário publicado em Nova York, que circula nos Estados Unidos e também em outros países, publicou em 26 de julho de 2010, um texto intitulado “Brazil’s President Works to Lend Popularity to a Protégée”⁸⁸, cuja imagem fotográfica em questão figura acompanhada da seguinte legenda: “President Luiz Inácio Lula da Silva spoke last month in Brasília under an image of his choice for a successor, Dilma Rousseff”⁸⁹.

Os sentidos apensos a esse texto destacam a atuação do Presidente Lula para eleger sua sucessora: “[i]n the past two years, the Brazilian president has tried to fashion Ms. Rousseff into a viable candidate, giving her control of a multibillion-dollar program for infrastructure projects and parading her at ribbon-cuttings and other public events”⁹⁰. Essa imagem fotográfica que circulou nesse jornal internacional, insere-se num texto que, de certa forma, produz sentidos mais próximos ao discurso que trata negativamente a candidatura de Dilma Rousseff, visto que ela é caracterizada como apadrinhada de Lula, como uma construção dele.

Tal fotografia foi também citada em um texto⁹¹, cujo conteúdo verbal aborda a posição da Diocese de Guarulhos quanto à eleição presidencial de 2010. O título “Bispo católico aos fiéis: ‘Não dêem seu voto a Dilma’” e a legenda “Diocese de Guarulhos leva artigo anti-PT a página na web” esclarecem que a igreja católica pediu aos fiéis para não votarem em Dilma. Nesse texto dois percursos deônticos se entrecruzam: Dilma dependente/ “cria” de Lula e Dilma ateia, favorável à legalização do aborto.

⁸⁸ Tradução nossa: O Presidente do Brasil trabalha para entregar popularidade à protegida. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2010/07/26/world/americas/26brazil.html?%20r=0&_r=0>. Acesso em: 03 jul. 2012.

⁸⁹ Tradução nossa: Presidente Luiz Inácio Lula da Silva discursou ontem em Brasília sob (à frente) a imagem de sua escolha para sucessora, Dilma Rousseff.

⁹⁰ Tradução nossa: Nos últimos dois anos, o presidente brasileiro tem tentado “marquetizar”/destacar a Sra. Rosseff, dando a ela controle de um programa multi-bilionário de projetos de infra-estrutura e apresentando-a em inaugurações e outros eventos públicos.

⁹¹ Disponível em: <<http://www.franciscoclbrito.blogspot.com.br/2010/07/bispo-catolico-aos-fieis-nao-deem-seu.html>>. Publicado em: 22 de julho de 2010. Acesso em: 13 jul.2012.

Apesar de não existir nenhum mecanismo verbal que aponte para a relação entre Lula e Dilma, a imagem insere-se num texto verbal que desqualifica a candidata por efeitos de sentidos que a caracterizam negativamente: não acreditar na existência de Deus, não ser religiosa e ser favorável ao aborto. No interior de discursos que destacam traços disfóricos da candidata, entendemos que a imagem também se insere em percursos negativos.

Como vimos até aqui, a mídia mais próxima de um posicionamento discursivo de centro-direita começou a utilizar a imagem da sombra para caracterizar negativamente a relação entre Lula e Dilma, qualificando a candidata como “marionete”, “cria do Lula”, “afilhada” dele, “sombra” dele, “fabricada” por ele, “coadjuvante da própria candidatura”.

Poderíamos afirmar que essa fotografia é produzida – e posta em circulação – no interior do discurso que significa disforicamente Dilma Rousseff e sua relação com Lula, mas não é a origem que interessa a uma pesquisa em análise do discurso. Conforme Maingueneau (2007b), o que importa é o estudo do funcionamento discursivo e não a origem de categorias semânticas que a pesquisa solicita.

Essa imagem fotográfica também é citada no interior de discursos que significam euforicamente a candidatura de Dilma Rousseff e sua relação com o presidente. A seguir, analisaremos interdiscursivamente o processo de circulação e o funcionamento discursivo dessa imagem em posicionamentos opostos ao que mencionamos até aqui, observando entre outras questões a “deriva” do sentido.

No dia 31 de outubro de 2010, no *site Margarita sem censura*, publica-se o texto “Dilma, lá! Presidenta de um Brasil para todos”⁹², no qual a referida fotografia aparece antecedida dos dizeres: “Dilma foi escolhida sucessora por Lula, o presidente mais

⁹² Disponível em: <sitemargaritasemcensura.com/home/dilma-la-presidenta-de-um-brasil-para-todos>. Acesso em: 10 jun. 2013.

popular e mais amado da história do Brasil. Na foto, AP, a metáfora do apoio inestimável”. O enunciador “apossa-se” da imagem, tratando-a diretamente como a “metáfora do apoio inestimável” e inscrevendo-a num percurso de sentido que considera positiva a relação entre presidente e candidata.

No *blog Governo Lula, 3 mandato*, a fotografia figura em meio a outras:



Figura 29⁹³

O objetivo de criação do *blog* já aponta para a defesa do “terceiro mandato de Lula”, o mandato de Dilma, enfatizando que Lula está com Dilma e com ela o Brasil continua sendo administrado pelo Governo que possui altos índices de aceitação. As três fotografias publicadas mostram imagens dos dois políticos juntos.

As três imagens justapostas mostram como a relação entre elas produz sentido. O sentido produzido pela relação de justaposição de textos. As duas fotografias que mostram os rostos alegres de Dilma e os gestos das mãos também expressando alegria em similaridade com os rostos e gestos de Lula direcionam a leitura da imagem da sombra sobre a fotografia de Dilma.

Em 06 de agosto de 2010 (ed. 2126), a revista *IstoÉ* publica a fotografia em questão ao lado de outra fotografia com as imagens de Lula e Barack Obama:

⁹³ Disponível em: <<http://lula3vezes.blogspot.com.br/2010/08/o-desespero-pornografico-e-machista-do.html>>. Acesso em: 10 jun. 2013.



No Brasil, a popularidade de Lula impulsiona a candidatura de Dilma e no Exterior o presidente se contrapõe a Obama

Figura 30 ⁹⁴

Fotografia e enunciados da legenda: “a popularidade de Lula impulsiona a candidatura de Dilma”, constroem sentidos em torno de ser positiva a relação entre Lula e Dilma. A justaposição de imagens, apesar de mostrar um contraste – No Brasil, Lula e Dilma em sintonia e no exterior Lula em contradição a Obama –, foca a atuação de Lula como um líder e um político competente tanto nacional como internacionalmente.

A revista *IstoÉ* reutiliza essa fotografia em sua edição especial de “comemoração” à vitória da petista “A mulher no poder Dilma Rousseff”. Nessa edição assim apresenta a imagem:

⁹⁴ Disponível em: <http://www.istoe.com.br/reportagens/93552_O+MOMENTO+DE+LULA>. Acesso em: 09 jun.2013.



Figuras 31 e 32 – (Fonte: ISTOÉ, nov. 2010, edição especial, p. 44-5)

Duas fotografias justapostas ocupando duas páginas. A primeira foto, a que estamos comentando, em contraposição à outra foto, visto que ambas retratam Lula e Dilma em posições diferentes. A primeira apresenta, em primeiro plano, a sombra de Lula refletida na imagem de Dilma e a segunda apresenta, em primeiro plano, a imagem de Dilma à frente da imagem de Lula. Nessa relação de textos imagéticos, o traço mais (+) agentivo de Lula e menos (-) agentivo de Dilma são equiparados.

Além da justaposição de imagens, os textos verbais direcionam o leitor para um percurso de interpretação mais condizente com o posicionamento discursivo que significa positivamente a relação de ambos: “Especial Dilma Presidente/ A grande parceria/ Como Lula escolheu, preparou e pavimentou o caminho para que Dilma se tornasse a sucessora de seu legado na Presidência da República”.

O enunciador cita a fotografia da sombra de Lula projetada na imagem de Dilma, mas a formulação dos sentidos em complementaridade aos textos verbais

sobrepostos não apontam para a relação pejorativa de “sombra”, de “criador-criatura”, apontam para a relação de parceria.

Antes da eleição presidencial de 2010 (21 de setembro), o jornal *El País* cita essa imagem fotográfica num texto intitulado “Lula se apodera de la campaña”, com o seguinte subtítulo: “El presidente brasileño es la estrella de los actos de su heredera, Dilma Rousseff” e legenda: “La sombra del presidente Lula da Silva se proyecta sobre una imagen de la candidata Dilma Rousseff” (EL PAÍS, 21/09/2010). Apesar de o jornal *El País* colocar em circulação essa fotografia, os dizeres apontam, sobremaneira, ao fato de Lula ser um presidente com altos índices de aceitação e popularidade e por utilizar a campanha eleitoral também como uma despedida. Os sentidos construídos não tratam negativamente a relação de Lula e Dilma, pelo contrário, respondem, via citação, aos dizeres que a tratam assim:

Es injusto que se diga que toda la campaña es Lula, se queja una colaboradora de Dilma. “El mérito de ella es muy grande: en los debates y en los espacios de televisión ha sabido” demostrar que es seria, capaz, una alternativa creíble. Há ganado algún debate com más del 56% de los espectadores consultados. Sin todo esto, el apoyo de Lula sería insuficiente” asegura.

“Claro que Dilma no puede aspirar a los mismos niveles de popularidade que Lula. Ni se le há passado por la cabeza. Pero se equivocan quienes creen que será una marionete, ni de Lula ni del PT”, asegura su colaboradora.⁹⁵

Pelo texto em questão, “Lula se apodera da campanha”, inclusive porque “talvez se possa conquistar novas esferas de poder”. Além do mais: “Vendo-os juntos pelo palanque em Campinas [...] se compreende muito bem a importância desse apoio e as razões das queixas da oposição”. A fotografia da imagem da sombra de Lula projetada sobre a imagem de Dilma, nesse texto, direciona o leitor para o sentido de importância do apoio de Lula; a relação entre Lula e Dilma não é focalizada

⁹⁵ Disponível em: <http://elpais.com/diario/2010/09/21/internacional/1285020009_850215.html>. Acesso em: 09 jun.2013.

negativamente. A imagem é retomada nesse texto e, nele, ela diz quanto é positivo ter o apoio de Lula e quanto a relação entre ambos é boa para eleger Dilma presidente. A fotografia significa a parceria entre ambos e o elemento semântico da sombra de Lula sobre a imagem de Dilma materializa o traço de união entre ambos.

Ainda antes da eleição, na edição de 7 de julho de 2010, menos de um mês após a captura da imagem fotográfica – Convenção do PT em 13 de junho de 2010, a revista *CartaCapital* utiliza a mesma fotografia na capa:



Figura 33 – (Fonte: *CARTA CAPITAL*, 07/07/2010)

Conforme nossa hipótese inicial, essa fotografia (ou outra semelhante) não seria publicada nas páginas da imprensa que se inscreve num posicionamento discursivo mais

de centro-esquerda. Ocorre que deparamos com situações um tanto incomuns: mesmo texto imagético, díspares textos verbais. E são os textos verbais em sua maioria que direcionam os sentidos. A justaposição de imagens também direciona o sentido, mas, em meio a esses textos de cunho jornalístico, a recorrência ao verbal para fechar a polissemia da imagem é o recurso discursivo mais presente. Parece que os enunciadores que tendem para o posicionamento de centro-esquerda trazem uma “realidade”, a representada pela fotografia, e a narram de forma diferente.

CartaCapital não nega o acontecimento, não nega a “realidade”, todavia diz que a realidade é outra. Diz que a relação de Lula com Dilma é um ponto positivo, diz que Lula transfere votos e isso é muito bom. O título da capa “A mão de Lula” muda o foco do discurso produzido pelas instituições que tratam negativamente a relação de Lula e Dilma para destacar não a sombra de Lula, mas a mão de Lula, capaz de transferir votos: “O plebiscito vai se confirmando e o presidente transfere votos acima do que muitos esperavam”.

A polêmica se materializando pela interincompreensão. O discurso mesmo cita o discurso outro, no caso a imagem fotográfica, para interpretá-la de acordo com seu quadro semântico. Materializa-se uma disputa por sentidos. E o discurso de *CartaCapital*, assim como de outras instituições que significam de forma eufórica a relação de Lula e Dilma Rousseff, parece responder ao discurso outro, em oposição.

A fotografia está, pois, inserida em uma narrativa, ou melhor, ela já traz em si toda uma narratividade. E o fato de ser utilizada e (re)utilizada em espaços jornalísticos ocorre por ocasião de um acontecimento histórico que, ao ser narrado verbal e/ou imageticamente, “retorna” e assume-se como narrativa de acontecimento.

As retomadas dessa imagem fotográfica e os deslocamentos de sentidos que vimos podem ser compreendidos, na perspectiva de Pêcheux (2006 [1983]), sob o

prisma do equívoco da língua, visto que todo enunciado é possível tornar-se outro, diferente e derivado do deslocamento discursivo. Todo discurso marca, portanto, “a possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de memória] e trajetos [sociais]: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas” (PÊCHEUX, 2006 [1983], p. 56).

Ademais, quanto mais um enunciado ou imagem circula, mais susceptível fica a instabilidade do sentido, as possibilidades de alterações semânticas tendem a se intensificar. Essa fotografia de Evaristo de Sá circula na esfera jornalística com grande poder de radiação entre suportes – jornais/revistas e *blogs* – e entre gêneros – notícias, reportagens e artigos de opinião.

Abaixo, outra fotografia também capturada durante a Convenção do PT que oficializou a candidatura de Dilma Rousseff em 13 de junho de 2010 e que também apresenta a imagem da sombra do presidente Lula discursando como recurso semântico teve, talvez igualmente à fotografia de Evaristo Sá/ France Presse, grandes possibilidades de circulação:



Celso Junior/AE

Figura 34⁹⁶

Nessa fotografia, que parece ter sido manipulada por recorte, há a imagem de Dilma Rousseff sentada e a imagem da sombra de Lula que está discursando, projetada no fundo da parede, onde há um cartaz da campanha eleitoral.

A revista *Veja online* publicou essa fotografia no dia 13/06/2010, às 13h44min, num texto intitulado “Dilma: ‘É a hora de uma mulher comandar o país’”. No título apresentado entre aspas, um destaque do discurso proferido pela petista na convenção nacional do PT. Assim como no título, a ênfase do texto verbal que figura após a fotografia é o fato de Dilma Rousseff ter direcionado seu discurso às mulheres. A referência a Lula faz-se presente por duas citações: a imagética, pela fotografia da sombra, e a verbal, pela fala de Dilma: “para aprofundar o olhar do presidente Lula, ninguém melhor do que uma mulher na Presidência da República”. Embora o foco do texto não seja a relação política entre Lula e Dilma, a fotografia, nesse contexto discursivo, direciona o leitor para o percurso de sentido que trata a relação entre ambos de forma disfórica, ou seja, de Lula ser a sombra de Dilma.

Um dia após a Convenção do PT, no *Portal Vermelho*⁹⁷, publica-se um texto sob a assinatura de Bernardo Joffily, no qual foca-se a ideia “Para Dilma, quanto mais Lula melhor” e cita a fotografia que figurou na capa do Jornal *O Globo* desse dia:

⁹⁶ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/veja-acompanha-dilma-rousseff/dilma-chegou-a-hora-de-uma-mulher-comandar-o-pais/>>. Acesso em: 28 dez.2012.

⁹⁷ Disponível em: <www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticias=131434&id_secao=1>. Acesso em: 28 dez. 2012. Esse texto também foi publicado no dia seguinte (15) no Portal Contraponto PIG: <<http://contrapontopig.blogspot.com.br/2010/06/contraponto-2510-para-dilma-quanto-mais.html>>. Acesso em: 28 dez. 2012.



A 'sombra de Lula' na foto do Globo

Figura 35⁹⁸

Esse texto, inscrito no posicionamento de centro-esquerda, surge como resposta às narrativas da mídia mais afinada aos discursos de centro-direita acerca do acontecimento que oficializou a candidatura de Dilma Rousseff. Vejamos um fragmento:

Após as Convenções Nacionais do PSDB e PT no fim de semana, a Folha de S. Paulo (À sombra de Lula, Dilma promete 'alma de mulher') e o Estado de S. Paulo (Ao lado de Lula, Dilma diz que rivais usam 'veneno') martelam nas manchetes desta segunda (14) que o presidente tem um papel excessivo nesta eleição. O Globo também: pôs na capa uma foto de Dilma coberta pela sombra de Lula. Para o bloco oposicionista-midiático, este seria um grave problema. Para a maioria dos brasileiros (a conferir em outubro), é a solução.

O enunciador cita o discurso outro para desautorizá-lo. E a polêmica, constitutiva desse discurso, se revela pela contradição presente no intradiscurso e no interdiscurso. O percurso de sentido em construção nesse texto direciona o leitor para significar positivamente a proximidade entre Lula e Dilma. Além da imagem fotográfica, o enunciador cita também o termo 'sombra': "À 'sombra' de Lula, Dilma já

⁹⁸ Disponível em www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticias131434&id_secao=1
Acesso em: 28 dez. 2012

empata com Serra ou o suplanta nas pesquisas”, produzindo sentidos que cercam o leitor sobre a vantagem de se ter o apoio de Lula.

A fotografia de Celso Junior (AE) também é utilizada no corpo da reportagem “Pelas mãos de Lula” de *CartaCapital* (ed. 603, 07/07/2010), cujo percurso de sentido é o mesmo produzido pelo texto citado anteriormente do *Portal Vermelho*. A imagem fotográfica ocupa mais de 50% do espaço da página que se encontra à direita (p. 21). O tamanho da fotografia potencializa os sentidos em construção que conduz à leitura de ser ótimo o apoio de Lula a Dilma, pois “o presidente transfere votos a Dilma Rousseff em ritmo inesperado para a campanha petista”.

A presença do elemento semântico /Sombra/ foi muito recorrente nos discursos jornalísticos durante a campanha presidencial de 2010. Tanto pelas instituições que se inscrevem num posicionamento mais de centro-direita (e apoiam discursivamente a candidatura de José Serra), quanto pelas instituições mais alinhadas aos posicionamentos de centro-esquerda (que apoiam a candidata Dilma Rousseff).

O sema /Sombra/, assim como fotografias de imagem sobre imagem, foram profícuos nos discursos jornalísticos na época da campanha. A imagem da sombra de Lula predominou sobremaneira nos textos imagéticos.

A “intriga” narrativa sobre a proximidade entre Lula e Dilma preponderou nos noticiários e, inevitavelmente, o recurso imagético “sombra” não foi recusado. Tanto para aceitar o percurso de sentido de que “Dilma está à sombra de Lula”, quanto para rejeitar tal sentido, a imagem da sombra manifesta-se presente.

As revistas *IstoÉ* e *CartaCapital*, por exemplo, colocam em circulação tais imagens:



“Para conseguir encaminhar as reformas ao Congresso, Dilma deverá fugir do estilo de conciliação do presidente Lula”

Figura 36⁹⁹



Figura 37 (Fonte: CARTACAPITAL, 03 nov. 2010)

A imagem publicada na revista *IstoÉ* insere-se no gênero entrevista. A citação de um fragmento da fala da entrevistada, Maria Victoria Benevides, figura no título: “Lula não poderá ser uma sombra de Dilma”. No meio da entrevista, a socióloga diz

⁹⁹ Disponível em

<http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/109159_LULA+NAO+PODERA+SER+UMA+SO+MBRA+DE+DILMA+>. Acesso em: 07 jan. 2013.

que Dilma “já tem [luz própria] há muito tempo. É bom lembrar que Dilma não tem um passado na história do PT, por exemplo. Ela era do PDT [...]. Foi graças a sua luz própria, e não a uma rede de apoio partidário, que ela chegou à posição importante de ministra de Minas e Energia e depois à Casa Civil”.

Em similaridade aos dizeres verbais que recorrem ao vocábulo “sombra” para ser rejeitada, a fotografia de Dilma Rousseff com reflexo de sua própria sombra constrói o sentido de que Dilma tem luz própria e rejeita o sema da imagem da sombra de Lula.

A imagem publicada em *CartaCapital* também apresenta um elemento imagético semelhante. Ao estampar a fotografia de Dilma Rousseff sobre outra fotografia sua que figura no cartaz ao fundo, rejeita-se o posicionamento discursivo de Lula ser a sombra de Dilma e valoriza discursivamente ela por ela mesma.

3.1.3.3 A presidente e a perseguição da “sombra”

Depois da eleição de Dilma Rousseff à Presidência do Brasil em 31 de outubro de 2010, os percursos interpretativos contraditórios que se “enfrentaram” no contexto midiático durante a campanha eleitoral sobre a proximidade entre Lula e Dilma permanecem presentes na pauta.

A fotografia de Evaristo de Sá foi retomada em 31 de janeiro de 2011 no *Blog de Josias de Souza* no interior desse texto:



Evaristo Sá/FP

Figura 38¹⁰⁰

PT promove uma queima de estoque de Lula e Dilma

Às voltas com um buraco de R\$ 27,7 milhões em suas arcas, o PT decidiu liquidar os produtos que comercializa na lojinha contígua à sua sede. Impressos em camisetas, fotos e enfeites que sobraram da campanha eleitoral e da cerimônia de posse, Lula e Dilma Rousseff estrelam a queima de estoque.

Foram à bacia das almas, por exemplo, camisetas com o semblante da presidente. Sozinha ou ao lado de Lula, duas Dilmas saem pelo preço de uma: R\$ 10.

Camisetas com imagens maiores do ex-soberano e de sua pupila –na frente e nas costas— saem por R\$ 20.

Lenços vermelhos com a inscrição ‘Valeu, Lula’ custam escassos R\$ 2. A queima de estoque inclui também livros.

A obra “Governo Lula e o Combate à Corrupção”, por exemplo, foi etiquetada em valor quase tão barato quanto o título: R\$ 10.

Escrito por Josias de Souza às 04h02

As informações acerca da relação “criador-criatura”/ “sombra” estão presentes no texto, principalmente se considerarmos o enunciado: “Camisetas com imagens maiores do ex-soberano e de sua pupila – na frente e nas costas – saem por R\$ 20”. O conteúdo central, no entanto, refere-se à liquidação de produtos do Partido dos Trabalhadores. O discurso é construído ressaltando o sentido negativo acerca do valor “baixo” da mercadoria:

Lenços vermelhos com a inscrição ‘Valeu, Lula’ **custam escassos R\$ 2**. A queima de estoque inclui também livros.

A obra “Governo Lula e o Combate à Corrupção”, por exemplo, **foi etiquetada em valor quase tão barato quanto o título: R\$ 10**. (grifos nossos)

¹⁰⁰ Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-01-01_2011-01-31.html>. Acesso em: 07 jan.2013.

O enunciador, nesse texto, constrói uma cenografia, a partir do gênero anúncio publicitário, para produzir um discurso de desprezo e escárnio aos políticos do PT e desfavorável à imagem de Lula e de Dilma. Esse tipo de discurso não circula na chamada grande mídia jornalística, porque ela é regida pelas regras do “politicamente correto”, porque ela se autocaracteriza como imparcial e detentora da verdade e dos fatos. Os *blogs* de comentários políticos, inseridos na internet, diferentemente da valorizada imprensa, instituição que vende informação, é um espaço caracterizado pela liberdade e democracia. Nesses espaços, textos como esse que estamos analisando possuem trânsito livre. Esses espaços possibilitam a circulação de textos com posições ideológicas extremistas.

Em 2012, no período das eleições municipais, a fotografia que mostra a sombra de Lula sobre a imagem de Dilma volta a circular. Sob a assinatura de Paulo Rainério Brasilino, o *Portal do Vale* publica em 27 de setembro de 2012 um texto intitulado “Dilma, quem diria, socorrerá Lula em São Paulo”¹⁰¹. No texto verbal, o sujeito-enunciador diz:

Premida por Lula, Dilma Rousseff aceitou escalar o palanque do PT de São Paulo. [...] No oficial, dará uma mãozinha a Fernando Haddad. No paralelo, socorrerá Lula, o padrinho do candidato. [...] Dilma chega a São Paulo antes do previsto menos por Haddad e mais por Lula. Ficaria mal na foto se não pagasse na eleição municipal paulistana parte da dívida de gratidão com Lula, o antecessor que a fez presidente da República.

Juntamente com a fotografia, os sentidos em construção nesse texto revelam a “dependência” de Dilma a Lula, mesmo ocupando agora o cargo de Presidente da República.

¹⁰¹ Esse texto também foi publicado em 29 de setembro de 2012 no endereço: <<http://www.policiaepolitica.com.br/noticias/dilma-que-diria-socorrera-lula-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 08 jan.2013.

Ainda sobre esse acontecimento e nessa linha de construção de sentido, a fotografia de Celso Junior também foi reutilizada no blog de Welton Moura¹⁰², cujo texto “Pressionada por Lula, Dilma vai ao palanque de Haddad” reatualiza o percurso de sentido de que Dilma é subserviente a Lula. A fotografia da sombra de Lula refletida atrás da imagem de Dilma, capturada num acontecimento histórico do ano de 2010, quando Dilma era candidata, é retomada para desqualificar Dilma como presidente. O percurso interpretativo é o mesmo, embora tratem de acontecimentos diferentes.

Em 2011, logo após a posse de Dilma Rousseff, no dia 03 de janeiro, Políbio Braga retoma em seu *blog* a fotografia de Celso Junior e diz verbalmente: “Lula será o primeiro-ministro ‘fantasma’ de Dilma Rousseff”; “Lula sempre será a grande sombra sobre o governo de Dilma Rousseff”. Para reforçar seu posicionamento discursivo, o enunciador escolheu a fotografia que traz visualmente a sombra de Lula, construindo para o leitor o percurso de sentido que trata de forma disfórica a proximidade entre presidente e ex-presidente.

Durante todo o governo de Dilma Rousseff até os dias atuais, discursos que tratam da sua “(in)dependência” em relação ao ex-presidente Lula estão em voga, mas em alguns momentos eles circularam mais intensamente. O recurso “sombra” foi materializado verbal e imagetivamente, com mais proeminência, durante a gestão Dilma, no início de seu governo, após os cem dias de atuação e após um ano de presidência.

Após um ano na Presidência, avaliações do governo Dilma trouxeram à tona o elemento “sombra”. Muitas notícias, reportagens e charges podem ser citadas. Destacamos, apenas como breves exemplos, dois títulos de reportagens: “Dilma sai da

¹⁰² Disponível em: <www.weltonmouraaltinho.blogspot.com>. Acesso em: 17 dez.2012.

sombra de Lula, mas ainda precisa deixar marca própria no governo”¹⁰³; “Dilma impôs estilo e saiu da sombra de Lula em primeiro ano de mandato”¹⁰⁴; e a reportagem “Coming into her own” publicada na revista *The Economist* em 18 de fevereiro de 2012.

A reportagem britânica coloca em destaque o título, a frase “Slowly but surely, the president is making her mark on the government”¹⁰⁵ e a charge:



Figura 39¹⁰⁶

A imagem apresenta Dilma dirigindo um ônibus na rua “Dilma’s Way” (caminho de Dilma), enquanto políticos caem pelas janelas e pela porta e Lula está completamente aterrorizado com a maneira de Dilma dirigir o seu caminho. Os sentidos construídos pela revista significam a atuação de Dilma de forma favorável. Utiliza no interior do texto o vocábulo “sombra”: “she has progressively emerged from Lula's shadow to recast the Brazilian state in her own likeness”¹⁰⁷, mas não o coloca em destaque.

¹⁰³ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/dilma-sai-da-sombra-de-lula-mas-ainda-precisa-deixar-marca-propria-no-governo-20120101.html>>. Acesso em: 17 dez. 2012

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.dw.de/dilma-imp%C3%B4s-estilo-e-saiu-da-sombra-de-lula-em-primeiro-ano-de-mandato/a-15621646>>. Acesso em: 17 dez. 2012

¹⁰⁵ Tradução nossa: “Vindo de seu próprio jeito” e “Devagar, mas com certeza, a presidente está deixando a sua marca no governo”.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.economist.com/node/21547856>>. Acesso em: 18 dez. 2012.

¹⁰⁷ Tradução nossa: ela está emergindo da sombra de Lula para editar no Brasil o seu jeito.

O semanário britânico coloca em circulação sentidos marcados pela imparcialidade, por isso não percebemos que o leitor seja cercado por um ou outro percurso interpretativo que estamos considerando nesta pesquisa. Todavia muitos espaços midiáticos brasileiros, ao comentarem essa reportagem da *The Economist*, citam o vocábulo “sombra” nos títulos, traço semântico positivo para o posicionamento discursivo centro-direita. Citamos os títulos publicados em textos do jornal *Estado de S. Paulo* e da revista *Época* respectivamente: “‘The Economist’: Dilma ‘sai da sombra de Lula’” e “Dilma deixou a sombra de Lula, diz Economist”.

Como se vê, o discurso citado da revista britânica é utilizado como argumento de autoridade para a construção de sentidos negativos sobre o ator político Dilma Rousseff. Embora a informação seja positiva: “sair da sombra”, a insistência em destacar o sema /Sombra/ reforça um discurso que está em circulação no Brasil desde os primeiros comentários sobre a provável candidatura de Dilma Rousseff.

No primeiro semestre de 2013, a queda na aprovação e popularidade do governo Dilma provocou a emergência de discursos que apontam a possibilidade de Lula ser o candidato (e não Dilma) à eleição de 2014. Em meio a uma rede interdiscursiva que traz essa possibilidade, narrativas sobre a relação entre Lula e Dilma Rousseff ganham espaço na mídia jornalística. Os discursos desse momento retomam muitos já ditos, inclusive a imagem fotográfica da autoria de Celso Junior.

A entrevista que Dilma Rousseff concedeu ao jornal *Folha de S. Paulo* em 28 de julho de 2013 causou grande produção de discursos que desvalorizam a proximidade entre ela e Lula, cercando o leitor para o percurso negativo sobre a relação dos dois. Na primeira página, como manchete, o jornal *Folha de S. Paulo* apresenta um destaque da entrevista de Dilma: “Lula não vai voltar porque nunca saiu, diz Dilma Rousseff”. No interior da entrevista, em meio aos comentários sobre as manifestações que ocorriam

no país na época, o sujeito entrevistador afirma que Dilma teve uma queda grande nas pesquisas e continua:

[Mônica Bergamo:] Mas isso fez ressurgir o movimento “Volta Lula” em 2014.

[Dilma Rousseff:] Querida, olha, vou te falar uma coisa: eu e o Lula somos indissociáveis. Então esse tipo de coisa, entre nós, não gruda, não cola. Agora, falar volta Lula e tal... Eu acho que o Lula não vai voltar porque ele não foi. Ele não saiu. Ele disse outro dia: “Vou morrer fazendo política. Podem fazer o que quiser. Vou estar velho e fazendo política”. (FOLHA DE S. PAULO, 28/07/2013, p. A4)

A entrevista de Dilma Rousseff, ou melhor, os sentidos produzidos pelo destaque feito pelo jornal geraram muitos outros discursos. No dia seguinte (28 de julho de 2013), o texto que citamos abaixo circulou em muitos espaços midiáticos¹⁰⁸:



DILMA ADMITE GOVERNAR À SOMBRA DE LULA, DIZ OPOSIÇÃO

A oposição reagiu à entrevista em que a presidente Dilma Rousseff, no jornal “Folha de S. Paulo”, afirma que não haverá o “Volta Lula” porque ele nunca teria saído. Para os líderes da oposição, Dilma mostrou fragilidade ao admitir que age à sombra de Lula. (Clique aí e leia a entrevista de Dilma)

Em sua página de rede social, o senador e presidenciável Aécio Neves (PSDB-MG) criticou a “obsessão” de Dilma pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, citado duas vezes na entrevista, e considerou que Dilma anunciou ao país que “o governo não fará nenhum esforço no sentido de diminuir sua estrutura e, com isso, reduzir o seu custeio”.

Na entrevista, a presidente negou todas as dificuldades econômicas apontadas inclusive por parlamentares de sua base e pelo próprio Lula, e garantiu que o governo cumprirá a meta de inflação pelo décimo ano consecutivo. E lembrou que Fernando Henrique não cumpriu a meta em três dos quatro anos dele em que a meta vigorou. (Informações de O GLOBO — **Júnia Gama e Monica Tavares**)

Figura 40 ¹⁰⁹

¹⁰⁸ Dentre eles: o *Blog de Sobral de Prima* e o *blog* de Magno Martins.

O título já direciona o leitor para o percurso de sentido que defende ser Dilma – enquanto presidente – dependente de Lula. E a fotografia que circulou na época da campanha intensifica o sentido de que Dilma Rousseff governa à sombra de Lula.

O jornal *Folha de S. Paulo* coloca em circulação, no dia seguinte (29/07), o texto “Para Aécio Neves, governo Dilma é ‘incapaz e ‘refém’””, no qual cita um enunciado de Alberto Goldman (PSDB): “Lula nunca saiu, e Dilma nunca entrou”.

Em 2013, quando a conjuntura político-histórica do Brasil já provoca a emergência de discursos com o tema das Eleições Presidenciais de 2014, parece que ficam mais proeminentes, nas instituições midiáticas que se identificam com posicionamentos discursivos mais de centro-direita, discursos que visam a desvalorizar a competência e autonomia de Dilma em relação ao ex-presidente Lula. O percurso de sentido traçado pelas linhas editoriais dessas instituições pode assumir a seguinte equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui como percurso interpretativo de valor deôntico: O Brasil não será (ou não é) bem governado por uma presidente “criatura”, “dependente” de seu antecessor/ “criador”.

Para Maingueneau¹⁰⁹, o sentido não está dentro da frase, mas analisável no dispositivo de circulação, pois o que importa é o que a fala que circula diz no espaço em que circula. No nosso caso, as imagens da sombra também não significam por si ou no interior de um texto, mas pela circulação que ocorre na esfera jornalística, materializando dois grandes movimentos interpretativos que buscam estabilizar sentidos opostos.

Neste item, analisamos o funcionamento discursivo desses movimentos, tomando por base o sema /sombra/. Esses dois movimentos discursivos, por seus

¹⁰⁹ Disponível em: <http://sobraldeprima.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html>. Acesso: 20/09/2013.

¹¹⁰ Em curso proferido na Universidade Federal de São Carlos, no evento da ALED, em maio de 2014.

operadores de individuação que filtram o que pode e deve ser dito, recusam-se mutuamente.

Nas narrativas que analisamos, esses filtros de individuação operam pela escolha lexical, como “sombra” de Lula e, em oposição, “mão”, “apoio”; pela construção sintática, colocação de sujeito e adjunto dentro da oração, pela justaposição de imagens; pelo modo de citar o discurso outro, traduzindo-o conforme a grade semântica de cada discurso; pelos destacamentos; pelas retomadas de já (re)ditos, pela reiteração de temas, pela redundância de informações.

Em contrapartida, o sema /sombra/ enquanto imagem circula no interior dos dois posicionamentos discursivos. Só que essa imagem é enquadrada pela semântica que rege cada um desses posicionamentos. A imagem da sombra de Lula é um traço do interdiscurso, que é dada a ler diferentemente. Para o movimento de apoio a Dilma Rousseff, a presença de Lula é positiva, o presidente (e a imagem da sua sombra) pode ser caracterizado pelo traço (+) anjo; já o movimento oposto significa a presença do presidente negativamente e a imagem de sua sombra pode ser interpretada pelo traço (+) fantasma.

Analisamos, com maior afinco, três fotografias que mostram a imagem de Dilma e a imagem da sombra de Lula e que tiveram grandes possibilidades de circulação. A primeira traz o rosto de Dilma Rousseff no ano de 2008 – o rosto da ministra –, a segunda e a terceira mostram o rosto de Dilma em meados de 2010 – o rosto da candidata.

A segunda (Evaristo de Sá) e a terceira fotografias (Celso Junior – AE), cujo percurso de circulação analisamos, foram capturadas durante o evento de oficialização da candidatura de Dilma Rousseff. Inicialmente circularam em narrativas que tematizam

esse acontecimento. Posteriormente foram (re)tomadas em textos que não mais noticiavam esse evento histórico.

A fotografia de Evaristo de Sá apresenta a imagem de um rosto de Dilma Rousseff que foi produzida pelo movimento discursivo favorável a ela. É a imagem de uma fotografia que foi capturada no contexto da campanha eleitoral, uma fotografia posada para ser circulada em cartazes do Partido dos Trabalhadores. O rosto de Dilma, com um olhar direto para o espectador e sorriso estampado, mostrando os dentes, expressam um semblante leve, simpático e em busca de aproximação/interação.

Essa imagem que circulou no cartaz de campanha entra em circulação no interior de um posicionamento discursivo que a apresenta com recortes e acrescida da sombra de Lula. O rosto é o mesmo, mas os sentidos agora são outros. A sombra é um elemento imagético que atribui um sentido distinto ao rosto. Essa “nova” imagem fotográfica que entra em circulação na mídia jornalística coloca em foco o tema da relação política entre Dilma e Lula. Nos novos contextos de circulação, o sentido é alterado, inicialmente, em textos publicados em instituições que se alinham mais aos valores de centro-direita e, posteriormente, em instituições mais afinadas aos valores de centro-esquerda, como já mostramos anteriormente.

A fotografia de Celso Junior apresenta o rosto de Dilma Rousseff, que está sentada, e a imagem da sombra de Lula projetada na parede ao fundo. Nessa fotografia, o rosto de Dilma está alegre, olhando para frente, para os coenunciadores presentes no evento de oficialização da campanha e não para o fotógrafo ou leitores.

O rosto nas fotografias que analisamos fala em um contexto outro e as instituições midiáticas trazem essa imagem para o interior de suas grades semânticas e fazem o rosto falar ou o enquadram no interior de um percurso de sentido.

Podemos dizer que a imagem da sombra destextualiza e circula, não literalmente, já que nosso objeto são fotografias. É uma ideia que circula pela projeção de uma imagem. Conforme Flusser (2011), a fotografia transcodifica conceitos em cenas. Os conceitos transcodificados nas fotografias que apresentam a imagem da sombra circulam. A imagem da sombra circula não isoladamente, mas acompanhada do vocábulo verbal “sombra” e/ou formulações enunciativas, cujos sentidos que são construídos significam diferentemente a relação de Dilma a Lula, tanto de dependência, quanto de apoio.

Analisamos o percurso do sema /sombra/ desde os primeiros comentários de que Dilma Rousseff seria candidata à eleição presidencial de 2010. Nosso propósito primeiro, com esse item do texto, foi mostrar a recorrência e circulação desse sema em seu aspecto imagético, para sustentarmos os objetivos a que nos propomos, bem como encontrarmos eventuais respostas para nossas questões investigativas. À medida que fomos manuseando nosso material de análise, percebemos que o sema /sombra/ em seu aspecto verbal também precisaria ser considerado. E assim fizemos, pois os textos que consideramos são verbo-visuais, mas nossa prioridade é analisar a pertinência da teoria de Maingueneau para a leitura de imagens. O que continuamos fazendo nos itens a seguir.

3.1.4 O movimento em imagens

Em meio aos estudos sobre as narrativas que tematizam a relação entre Dilma e Lula, observamos o quanto os movimentos/ações e gestos, expressos na imagem fotográfica, significam e constroem “realidades”. Nos espaços multimidiáticos, há que se considerar, além da imagem em si, os sentidos que são selecionados e jogados na

rede de circulação. As realidades significadas e construídas valem-se de discursos verbais e não verbais que podem assumir no novo contexto de circulação sentidos outros, construídos pela instância de enunciação.

Considerando que o(s) movimento(s) dos sujeitos fotografados, via imagem fixa, carrega(m) em si informações visuais altamente significativas, observamos imagens de Lula e Dilma veiculadas na mídia jornalística. Percebemos, então, que há a construção de um percurso de sentido que traz imagens de Dilma Rousseff na condição de paciente e Lula, de agente. Esse percurso insere-se no percurso mais amplo: “Dilma é marionete de Lula” ou “Dilma só faz o que Lula manda”. Em contrapartida, observamos também a existência de discursos que trazem Dilma e Lula em situação de igualdade em termos de ações e gestos, ou seja, ambos agem na mesma direção ou estão em sintonia, por exemplo: sorrindo, batendo palmas, etc.

Quanto à construção do primeiro percurso citado neste item, exemplificamos com algumas fotografias:



Antonio Cruz / Agência Brasil

Figura 41 ¹¹¹



Figura 42 ¹¹²

¹¹¹ Disponíveis em: <<http://www.jblog.com.br/informejb.php?itemid=25613>>. Acesso em: 23 abr. 2013; <<http://noticias.terra.com.br/brasil/dilma-mantera-escritorio-de-apoio-em-porto-alegre,477e63fc8940b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 27 abr. 2013; <http://blogportaldobene.blogspot.com.br/2010/12/30122010_30.html>. Acesso em: 27 abr. 2013; <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-08-01_2011-08-31.html>. Acesso em: 27 abr. 2013; <<http://www.psd.org.br/a-plataforma-petista-para-a-oposicao-por-elio-gaspari/>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

¹¹² Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2010/12/23/em-natal-de-catadores-lula-ora-por-alencar-cobra-kassab-e-promete-visitar-lixoes.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2013.



Figura 43¹¹³



Figura 44¹¹⁴



Figura 45¹¹⁵



Figura 46¹¹⁶



Figura 47 (Fonte: VEJA, 15/12/2010, p. 88-89)

¹¹³ Disponível em: <<http://www.itaunanews.com.br/?p=3801>>. Acesso em: 26 abr. 2013; <http://www.maxxiway.com.br/mostranoticia.asp?id_noticia=268>. Acesso em: 26 abr. 2013.

¹¹⁴ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/blog/caixazero/?id=1337798&tit=pt-trouxe-avancos-inegaveis.-mas-nos-deixou-ainda-mais-cinicos>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

¹¹⁵ Disponível em: <http://www.portaldomunim.com.br/evento-de-dez-anos-do-pt-pode-ser-largada-para-campanha-eleitoral-de-dilma/>. Acesso em: 26 abr. 2013.

¹¹⁶ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/brasil/dilma-rousseff-de-coadjuvante-a-candidata-de-lula/>>. Acesso em: 26 abr. 2013.



Figura 48 – (Fonte: O ESTADO DE S. PAULO, 11/10/2011, p.

A4)



Criador e criatura: Dilma nega “herança” ao lado de padrinho político (Gustavo Miranda/Agência O Globo)

Figura 49¹¹⁷



Helvio Romero/AE
Abertura dos equipamentos de saúde ocorre na véspera do início oficial da campanha

Figura 50¹¹⁸

A imagem da autoria de Antonio Cruz (Figura 41) foi, dentre as imagens que expressam Lula falando próximo ao ouvido de Dilma, a que mais circulou em suportes

¹¹⁷ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-prepara-terreno-para-volta-da-cpmf>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

¹¹⁸ Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/politica,dilma-lula-e-luiz-marinho-inauguram-unidade-de-saude-em-sbc,896329,0.htm>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

mediáticos alinhados ao posicionamento discursivo de centro-direita. Ela foi capturada em 15 de dezembro de 2010 no evento em que Lula registra em cartório um relatório com as ações de seu governo. Na ocasião solene, ele entrega ao presidente da Associação dos Notários e Registradores do Brasil (Anoreg-BR), Rogério Bacellar, esse relatório composto de seis volumes.

No mesmo dia desse evento, 15/12/2010, o *site Notícias Terra* coloca essa fotografia em circulação, juntamente com outras cinco fotos tiradas na ocasião desse acontecimento factual. São estas as imagens¹¹⁹:



Lula faz balanço dos oito anos de governo
Foto: Antonio Cruz / Agência Brasil
Figura 51



Brasil – 16h30 – Ao discursar durante a apresentação do balanço de oito anos de seu governo, o presidente Lula afirmou nesta quarta-feira que os números vão mostrar que a imprensa deixou de cobrir coisas boas feitas pelo Estado
Foto: Ricardo Stuckert / Agência Brasil
Figura 52

¹¹⁹ Disponíveis em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/lula-enumera-feitos-em-ato-que-registrou-acoes-do-governo,0d3e63fc8940b310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 26 abr. 2013.



Lula e o ministro Franklin Martins se abraçam após discurso
Foto: Antonio Cruz / Agência Brasil

Figura 53



Lula posa para fotografos com o ministro Celso Amorim
Foto: Antonio Cruz / Agência Brasil

Figura 54



O ministro Fernando Haddad abraça o presidente
Foto: Antonio Cruz / Agência Brasil

Figura 55

O texto no qual essas imagens são citadas juntamente com a imagem de Lula falando ao ouvido de Dilma (Figura 41) e a legenda “Dilma e Lula conversam durante cerimônia de balanço do governo” intitula-se “Lula enumera feitos em ato que registrou ações do governo”. No interior do texto há também um vídeo de 49 segundos que mostra Lula discursando. O conteúdo nessa notícia não aborda a relação entre Dilma e Lula, apenas cita que o “evento contou com a presença da presidente eleita Dilma

Rousseff, de ministros, ex-ministros, governadores, prefeitos, deputados e senadores”. E à fotografia de Dilma e Lula conversando é atribuída o mesmo valor, no que tange a visibilidade, das outras cinco fotografias, que são apresentadas materialmente equiparadas.

Três dias depois (18/12/2010), o mesmo *site* – *Notícias Terra* – retoma essa fotografia e a insere no texto intitulado: “Dilma manterá escritório de apoio em Porto Alegre”, seguida da legenda: “Dilma seguirá medida do governo Lula e manterá um escritório em Porto Alegre”. Essa notícia é produzida no momento em que Dilma e Lula preparavam a transição do Governo e a fotografia é citada textualmente em referência a outro fato: permanência de um escritório na capital gaúcha, assim como fez o presidente Lula. Em conformidade aos enunciados verbais, a imagem fotográfica nesse texto reforça o sentido de Dilma seguir “seu mentor”.

Essa imagem de Lula falando ao ouvindo de Dilma Rousseff começa a ser destextualizada de um texto verbo-visual que trata do acontecimento ao qual ela se refere e, nos novos contextos de recepção, é citada com o efeito de sentido de mostrar a dependência de Dilma a Lula¹²⁰. A seguir, continuamos descrevendo e analisando textos nos quais essa imagem aparece com esse “novo” sentido e, portanto, coloca em foco a condição de Dilma ser paciente em relação a Lula, sujeito agente.

Ainda em dezembro de 2010 (dia 30), no *Blog Portal do Bene*, essa imagem é retomada e figura após o título “Ministros se reportam primeiro a Dilma, e depois a Lula”. No interior do texto verbal: “A reportagem do *Financial Times* lembra que boa parte dos próximos ministros estão ou já atuaram no governo Lula, sugerindo que a ‘continuidade será uma prioridade’”. Texto em que o efeito de sentido produzido

¹²⁰ A pesquisa dessa fotografia de Antonio Cruz foi feita na web, a partir do Google imagens (https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR&gws_rd=ssl) e Google.com.br (https://www.google.com.br/?gws_rd=ssl) entre os dias 23 e 27/04/2013.

corresponde ao percurso interpretativo que qualifica Dilma como dependente a Lula e que estamos discutindo.

Em 25 de agosto de 2011, a fotografia de Antônio Cruz circula também no *Blog de Josias de Souza* (UOL) no texto “Lula elogia Dilma: ‘Ela está aprendendo a fazer política...’”¹²¹. No conteúdo verbal do texto, há referência ao modo de agir de Dilma diante das denúncias de corrupção em pastas ministeriais de seu governo e frases atribuídas a Lula em conversa a um petista, tais como: “Depois de alguns tropeços, está se saindo muito bem.”; “Ela está aprendendo a fazer política”. As frases atribuídas a Lula, nas quais ele elogia Dilma, são citações do discurso outro – discurso de Lula – que são incorporadas à grade semântica do discurso do mesmo em forma de simulacro. Os efeitos de sentido construídos direcionam o leitor para o fato de que ela não estava preparada para o cargo que assumiu e que agora (agosto de 2011) ainda está aprendendo.

No *Jornal do Brasil online*, a imagem produzida por Antônio Cruz está inserida no texto de 28 de janeiro de 2011, “Dilma quis desistir de caças e submarinos”. O texto traz à baila uma conversa entre Lula e Dilma sobre contas do governo e compras de caças e submarinos. Os efeitos de sentidos em construção apontam para o fato de Dilma pensar em agir de uma maneira (“desistir de caças e submarinos”), mas só fazer assim ou não após conversar com o ex-presidente, seu antecessor.

Em 29 de junho de 2011, o *blog* intitulado *Jornal da Besta Fubana*¹²² publica o seguinte texto:

¹²¹ Conforme nossa pesquisa, esse texto – com a fotografia de Antonio Cruz, na qual Lula fala ao ouvido de Dilma – circulou em: <<http://www.acordacidade.com.br/noticias/79799/lula-elogia-dilma-esta-aprendendo-a-fazer-politica.html>> e <http://cf-araujo1969.blo.uol.com.br/arch2011-08-21_2011-08-27.html>. Acesso em: 25 abr. 2013.

¹²² O enunciador desse *blog* assim caracteriza esse “jornal”: “A esquerda garante que o JBF é de direita. A direita afirma que, sem dúvida, o JBF é de esquerda. Os moderadores dizem que o JBF é radical. Os radicais reclamam que o JBF é moderado. É incrível que esta merda seja o *blog* que mais cresce na internet, mesmo desagradando a tanta gente.”



BEM QUE PODIA SER UMA NOMEAÇÃO PERMANENTE...

A presidente Dilma Rousseff nomeou nesta segunda-feira, 27, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva como chefe da missão especial que irá representar o governo brasileiro na 17ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da União Africana, que acontece de 28 de junho a 1º de julho, em Malabo, na Guiné Equatorial.

* * *

Isto significa que por quatro venturosos dias não corremos o risco de ouvi-lo excretando declarações ou palavras.



Figura 56 ¹²³

A fotografia manuseada com o acréscimo do texto que indica a fala de Lula “Vc quem me nomeou, não eu quem ‘me nomeei’, sacou!? Decora e repete!” insere-se no acontecimento histórico de Lula ter sido nomeado chefe da missão especial, representando o governo na 17ª Sessão Ordinária da Assembleia Geral da União Africana. Um posicionamento discursivo extremista em relação a Lula e Dilma, que constrói um efeito de sentido a partir da linguagem do humor e do escárnio ridicularizando Dilma.

¹²³ Disponível em: <http://www.luizberto.com/2011/06/29>. Acesso em: 24 abr.2013.

Em 24 de novembro de 2011, essa imagem, sob outro foco fotográfico (ver abaixo), é postada às 09h56 no *blog A patrulha da lama*. Como texto verbal, apenas o título: “FOTO DO DIA: Dilma e Lula conversando”.



Figura 57 ¹²⁴

A imagem em destaque como foto do dia insere-se numa produção de sentidos que consideram a presidente, quase no momento de completar um ano de governo, ainda submissa a Lula. Convém destacar que essa submissão de Dilma em relação a Lula, regularmente mostrada nas fotografias em análise, a coloca numa situação enunciativa em que Dilma participa apenas como mera figura decorativa. O papel enunciativo de protagonista é sempre de Lula. É ele que está falando a Dilma o que ela deve fazer. Não há coparticipação enunciativa, há sempre um único lugar enunciativo sendo preenchido pelo presidente Lula.

No ano de 2013, dia 24 de abril, essa imagem do enunciador único foi retomada pelo Portal do PSDB¹²⁵. O texto que apresenta a fotografia intitula-se “A plataforma petista para a oposição, por Elio Gaspari” e trata de casos de denúncia que envolvem, dentre outros, os “mensaleiros do PT”, Rose Noronha, Gilberto Silva. O texto imagético parece não se vincular diretamente ao conteúdo abordado verbalmente. O efeito de sentido que a citação de tal imagem fotográfica pode causar no contexto do *site* do

¹²⁴ Disponível em: <<http://apatrulhadalama.blogspot.com.br/2011/11/foto-do-dia-dilma-e-lula-conversando.html>>. Acesso em: 27 abr. 2013.

¹²⁵ Disponível em: <<http://www.psd.org.br/a-plataforma-petista-para-a-oposicao-por-elio-gaspari>>. Acesso em: 26 abr. 2013.

PSDB refere-se ao fato de Dilma e Lula representarem nacionalmente o PT e serem os possíveis candidatos à eleição presidencial de 2014 pelo partido político que, segundo esse discurso, está repleto de pessoas envolvidas em escândalos de corrupção.

Dentre os textos que apresentamos anteriormente, apenas um apresenta a imagem inserida num texto verbal que trata do acontecimento histórico – quando a imagem foi capturada – que está sendo narrativizado. Essa imagem, como vimos, foi destextualizada de um texto verbo-visual e passou a circular no interior de outros textos que tratavam de acontecimentos outros. Mas o que os assemelha é o discurso que produz um efeito que direciona o leitor para o mesmo percurso interpretativo.

A imagem fotográfica 42, que circulou em 23 de dezembro de 2010 no *site* da UOL, aparece inserida numa notícia que trata da participação de ambos em um evento de catadores de material reciclável e moradores de rua. A legenda da fotografia – “Lula e a presidente eleita, Dilma Rousseff, estiveram juntos em evento de catadores em SP” – e um fragmento de fala atribuído a Dilma – “meu compromisso de continuar esse caminho que o presidente Lula abriu” – fazem alusão a um projeto político que Lula e Dilma representam. Mas a fotografia mostra Lula falando ao ouvido de Dilma, o que discursivamente significa Dilma ouvindo e aprendendo com “seu mentor”, como se ela fosse também, nesse projeto social, “guiada” por Lula e sem identidade política própria.

A Figura 43 circulou no interior de um texto intitulado “Dilma e Lula estarão juntos em Minas Gerais” em 04 de abril de 2013 no *site Itaiú na News* e no *Portal UAI*¹²⁶. O foco do conteúdo verbal é um evento no qual Lula receberá da Assembleia Legislativa de Belo Horizonte o título de cidadão honorário do estado e a agenda de Dilma foi “casada” com a do ex-presidente para que ela pudesse participar de uma vistoria no programa “Minha casa, minha vida” em Ribeirão das Neves e depois

¹²⁶ Disponíveis em: <<http://www.itaunanews.com.br/?p=3801>>. Acesso em: 26 abr. 2013; e em: <http://www.maxxiway.com.br/mostranoticia.asp?id_noticia=268>. Acesso em: 26 abr. 2013.

participar da Assembleia juntamente com Lula. Os efeitos de sentido que estão em pauta nesse momento de perspectivas para a Eleição de 2014 é o “apoio político” de Lula para novamente eleger Dilma. A fotografia possui a imagem da ação de ouvir de Dilma e de falar de Lula que validam os sentidos que estão inscritos no posicionamento discursivo que trata negativamente a relação entre os dois políticos do PT.

A Figura 44 foi veiculada no interior de um texto enviado por Rogerio Waldrigues para o *blog* da *Gazeta do Povo* em 21 de janeiro de 2013. No texto verbal há um balanço dos dez anos de poder do PT. O título resume a tese em defesa no texto: “PT trouxe avanços inegáveis. Mas nos deixou ainda mais cínicos”. Verbalmente, aponta avanços do partido em várias áreas e critica coligações “sujas” feitas em prol da “sede de poder”. A fotografia, além de fortalecer o discurso de “Dilma marionete”, em complementaridade com o texto verbal, apresenta Dilma e Lula como comparsas das “ações sujas” que deixaram os brasileiros “ainda mais cínicos”.

Essa imagem parece ter sido capturada no mesmo evento em que foi capturada a Figura 41 – ato solene de registro em cartório do relatório dos oito anos do Governo Lula. O fundo amarelo da bandeira do Brasil em mesmo tom da Figura 41, a cor da roupa de Dilma Rousseff e a gravata de Lula são elementos visuais que demonstram isso. Uma imagem capturada em dezembro de 2010 circula em um texto publicado mais de três anos depois. O acontecimento histórico é outro e os papéis sociais dos políticos já não são mais os mesmos da época do evento factual.

A imagem fotográfica 45 traz Lula bem próximo ao ouvido de Dilma Rousseff. O elemento semântico que estamos analisando – a imagem de movimentos mostrando Lula como agente e Dilma como paciente – revela-se altamente modalizado. Ademais esse gesto de falar bem próximo ao ouvido de outra pessoa explora o sentido compartilhado em nossa cultura de que estão fazendo “fofoca”, “maledicência”,

“complô”. O conteúdo da conversa não pode, pois, ser ouvido por terceiros. O repórter fotográfico flagrou e a instituição colocou em circulação uma imagem cujos gestos de Lula e Dilma não são socialmente aceitos, gestos que deveriam ser “calados”, principalmente por autoridades e ainda em espaços públicos. Publicada em 19 de fevereiro de 2013 no texto “Evento de dez anos do PT pode ser largada para a campanha eleitoral de Dilma” postado no *Portal do Munin*¹²⁷, a imagem reforça o sentido de que mais uma vez Dilma dependerá de Lula para se eleger ou de que Dilma é marionete de Lula.

A Figura 46, publicada pela revista *Veja* em 19 de fevereiro de 2010, em conformidade com os elementos verbais, conduz o leitor para o percurso interpretativo que desvaloriza Dilma Rousseff. O título “Dilma Rousseff: de coadjuvante a candidata de Lula” e o fragmento que destacamos – “Sem um candidato natural para a chapa governista, Lula tenta emplacar Dilma, que, no começo do governo, não passava de uma ministra coadjuvante, nas Minas e Energia” – apresentam verbalmente um sentido para a fotografia. Os elementos verbais só fazem, contudo, reforçar o percurso de sentido já expresso semanticamente pelo traço do movimento de Lula e Dilma.

Em 15 de dezembro de 2010, após a eleição de Dilma Rousseff, a revista *Veja* ainda insiste na construção de sentidos que colocam Dilma como marionete de Lula. A Figura 47 mostra uma fotografia com Lula falando perto do ouvido de Dilma, que inclina um pouco a cabeça para ouvi-lo. A fotografia ocupa as duas páginas da revista, atribui-se a ela um espaço visual amplo em detrimento dos elementos verbais presentes nessas mesmas páginas. O título “Hora de acomodar os interesses” enquadra a imagem fotográfica no sentido de que Dilma vai compor seu ministério conforme a opinião de Lula. Todo o texto verbal está formulado nessa direção, pois, segundo a reportagem,

¹²⁷ Disponível em: <http://www.portaldomunim.com.br/evento-de-dez-anos-do-pt-pode-ser-largada-para-campanha-eleitoral-de-dilma/>. Acesso em: 27 abr. 2013.

ministros “[f]oram escolhidos por Dilma em acordos firmados exclusivamente com Lula”.

O *Estado de S. Paulo* publica uma imagem fotográfica (Figura 48) em *close* dos rostos de Lula e Dilma e a ação congelada mostrando Lula próximo ao ouvido de Dilma. A legenda “IMAGEM. Após conversas com Lula, Dilma decidiu que fará reforma ministerial em janeiro” reforça o sentido de que a presidente só age após consultar Lula, seu mentor.

A imagem 49, flagrada no Congresso do PT, além de mostrar Dilma Rousseff de boca fechada, olhando para Lula, reforça o percurso interpretativo inscrito no posicionamento discursivo de centro-direita pela legenda que retoma/reatualiza a aforização “criador e criatura” e a expressão “padrinho político”. A revista *Veja* publica essa fotografia em 02 de setembro de 2011 e trata, centralmente, do movimento do governo para criar “um imposto aos moldes da CPMF” para aumento de recursos para a área de saúde, um dos temas da fala de Dilma nesse Congresso. Apesar de o título e o lide do texto focalizarem o discurso do Governo sobre a necessidade de ter mais recursos para investir na saúde, a imagem e a legenda da fotografia abordam diretamente a relação política entre Lula e Dilma Rousseff. No texto, o enunciador diz:

Como faz sempre que discursa ao lado de seu antecessor, Dilma também fez questão de ligar sua imagem à de Luiz Inácio Lula da Silva: ‘Eu estou firmada sobre uma pedra muito sólida, que é a experiência de oito anos de um governo do qual eu tive a honra de participar. Não há herança, porque eu ajudei a construir essa pedra. Os erros e acertos dela são meus erros e meus acertos’, disse ela, ao rechaçar a tese de que recebeu uma ‘herança maldita’ em setores como a economia. (*Veja online*, 02/09/2011)¹²⁸

Esse posicionamento discursivo, ao enfatizar que Dilma Rousseff sempre faz questão de se ligar a Lula e a seu governo, significa esse vínculo entre os dois políticos

¹²⁸ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-prepara-terreno-para-volta-da-cpmf>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

e os dois governos como uma relação de “criador e criatura”, conforme enuncia na legenda.

Pela Figura 50, capturada durante a inauguração de uma Unidade de Saúde em São Bernardo do Campo, recorta-se os demais presentes, dentre eles o prefeito, cujo nome aparece no título do texto, e registra o instante em que Lula fala (boca aberta) ao ouvido de Dilma Rousseff. Texto publicado em 05 de julho de 2012 pelo jornal *O Estado de S. Paulo* já, nesse momento, atribui sentidos à relação entre Dilma e Lula mirando um acontecimento futuro: a campanha eleitoral de 2014, com retomadas de discursos que já circularam desde 2010, inclusive o traço semântico presente em imagens fotográficas do ato de falar de Lula e o de ouvir da petista Dilma. O destaque verbal sobre a ocorrência da inauguração na “véspera do início oficial da campanha” também sinaliza para o sentido de que o PT já está aproveitando inaugurações para fazer campanha política.

Citamos diferentes acontecimentos históricos que, ao serem narrativizados, apresentam um mesmo traço semântico: a ação de falar de Lula e a de ouvir de Dilma. Esse traço imagético, em complementariedade aos elementos verbais, revela posicionamentos discursivos inscritos em percursos interpretativos que significam disforicamente Dilma Rousseff como “cria” / “marionete” de Lula.

O estudo que desenvolvemos até aqui neste item nos mostra como a fotografia na mídia jornalística brasileira prescinde da história, isto é, independentemente do evento a partir do qual irrompeu, ela está sempre a serviço de um determinado posicionamento. A citação de imagens e os diferentes modos de inseri-las na grade semântica que governa a totalidade textual é um trabalho de interpretação do enunciador institucional. E a esse trabalho de interpretação subjaz a competência discursiva e interdiscursiva. E, nesse horizonte de construção discursiva, um direcionamento é

oferecido ao leitor. A imagem fotográfica é um elemento do enquadramento hermenêutico (MAINGUENEAU, 2014a) e esse enquadre se manifesta conforme os planos do sistema de restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2007b [1984]).

Ainda na linha de analisar um determinado movimento/ação no espaço e no tempo transcodificado em imagem(ns) fotográfica(s) e as suas condições e possibilidades de circulação da mídia jornalística, constatamos uma presença que julgamos significativa de discursos que trazem tanto Lula quanto Dilma como sujeitos agentes diante de ações, como sorrir, bater palmas, levantar os braços, abraçar, etc. Vejamos algumas imagens fotográficas:



Figura 58 – (Fonte: CARTACAPITAL, 10/02/2010, p. 21)



Figura 59 – (Fonte: CARTACAPITAL , 03/03/2010, p.18-19)



Figura 60 ¹²⁹



Figura 61 ¹³⁰

¹²⁹ Disponível em: <<http://altamiroborges.blogspot.com.br/2012/12/datafolha-e-forca-de-dilma-lula.html>>. Acesso em: 27 abr.2013.

¹³⁰ Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2012/12/16/datafolha-de-onde-vem-a-forca-de-dilma-lula/>>. Acesso em: 01 mar. 2013.



Figura 62 ¹³¹



Aceitação de Dilma supera Lula em primeiro ano de mandato

Figura 63 ¹³²

A Figura 58 foi veiculada em *CartaCapital* em 10 de fevereiro de 2010 seguida da seguinte legenda: “A ministra já empata com o tucano entre os homens. ‘Há um movimento político em torno dela’ diz Guedes, do Sensus””. Dilma e Lula estão olhando para frente deles (e não para o fotógrafo) e cumprimentando o público. Dilma acenando com a mão esquerda e Lula, com a mão direita, fazendo o gesto que na cultura brasileira significa: “Ok” ou “Tudo bem”.

A fotografia 59, capturada durante o IV Congresso do PT, quando Dilma Rousseff foi aclamada pré-candidata, mostra os petistas que estavam no palanque no momento da aclamação, todos em pé, muitos batendo palmas e, mais ou menos no centro, Dilma Rousseff e Lula de mãos dadas, braços levantados e sorridentes. Ao fundo, a imagem expressa em cartaz de Dilma e Lula também sorridentes e de braços levantados. No cartaz, o texto verbal: “Com Dilma, pelo caminho que Lula nos ensinou”. Este enunciado representa metonimicamente a nossa asserção de que a co-presença de Lula nas fotografias de Dilma, quer seja enquanto sombra ou enquanto corpo materializado, se dá sempre numa relação de apagamento enunciativo de Dilma.

¹³¹ Disponível em: <<http://www.blogdomarcone.com.br/2010/11/19/>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

¹³² Disponível em: <<http://www.dw.de/dilma-imp%C3%B4s-estilo-e-saiu-da-sombra-de-lula-em-primeiro-ano-de-mandato/a-15621646>>. Acesso em: 17 dez. 2012.

Ela não fala. Ela é falada por Lula. O pré-construído “que Lula nos ensinou” ao restringir deonticamente o caminho a ser seguido pelos eleitores, mostra esse total apagamento enunciativo de Dilma.

As imagens 60 e 61 foram veiculadas no interior do mesmo texto verbal, escrito por Ricardo Kotscho, mas publicado em espaços midiáticos diferentes. A imagem com a assinatura de Ricardo Stuckert do Instituto Lula (60) foi veiculada no *blog* de Altamiro Borges no dia 16 de dezembro de 2012. O texto postado no *site* da Record Notícias, também no mesmo dia, utiliza o texto verbal escrito por Ricardo Kotscho, mas apresenta outra imagem (61). A fotografia do *Blog do Altamiro* apresenta-se abaixo do título “Datafolha e a força de Dilma-Lula”; a primeira frase do texto: “‘Se a eleição fosse hoje, Dilma ou Lula venceriam’”, anuncia a manchete da ‘Folha’ deste domingo”. O discurso outro – da *Folha de São Paulo* – é citado como argumento de autoridade para validar o discurso do mesmo. A imagem apresenta Dilma numa *performance* melhor do que Lula, mais sorridente do que ele, olhando para o fotógrafo e, no *blog*, para o leitor.

A imagem do *site* da Record figura após o título “Datafolha: De onde vem a força de Dilma-Lula?” Após a imagem o mesmo texto verbal postado no Blog do Altamiro Borges. Na imagem, Lula e Dilma sorrindo, descontraídos, fazendo o sinal de vitória com os dedos. Em ambos os títulos permanece o vocábulo composto “Dilma-Lula”. No corpo do texto: “Por mais que a mídia se empenhe em jogar criador contra criatura, a verdade é que a atual presidente Dilma Rousseff e o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva parecem formar uma entidade só, a ‘Dilmalula’”. Fotografias e textos verbais mostram Dilma e Lula em parceria, ambos fortes politicamente.

Essas duas instituições colocaram em circulação imagens diferentes, mas a expressão do rosto de ambos, bem como os movimentos posados para as fotos revelam

um posicionamento discursivo comum. O site *Record Notícias* veicula uma fotografia que se refere a um acontecimento histórico anterior – Campanha Eleitoral de 2010. Uma fotografia do ano de 2010 é retomada num texto verbo-visual publicado no final de 2012. Isso reforça nossa tese de que, na mídia jornalística brasileira, é comum a circulação de imagens fotográficas que não se referem ao mesmo acontecimento factual. A imagem 62 circulou no *Blog do Marcone* em 19 de novembro de 2010, quando Dilma já estava eleita. O texto “É preferível essa metamorfose ‘populante’” produz sentidos positivos acerca da relação de ambos e ainda destaca que Dilma tem “mostrado identidade própria. Dilma não é Lula. A criatura é diferente do criador”. Essa imagem mostra um momento de descontração entre Dilma e Lula, rostos alegres, o aperto de mãos e Lula apontando com o dedo para Dilma. Um gesto de Lula que valoriza Dilma após a sua eleição e antes de tomar posse.

A imagem 63 foi publicada em 27 de dezembro de 2011 no site da *Deutsche Welle* no corpo do texto intitulado “Dilma impôs estilo e saiu da sombra de Lula em primeiro ano de mandato”. Um item abordado no texto foi continuidade e estilo e a imagem mostra Dilma e Lula batendo palmas. Possivelmente pode-se sugerir que os aplausos são para o primeiro ano de Governo da petista. Assim, como os demais textos verbo-visuais comentados neste item do capítulo, o sentido em construção aponta para uma relação de parceria entre Dilma e Lula e para a competência da atual presidente que encerrou o primeiro ano de Governo com aprovação de 72 % dos brasileiros.

Mobilizamos, ainda para reforçar a construção de um percurso de leitura que significa positivamente a relação política entre Lula e Dilma e valoriza a competência da petista, imagens fotográficas que foram capturadas durante a posse de Dilma Rousseff no dia primeiro de janeiro de 2011:



Figura 64 – (Fonte: CARTACAPITAL, 12/01/2011, p. 27)

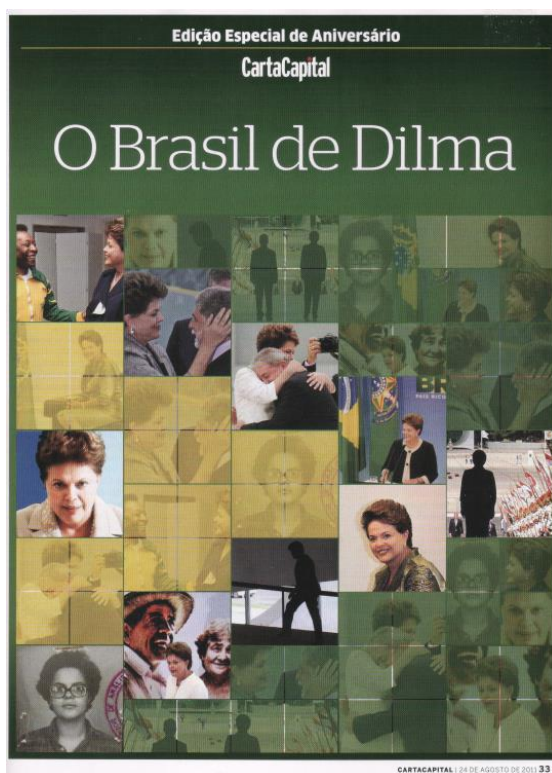


Figura 65 – (Fonte: CARTACAPITAL, 24/08/2011, p. 33)



La nueva presidenta de Brasil, Dilma Rousseff es abrazada por su antecesor Luiz Inacio Lula da Silva, en las afueras del Palacio de Planalto en Brasilia, tras su toma de posesión. / REUTERS

Figura 66¹³³

A revista *CartaCapital* publicou essa imagem do abraço de Lula e Dilma em duas edições: em 12 de janeiro de 2011, na página 27 (ocupando toda a página do lado direito), e em 24 de agosto de 2011, na capa, em meio a outras imagens fotográficas e abaixo do título de chamada da Edição Especial de Aniversário: “O Brasil de Dilma”.

Na edição de 12 de janeiro de 2011, o texto no qual se insere a foto intitula-se “A festa da posse...” e, na página esquerda (26), há um enunciado verbal que faz referência à fotografia que se encontra do outro lado: “Troca de guarda. O abraço afetuoso em Lula e o desfile em carro aberto com a filha”. A própria instituição faz questão de especificar verbalmente o que a imagem expressa: afeto. O afeto manifestado publicamente numa data histórica para o Brasil ficou registrado fotograficamente e *CartaCapital* coloca essa imagem em circulação. No interior do discurso dessa instituição, a fotografia expressa não só afeto e gratidão, mas produz sentidos que rememoram ao leitor toda a luta que Dilma e Lula, em situação de parceria, enfrentaram na campanha eleitoral e a alegria da vitória.

¹³³ São duas imagens (uma publicada nas referidas edições de *CartaCapital* e outra, do *El País*), pois os cliques foram operacionalizados em instantes brevemente diferentes

Na edição de 24 de agosto de 2011, *CartaCapital* retoma a imagem da posse e a coloca em circulação na capa da revista em três espaços. A memória da parceria entre Lula e Dilma é atualizada por uma imagem tão diferente para o espaço político. A ação do abraço congelada e em circulação em outro contexto extrapola os sentidos construídos no discurso que trata o acontecimento da posse. Abaixo do título “O Brasil de Dilma” e em meio a outras imagens que retomam acontecimentos de diversas ordens presenciados por Dilma Rousseff, a participação de Lula não é esquecida. Esse percurso de leitura não silencia sobre a atuação do ex-presidente na história política de Dilma Rousseff enquanto candidata e presidente, pelo contrário valoriza. Nesse caso, principalmente por utilizar uma imagem que mostra o carinho existente entre Lula e Dilma Rousseff.

O jornal *El País* também retomou essa imagem e a colocou em circulação no interior do texto “En três meses, Rousseff ya no es Lula”, publicado em 25 de março de 2011. No interior do texto: “El carismático Lula da Silva salió de la presidencia de Brasil tras ocho años de mandato com una assombrosa aprobación popular de 80%. Pero su sucesora mantiene tras los primeiros três meses de presidencia una cifra de aprobación del 47%. La cifra es la misma que tenía Lula al principio de su presidencia”. Os elementos verbais desse texto apontam para os sentidos de valorização de Dilma. Apesar de apontar para o discurso da dependência, este é retomado para ser, em certa medida, no novo contexto, refutado. E a imagem selecionada acopla às informações referentes à avaliação dos três primeiros meses de governo de Dilma os sentidos do sema /Parceria/, já que Dilma comprovou, conforme o texto, ter personalidade própria desmentindo discursos que circularam na época da campanha eleitoral.

No livro *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*, da autoria de Ricardo Batista Amaral (2011), repórter que foi assessor de Dilma Rousseff de novembro de 2009 a dezembro de 2010 na Casa Civil, há três fotografias de Dilma e Lula no dia da posse. Entre elas, a ação do abraço:



Figura 67 –
Fonte: Amaral (2011)

Nessa imagem, o abraço é focalizado sob um ângulo que dá maior visibilidade ao rosto de Dilma. E a imagem ao fundo certifica o evento da posse. Imagens desse gesto afetuoso circularam no interior de um discurso que trata a relação de ambos positiva para a política do país e para o país. É uma imagem que mostra pelos gestos e expressões dos rostos o carinho e a amizade que há entre os protagonistas da fotografia. Imagens altamente modalizadas na construção discursiva que reivindica o sema /Parceria/.

Diferentemente do elemento visual “sombra”, que, como vimos, é citado pelos dois posicionamentos discursivos com direcionamento de sentidos opostos, as ações e gestos fotografados e citados por um posicionamento discursivo não são citados pelo outro posicionamento e vice-versa.

As imagens das ações e gestos dos dois políticos inserem-se em narrativas individuais que se entrecruzam com narrativas que adquiriram o estatuto de coletivas (GUILHAUMOU, 2009). Coletivas ou individuais, as narrativas de acontecimentos se materializam pela contradição. Como priorizamos e perseguimos imagens fotográficas, foram elas, ou melhor, foi por intermédio delas que chegamos à constatação da existência de narrativas que se inscrevem no percurso Lula falando (sujeito agente) e Dilma ouvindo (sujeito paciente) *versus* Lula e Dilma em ações comuns, conjuntas e recíprocas (sujeitos agentes).

As fotografias citadas pelo discurso mais alinhado à centro-direita mostram, em geral, imagens capturadas clandestinamente, mostram flagras de instantes de conversas entre ambos, nos quais Lula fala e Dilma se posiciona para ouvi-lo. As fotografias citadas pelas narrativas que se filiam mais ao posicionamento de centro-esquerda – algumas posadas, outras não – trazem gestos de acenar para as pessoas, de bater palmas, gestos de “ok”, gestos que significam “V” de vitória, aperto de mãos, braços levantados, abraço, com expressões dos rostos demonstrando alegria, satisfação, gratidão.

São elementos imagéticos em narratividade e, no interior da escrita midiática, adquirem ampla gama de significados. O real, como diz Flusser (2011), é o significante. A esse significante visual, a mídia atribui sentidos diversos conforme a grade semântica que rege seu discurso.

Os movimentos, gestos, ações, expressões faciais comprovam a existência de dois movimentos de sentidos que se opõem por revelarem traços disfóricos em relação a Dilma, reivindicando o sema /Dependência/ e, por outro lado, por revelarem elementos eufóricos que significam a relação dos dois políticos recusando o sema/Dependência/ e requisitando o sema /Parceria/.

3.1.5 “À frente e atrás” em construção de discursos

Neste item, abordamos as narrativas que tematizam a relação entre Dilma e Lula, considerando imagens fotográficas a partir da posição dos protagonistas no espaço/lugar, porque entendemos que esse aspecto imagético constitui-se em um discurso carregado de significados.

Tínhamos como hipótese inicial que imagens que apresentam Dilma Rousseff atrás de Lula teriam sido veiculadas apenas no interior do percurso interpretativo que constrói sentidos disfóricos – “criatura”/ “marionete”/ “sombra” – sobre Dilma e não no percurso oposto.

Nossa pesquisa mostra, contudo, que, em ambos os posicionamentos discursivos, circularam imagens que mostram Dilma Rousseff atrás de Lula. Primeiramente, analisamos imagens fotográficas que circularam no interior de um discurso mais próximo da perspectiva de centro-direita.

A revista *Veja* colocou em circulação na edição de 10 de novembro de 2010 duas imagens que citamos abaixo:



Figura 68 – (Fonte: VEJA, 10/11/2010, p. 50)

Nessa fotografia, Lula está à frente de Dilma. Enquanto Lula caminha firme, olhando para frente, Dilma vem atrás, olhando para o lado. No texto verbal, circula o sentido de que Lula pediu à oposição para ter uma relação harmoniosa com o Governo Dilma. Lula, nesse caso, é o personagem central, pois os efeitos de sentido perpassam pelo fato discursivo de Lula ser o “criador”.



Figura 69 – (Fonte: VEJA, 10/11/2010, p. 66-69)

Nessa imagem fotográfica, divulgada no interior da reportagem “A cara do Governo Dilma”, veem-se Dilma e Lula. Apesar de Dilma ter sido focalizada pelo fotógrafo em posição de destaque, a imagem revela Lula falando e gesticulando, enquanto Dilma apenas ouve atentamente. Na legenda: “ESPELHO MEU Lula escolheu Dilma como candidata, empenhou-se por ela, sugeriu que Antônio Palocci [...] seja indicado ministro da Saúde, mas garante que o governo terá a cara de Dilma”, reforça-se o sentido de “Dilma marionete”.

No lide da reportagem “Com a imagem ainda muito atrelada à de Lula, a presidente eleita Dilma Rousseff começa, a partir de agora, a definir seu estilo e construir sua própria história”, os sentidos circulam, por um lado, na perspectiva de ressaltar a influência de Lula sobre a candidata e, por outro, na perspectiva de que agora, presidente, terá a oportunidade de “definir seu estilo”.

No início do texto, o enunciador assim formula os sentidos:

A partir de janeiro do ano que vem, quando tomar posse, ela – e somente ela – será capaz de definir a dimensão de sua história. Por enquanto, a presidente eleita ainda é resultado de um roteiro que lhe reservou um papel secundário, embora ela seja a personagem principal. (VEJA, 10/11/10, p. 67)

Em sua primeira entrevista coletiva, Dilma apareceu ao lado de Lula, que falou 28 minutos e dezoito segundos, contra 32 minutos e 43 segundos da presidente eleita. Onipresente, Lula dessa vez foi compelido a fazer um esclarecimento aparentemente óbvio sobre a cara do governo Dilma.

O governo Dilma terá a cara de Dilma, disse o presidente. (VEJA, 10/11/10, p. 67)

Como o próprio título da reportagem diz, o tema central do texto é a “cara do Governo Dilma”, e os sentidos produzidos colocam em questão se o Governo Dilma terá mesmo a cara da presidente eleita ou do atual presidente Lula. A revista discute se Dilma continuará dependente de Lula, como foi no processo eleitoral, ou se ela

governará marcando seu estilo próprio e, acima de tudo, estabelecendo a sua vontade própria. Apesar de a revista colocar em circulação um discurso do ator político Lula, tal citação é formuladamente desacreditada. Para isso, enfatizam-se falas e atitudes de Lula que são colocadas em confronto. Ele “jura” que não vai interferir, mas expõe sua opinião para assessores acerca da composição dos ministérios. O discurso outro – Lula – é citado para ser desautorizado, assim a relação polêmica traz a heterogeneidade em forma de interincompreensão (MAINGUENEAU, 2007 b).

O enunciador destaca que Dilma, por sua vez, recorrerá a Lula antes de tomar qualquer decisão. Com isso, o enunciador coloca Dilma atrelada a Lula. E Lula, embora diga o contrário, está sugerindo, interferindo.

Nesse sentido, a própria revista produz efeito de sentido de dúvida no tangente à autonomia do ator político Dilma Rousseff em relação a Lula. Neste fragmento:

Para o presidente Lula, que jurou que não vai interferir na administração de Dilma, como seu governo apresenta bons indicadores e grande popularidade e a eleição foi garantida pela situação, não há necessidade de mudar tudo. (VEJA, 10/11/10, p. 68)

E mais adiante:

Dilma já confidenciou a assessores que, antes de tomar qualquer decisão, ouvirá a opinião do presidente Lula. Além de Palocci, Lula, nas conversas com a sucessora, não sugeriu diretamente nenhum nome nem fez indicação alguma. Através de assessores, porém, o presidente listou alguns de seus desejos. Na equipe econômica, Lula gostaria que o ministro da Fazenda, Guido Mantega, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, fossem mantidos. Dilma tende a seguir o desejo do “chefe”, embora pense em trocar Meirelles pelo presidente do BNDES, Luciano Coutinho. (VEJA, 10/11/10, p. 68)

Outro texto que também discute a relação que Dilma manterá com Lula depois que assumir o cargo foi veiculado no *site* UOL no dia 31 de dezembro de 2010. Intitulado “Dilma: desafio de sair da sombra de Lula e avançar”, apresenta a seguinte imagem fotográfica:



Primeiro desafio da nova presidente será livrar-se da sombra de Lula

Figura 70 ¹³⁴

A legenda “Primeiro desafio da nova presidente será livrar-se da sombra de Lula” sintetiza o conteúdo central do texto. Pelo enunciado verbal “É pouco provável que Dilma Rousseff consiga se livrar tão cedo da sombra do ex-presidente”, expõe-se uma opinião negativa acerca da atuação de Dilma e, diante do conjunto de aspectos verbais e não verbais, inscreve esse texto no posicionamento discursivo mais alinhado à centro-direita.

O fotógrafo Marcello Casal produziu uma imagem que mostra Dilma Rousseff atrás de Lula:

¹³⁴ Disponível em: <<http://ne10.uol.com.br/canal/posse/noticia/2010/12/31/dilma-desafio-de-sair-da-sombra-de-lula-e-avancar-250587.php>>. Acesso em: 19 dez. 2012.



Marcello Casal / ABr
Figura 71 ¹³⁵

Figura 72 ¹³⁶

Uma mesma fotografia, no entanto a primeira imagem parece que foi recortada da segunda, mas ela não apresenta o rosto do homem que está atrás de Dilma. Ambas as imagens parecem que foram manuseadas digitalmente.

Encontramos a primeira imagem em 21 textos que circularam entre os anos de 2009 e 2010. A segunda, em 19 textos que circularam entre os anos de 2009 e 2013¹³⁷. Montagem ou não, o que nos interessa é a grande circulação, o modo como funcionam discursivamente e os sentidos que produzem.

Em 2009, a primeira imagem circulou no interior de um texto intitulado “Lula monta operação para proteger Dilma do apagão”, que localizamos publicado no *Blog de Josias de Souza*, no site *Porque voto no Serra* e no *Blog de Romildo Queiroz*, no dia 12 de novembro. Esse texto noticia o apagão elétrico que ocorreu na noite de 10 de novembro do mesmo ano e afetou 18 estados brasileiros, mas o foco recai sobre o nível

¹³⁵ Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-06-01_2010-06-30.html>. Acesso em: 15 abr. 2013. E em: <<http://www.jornaldaparaiba.com.br/heldermoura/sem-lula-e-sem-altivez-do-congresso-nordeste-pena-com-a-seca-no-governo-dilma/>>. Acesso em: 23 abr. 2013.

¹³⁶ Disponível em: www.nalutaenalabuta.com.br/2010/07/enquanto-equipe-do-governo-comemora.htm; <http://blogladob.com.br/geral/o-sonho-do-presidente-lula/>. Acesso em: 23 abr. 2012.

¹³⁷ Pesquisa feita por intermédio do Google imagens em agosto de 2014. No ano de 2013, só encontramos um texto que apresenta essa imagem em meio a muitas outras e o texto verbal não aborda nem sinaliza a relação entre os dois políticos.

de responsabilidade (ou não) de Dilma Rousseff, ex-ministra de Minas e Energia, nas possíveis causas desse acontecimento.

Conforme o texto, “Lula mobilizou os operadores políticos do governo numa operação destinada a proteger Dilma Rousseff (Casa Civil)” diante de uma eventual convocação dela pelo Congresso, pois, “a depender de Lula, só será admitida a presença de Lobão” (então atual ministro de Minas e Energia).

Ainda em 2009, o *blog Opinião Pública* colocou em circulação um texto da autoria de Eliane Cantanhede intitulado “Apagão contra apagão”, publicado no jornal *Folha de S. Paulo*. Após o título, a imagem fotográfica de Lula e Dilma. De acordo com o texto, o apagão joga o foco sobre Dilma Rousseff, “que se firmou candidata com a imagem de boa gestora e é a manda-chuva justamente no setor de energia”.

Em 2010, dia 14 de janeiro, essa imagem circula no blog *Itaberaba Hoje*, no interior do texto “Dilma retoma viagens ao lado de Lula”. Após o título e a imagem, o seguinte enunciado no início do texto:

Na tática de se colar à imagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e, assim, tentar ganhar o maior número de votos na eleição presidencial de outubro, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, reiniciou a série de viagens em que procura aparecer como a administradora que pôs para andar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Nesse texto, o enunciador constrói o sentido de ser Dilma quem busca “se colar à imagem” de Lula. Dilma Rousseff atrás de Lula na imagem; e a ação da oração refere-se a ela (sujeito). Mesmo não sendo Lula o sujeito, o sentido é disforicamente produzido em torno da imagem de Dilma Rousseff na relação de ambos, visto que ela está tentando ganhar visibilidade “ou maior número de votos” se apoiando/colando nele (Presidente) em viagens por conta do PAC.

No texto “Lula volta a exibir candidatura de Dilma em SP e MG”, publicado no *Blog do Saggin*, a imagem fotográfica é colocada após o título. A ação verbal do

acontecimento discursivo é atribuída a Lula. É ele quem “exibe” Dilma Rousseff, ele quem se “autoconverte[eu] um cabo eleitoral” dela. As formulações enunciativas que trazem Lula como o sujeito de, por exemplo, “exibir”, “proteger”, “fazer” Dilma Rousseff foram mais recorrentes na mídia jornalística, durante a candidatura e campanha eleitoral do que as formulações que trazem Dilma como sujeito das orações e dos acontecimentos.

Em junho de 2010, essa imagem foi veiculada em um texto intitulado “Lula diz que fará por Dilma ‘mais’ do que faria por si” e postado nos *blogs* de Josias de Souza e Dório Araújo (ambos da instituição UOL). Nesse texto aparece o seguinte enunciado: “[Lula] revelou que vai encomendar à assessoria uma pesquisa. Lula quer saber quantos presidentes antes dele conseguiram ‘fazer o sucessor’. Acredita que, no seu caso, a sucessora será feita”. O presidente Lula aparece como o foco do discurso e é apresentado como “um cabo eleitoral”.

Ainda em junho desse ano, no *blog* de Dório Araújo, essa fotografia volta a circular no interior do texto “PT lança Dilma reforçando imagem de mãe, mulher e escolhida do Lula”. Nesse texto, além dos sentidos que perpassam pela dependência de Dilma a Lula, a “escolhida de Lula”, a memória de um discurso preconceituoso quanto ao gênero é atualizada. O discurso que traz o lugar da mulher ser atrás de um homem atravessa o discurso da relação política entre Dilma Rousseff e Lula. Os sentidos são construídos posicionando verbo-imageticamente a “mãe”, “mulher” e “escolhida de Lula” atrás de Lula, o homem e o presidente.

Nos dias de hoje, na sociedade brasileira, esse discurso de desmerecimento da mulher não goza de valor positivo. Portanto, a mulher que “ocupa” esse lugar é desvalorizada socialmente. Nesses termos, a mulher valorizada é a que não depende do

gênero masculino, a que não aceita a condição de subalterna. Dilma Rousseff é, assim, significada negativamente como mulher e como política.

Após a eleição e vitória de Dilma, essa imagem ainda é retomada. No *blog RG News*, o blogueiro posta um texto intitulado “Lula diz que Dilma será sua candidata à Presidência em 2014”. Imagetivamente, Lula à frente de Dilma Rousseff e, verbalmente, Lula em primeiro plano, como o sujeito. Aquele que diz que “não será copiloto de sua sucessora”. Além de colocar em pauta a relação entre Lula e Dilma, mesmo após sua vitória, o discurso da dependência é apontado para um acontecimento futuro – a eleição de 2014. E isso é formulado a partir do discurso outro – Lula – apresentado em forma de discurso indireto.

Em 2011, a fotografia de Marcello Casal, bastante recorrente no contexto da campanha eleitoral de 2010, é retomada no texto intitulado “Ideia fixa”, que foi postado no *Blog do Toca*. Verbalmente o nome Dilma Rousseff não é mencionado. A “ideia fixa” é de Lula, é ele fazer Fernando Haddad “o candidato a prefeito de São Paulo”. É pelo imagético, pela imagem de Dilma atrás da imagem de Lula, que se atualiza o discurso de Dilma Rousseff ter sido “feita” por Lula. Uma analogia da situação atual – eleições municipais – ao evento anterior – eleição presidencial.

Em 2012, no *blog* de Cival Anjos, coloca-se em circulação o texto “PT se dividiu em dois, apura *Época*”, no qual a imagem fotográfica aparece após o título. O enunciador cita o discurso outro, inscrito na mesma grade semântica, e produz o sentido de que “o PT se dividiu entre a turma de Lula e a turma de Dilma”. E, mais ainda, o sentido de que Lula continua sendo a “sombra” de Dilma, presidente, e de seu governo: “Um indício da divisão apontado pela reportagem foi o desconforto de Lula com a atitude do governo federal que deixou a CPI do Cachoeira quebrar os sigilos da empreiteira Delta”.

Ainda em 2012, no *Blog de Helder Moura*, a fotografia significa não o acontecimento eleição, mas a atuação de Dilma Rousseff no Nordeste. O título “Sem Lula e sem altivez do Congresso, Nordeste pena com a seca no Governo Dilma”, juntamente com a imagem, expressam sentidos na direção de desqualificar a atuação de Dilma Rousseff como presidente em comparação à de Lula.

Em textos, contextos e acontecimentos diversos, essa imagem fotográfica faz parte de um discurso. O discurso que circula desde antes da campanha eleitoral de 2010 e permanece após a posse de Dilma Rousseff. O discurso da dependência, o discurso “criador e criatura”.

Essa imagem fotográfica de Marcello Casal, que apresenta Dilma Rousseff posicionada atrás de Lula, também circulou no interior de textos que formulam sentidos mais favoráveis à relação de Dilma e Lula.

Em 28 de fevereiro de 2009, no *blog Os amigos do presidente Lula*, essa imagem de Lula e Dilma Rousseff é citada após o título do texto “Dilma: ainda cresce muito, segundo pesquisa do Vox Populi”. É um texto curto que direciona o leitor para a Coluna de Lauro Jardim, revista *Veja*. No texto da referida coluna, o título “Um piso respeitável” figura antes de uma fotografia que mostra apenas o rosto de Dilma Rousseff. Na legenda da foto, a formulação citada como título no *blog Os amigos do presidente Lula*. A pesquisa do Vox Populi, conforme o enunciador de *Veja*, “cravou o piso da candidatura Dilma Rousseff em torno dos 30%”, total que é “a soma dos eleitores que votam no PT mais os que votam sem restrições em quem Lula indicar”. Para apresentar essa informação, a instituição *Os amigos do presidente Lula* cita a fotografia de Marcello Casal, embora não construa sentidos disfóricos para desqualificar Dilma Rousseff.

Esse *blog* também coloca essa imagem em circulação no texto “Lula e Dilma estarão à frente da cerimônia de hoje. A oposição planeja privatizar”, que foi postado em 31 de agosto de 2009. O acontecimento histórico que é narrativizado é o lançamento do marco regulatório do pré-sal. E o enunciador cita o evento de lançamento do PAC como semelhante ao evento do dia – que ocorrerá à tarde – em termos de ser um programa de peso e contar com grande número de convidados. Conforme o texto:

Na ocasião, após longa apresentação do ministro Guido Mantega (Fazenda), a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, detalhou por mais de uma hora as medidas a serem adotadas pelo programa. A “mãe do PAC”, aliás, também marcará presença hoje. Dilma, ao lado do ministro Edison Lobão, de Minas e Energia, liderou a comissão interministerial responsável pela elaboração do marco regulatório.

A referência a Dilma como “mãe do PAC” insere-se no posicionamento discursivo favorável a ela enquanto candidata. E, pela fotografia e título, o enunciador une os dois, produzindo sentidos eufóricos acerca dessa união.

Destacamos cinco textos que foram publicados em 2010 que citam a imagem de Dilma Rousseff atrás de Lula. Esses textos foram publicados em: *blog* de Alvino Patriota (texto “Lula e Dilma ironizam ‘convite’ feito por Serra”), *blog Na luta e na labuta* (texto “Dilma continua crescendo e fica com 5% a mais que Serra, diz Ibope”) e (“Enquanto equipe do governo comemora pesquisa, oposição minimiza resultado”), *blog Obras do PAC no Piauí* (“Barragem Poço de Marruás em Patos Piauí”) e *blog O lado b* (“O sonho do Presidente Lula”).

Esses textos versam sobre acontecimentos diferentes e os sentidos em construção buscam dar visibilidade à candidata Dilma. São textos que se inserem no contexto da campanha eleitoral. E todos eles trazem a imagem de Dilma atrelada à imagem de Lula. Mesmo quando, no título, menciona-se só o nome de Dilma em relação a resultados de pesquisa, a fotografia traz a imagem de Lula à frente dela.

Essa fotografia não é citada nesses textos para ser refutada, a fotografia não é apresentada como discurso outro contraditório. Diferentemente do modo de funcionamento discursivo das fotografias que mostram imagens de “sombra” no interior do posicionamento discursivo mais alinhado à centro-esquerda, que atribui outro sentido à imagem, a fotografia de Marcello Casal não é citada no discurso que constrói sentidos eufóricos acerca da imagem de Dilma, como uma forma de resposta ao discurso oposto.

A imagem de Dilma atrás de Lula não funciona, no discurso mais alinhado à centro-esquerda, no sentido de dar resposta ao posicionamento discursivo que desmerece o perfil político de Dilma em comparação a Lula ou por conta da relação entre eles.

Constatamos, contudo, que o discurso de instituições mais próximas de valores de centro-esquerda produziram, nos anos de 2009 e 2010, sentidos de apagamento da imagem de Dilma Rousseff quando ela está relacionada à imagem de Lula. No interior dos textos que citam a fotografia de Marcello Casal, sem colocar como foco temático a relação de dependência ou não de Dilma em relação a Lula, atribuem ao presidente Lula os sentidos de maior visibilidade e de maior importância diante dos acontecimentos históricos que são narrativizados.

Essa imagem fotográfica também é citada por discursos que parecem desmerecer o papel da mulher em relação ao homem. Já comentamos isso anteriormente. No *blog Vestindo Dilma*, direcionado para o público feminino, publica-se, em 14 de maio de 2010, o texto “Por que vestir Dilma?”. Após o título, a imagem de Marcello Casal. Verbalmente, menciona o “traje padrão dos presidentes brasileiros e dos demais estadistas ocidentais” e das poucas mulheres internacionais que atingiram a posição de chefe de estado, para, a partir daí, questionar qual deve ser o figurino padrão de Dilma Rousseff se ela for eleita. A imagem de Lula à frente de Dilma, em um texto que se

propõe a pensar em moda e estilo de uma mulher chefe de estado, produz juntamente com os elementos verbais sentidos que sinalizam para o discurso preconceituoso acerca do gênero.

Após a eleição de Dilma e em seu primeiro ano de governo, uma fotografia de Alan Marques/*Folha*, que apresenta Dilma Rousseff à frente de Lula, circulou no interior de discursos que constroem sentidos negativos de Dilma em sua relação de “dependência” a Lula.

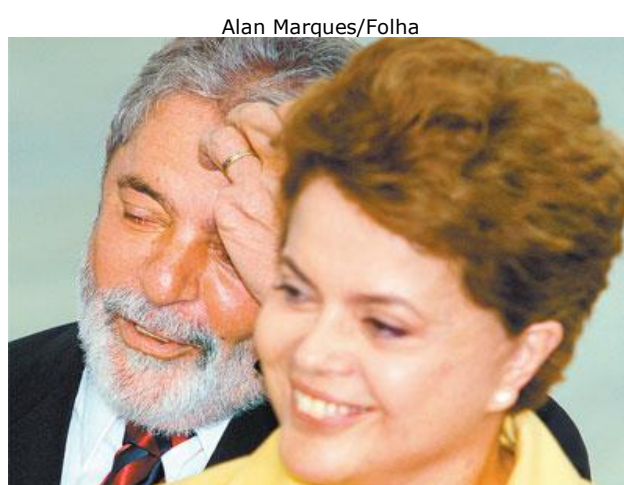


Figura 73 ¹³⁸

Essa fotografia mostra a imagem de Dilma Rousseff à frente de Lula com um rosto alegre, sorriso que mostra os dentes, olhar lateral, apontando para interlocutores que o espaço da fotografia não contemplou. A expressão de Dilma contradiz com a expressão facial de Lula. O rosto de Lula, apresentado parcialmente, demonstra uma expressão de descontentamento. Olhos fechados, boca semiaberta e a mão direita

¹³⁸ Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-02-01_2011-02-28.html>; <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-12-01_2010-12-31.html>; <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-01_2011-05-31.html>; <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/colunas/arch2011-06-01_2011-06-30.html>; <<http://independenciasulamericana.com.br/2011/05/lula-politiza-planalto-despolitizado/>>; <<http://www.policiaepolitica.com.br/noticias/pt-e-pmdb-avaliam-que-lula-sera-candidato-em-2014/>>; <<http://oblogdagal.blogspot.com.br/2011/06/dilma-conversa-com-lula-sobre-demissao.html>>. Acesso em: 28 jun.2013.

coabrindo parcialmente o olho direito. Um contraste imagético: o rosto de Dilma contente e o de Lula descontente.

No *blog de Josias de Souza*, essa imagem foi citada no interior de dois textos que abordam resultados de pesquisas de opinião realizadas pelos institutos Sensus e Datafolha. O primeiro, publicado após eleição e antes de Dilma tomar posse (29/12/2010), intitula-se “Sensus: Para 69%, gestão Dilma será ‘ótima’ ou ‘boa’”. No título do texto, cita-se apenas o nome de Dilma, mas a fotografia abaixo mostra imagens de Dilma e Lula. No interior do texto: “O ministério de Dilma foi aprovado por 45,5% dos entrevistados. Quem escolheu os ministros?” 27,5% acham que foi Lula; 24,8% atribuem a escalação a Dilma”.

O segundo texto, publicado em meados do primeiro ano de Governo Dilma (12/06/2011), intitula-se “Brasileiro vê ‘tutela’ de Lula sobre Dilma e acha bom”. Esse texto comenta resultados de pesquisa do Datafolha. Título, foto e primeiras linhas do texto “Como se sabe, a democracia moderna é constituída por três poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário. Sob Dilma Rousseff, emerge um quarto poder: Lula” mostram que, de início, o enunciador constrói sentidos disfóricos sobre a condição da presidente em relação ao ex-presidente. Como resultados da pesquisa: “de cada cinco brasileiros, quatro acham que o ex-soberano já está metendo o bedelho na gestão da presidente que a popularidade dele elegeu. Dito de outro modo, o grosso da população avalia que, sob a condução de Dilma, convém que Lula permaneça próximo ao volante”.

Nesses dois textos citam-se discursos outros – Sensus e Datafolha – que trazem o tema da dependência de Dilma a Lula no interior de perguntas direcionadas aos brasileiros, mostrando resultados de pesquisa que coincidem com o percurso de sentido em construção acerca da dependência de Dilma a Lula e sua consequente incompetência, pois é melhor que “Lula permaneça no volante”.

No texto “Nos primeiros 55 dias, Dilma falou mais do que Lula”, postado em 26/02/2011 no *Blog de Josias de Souza*, cita-se a referida fotografia e, pelos elementos verbais, compara-se a atuação discursiva de Dilma em relação a Lula. A atitude dos dois, de falar mais ou menos em público, é criticada: “A sucessora jamais igualará o ex-soberano na informalidade. Faltam-lhe o traquejo e a disposição. Porém... [...] nada impede que ela o supere na quantidade. Se a plateia tiver sorte, Dilma pode ultrapassar Lula também na qualidade”. Não só a atitude de falar, mas os próprios políticos são criticados, seja por ser submissa a um “ex-soberano”, seja pelo fato de Lula ter trocado o “terno de presidente pelo uniforme de cabo eleitoral”.

Essa imagem foi citada também em três textos que tematizam a crise política no governo por conta de escândalos que atingiram o ministro da Casa Civil do Governo Dilma, Antônio Palocci. O texto verbo-visual “Sob crise, Dilma e Palocci seguem orientação de Lula”¹³⁹ é construído por formulações discursivas que desaprovam a atitude do ex-presidente e da atual presidente e direcionam o leitor para o percurso interpretativo da dependência: “O ex-soberano ditou o comportamento do governo de sua ‘sucessora’ num jantar ocorrido terça-feira (24), no Palácio da Alvorada”. O texto “Lula politiza planalto despolidizado”¹⁴⁰ é construído no mesmo horizonte do anterior: “O padrinho político percebeu o desastre e se moveu”; “A entrada do bombeiro presidente Lula na cena política convulsionada-incendiada pela denúncia de enriquecimento veloz do ministro da Casa Civil [...] serviu para introduzir o elemento fundamental que estava faltando no Governo Dilma [...]: política”. No terceiro texto “Dilma conversa com Lula sobre demissão de Palocci”¹⁴¹, como nos demais, coloca-se

¹³⁹ Disponível em: <http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-01_2011-05-31.html>. Acesso em: 28 jul 2013.

¹⁴⁰ Disponível em: <http://independenciasulamericana.com.br/2011/05/lula-politiza-planalto-despolidizado/>. Acesso em: 28 jul. 2013.

¹⁴¹ Disponível em: <<http://oblogdagal.blogspot.com.br/2011/06/dilma-conversa-com-lula-sobre-demissao.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

em foco o fato de a presidente necessitar da orientação de Lula para contornar a crise. Além de orientação, no primeiro e segundo textos, constroem sentidos de que Lula não só orientou, como também agiu diante do problema.

No *blog Polícia e Política*, essa imagem circulou no interior de um texto que aborda o tema de “Volta Lula”, intitulado “PT e PMDB avaliam que Lula será candidato em 2014”, publicado em 28 de julho de 2011. Constatamos que, desde antes de Dilma tomar posse, a mídia jornalística já discursivizava sobre essa questão. Esse discurso de que Lula seria o candidato em 2014 parece ter emergido após a vitória de Dilma Rousseff em 2010; é um discurso que se insere no percurso de sentido que significa Dilma como “criatura” e Lula como “criador”. Durante a presidência de Dilma, esse discurso constantemente era atualizado pela mídia, principalmente diante de fatos desfavoráveis à atuação e aprovação do Governo Dilma. A presidente exercia sua função com esse discurso da mídia sempre presente, às vezes, muito intensamente. Nesse texto do *blog Polícia e Política*, verbalmente constroem sentidos de que a atuação de Dilma Rousseff diante dos escândalos de corrupção foi muito dura e os próprios aliados preferem o estilo mais brando e amigo do presidente Lula.

Ainda antes de tomar posse em 2011, a presidente eleita foi fotografada com Lula em Seul:



Figura 74 ¹⁴²

Essa fotografia circulou no portal *Terra* no dia 12 de novembro de 2010. Título e legenda respectivamente: “Discreta, Dilma evita chamar a atenção com Lula em Seul” e “Dilma se manteve à sombra do presidente Lula na cúpula do G20”, juntamente com a imagem, comprovam o posicionamento discursivo que coloca em circulação o percurso de leitura desfavorável a Dilma Rousseff, praticamente apagando-a em comparação à presença de Lula.

Esse discurso que a mídia jornalística tem construído de apagamento de Dilma Rousseff, posicionando-a atrás de Lula, mesmo quando Presidente do Brasil, parece um percurso de sentido ainda com grandes possibilidades de circulação em narrativas futuras. Às vésperas das eleições de 2014, esse discurso materializou-se nesta imagem:

¹⁴² Disponível em <<http://economia.terra.com.br/discreta-dilma-evita-chamar-a-atencao-com-lula-em-seul,499823b34c7da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 15 abr. 2013



Figura 75 ¹⁴³

Imagem fotográfica citada no interior de um texto intitulado “Lula estaria surpreso com rejeição de Dilma”, de 23 de julho de 2014, que localizamos nos *blogs Mais região e Fala Simões Filho*. Parte do texto verbal que acompanha a fotografia foi publicada anteriormente no jornal *Folha de S. Paulo* na Coluna Poder sob o título “Fadiga de material”. Citamos o texto da *Folha de S. Paulo*:

Em conversa recente com um aliado, Lula se disse surpreso com o grau de rejeição do PT e reconhece que a imagem do partido pode ter se desgastado antes do que previa. O ex-presidente esperava que o eleitorado acusasse a “fadiga de material” apenas na próxima corrida presidencial, em 2018. O sentimento, portanto, não comprometeria a reeleição de Dilma Rousseff. Com o novo diagnóstico, Lula entende que é preciso repensar o discurso para manter o petismo no poder. (FOLHA DE SÃO PAULO, 23/07/2014, A4)

Os *blogs* que mencionamos colocam em circulação, sob novas formulações, o texto do jornal, mas a ele acrescentam a fotografia de Dilma atrás de Lula. O acontecimento discursivo trata de um cenário factual não favorável ao PT para as eleições de 2014, na qual Dilma é a candidata à reeleição. As expressões do rosto de ambos, junto com o verbal, reforçam o sentido de surpresa diante da notícia da alta rejeição ao Governo Dilma. Parece que a fotografia foi produzida no momento em que

¹⁴³ Disponível em: <<http://maisregiao.com.br/lula-estaria-surpreso-com-rejeicao-de-dilma/>;
<http://falasimoesfilho.com.br/lula-esta-surpreso-com-rejeicao-de-dilma/>>. Acesso em: 28 jul.2013.

ambos souberam da notícia. Apaga-se ilusoriamente a informação de que essa fotografia não foi capturada no momento do evento do qual trata o texto. É, portanto, uma fotografia produzida ou montada e citada para dizer o que a instituição discursiva deseja e, assim, enquadra-se a fotografia a um sentido. O rosto, nesse caso, os rostos de Dilma e Lula não falam por si, eles são falados pela mídia conforme a grade semântica de seu posicionamento interpretativo.

Na esfera jornalística há gêneros que ditam não só a temática e o acontecimento factual, mas os eventuais elementos verbais e imagéticos que podem ser destacados e o modo de construir um discurso sobre a política brasileira. Reportagens, notícias e artigos de opinião publicados na mídia impressa exercem esse papel e tendem a ser comentados por outros gêneros, tais como, charges e ainda textos de opinião que circulam por meio de *blogs*.

As fotografias jornalísticas que se constituem dentro de um texto verbo-visual e de um *mídiun* possuem, como vimos, um grande poder de radiação. As fotografias que analisamos a partir de quatro eixos discursivos que se contrapõem: semelhança *versus* diferença, sombra *versus* luz própria, paciente *versus* agente e atrás *versus* à frente, foram, em sua maioria, veiculados por vários gêneros discursivos do domínio jornalístico.

Imagens da barba, da sombra, do ato de ouvir de Dilma, de sua posição atrás de Lula não são aforizações, mas são elementos imagéticos que reforçam a aforização “criador e criatura”. Possuem em comum o fato de retomarem a memória de Dilma Rousseff não ter sido candidata antes de 2010. A aforização “criador e criatura” é uma fabricação midiática, adquire o estatuto de aforização porque vários enunciadores de instituições diversas convergem na construção desse sentido.

A convergência de sentido que ocorre no espaço de circulação midiática por meio da citação de determinadas imagens fotográficas mostram duas formas opostas de narrativizar os acontecimentos. E mostram duas formas opostas de apresentar o rosto de Dilma. O rosto de Dilma é falado por um aspecto exterior ao rosto – barba, sombra, ações/gestos e posição. Esses elementos produzem sentidos e, como tais, fazem o rosto falar conforme o direcionamento que lhe é dado.

Constatamos, por intermédio dos quatro eixos semânticos que abordamos em nossa investigação, que os sentidos produzidos pelo discurso da mídia filiada ao posicionamento de centro-direita estabelecem a proximidade entre Lula e Dilma como disfórica, tratando Dilma como “cria”/dependente de Lula (criador). O leitor é, dessa forma, interpelado a atribuir a tal representação um sentido que extrapola seu sentido primeiro. A interpretação assume, pois, a seguinte equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui como percurso interpretativo de valor deôntico: O Brasil não será (ou não é) bem governado por um político “criado” (“dependente”) por seu antecessor.

Já os sentidos que a mídia inscrita no posicionamento de centro-esquerda coloca em circulação representam a proximidade entre Lula e Dilma como eufórica. Lula é significado como político forte e parceiro de Dilma e esta, como uma mulher experiente/competente/independente que aprendeu a fazer um bom governo juntamente com Lula desde o ano de 2003. Ao dizer isso (X), o locutor implica Y, como percurso de valor deôntico: O Brasil será (é) bem governado por um político que aprendeu a fazer com seu antecessor.

Apresentamos abaixo um quadro que sintetiza nossa análise, explicitando os percursos interpretativos que se entrecruzam pela contradição:

Quadro - Narrativa de acontecimento – Proximidade política entre Dilma Rousseff e Lula

Percurso interpretativo 1 – Construído pelo discurso centro-direita		Percurso interpretativo 2 – Construído pelo discurso centro-esquerda	
M1 + /Dependência/ “Criador criatura”	e M1 – /Independência/	M1+ /Parceria/	M1- /Marionete/
Identificação	Diferença	Identidade de Dilma Rousseff	Dilma Rousseff marionete
Sombra de Lula	Luz própria de Dilma	Mão de Lula	Sombra de Lula
Dilma Rousseff paciente	Dilma agente	Ação conjunta	Dilma paciente
Dilma atrás de Lula	Dilma e Lula lado a lado	Dilma e Lula lado a lado	Dilma atrás/ em segundo plano

Os dois percursos de sentido pavimentados pelos eixos semânticos: /Identificação/ entre Lula e Dilma Rousseff *versus* /Diferença/entre ambos; /Sombra/ de Lula *versus* /Luz própria/ de Dilma; Dilma /Paciente/ e Lula /Agente/ *versus* /Reciprocidade/; Dilma /Atrás/ e Lula /À frente/ *versus* ambos /Lado a lado/ materializam-se por uma relação de oposição, na qual, ao aceitar um sema inscrito no percurso /Criador e criatura – Dependência/, rejeita outro filiado ao percurso /Parceria/ e vice-versa. Tais percursos que dizem sobre Dilma – a necessidade de ser semelhante a Lula, estar à sombra de Lula, ser paciente em relação a Lula e estar atrás dele – convergem para a interpretação deôntica que impõe sobre o leitor. Ao dizer X, o locutor implica Y”, onde Y se revela como “uma candidata e presidente dependente/cria/marionete não tem competência para governar o país”. Em contrapartida, os percursos que dizem sobre Dilma ter personalidade própria, ter o apoio (a mão) de Lula, agir juntamente com Lula e estar ao seu lado convergem para a

interpretação deôntica que impõe sobre o leitor. “Ao dizer X, o locutor implica Y”, onde Y se revela como “uma candidata e presidente parceira e com autonomia e competência para governar o país”.

Esses percursos deônticos de interpretação possuem grande poder de circulação na mídia desde o momento que se aventou a possibilidade da candidatura de Dilma Rousseff para a eleição de 2010 até os dias atuais, quando circulam narrativas acerca da campanha presidencial de 2014. A fotografia abaixo, publicada no jornal *Grande Bahia*, em 08/10/2014, a qual representa a presidente Dilma Rousseff, candidata à reeleição, se reunindo na tarde de terça-feira (07/10/2014), em Brasília, com governadores e senadores eleitos e candidatos a governos estaduais que estão no segundo turno, para reforçar as alianças e para alinhar o segundo turno da campanha eleitoral, sintetiza iconicamente o embate discursivo travado entre o posicionamento “Dilma dependente de Lula” e o posicionamento “Dilma parceira de Lula”, mostrados ao longo deste capítulo.



Figura 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fundamentados no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso, especialmente as postuladas por Dominique Maingueneau e por Jacques Guilhamou, analisamos imagens de Dilma Rousseff que circularam na mídia jornalística por conta do acontecimento histórico Eleições Presidenciais de 2010 e o primeiro ano de atuação da presidente eleita, com a perspectiva de construirmos uma breve história do rosto da candidata-presidente via narrativas da mídia.

Em nossa pesquisa, procuramos compreender a construção discursiva da mídia jornalística acerca da política nacional, com ênfase nos sentidos produzidos, principalmente, pelas imagens fotográficas. Para isso, realizamos uma leitura de textos verbo-visuais a partir da teoria discursiva de Maingueneau e de Jacques Guilhaumou e, após conclusão de nossa análise, defendemos a validade desse referencial científico para o trabalho com textos imagéticos.

Metodologicamente, lançamos mão de duas categorias: *narrativa do acontecimento* e a unidade *percursos*; a primeira proposta por Guilhaumou (2009) e a segunda, por Maingueneau (2008). Apoiados nesses conceitos, visitamos nosso arquivo e constituímos nosso *corpus* a partir da intriga narrativa que aborda a proximidade política entre Dilma Rousseff e Lula que é narrativizada pelo tom da contradição e, por isso, denominamos Dilma marionete *versus* Dilma autônoma.

Para darmos conta de nossa proposta, recorreremos também a Courtine e Haroche (1988) e a estudiosos da área da fotografia e do fotojornalismo. No segundo capítulo, discutimos questões acerca da materialidade fotográfica, bem como de sua importância para a materialidade jornalística impressa (em páginas de papel e/ou páginas da web).

No item 2.4, defendemos que, na prática jornalística, apesar da necessidade da modalidade verbal para apresentar as informações referenciais requeridas pela fotografia, há a possibilidade de essa imagem adquirir autonomia em relação ao verbal, desde que tenha narratividade. E a narratividade pode se constituir nas duas modalidades da linguagem: a verbal e/ou a imagética.

No item 2.5, discutimos teorias que tratam o rosto como discurso, como elemento que diz algo tanto pelo processo de emergir, quanto pelo de silenciar expressões. Com Courtine e Haroche (1988), percebemos também que a concepção da fotografia como signo que dá acesso ao interior do indivíduo é muito difundida na atualidade, todavia sua origem remonta à época em que traços físicos estáticos eram reconhecidos como índices de caráter. Nesse item, começamos a discutir os modos como a escrita midiática vale-se da expressividade do rosto e da fotografia que mostra esse rosto para impor ou propor um determinado percurso interpretativo.

No terceiro capítulo, colocamos, mais diretamente, à prova nossas hipóteses de investigação. Trabalhamos pela visada da intriga, conforme Ricouer e Guilhaumou, tendo em vista que sua composição ultrapassa acontecimentos seriais e permite a organização de eventos numa totalidade inteligível. Ademais, a narrativa, concebida como “forma acabada da *mise en intrigue* no espetáculo do acontecimento narrado” (GUILHAUMOU, 2009, p. 138), abriu algumas possibilidades de entrecruzarmos narrativas de uma instituição com diversas outras narrações e, assim, percebemos não só semânticas comuns, como também semânticas divergentes.

As semelhanças e diferenças nos sentidos construídos pela/para a materialidade imagética corroboraram nossa hipótese de que a instituição midiática enquadra o rosto da imagem fotográfica de Dilma Rousseff fazendo esse rosto dizer conforme o percurso interpretativo mais conveniente à instituição midiática.

Assim, comprovamos que a imagem é citada para produzir um efeito de real que se materializa em dois percursos de sentidos contraditórios. Detectamos quatro eixos semânticos da modalidade fotográfica que se materializam pela oposição e, portanto, confirmam a presença desses dois percursos na narrativa de acontecimento em pauta. São eles: /Identificação/ entre Lula e Dilma Rousseff *versus* /Diferença/entre ambos; /Sombra/ de Lula *versus* /Luz própria/ de Dilma; Dilma /Paciente/ e Lula /Agente/ *versus* /Reciprocidade/; Dilma /Atrás/ e Lula /À frente/ *versus* ambos /Lado a lado/.

Nosso propósito, contudo, vai além de comprovar a existência de um ou outro percurso interpretativo. Interessamo-nos pelo funcionamento discursivo desses dois posicionamentos que constroem uma narrativa de acontecimento e, para isso, investigamos os modos de construção de sentidos a partir da conjugação das modalidades da linguagem imagética e verbal.

Esses discursos em oposição, mesmo no interior de um posicionamento discursivo, apresentam os elementos sógnicos imagéticos (barba, sombra, movimento e posição) de diferentes formas tendo em vista não apenas o gênero discursivo ou o *mídiun*, mas a competência discursiva e interdiscursiva ao se valer de uma imagem para construir um efeito de referencialidade e de veracidade, corroborando o percurso deôntico pretendido pela instituição midiática.

Por esses elementos sógnicos imagéticos, tomados no interior do interdiscurso, percebemos zonas de regularidades semânticas materializadas em imagens, a partir das quais conseguimos analisar os percursos de circulação de algumas fotografias e fotomontagens, bem como de alguns elementos icônicos.

Diante da leitura de nosso arquivo, constatamos que, em 2008 e, mais fortemente, em 2009 e início de 2010, um tipo muito particular de discurso começa a circular na mídia impressa: inicia-se a construção de um percurso interpretativo que traz

Dilma Rousseff como marionete de Lula e esse percurso pode ser sintetizado pelo enunciado “criador e criatura”, que adquire o estatuto de aforização pela forte presença em textos de muitas instituições midiáticas.

No final de 2009 e início de 2010, percebemos que o tema da semelhança entre “criador” – Lula e “criatura” – Dilma é bem recorrente em publicações da esfera da atividade jornalística. Esse tema é bem explorado imageticamente em gêneros humorísticos (charges, cartuns, fotomontagens), nos quais se recuperam traços desse discurso da semelhança em circulação na época que antecede as eleições presidenciais de 2010 e produzem-se imagens que apresentam o rosto de Dilma Rousseff com barba.

No item 3.1.2, analisamos textos verbo-visuais que são construídos com cenografias diversas acerca do sentido de Dilma precisar ser semelhante a Lula para se constituir candidata e se eleger presidente do país. Como os gêneros humorísticos produzidos na esfera na prática jornalística que trata de política nacional possuem fronteiras mais fluidas, os sentidos de valores disfóricos acerca da candidata do PT materializam-se de forma derrisória e, muito frequentemente, valendo-se de um elemento imagético – barba – que é valorizado e retomado.

Assim como há a possibilidade de sobreasseverar um enunciado, tornando-o forte candidato à destextualização (MAINGUENEAU, 2010; 2014a,), percebemos que a imagem da barba no rosto de Dilma Rousseff é um fragmento imagético que facilmente pode ser citado/retomado em textos de humor. Sua constante presença em textos que analisamos tendem a comprovar que textualmente a imagem da barba representa uma espécie de destacabilidade imagética, que abre a possibilidade de destextualização dessa materialidade discursiva.

Os sentidos que esse elemento imagético produz ressaltam que Dilma Rousseff deseja ser semelhante a Lula para se constituir candidata legitimada e podem se

aproximar de um regime aforizante. Para Maingueneau (2014), a enunciação aforizante se dá como memorável e memorizável e concretiza-se na expressão de uma convicção, de uma tese, de uma afirmação. Esse discurso que reivindica o sema /semelhança/, materializado também derrisoriamente e pelo destacamento de elementos visuais, como a barba, atualiza uma memória de que Dilma não tem história na política eleitoral, tomando essa memória discursiva como uma tese que desqualifica sua candidatura.

No interior do interdiscurso sobre a relação “criador e criatura”, emerge o discurso que traz Dilma Rousseff à sombra de Lula. Desde quando surgem os primeiros comentários ou especulações de que a ministra da Casa Civil no Governo Lula poderá ser a candidata do PT à presidência em 2010, verbo-imageticamente materializam esse sentido. No plano imagético, a sombra de Lula é acrescentada à imagem do rosto de Dilma.

Os percursos de circulação das imagens: Dilma Rousseff ministra com a sombra de Lula às costas (Figura 23), Dilma candidata com a sombra de Lula projetada sobre sua imagem/cartaz (Figura 27) e Dilma candidata, com a sombra de Lula às costas (Figura 34), mostraram que nossa hipótese inicial de que imagens que destacam traços disfóricos sobre a relação de Dilma e Lula tivessem sido veiculadas apenas em posicionamentos discursivos mais afinados com a centro-direita não pode ser comprovada. Essas imagens, em menor número é verdade, circularam também em textos que tratam euforicamente a relação entre Dilma e Lula.

As imagens fotográficas que apresentam a sombra de Lula juntamente com a imagem do rosto de Dilma Rousseff são traduzidas no discurso do mesmo – aqui posicionamento discursivo de centro-esquerda – como um simulacro. A imagem da sombra que é um recurso requisitado no discurso do outro é interpretada no discurso do mesmo, não como sombra em todos os seus sentidos negativos, mas como apoio e

parceria. Nessa relação constitutivamente polêmica, o posicionamento discursivo de centro-esquerda cita o discurso outro para desqualificá-lo. A interincompreensão se instaura regida por um sistema de restrições semânticas que reconhece a incompatibilidade semântica do discurso outro, mais especificamente a imagem da sombra, e o traduz no interior de suas categorias semânticas (MAINGUENEAU, 2007b).

O que coloca esses discursos em posição de contradição não é a presença ou ausência de uma imagem fotográfica ou ainda a presença ou ausência do tema que trata da relação entre Dilma e Lula, mas os percursos de sentido que são construídos.

Nesse processo não apenas de traduzir o discurso outro conforme uma dada grade semântica, mas ainda de produzir um determinado percurso de sentido a partir de imagens fotográficas, o texto verbal exerce um papel importante. A imagem é enquadrada no interior de um discurso que busca pelo verbal (re)significar o visual. Como vimos, a imagem da sombra é verbalmente referida com sentidos distintos.

Os discursos em oposição /Sombra/ de Lula *versus* /Luz própria/ de Dilma, cujos funcionamentos analisamos tendo por base o elemento “sombra”, apresentam semânticas que se recusam mutuamente. Uma grade semântica que recusa a outra se materializa, no entanto, pela modalidade verbal, já que imagens da sombra de Lula são citadas em textos inscritos nos dois posicionamentos discursivos.

O recurso “sombra” enquanto imagem circula no interior dos dois posicionamentos discursivos. Todavia, essa imagem é enquadrada pela semântica que rege cada um desses posicionamentos. A imagem da sombra de Lula é um traço do interdiscurso, que é dada a ler diferentemente. Os filtros de individuação de cada discurso operam pela escolha lexical, como, por exemplo, “sombra” de Lula e, em oposição, “mão”, “apoio”; pela construção sintática, colocação de sujeito e adjunto

dentro da oração, pela justaposição de imagens; pelo modo de citar o discurso outro, traduzindo-o conforme a grade semântica de cada discurso; pelos destacamentos; pelas retomadas de já (re)ditos, pela reiteração de temas, pela repetição de informações.

Para o movimento discursivo de apoio a Dilma Rousseff, a presença de Lula é positiva, o presidente (e a imagem da sua sombra) pode ser caracterizado pelo traço (+) anjo; já o movimento oposto significa a presença do presidente negativamente e a imagem de sua sombra pode ser interpretada pelo traço (+) fantasma.

Podemos dizer que a imagem da sombra destextualiza e circula, não literalmente, já que nosso objeto são fotografias. É uma ideia que circula pela projeção de uma imagem (FLUSSER, 2011). Uma imagem que circula no campo jornalístico, mas não isoladamente e sim acompanhada do vocábulo verbal “sombra” e/ou formulações enunciativas, cujos sentidos que são construídos significam diferentemente a relação entre Dilma e Lula, tanto de dependência, quanto de apoio.

As imagens do rosto de Dilma nas fotografias, especialmente as que foram produzidas no campo político para serem veiculadas em cartazes da campanha eleitoral e que aparecem ao fundo das imagens publicadas nos textos da mídia jornalística, diferem das imagens de “apreensão clandestina”, principalmente pela direção do olhar.

A imagem do rosto de Dilma (Figura 27) apresenta um olhar para frente, para o outro – fotógrafo, espectador da imagem, leitor do texto jornalístico – e estabelece uma relação interativa pelo efeito de aproximação e de identificação. A imagem da sombra de Lula sobre esse rosto que, isoladamente, expressa simpatia e segurança atribui a ele um sentido distinto.

Esse sentido distinto traz a presença de Lula para o debate midiático. Essa presença de Lula, contudo, é narrativizada de forma contraditória. De um lado, reivindica-se o sema /dependência/ e associa a imagem da sombra a um discurso

disfórico já construído culturalmente acerca de “estar à sombra de alguém”. Por outro lado, rejeita-se o sema /dependência/ e o vocábulo “sombra” e traduz o discurso outro – disfórico – conforme uma regularidade semântica que significa a presença ou “sombra” de Lula como apoio, valor positivo.

De qualquer modo, o acréscimo da sombra à imagem do rosto de Dilma e os discursos verbais produzidos em conjugação com essa imagem enquadram a expressão do rosto, não o deixando falar por si; ele depende necessariamente de um outro enunciador para poder legitimar-se enunciativamente. A fotografia de Dilma Rousseff, no cartaz de campanha, provavelmente é uma imagem produzida com manipulação, pois pouco apresenta as marcas de expressão oriundas da idade. Ademais é uma imagem construída para expressar carisma, empatia e segurança; produzida justamente para mostrar o caráter e o interior da candidata, função apontada por Courtine e Haroche (1988).

Todavia, a fotografia por si só já é uma construção discursiva que se referenda num efeito de real e, inserida em gêneros de campanha eleitoral, essa característica se potencializa e o que o rosto (exterior) tende a mostrar do íntimo do indivíduo é uma construção imagética. Ademais, nos dois gêneros discursivos que se entrecruzam, o rosto fala o que lhe é determinado para falar.

No início de nossa pesquisa, questionamos quais aspectos do destacamento, noção proposta por Maingueneau (2010; 2012; 2014a), seriam válidos para o estudo da materialidade imagética. Questionamos também se poderíamos defender a existência de recortes da imagem fotográfica que adquirem relativa autonomia textual, podendo ser destacáveis de seu texto-fonte. Investigamos tal aspecto nos textos verbo-visuais que constituem nosso *corpus* e averiguamos que elementos imagéticos acrescentados a uma imagem de rosto, tais como a barba e a sombra, já são produzidos por uma espécie de

sobreesseverador institucional, que assim denominamos por ser a fotografia tal como publicada nos textos da mídia não uma construção singular, mas plural porque envolve muitos enunciadores – fotógrafo, editor de texto, editor de imagem – como forte candidato ao destaque.

Baronas (2013) fez um deslocamento da teoria de Maingueneau, principalmente quanto aos conceitos de citação, destacabilidade e aforização, para o trabalho com materialidades verbo-visuais e propõe a expansão dessa proposta teórica. Para o autor brasileiro:

[É] possível expandir a proposta de Maingueneau no tocante à enunciação aforizante, entendendo que as aforizações destacadas por natureza (slogans, máximas, provérbios, divisas, fórmulas, palavras-chave, etc.) são eminentemente verbais. Já as destacadas por um processo de extração podem figurar tanto na ordem do verbal (títulos, intertítulos, etc.) quanto do visual (imagens) e do verbo-visual (imagens, títulos, intertítulos, etc.). (BARONAS, 2013, p. 111)

No nosso caso, também podemos defender que o destaque ocorrido por extração de um texto manifesta-se na materialidade imagética. Quando tratamos da imagem do rosto de Dilma Rousseff acrescida de elementos sógnicos como a barba e a sombra, o que destextualiza e circula inscreve-se num regime aforizante, porque, além de tal materialidade ser uma imagem de conceitos (FLUSSER, 2011), esses conceitos (ou sentidos) em produção trazem à tona uma memória discursiva que foi sendo gestada desde as primeiras especulações de que Dilma Rousseff seria a candidata à sucessão de Lula na Presidência da República, direcionando as significações de Dilma Rousseff como inexperiente no campo político-eleitoral e como uma “marionete” de Lula.

No item 3.1.4, apresentamos a pesquisa que desenvolvemos a partir dos discursos opostos que significam Dilma como /Paciente/ e Lula /Agente/ *versus* a /Reciprocidade/ entre ambos. Constatamos a presença desses dois discursos entre as

narrativas que tematizam a relação entre Dilma e Lula a partir de movimentos/ações e gestos materializados em imagens fotográficas.

Há também a construção de um percurso de sentido que traz imagens de Dilma Rousseff na condição de paciente e Lula de agente, em torno da ação de ouvir de Dilma e de falar de Lula. Esse percurso insere-se no percurso mais amplo: “Dilma é marionete de Lula” ou “Dilma só faz o que Lula manda”. Em contrapartida, observamos também a existência de discursos que trazem Dilma e Lula em situação de igualdade em termos de ações e gestos, ou seja, ambos agem na mesma direção ou estão em sintonia, como, por exemplo: sorrindo, batendo palmas, etc.

Diferentemente do elemento visual “sombra”, que é citado pelos dois posicionamentos discursivos com direcionamento de sentidos opostos, as ações e gestos fotografados e citados por um posicionamento discursivo não são citados pelo outro posicionamento e vice-versa.

As fotografias citadas pelos discursos mais alinhados à centro-direita mostram, em geral, imagens capturadas clandestinamente, mostram flagras de instantes de conversas entre ambos, nos quais Lula fala e Dilma se posiciona para ouvi-lo, numa relação que se aproxima à de mestre e de discípulo. As fotografias citadas pelas narrativas que se filiam mais ao posicionamento de centro-esquerda – algumas posadas, outras, não – trazem gestos de acenar para as pessoas, de bater palmas, gestos de “ok”, gestos que significam “V” de vitória, aperto de mãos, braços levantados, abraço, com expressões dos rostos demonstrando alegria, satisfação, gratidão.

No item 3.1.5, abordamos as narrativas que tematizam a relação entre Dilma e Lula, por intermédio de imagens fotográficas que trazem a posição dos protagonistas no espaço/lugar como construtoras de sentidos. Esse aspecto imagético, assim como o

movimento do corpo e do rosto, são signos. Dilma /Atrás/ e Lula /À frente/ *versus* ambos /Lado a lado/ são dois discursos contraditórios.

Acerca das imagens que apresentam Dilma Rousseff atrás de Lula, tínhamos como hipótese que elas teriam sido veiculadas apenas no interior do percurso interpretativo que constrói sentidos disfóricos – “criatura”/ “marionete”/ “sombra” – sobre Dilma e não no percurso oposto. Mas, em ambos os posicionamentos discursivos, circularam imagens que mostram Dilma Rousseff atrás de Lula.

As fotografias que trazem Dilma atrás de Lula, principalmente as de Marcello Casal (Figura 71 e Figura 72), não foram citadas em textos com posicionamentos próximos ao discurso de centro-esquerda para serem refutadas; elas não são apresentadas como discurso outro contraditório.

Diferentemente do modo de funcionamento discursivo das fotografias, que mostram imagens de “sombra”, no interior do posicionamento discursivo mais alinhado à centro-esquerda, que atribui outro sentido à imagem, as fotografias que mostram Dilma atrás de Lula (ou Lula à frente de Dilma) não são citadas, no discurso que constrói sentidos eufóricos acerca da imagem de Dilma, como uma forma de resposta ao discurso oposto.

A imagem de Dilma atrás de Lula não funciona, no discurso mais alinhado à centro-esquerda, no sentido de dar resposta ao posicionamento discursivo que desmerece o perfil político de Dilma em comparação ao de Lula ou por conta da relação entre eles. Esse discurso de valorização do PT, nos anos de 2009 e 2010, produz sentidos de apagamento da imagem de Dilma Rousseff quando ela está relacionada à imagem de Lula. Nos textos que citam fotografias de Dilma posicionada atrás de Lula, o foco temático não recai sobre a relação de dependência ou não de Dilma em relação a

Lula, mas são atribuídos ao presidente Lula os sentidos de maior visibilidade e de maior importância diante dos acontecimentos históricos que são narrativizados.

No *corpus* em análise, a mídia jornalística tem construído um discurso de apagamento de Dilma Rousseff, posicionando-a atrás de Lula, mesmo quando atua como presidente do Brasil, em ambos os percursos de interpretação, apesar das semânticas divergentes que governam cada um dos dois percursos de sentidos.

No itinerário de nossa pesquisa, buscamos analisar as condições que permitem a algumas imagens maiores possibilidades de destextualização e circulação. Após analisarmos o funcionamento dos quatro eixos semânticos – semelhança, sombra, movimento e posição –, defendemos que as imagens mais susceptíveis à saída de textos verbo-visuais e à recontextualização nos textos de recepção são aquelas que trazem traços do interdiscurso de uma narrativa de acontecimento que se dá a ler pela contradição. A relação discursivamente polêmica acerca da política brasileira na esfera da atividade jornalística proporciona uma disputa por circulação de um ou outro sentido nos mais diversos gêneros.

Quanto mais um posicionamento discursivo circula, maiores as possibilidades de construir uma narrativa “verdadeira”. Mas, como são construídos dois movimentos de sentidos na mídia brasileira, a narrativa acerca da relação entre Dilma Rousseff e Lula se realiza pelo embate de “duas verdades”.

Nossa pesquisa ratifica a hipótese de que as imagens fotográficas que compõem textos jornalísticos falam num espaço discursivo outro e as instituições midiáticas constroem um efeito de que tais imagens e expressões faciais de Dilma Rousseff foram manifestadas diante dos textos verbo-visuais formulados por elas, produzindo um efeito de real e simulando uma verdade.

Para Gomes (2008), a imagem estampada numa página de jornal e emoldurada pelo texto escrito (manchete, legenda e notícia) encontra-se recontextualizada, pois ela foi extraída do ambiente em que ocorreu o fato. As fotografias são recontextualizadas nos discursos produzidos pela mídia, não mais o ambiente em que ocorreram os eventos factuais, mas o ambiente textual construído; embora essa recontextualização não seja noticiada.

Além da recontextualização exigida pela citação de um discurso outro – fotografia – que foi extraída de seu ambiente primeiro, muitas fotografias capturadas durante um acontecimento factual são, nos gêneros da prática jornalística, conjugadas em textos que narram outro evento histórico.

Na mídia jornalística brasileira, sobretudo a partir das análises realizadas com base em nosso *corpus*, é possível asseverar que a fotografia prescinde da história, ela é a partir de determinado posicionamento pura interpretação da história. Por isso, a grande recorrência de retomadas e recontextualizações de imagens fotográficas. Em nosso *corpus* de análise, há fotografias que circularam um, dois, três anos após os eventos factuais nos quais foram capturadas. Essas imagens destextualizadas passam por contextualizações, descontextualizações e recontextualizações que acontecem por decorrência de sua natureza aparentemente autônoma em relação à textualidade, mas que paradoxalmente são realizáveis no âmbito de um gênero discursivo (MAINGUENEAU, 2014).

A proximidade entre Dilma Rousseff e Lula é narrativizada por dois percursos de sentidos que denominamos Dilma marionete *versus* Dilma autônoma/competente. O percurso interpretativo que trata disforicamente a relação dos dois políticos e a candidatura de Dilma Rousseff diz X (que Dilma é “criatura”, “marionete”, “está à sombra”) e, ao dizer esse X, implica um Y que se constitui deonticamente: Não se deve

votar em Dilma porque ela é incompetente, inexperiente. O outro percurso de sentido, por sua vez, ao dizer X (que Dilma tem luz própria), implica um Y que se realiza de modo deôntico: Deve-se votar em Dilma porque ela é competente por ter trabalhado no Governo Lula e aprendido com ele.

Maingueneau (2007b) aponta que, numa relação polêmica, não é suficiente considerar “qual(is) outro(s) discurso(s) do campo é(são) citado(s) e recusado(s) pelo discurso ‘segundo’ para identificá-los como o(s) discurso(s) ‘primeiro(s)’ através do(s) qual (is) aquele se constitui” (p. 37.), mas ter a ambição de “especificar o que diferencia os discursos considerados em relação aos outros” (p. 75).

O percurso de sentido “criador e criatura” é, na nossa pesquisa, o discurso primeiro. Tomamos, em todos os eixos semânticos que consideramos, o percurso “criador e criatura” nessa condição e vimos também os modos de funcionamento do discurso segundo ao citar o discurso primeiro – o outro – para ser negado. O discurso segundo – que trata euforicamente a relação entre Dilma e Lula – emerge na relação interdiscursiva pelo viés de defensiva, mas não se limita a dar respostas ao discurso primeiro e sim a disputar com ele a construção de um efeito de verdade no interior da narrativa de acontecimento.

Buscamos, ao longo de nosso trajeto de investigação, não nos restringirmos a identificações de discurso primeiro e segundo, mas analisarmos o funcionamento de ambos, o que os diferencia, como eles se constituem na sua relação constitutiva de contradição. Observamos, ainda, que os sistemas de restrições de discursos antagonistas são regidos por semânticas que se recusam mutuamente e, assim, não só constroem temas de maneiras divergentes, mas buscam construir e colocar em circulação histórias diferentes que integram a narrativa do acontecimento. A história do rosto de Dilma Rousseff que apresentamos não apenas se deu a ler pelo prisma da narrativa de

acontecimento e de percursos de circulação. Ela própria se configurou e se constituiu como uma narrativa do acontecimento.

Cumpramos destacar que as interpretações que realizamos nesta tese não se esgotam. Trata-se de uma primeira tentativa de compreensão do funcionamento da máquina midiática brasileira, sobretudo quando essa máquina dá a ler deonticamente a comunicação política.

REFERÊNCIAS

AMARAL, R. B. *A vida quer é coragem: a trajetória de Dilma Rousseff, a primeira presidenta do Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

ARAÚJO, A. Criador e criatura na política brasileira. 2011. Disponível em: <<http://advivo.com.br/blog/luisnassif/criador-e-criatura-na-politica-brasileira>>. Acesso em: 28 fev. 2013.

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

_____. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, v. 19, jul./dez. 1990.

BARONAS, R. L. *Enunciação aforizante: um estudo discursivo sobre pequenas frases na imprensa cotidiana brasileira*. São Carlos/SP: EdUFSCar, 2013.

_____. Discurso e mídia: uma pequena história do rosto de Dilma Rousseff no processo eleitoral 2010. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA HISTÓRICA, II, 2012, São Paulo. *Anais...* São Paulo - SP: Humanitas, 2012. v. 1. p. 750-754.

BARONAS, R. L.; PONSONI, S. Citação, destacabilidade e aforização no texto imagético: possibilidades?. *Alfa: Revista de Linguística (Unesp)*, v. 57, p. 413-431, 2013. Online. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v57n2/04.pdf>. Acesso em: 20/12/2013.

BARTHES, R. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Nova Fronteira, 1984.

_____. A mensagem fotográfica. In: ADORNO et al. (Org) *Teoria da cultura de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BELTING, H. *Pour une anthropologie des images*. Paris: Gallimard, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Edição de Promessas. Versão revista e corrigida na grafia simplificada, da tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa bíblica brasileira.

BUITONI, D. S. *Fotografia e jornalismo: a informação pela imagem*. São Paulo: Saraiva, 2011.

BITENCOURT, J.B. *O que são blogs?* Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da UFRGS. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogs_conceitos.pdf>.

- CARRASCOSSI, C.N.S. A interpretação de enunciados modalizados por verbos modais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5., 2003, Curitiba. *Anais...* Disponível em: <<http://www.celsul.org.br/Encontros/05/pdf/042.pdf>>.
- CARVALHO, C. A.; LAGE, L. Narrativa como mediação fundamental da experiência dos acontecimentos: a *mise en intrigue* midiática. *Revista Contemporânea – Comunicação e Cultura*, v. 10, n.1, jan./abr. 2012.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- COLUCCI JR., J. *Fotojornalismo: tecnologia e hipocrisia digital*. 2003. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/showNews/fd090420032.htm>>.
- CORDEIRO, R. Fotografia publicitária e fotografia jornalística: pontos em comum. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-ricardo-fotografia-publicitaria.pdf>>.
- COURTINE, J-J.; HAROCHE, C. *História do rosto: exprimir e calar as suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*. Lisboa: Teorema, 1988.
- COURTINE, J-J. El concepto de formación discursiva. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007.
- CURCINO, L. “A política em close”: análise discursiva de algumas representações do leitor de *Veja*. *Revista Estudos Linguísticos*, n. 34, v. 3, p. 55-64, set./dez. 2007.
- _____. *Práticas de leitura contemporâneas: representações discursivas do leitor inscritas na revista Veja*. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – UNESP, Araraquara, 2006.
- DUBOIS, P. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas/SP: Papyrus, 2011.
- FERREIRA, M.C.L. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M.C.L. (Org.) *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- FERREIRA, S. V. Retratos do Brasil – O prêmio Esso e a construção da memória do fotojornalismo brasileiro. 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/6o-encontro-2008-1/RETRATOS%20DO%20BRASIL%20-%20O%20PREMIO%20ESSO.pdf>>.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- FLUSSER, V. *Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: Annablume, 2011.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2006 [1970].
- _____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986 [1969].

FREIRE, G. *Ricardo x Luciano: o criador mata a criatura*. [s.d.] Disponível em: <<http://www.wscom.com.br/blog/www.wscom.com.br/post/post/Ricardo+x+Luciano%3A+o+criador+mata+a+criatura.-6472>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

GOMES, R. S. *Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal*. Niterói: EdUFF, 2008.

GUILHAUMOU, J. *Linguística e história: percursos analíticos de acontecimentos discursivos*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

GUIMARÃES, C. P. *Aspectos visuais nos gêneros digitais: hipermodalidade pela semiótica social*. Disponível em: <www.cchla.ufrn.br/.../cleber%20Pacheo%20Guimarães%20> (UFPE). v. 6. ago 2011.

HOFFMANN, M. L. As mulheres sob o olhar de Sebastião Salgado: fotografia e produção de sentido. *Travessias*, v. 3, n. 2, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3330>.

KOSSOY, B. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

_____. *Fotografia & história*. 2 ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KRIEG-PLANQUE, A. A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Parábola, 2010.

LEAL, P. R. F. et al. Novas plataformas comunicacionais a serviço do embate ideológico: o site no Movimento Endireita Brasil. In: CONFERÊNCIA DOS ESTUDOS DA FOLKCOMUNICAÇÃO, XIV, 2011. *Anais...* Disponível em: <www.petfacom.ufjf.br/.../LEAL_QUEIROZ-site_endireita_Brasil-Folko>. Acesso em: 09 jul. 2013.

LIMA, O. S. *Câmera Clara, um diálogo com Barthes*. 2004. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt/pag/lima-osvaldo-Camera-Clara7.html>.

MACHADO, A. *A ilusão especular: introdução à fotografia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MAINGUENEAU, D. *Frases sem texto*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014a.

_____. *Discours et analyse du discours: une introduction*. Paris: Armand Colin, 2014b.

_____. Das formações discursivas unifocais às plurifocais: análise discursiva de manuais escolares e *Viagens extraordinárias*, de Júlio Verne. In: BARONAS, R. L.; ARAUJO, L. M. B. M.; PONSONI, S. (Org.) *Análise de discurso: continuidades, calabragens, interfaces*. São Paulo: Paulistana, 2014c, p. 105-127.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. *Entrevista com D. Maingueneau*, por Roberto Baronas e Fernanda Mussalim. *Revista Linguagem*. Set./out. 2009. Disponível em <http://www.letras.ufscar.br/linguagem/edicao10/entrevista_maingueneau.php>. Acesso em: 20/06/2013.

_____. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Formações discursivas, unidades tópicas e não tópicas. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos/SP: Pedro & João Editores, 2007a, p. 63-74

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba/PR: Criar, 2007b.[1984].

_____. *Análise de textos de comunicação*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

_____. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp, 1997. [1987].

MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MUSSALIM, F. Aspectos da semântica discursiva do modernismo brasileiro: polêmica e interincompreensão em torno da noção de “cópia”. *Revista Alfa*, v. 53, n. 1, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/1677/1358>>.

NUNES, K. M. *A fotografia entre o índice e o ícone: por uma dupla abordagem*. 2007. Disponível em: <www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/03.pdf>.

ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas/SP: Pontes, 2005.

_____. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

PAVEAU, M. A.; SARFATI, G. *As grandes teorias da lingüística: da gramática comparada à pragmática*. São Carlos: Claraluz, 2006.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas, SP: Pontes, 2006. [1983].

PÊCHEUX, M. et al. (1971). A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso. In: BARONAS, R. L. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007 [1971].

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M.C.P. Apresentação de *Cenas da Enunciação*. In: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

POSSENTI, S.; MUSSALIM, F. Contribuições de Dominique Maingueneau à Análise do Discurso. In: PAULA, L. De; STAFUZZA, G. (Org.). *Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil: três épocas histórico-analíticas*. Uberlândia: EDUFU, 2011.

PRIMA, S. *Em Massapé: a maldição do criador e criatura atacará a família Albuquerque?* 27/02/2012. Disponível em: <<http://sobraldeprima.blogspot.com.br/2012/02/em-massape-maldicao-do-criador-e.html>>. Acesso em: 17 abr. 2013.

PRIMO, A. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, XXXI, 2008, Natal. *Anais*, 2008.

RICOEUR, P. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SANTOS, S.F. *Dizeres sobre corrupção na mídia impressa brasileira: uma leitura discursiva*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFSCar, São Carlos, 2010.

SHELLEY, M. W. *Frankenstein*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

SONTAG, S. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA, J.P. *Fotografia: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Porto: 2002. Disponível em: <www.bocc.ubi.pt>.

SUWWAN, L. Retrato de Dilma guerrilheira vira ícone petista. *O Globo*. 16/08/2010. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>>.

TACCA, F. O retorno ao realismo na candidez da fotografia endógena. 2006. Disponível em: <www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=76>. Acesso em: 28 set. 2012.

VITOR, S. L. P. *Bressonianos: comprovando a influência do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson sobre fotojornalistas brasileiros atuais*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) – UNESP 2012.

VOSS, J. A propósito das noções de fórmula e de percurso para a análise de discurso. *Revista Prolíngua*, v. 6, n. 1, jan./jun. 2011.

ZANDWAIS, A. *Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso*. Santa Maria: UFSM, 2009.

Revistas e jornais analisados

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 06 jan. 2010.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 27 jan. 2010.

REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 17 fev. de 2010.
REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 24 fev. 2010.
REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 05 maio 2010.
REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 15 dez. 2010.
REVISTA VEJA. São Paulo: Abril, 10 nov. 2010.
REVISTA ISTOÉ. São Paulo, 08 maio 2010.
REVISTA ISTOÉ. São Paulo, 06 ago. 2010.
REVISTA ISTOÉ. São Paulo, edição especial, nov. 2010.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 07 jul. 2010.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 03 nov. 2010.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 10 fev. 2010.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 03 mar. 2010.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 12 jan. 2011.
REVISTA CARTACAPITAL. São Paulo, 24 ago. 2011.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 04 jan. 2010.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 05 jan. 2010.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 22 jul. 2009.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 14 jun. 2010.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 2 jul. 2013.
FOLHA DE S. PAULO. São Paulo, 29 jul. 2013.
FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 23 jul. 2014.
O ESTADO DE S. PAULO. São Paulo, 11 dez. 2011.

Sites

http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Cria%C3%A7%C3%A3o_de_Ad%C3%A3o. Acesso em: 16 abr. 2013.
<http://terrestreextra.wordpress.com/2010/11/03/imprensa-o-exemplo-de-que-os-tempos-sempre-voltam-repaginados/>. Acesso em: 09 jul. 2013.
<http://www.cienciacuriosa.com.br/site/ciencia-em-cores-02-criacao-de-adao/>. Acesso em: 16 abr. 2013.
<http://robertodelorena.blogspot.com.br/2010/04/o-criador-e-criatura.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.
http://www.brasilwiki.com.br/noticia.php?id_noticia=26387. Acesso em: 18 abr. 2013.
<http://amarildocharge.wordpress.com/2009/12/27/ja-esta-parecida/> Acesso em: 07 ago.2012.

<http://www.jogodopoder.com/blog/politica/dilma-e-lula-criatura-ja-comeca-a-ganhar-as-feicoes-do-criador/> Acesso em: 08 mar.2013.

<http://www.Robsonpiresxerife.com/notas/lula-dilma-e-mais-homem-do-que-nos-dois-juntos/>. Acesso em: 05 abr.2013.

<http://laudaamassada.blogspot.com.br/2012/09/sem-uma-oposicao-competente-dilma-finge.html>. Acesso em: 05 abr. 2013.

<http://brasildacorrupcao.blogspot.com.br/2010/12/dando-uma-de-diferente-para-continuar.html>.

<http://compimentanalingua.blogspot.com.br/2012/06/pt-antes-e-depois-de-governar.html>. Acesso em: 05 abr. 2013.

<http://novoblogdobarata.blogspot.com.br/2010/12/petralhas-o-criador-e-criatura.html>. Acesso em: 05 abr.2013.

http://blogs.estadao.com.br/jornal-eldorado/marquetingue-politico/?doing_wp_cron=1367349573.5633189678192138671875 Acesso em: 05 abr.2013.

<http://mccouto.blogspot.com.br/2010/12/e-na-mare-baixa-que-se-ve-quem-nada.html>. Acesso em: 05 abr. 2013.

http://www.istoe.com.br/reportagens/71504_NOS+FIZEMOS+E+SABEMOS+COMO+CONTINUAR+A+FAZER+PARTE+1 Acesso em: 14 mar. 2013.

<http://porquevotonoserra.blogspot.com.br/2010/04/lula-desvaloriza-sua-pupila.html> Acesso em: 15 mar.2013.

<http://sergioleo.opsblog.org/2008/06/05/luz-propria/> Acesso em: 15 mai 2013.

<http://alfarrabio.org/index.php?blogid=1&archive=2008-06>.

<http://blogdomello.blogspot.com.br/2008/06/dilma-e-lula-uma-foto-espetacular-de.html>

<http://lucianovc.blogspot.com.br/2008/06/dilma-roussef-e-lula.html>.

<http://ohermenauta.wordpress.com/2008/06/07/porque-dilma-sofre/> Acesso em: 15 jun. 2013.

http://www.walter-rodrigues.jor.br/detalhe.php?ART_ID=1181 Acesso em: 15 jun. 2013.

http://gilbertoleda.zip.net/arch2008-06-01_2008-06-15.html Acesso em: 15 jun.2013.

<http://www.ctvclie.com/ccss/blog-21.05.2009.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

<http://deslumieres.blogspot.com.br/2010/06/ameaca-fantasma.html>. Acesso em: 17 jun 2013.

<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/descoberta-nova-formula-do-pig.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/mauro-santayana-o-desalento-da.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/presidenta-dilma-faz-todo-mundo-rebolar.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/marcos-coimbra-governo-dilma-chega-aos.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

<http://ptremdas13e13.blogspot.com.br/2011/07/presidente-lula-e-presidente-roosevelt.html>. Acesso em: 17 jun. 2013.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-10-01_2010-10-31.html. Publicado em 31.10.2010. Acesso em: 31 out. 2013.

http://www.nytimes.com/2010/07/26/world/americas/26brazil.html?%20r=0&_r=0. Acesso em: 03 jul.2012.

<http://www.franciscoclbrito.blogspot.com.br/2010/07/bispo-catolico-aos-fieis-nao-deem-seu.html>. Acesso em: 13 jul. 2012.

<http://sitemargaritasemcensura.com/home/dilma-la-presidenta-de-um-brasil-para-todos>. Acesso em: 10 jun. 2013.

<http://lula3vezes.blogspot.com.br/2010/08/o-desespero-pornografico-e-machista-do.html>. Acesso em: 10 jun. 2013.

http://www.istoe.com.br/reportagens/93552_O+MOMENTO+DE+LULA. Acesso em: 09 jun.2013.

http://elpais.com/diario/2010/09/21/internacional/1285020009_850215.html. Acesso em: 09 jun. 2013.

<http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/veja-acompanha-dilma-rousseff/dilma-chegou-a-hora-de-uma-mulher-comandar-o-pais/>. Acesso em: 28 dez. 2012.

www.vermelho.org.br/noticia.php?id_noticias=131434&id_secao=1. Acesso em: 28 dez. 2012.

<http://contrapontopig.blogspot.com.br/2010/06/contraponto-2510-para-dilma-quanto-mais.html>. Acesso em: 28 12 2012.

http://www.istoe.com.br/assuntos/entrevista/detalhe/109159_LULA+NAO+PODERA+SER+UMA+SOMBRA+DE+DILMA+. Acesso em: 07 jan 2013.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-01-01_2011-01-31.html. Acesso em: 07 jan. 2013.

<http://www.policiaepolitica.com.br/noticias/dilma-que-diria-socorrera-lula-em-sao-paulo/>. Acesso em: 08 jan. 2013.

www.weltonmouraaltinho.blogspot.com. Acesso em: 17 dez. 2012.

<http://noticias.r7.com/brasil/noticias/dilma-sai-da-sombra-de-lula-mas-ainda-precisa-deixar-marca-propria-no-governo-20120101.html>. Acesso em: 17 dez 2012.

<http://www.economist.com/node/21547856>. Acesso em: 18 dez 2012.

<http://www.dw.de/dilma-imp%C3%B4s-estilo-e-saiu-da-sombra-de-lula-em-primeiro-ano-de-mandato/a-15621646>. Acesso em: 17 dez 2012.

http://sobraldeprima.blogspot.com.br/2013_07_01_archive.html. Acesso em: 20 set. 2013.

<http://www.jblog.com.br/informejb.php?itemid=25613>. Acesso em: 23 abr 2013.

<http://noticias.terra.com.br/brasil/dilma-mantera-escritorio-de-apoio-em-porto-alegre,477e63fc8940b310VgnCLD200000bbcceeb0aRCRD.html>. Acesso em: 27 abr 2013.

http://blogportaldobene.blogspot.com.br/2010/12/30122010_30.html. Acesso em: 27 abr 2013.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-08-01_2011-08-31.html. Acesso em: 27 abr 2013.

<http://www.psd.org.br/a-plataforma-petista-para-a-oposicao-por-elio-gaspari/>. Acesso em: 26 abr 2013.

<http://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2010/12/23/em-natal-de-catadores-lula-ora-por-alencar-cobra-kassab-e-promete-visitar-lixoes.htm>. Acesso em: 23 abr 2013.

<http://www.itaunanews.com.br/?p=3801>. Acesso em: 26 abr 2013.

http://www.maxxiway.com.br/mostranoticia.asp?id_noticia=268. Acesso em: 26 abr 2013.

<http://www.gazetadopovo.com.br/blog/caixazero/?id=1337798&tit=pt-trouxe-avancos-inegaveis.-mas-nos-deixou-ainda-mais-cinicos>.

<http://www.portaldomunim.com.br/evento-de-dez-anos-do-pt-pode-ser-largada-para-campanha-eleitoral-de-dilma/>.

<http://veja.abril.com.br/blog/acervo-digital/brasil/dilma-rousseff-de-coadjuvante-a-candidata-de-lula/>.

<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/dilma-prepara-terreno-para-volta-da-cpmf>. Acesso em: 17 abr 2013.

<http://www.estadao.com.br/noticias/politica,dilma-lula-e-luiz-marinho-inauguram-unidade-de-saude-em-sbc,896329,0.htm>. Acesso em: 26 jun 2013.

<http://www.acordacidade.com.br/noticias/79799/lula-elogia-dilma-esta-aprendendo-a-fazer-politica.html>.

http://cf-araujo1969.blo.uol.com.br/arch2011-08-21_2011-08-27.html.

<http://www.jblog.com.br/informejb.php?itemid=25613>.

<http://apatrulhadalama.blogspot.com.br/2011/11/foto-do-dia-dilma-e-lula-conversando.html>. Acesso em: 27 abr 2013.

<http://altamiroborges.blogspot.com.br/2012/12/datafolha-e-forca-de-dilma-lula.html>.

<http://noticias.r7.com/blogs/ricardo-kotscho/2012/12/16/datafolha-de-onde-vem-a-forca-de-dilma-lula/>. Acesso em: 01 mar 2013.

<http://www.blogdomarcone.com.br/2010/11/19/>.

<http://www.dw.de/dilma-imp%C3%B4s-estilo-e-saiu-da-sombra-de-lula-em-primeiro-ano-de-mandato/a-15621646>. Acesso em: 17 dez 2012.

http://internacional.elpais.com/internacional/2011/03/25/actualidad/1301007616_850215.html. Acesso em: 19 dez 2012.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-06-01_2010-06-30.html. Acesso em: 15 abr 2013.

<http://www.jornaldaparaiba.com.br/heldermoura/sem-lula-e-sem-altivez-do-congresso-nordeste-pena-com-a-seca-no-governo-dilma/>. Acesso em: 23 abr 2013.

<http://ne10.uol.com.br/canal/posse/noticia/2010/12/31/dilma-desafio-de-sair-da-sombra-de-lula-e-avancar-250587.php>. Acesso em: 19 dez 2012.

http://opiniaopublica3.zip.net/arch2009-11-08_2009-11-14.html.

<http://itaberabahoje.blogspot.com.br/2010/01/dilma-retoma-viagens-ao-lado-de-lula.html>.

http://hsaggin.blog.uol.com.br/arch2010-02-07_2010-02-13.html.

http://cfaraujo1969.blog.uol.com.br/arch2010-06-06_2010-06-12.html.

<http://www.blogrgnews.com/2010/12/ultimas-noticias-sobre-politica.html>.

<http://blogdotoca.blogspot.com.br/2011/05/ideia-fixa.html>.

<http://www.civalanhos.com/2012/06/pt-se-dividiu-em-dois-apura-epoca.html>.

http://osamigosdopresidentelula.blogspot.com.br/2009_02_01_archive.html.

<http://www.nalutaenalabuta.com.br/2010/06/dilma-continua-crescendo-e-fica-com-5.html>.

<http://pacpi.blogspot.com.br/2010/05/barragem-poco-de-marruas-e-do-pac.html>.

<http://vestindodilma.blogspot.com.br.2009/03/por-que-vestir-dilma.html>.

<http://economia.terra.com.br/discreta-dilma-evita-chamar-a-atencao-com-lula-em-seul,499823b34c7da310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>. Acesso em: 15 abr 2013.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-02-01_2011-02-28.html.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2010-12-01_2010-12-31.html.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2011-05-01_2011-05-31.html.

http://josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/colunas/arch2011-06-01_2011-06-30.html.

<http://independenciasulamericana.com.br/2011/05/lula-politiza-planalto-despolitizado/>.

<http://www.policiaepolitica.com.br/noticias/pt-e-pmdb-avaliam-que-lula-sera-candidato-em-2014/>.

<http://oblogdagal.blogspot.com.br/2011/06/dilma-conversa-com-lula-sobre-demissao.html>.

<http://maisregiao.com.br/lula-estaria-surpreso-com-rejeicao-de-dilma/>.

<http://falasimoesfilho.com.br/lula-esta-surpreso-com-rejeicao-de-dilma/>.

<http://oglobo.globo.com/brasil/eleicoes-2010/retrato-de-dilma-guerrilheira-vira-icone-petista-4990407>. Acesso em: 10 nov.2012.

<http://revistaepoca.globo.com/edicoes-anteriores/p/9/>. Acesso em: 20 jul 2012.

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI163155-15223,00-DILMA+NA+LUTA+ARMADA.html>. Acesso em: 20 jul 2012.

<http://noticias.terra.com.br/eleicoes/dilma-rousseff/dilma-usa-ficha-falsa-em-video-oficial-de-campanha,682412948ad08410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>. Acesso em: 27 abr. 2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cp05042009.htm>. Acesso em: 27 abr. 2013.

<http://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u556855.shtml>. Acesso em: 27 abr.2013.

<http://idiarte.files.wordpress.com/2010/08/fichafalsa.pdf>.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Dilma_Rousseff. Acesso em: 27 jul. 2012.

<http://noticias.terra.com.br/brasil/politica/lula-enumera-feitos-em-ato-que-registrou-acoes-do-governo,0d3e63fc8940b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>.

<http://www.luizberto.com/2011/06/29>.

www.nalutaenalabuta.com.br/2010/07/enquanto-equipe-do-governo-comemora.htm.

<http://blogladob.com.br/geral/o-sonho-do-presidente-lula/>.

<http://independenciasulamericana.com.br/2011/05/lula-politiza-planalto-despolitizado/>.

ANEXOS

ANEXO 1

POLÍCIA DO ESTADO DE SÃO PAULO T. D. I. - Mod. 10
DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÕES
SERVIÇO DE IDENTIFICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL
Delegacia de Polícia de

REGISTRO GERAL N.º

Nome: DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES Vulgo: Luiza
Filiação: (pai) Pedro Rousseff e (mãe) Dilma Rousseff
Idade: (declarada ou aparente) 22 anos. (Sabendo o dia em que nasceu, convém registrar)
Nascido no dia 14 de dezembro de 1 947 Estado civil: casada
Profissão: (declarada) Estudante Nacionalidade: Bras.
Lugar onde nasceu: Belo Horizonte M. Gerais (sendo estrangeiro, há quanto tempo veio para o país e a data, sabendo-a)
Instrução: Universitária Residência: (declarada) R. Praia do Suarão (Santos)






Data da prisão: _____ Data da identificação: 11.2.970
Motivo da prisão: Ligitação Forma da prisão: (em flagrante, por mandado, etc.) _____ Está sendo processado? _____
Estado em que se acha o processo: _____
Juízo Criminal do processo ou da sentença: _____
Notas sobre a marcha do processo: _____

Religião: não tem religião
Conduta: _____

OBSERVAÇÕES: — Os dados acima devem ser todos obrigatoriamente preenchidos.
Assinatura da autoridade policial: _____

HAVENDO FOTOGRAFIA, COLOCAR AQUI

IMPRESSÕES DA MÃO DIREITA

					
---	---	---	--	---	--

CARACTERES CROMATICOS, ETC.

Cutis Morena
Cabelos Casts.
Barba ---
Bigodes ---
Sobrancelhas Casts.
Olhos Casts.

Estatura: (sendo possível, em centímetros) 1,70
Corpo: _____

MARCAS PARTICULARES, CICATRIZES E TATUAGENS

Mão direita: (indicar falta de dedos) _____

Mão esquerda: (indicar falta de dedos) _____

Cabeça: _____

Outras: (si é aleijado, côxo, giboso, etc.) _____

Notas e informações diversas sôbre prisões, processos, condenações, identificações anteriores, lugares onde tem residido nos últimos cinco anos, etc.

Declarou não ter Cedula de Identidade

Declarou nunca ter sido presa nem processada

Foi identificada pelo processo de decreto nº 11.285

Declarou regidir anteriormente R.Cons. Gotegipe nº 1233 ou 1133

ASSINATURA DO IDENTIFICANDO,

Delma Anna Rouseff Lukanus

ANEXO 2

REG. ESTADUAL	DELEGACIA DEOPS	N.º DOS AUTOS 4/70	DATA 30-1-70
IDENTIFICADOR			CLASSIFICADOR
NOME DILMA VANA ROUSSEFF LINHARES			PESQUISADOR
INCIDÊNCIA PENAL LEI DE SEGURANÇA NACIONAL		ASSINATURA DO IDENTIFICADO <i>Dilma Vana Rousseff Linhares</i>	

MÃO ESQUERDA	POLEGARES	MÃO DIREITA
--------------	-----------	-------------

56 - CÚTIS

1. BRANCA
 2. PRETA
 3. PARDA CLARA
 4. PARDA ESCURA
 5. AMARELA

57 - OLHOS

1. CASTANHOS CLAROS
 2. CASTANHOS MÉDIOS
 3. CASTANHOS ESCUROS
 4. CINZENTOS
 5. AZUIS
 6. VERDES
 7. HETEROFTALMIA (OLHOS DESIGUAIS NA COR)

58 - CABELOS

1. CASTANHOS
 2. PRETOS
 3. LOUROS
 4. RUIVOS
 5. GRISALHOS
 6. BRANCOS
 7. PARCIALMENTE GRISALHOS

59 - TIPO DE CABELO

1. LISO
 2. ENCARACOLADO
 3. ONDULADO
 4. CARAPINHA
 5. CARECA (COMPLEMENTAMENTE)
 6. PARCIALMENTE CARECA

60 - BIGODE OU BARBA

1. RASPADOS
 2. BIGODE
 3. BARBA
 4. BARBA E BIGODE
 5. BIGODE E SUIÇAS
 6. SUIÇAS
 7. CAVANHAQUE

61 - ALTURA

1. 1.55 OU MENOS
 2. 1.56 — 1.60
 3. 1.61 — 1.65
 4. 1.66 — 1.70
 5. 1.71 — 1.75
 6. 1.76 — 1.80
 7. 1.81 — 1.85
 8. 1.86 — 1.90
 9. 1.91 — 1.95
 0. 1.96 OU MAIS

62 - COMPLEIÇÃO

1. MAGRO
 2. MÉDIO
 3. TRONCUDO

63 - AMPUTAÇÕES

1. ORELHA DIREITA
 2. ORELHA ESQUERDA
 3. BRAÇO DIREITO
 4. PERNA DIREITA
 5. BRAÇO ESQUERDO
 6. PERNA ESQUERDA
 7. MÃO DIREITA
 8. MÃO ESQUERDA
 9. PÉ DIREITO
 0. PÉ ESQUERDO
 x. DEDO/S DA MÃO DIREITA
 y. DEDO/S DA MÃO ESQUERDA

64 - DEFORMIDADES

1. DEDO/S DA MÃO DIREITA
 2. DEDO/S DA MÃO ESQUERDA
 3. MÃO DIREITA
 4. MÃO ESQUERDA
 5. BRAÇO DIREITO
 6. BRAÇO ESQUERDO
 7. PÉ DIREITO
 8. PÉ ESQUERDO
 9. PERNA DIREITA
 0. PERNA ESQUERDA

65 - DEFORMIDADES (Cont.)

1. COXO
 2. ALEIADO
 3. MUITO SURDO OU USA APARELHO AUDIÇÃO
 4. OLHO/S FALTANDO OU ARTIFICIAL/AIS
 5. OCULOS INCOMUNS (LENTESS GROSSAS OU OPACAS)
 6. CORCENDA
 7. NARIZ
 8. OMBRO
 9. PESCOÇO

66 - CICATRIZES

1. TESTA
 2. FACE E CABECA — LADO DIREITO
 3. FACE E CABECA — LADO ESQUERDO
 4. FACE (Marcas de Variola — Malhada)
 5. QUEIXO
 6. PESCOÇO
 7. NARIZ
 8. LÁBIO/S

67 - CICATRIZES (Cont.)

1. MÃO DIREITA
 2. MÃO ESQUERDA
 3. BRAÇO DIREITO
 4. BRAÇO ESQUERDO
 5. DEDO/S DA MÃO DIREITA
 6. DEDO/S DA MÃO ESQUERDA
 7. PEITO
 8. COSTAS
 9. ABDOMEN

68 - TATUAGENS

1. MÃO DIREITA
 2. MÃO ESQUERDA
 3. BRAÇO DIREITO
 4. BRAÇO ESQUERDO
 5. DEDO/S DA MÃO DIREITA
 6. DEDO/S DA MÃO ESQUERDA
 7. PERNA DIREITA
 8. PERNA ESQUERDA
 9. PEITO
 0. COSTAS

69 - PECULIARIDADES FÍSICAS



1. CANHOTO
 2. DENTES DE OURO
 3. LÂBIOS LEPORINOS OU DEFORMADOS
 4. ARTICULAÇÃO DEFEITUOSA DAS PALAVRAS
 5. SURDEZ COMPLETA
 6. DESORDEM NERVOSA (TIQUES, CA-COETES ETC.)
 7. PEITO SALIENTE
 8. RÓI UNHAS OU FELE DOS DEDOS
 9. SOTAQUE ESTRANGEIRO
 0. EFEMINADO (HOMENS)
 x. MASCULINIZADA (MULHERES)
 y. PECULIARIDADES NO ANDAR.

70 - PECULIARIDADES FÍSICAS (Cont.)

1. SOTAQUE REGIONAL
 2. CABELOS PINTADOS OU DESCORADOS
 3. PERUCA
 4. PERSONINCA O SEXO OPOSTO
 5. PARALISIA PARCIAL
 6. FACE DEFORMADA
 7. ALBINO OU SARARA
 8. USA BENGALA OU MULETAS
 9. USA SAPATOS DE SOLA E SALTOS GROSSOS
 0. USA PERNA/S ARTIFICIAL/AIS
 x. USA BRAÇO/S ARTIFICIAL/AIS
 y. SOBRANCELHAS LIGADAS

71 - PECULIARIDADES FÍSICAS (Cont.)

1. DENTUÇA
 2. DESDENTADO
 3. MUDO
 4. GOGO EXAGERADO
 5. ESTRABISMO
 6. OLHOS ORIENTAIS
 7. DOENTE MENTAL
 8. OUTROS (ESPECIFICAR)

POLEGAR DIREITO	POLEGAR ESQUERDO	PARA USO DO INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO
		PESQUISADOR NOMINAL (DATA)
		INFORMANTE (DATA)
		CLASSIFICAÇÃO

D. F. S. P.
INSTITUTO NACIONAL DE IDENTIFICAÇÃO



L. N. I. N.º

SERIE

SECCAO



1947
ANO DO NASCIMENTO

SIGLA 1-2 REG. ESTADUAL 3-9 DELEGACIA 10-13 N.º DOS AUTOS 14-17 DATA 30-1-70 I. N. I. N.º 18-25

NOME DILMA VANA ROUSSEFF DINHARES ALGUMAS E OUTROS NOMES "DILMA" "VANIA" "DILMA"

PAI Pedro Rousseff MAE Dilma Rousseff

DATA DO NASC. 26-23 NACIONALIDADE 29 Bras. NATURALIDADE 30-31 B. Horiz. - MG. SEXO 32 fem. COR br. ALTURA 1,70 PROFISSAO 33-34 Estudante

RESIDENCIA Praia de Suarão - SANTOS-SP LOCAL DE TRABALHO Faculdade Gen. da Univers. M. Gerais.

INCIDENCIA PENAL 35-37 LEI DE SEGURANÇA NACIONAL

38 - ESTADO CIVIL <input checked="" type="checkbox"/> 1. CASADO <input type="checkbox"/> 2. SOLTEIRO <input type="checkbox"/> 3. SEPARADO <input type="checkbox"/> 4. DESQUITADO <input type="checkbox"/> 5. VIÚVO <input type="checkbox"/> 6. AMIGADO <input type="checkbox"/> 7. DIVORCIADO	<input type="checkbox"/> 4. PRISAO ADMINISTRATIVA <input type="checkbox"/> 5. MANDADO DE PRISAO	51 - MEIOS EMPREGADOS <input type="checkbox"/> 1. ARMA DE FOGO <input type="checkbox"/> 2. ARMA CORTANTE OU PERFORANTE <input type="checkbox"/> 3. ARMA CONTUNDENTE <input type="checkbox"/> 4. FOGO <input type="checkbox"/> 5. VENENO <input type="checkbox"/> 6. SEM INSTRUMENTO <input type="checkbox"/> 7. VEICULO <input type="checkbox"/> 8. INDETERMINADOS <input type="checkbox"/> 9. OUTROS	54-55 LOCAL DA OCORRÊNCIA <input type="checkbox"/> 01. HABITAÇÃO COLETIVA <input type="checkbox"/> 02. CASA DE TOLERÂNCIA <input type="checkbox"/> 03. CAFÉ, BAR ETC. <input type="checkbox"/> 04. EDIFÍCIO PÚBLICO <input type="checkbox"/> 05. CASA COMERCIAL <input type="checkbox"/> 06. INDÚSTRIA <input type="checkbox"/> 07. HOTEL, PENSÃO <input type="checkbox"/> 08. HOSPITAL <input type="checkbox"/> 09. PRÉDIO EM OBRAS <input type="checkbox"/> 10. PENITENCIÁRIA, REFORMATÓRIO
39 - GRAU DE INSTRUÇÃO <input type="checkbox"/> 1. ANALFABETO <input type="checkbox"/> 2. PRIMÁRIO COMPLETO <input type="checkbox"/> 3. PRIMÁRIO INCOMPLETO <input type="checkbox"/> 4. SECUNDÁRIO <input checked="" type="checkbox"/> 5. PROFISSIONAL <input checked="" type="checkbox"/> 6. SUPERIOR <i>incompleto</i> <input type="checkbox"/> 7.	41 - NATUREZA DA INFRAÇÃO <input checked="" type="checkbox"/> 1. CRIME <input type="checkbox"/> 2. CONTRAVENÇÃO	52-53 CAUSAS PRESUMÍVEIS <input type="checkbox"/> 01. ALIENAÇÃO <input type="checkbox"/> 02. ALCOOLISMO <input type="checkbox"/> 03. AMBÍÇÃO <input type="checkbox"/> 04. CIOME <input type="checkbox"/> 05. DEVASSIDÃO <input type="checkbox"/> 06. IMPERICIA, IMPRUDÊNCIA OU NEGLIGÊNCIA <input type="checkbox"/> 07. ÓDIO OU VINGANÇA <input type="checkbox"/> 08. ENTORPECENTES <input type="checkbox"/> 09. INDETERMINADAS <input type="checkbox"/> 10. OUTRAS	<input type="checkbox"/> 11. PROPRIEDADE AGRÍCOLA <input type="checkbox"/> 12. PROSTÍBULO <input type="checkbox"/> 13. RESIDÊNCIA PART. <input type="checkbox"/> 14. TRANSPORTE COLETIVO <input type="checkbox"/> 15. VIA FÉRREA <input type="checkbox"/> 16. MAR, RIO, LAGOA <input checked="" type="checkbox"/> 17. VIA PÚBLICA <input type="checkbox"/> 18. IGNORADO <input type="checkbox"/> 19. OUTROS
40 - NATUREZA DA AÇÃO POLICIAL <input checked="" type="checkbox"/> 1. PORTARIA <input type="checkbox"/> 2. FLAGRANTE <input type="checkbox"/> 3. AVERIGUAÇÃO	42-46 DATA DO FATO Dia / Mês / Ano	47 - DIA DA SEMANA <input type="checkbox"/> 1. DOMINGO <input type="checkbox"/> 2. SEGUNDA-FEIRA <input type="checkbox"/> 3. TERÇA-FEIRA <input type="checkbox"/> 4. QUARTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 5. QUINTA-FEIRA <input checked="" type="checkbox"/> 6. SEXTA-FEIRA <input type="checkbox"/> 7. SÁBADO <input type="checkbox"/> X. FERIADO	
	48-49 HORA .16. Hs...	50 - NÚMERO DE FILHOS	

INFORMAÇÕES POLICIAIS

MOTIVO DA DETENÇÃO LEI DE SEGURANÇA NACIONAL

LOCAL R. Martins Fontes 16-1-70 16 hs.

EM COMPANHIA DE (NOME E N.º) ANTONIO DE PÁDUA PEROSA

DOCUMENTO DE IDENTIDADE AUTOR DA DETENÇÃO

FOTOGRAFIA TIRADA SIM () NÃO () OBSERVAÇÕES

4.ª VIA Cópia para o arquivo da Delegacia de Polícia.

RESPONSÁVEL PELAS INFORMAÇÕES

S. G. - S.S.P. - Mod. 40

TRANSFORMAÇÃO
Da pasta de Minas e Energia até se tornar ministro-candidata



No palanque, Dilma mimetiza até mesmo os discursos de Lula

Na construção de sua candidatura à Presidência, ministra adota estilo íntimo e próximo do povo, como o presidente

Após grande mudança visual, linguistas detectam menos números e mais emoção nas falas públicas da petista, que tenta deixar retórica racional

ANÁLISE
DA REPORTAGEM LOCAL

Em sua construção como candidata petista ao Planalto, a ministra Dilma Rousseff (Casa Civil) passa, de um ano para cá, por uma transformação. Enquanto palanques pelo país e viagens com o presidente viram rotina, uma plástica remove o rosto, óculos de grau foram abandonados e o visual incorporou roupas de cores fortes e maquiagem marcada.

Ainda mais evidente é o esforço da escolhida pelo presidente Lula para sucedê-lo em mudar seus discursos, com alterações na linguagem, no conteúdo e até no tom de voz.

A pedido da **Folha**, especialistas em análise de discurso e marketing político examinaram vídeos e áudios de Dilma desde a época em que ocupava a pasta de Minas e Energia.

A ministra, dizem eles, tenta abandonar o "estilo consultor" para falar de forma emotiva —construída pelo presidente. "Ela está tentando se aproximar do Lula, com mais ou menos sucesso", avalia a doutora em linguística Eni Orlandi.

O expediente cada vez mais frequente, diz Orlandi, é criar situações como aquelas em que Lula tem mais êxito: viagens em que seu público é o povo. "Quando se tem um interlocutor real, isso desmonta elementos que ajudam a acessar uma fala mais popular".

Nessas situações, Dilma passou a adotar um discurso mais íntimo e próximo do povo. "Mudou porque é candidata. Está criando uma imagem convincente, fisicamente e pela palavra. Mas ainda está no meio do caminho", afirma Orlandi.

Treinamento

Desde outubro, a ministra recebe um forte treinamento para aprimorar não só seu discurso, mas para lidar com a imprensa, com situações tensas de campanha e mudar o visual.

A equipe de pré-campanha já avaliou que a imagem de competente e realizadora não basta para elegê-la. É preciso criar simpatia e simplificar sua fala, aproximando-a do eleitor. Segundo a professora Luciana Panke, que para sua tese de doutorado pesquisou mil discursos do presidente Lula, a tentativa da ministra de "falar mais fácil" pode ser percebida desde o início de 2009.

"Ela passou a incluir menos números a usar mais a emoção, em vez do discurso técnico, de consultoria", afirma. Mesmo assim, discursos longos, que deveriam ser evitados, ainda são a regra.

Segundo assessores próximos, Dilma ainda sofre para falar naturalmente para militantes ou populares. Quase sempre, recorre ao papel. Ela se sente mais à vontade quando o público é empresarial.

O fim do tratamento de um câncer linfático descoberto em março foi o momento de inten-

sificar as mudanças no visual. Para Luciana Panke, há uma "evidente lapidação" no visual de Dilma, com mudanças nas roupas e maquiagem.

Apesar de alterações aparentes no discurso, Dilma conseguiu alterar muito pouco sua atitude no palanque. "Éreta, séria, uma imagem muito vinculada à competência", diz.

Em dezembro, a ministra abandonou a peruca, utilizada por causa dos efeitos colaterais da quimioterapia, e mostrou cabelos muito curtos, em um corte moderno.

Até a voz da ministra foi amenizada. "Está com uma voz mais rouca, menos grave, mais feminina", diz Orlandi. "Isso é trabalho de maquiageiro e fonoadólogo", afirma.

'Lulés'

Apesar dos esforços para popularizar seu discurso, é pouco provável que Dilma consiga atingir sucesso semelhante ao de Lula. Luciana ressalta que a ministra terá dificuldade de se livrar da retórica baseada na racionalidade —o presidente, diz ela, se utiliza de analogias e ditadismo e é muito emocional. "Se o Lula fosse explicar o PAC [Programa de Aceleração do Crescimento], ia contar um caso", diz Luciana. "Ela [Dilma] não chega a isso".

Para o marqueteiro Nelson Biondi, que fez campanhas para o PSDB, não se pode transformar um candidato naquilo que ele não é, sob o risco de cair em uma figura artificial.

Biondi afirma que, apesar do suor exibido recentemente nos palanques, que torna Dilma mais "povão", ela ficou excessivamente vinculada a imagem de uma "gerente eficiente".

"Acho que a estratégia de mãe do PAC e gerentona é um tiro no pé. Das qualidades do Lula, não é da competência que o povo gosta mais. Eles querem o boa gente, com jetão amigo, que parece não estar muito ai para trabalho", afirma o marqueteiro. "Ser eficiente já faz parte da imagem do [José] Serra [pré-candidato do PSDB]."

Temas

Além de utilizar bordões e expressões apelativas, Dilma passou a incorporar metáforas, ligando, por exemplo, o futuro e o orgulho de ser brasileiro com conquistas como sediar uma Copa do Mundo e Olimpíada.

Os temas de seus discursos passaram a variar mais, abrangendo assuntos diversos. Se antes havia o domínio de infraestrutura, energia e desenvolvimento, agora ela fala de direitos humanos, exploração infantil, importância das mulheres, meio ambiente e desigualdades regionais.

Para marqueteiros, o esforço visível de colocar a figura feminina em lugar privilegiado é uma forma de dizer que uma mulher —ela própria— pode chegar à Presidência.

FOLHA ONLINE

Veja trechos dos discursos de Dilma Rousseff

www.folha.com.br/090354

CONSTRUÇÃO DE UMA CANDIDATA

2008 Assume Ministério de Minas e Energia

2009 Assume a Casa Civil

2007 Ministra começa a viajar pelo país para lançar obras do PAC

2008 Mar: Lula chama Dilma de mãe do PAC

Maí: Durante evento, Lula diz que vai "fazer o próximo presidente" e plateia grita nome de Dilma

Set: Lula diz que há grande possibilidade de que seu sucessor seja uma mulher

Nov: Lula diz que Dilma é sua candidata

Dez: Dilma faz plástica no rosto e começa a aparecer mais maquiada em público

Sergio Lima - 16.04.2009/Folha Imagem



2009 Mar: Datafolha aponta crescimento da intenção de voto em Dilma nas eleições de 2010. Ministra alcança 12%

Abr: Dilma anuncia que se submete a tratamento contra câncer linfático

Set: Após sessões de quimioterapia e radioterapia, ministra diz que está curada

Dez: Pesquisa Datafolha indica até 20% de intenções de voto. Dilma aparece pela primeira vez sem peruca

2010 Eleição

MIMETISMO POLÍTICO

Pré-candidata, Dilma se molda ao estilo de Lula

Temas
Assuntos característicos da fala do presidente passam a ser recorrentes na da ministra

Estilo
Dilma passou a discursar de improviso, abusa de bordões e de didatismo, como Lula

"Presidente Lula, companheiros e companheiras aqui do Salgueiro"

Apropria-se de um dos bordões do presidente



Nuvem de palavras, gerada pelo Wordle.net; quanto maior a palavra, mais vezes foi usada por Dilma em discursos

"Eu queria fazer um comentário aqui muito particular, sobre, também, a imensa capacidade de resistência, a força e a persistência do povo nordestino..."

Destaca o papel do nordestino no desenvolvimento de outras regiões do país

"Quando a gente olha para trás e compara o Brasil de 2009 com o de 2002, podemos em paz pedir que confiem cada vez mais neste nosso Brasil..."

Usa a emoção e apela ao otimismo para comparar projetos

"Uma ferrovia não transporta só grãos, só mercadorias, ela transporta oportunidade. E, sobretudo, ela assegura que o futuro pode chegar"

Usa metáforas e histórias para traduzir o que números significam

BORDÕES
Como o presidente, Dilma passou a usar expressões apelativas

"Eu acho que o Brasil mudou e está mudando"

"Vocês, os prefeitos e as prefeitas, são os grandes parceiros deste país"

"Nós precisamos de vocês"

"Nós vamos crescer muito mais para que todos tenhamos oportunidades de elevar a renda. Os mais pobres, as classes médias, os empresários. Cada um tem de dar um passo no degrau e subir e melhorar de vida. É isso que pelo menos o governo do presidente Lula sempre quis"

Apodera-se de expectativas do presidente e faz projeções de seu legado

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Presidente: LUIZ FARIAS
Diretor Editorial: OTAVIO FARIAS FILHO
Superintendentes: ANTONIO MARIUKI TEIXEIRA MENDES e JEREMY BRITO

Editoriais

editoriais@uol.com.br

Omissão e desastre

Todo ano, governantes culpam as chuvas por cheias e deslizamentos, mas pouco fazem para evitar sua repetição

AS 50 MORTES registradas em Angra dos Reis (RJ) até a tarde de ontem, por força de deslizamentos em encostas, configuraram um recorde sinistro para o município. Tais estatísticas, no entanto, são um retorno tão certo quanto as chuvas torrenciais de final do ano. Mudam as localidades, mas não a tragédia de inércia do poder público.

No verão de 2008/2009, foram 135 mortos em Santa Catarina. Em Angra dos Reis mesmo, não faz tanto tempo que avalanche de lama arrastou famílias inteiras: em 2002, 40 pessoas pereceram no bairro do Areal.

A tendência dos governantes é esquivar-se da responsabilidade, alegando que se trata de fenômenos naturais extremos. Com efeito, os 355 mm acumulados em Angra no mês de dezembro projetam-se 44% acima da média histórica para esse mês. Mas o argumento é tergiversante.

O aumento de chuvas estava previsto, por encontrar-se em curso o fenômeno climático El Niño, um aquecimento incomum das águas do Pacífico junto à América do Sul. A anomalia costuma aumentar a precipitação na região Sudeste e, como preveem alguns estudos, poderá tornar-se mais frequente com a mudança global do clima.

A perspectiva se mostra tanto mais preocupante porque no li-

toral do Sudeste se encontram algumas das maiores cidades do país, boa parte delas nas vizinhanças do relevo acidentado da serra do Mar. O déficit habitacional empurra os habitantes pobres para as áreas de risco, processo que poderá agravar-se com o inchaço previsível de algumas dessas cidades, como São Sebastião (SP), induzido pela exploração do petróleo do pré-sal e pelo impulso da atividade portuária.

Não há como evitar as chuvas, decreto, mas pode-se fazer muito para prevenir a ocorrência de desastres anunciados. Não existe hoje um mapeamento atualizado nem um sistema eficiente de alerta para a população que já se encontra nas áreas ameaçadas, capaz de evacuar a sempre que a precipitação ultrapassar limiares prefixados. Esta é uma responsabilidade primordial das prefeituras municipais.

O ideal, porém, seria oferecer uma alternativa de moradia para essas pessoas, construindo casas populares longe das áreas de risco. Seria prudente, também, investir em levantamentos geotécnicos, mapas de risco de enchentes e maior controle da destruição de matas ciliares (o desnuste favorece a erosão e o assoreamento dos rios).

São dois temas bastante diferentes, mas, vindo na mesma hora, sempre um pode contaminar o outro. Um é a questão do Plano Nacional de Direitos Humanos, o outro é a decisão sobre o melhor pacote para renovação da frota da FAB.

O plano é saudado num aspecto por todo mundo que tem bom senso: a verdade histórica tem que prevalecer: dou a quem doer, e insistir na busca dos desaparecidos até a última instância é um direito não apenas político, mas humanitário.

Mas incomoda os militares quando revivem para aquele jeito stalinista de criar uma comissão nacional e comitês estaduais que podem jogar a opinião pública contra prédios militares e apontar o dedo para oficiais de hoje, que não têm nada a ver com aqueles do passado.

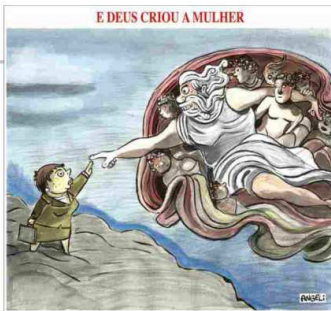
E a renovação dos caças da FAB, o

os que menos propostas receberam, proporcionalmente às suas metas, aparecem Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro.

As construtoras alegam que há poucos terrenos livres e que seu preço é elevado nas regiões metropolitanas, o que limitaria o número de projetos.

Especialistas já apontavam essa falha no programa desde seu início. Centrado no lançamento de novos "produtos", que demandam terrenos escassos nas grandes cidades, o pacote habitacional não dedicou aos mecanismos de estímulo à urbanização de favelas e ao uso de imóveis já disponíveis a mesma atenção concedida ao fomento de novos empreendimentos imobiliários.

Um dos caminhos para diminuir o déficit é a reforma de prédios já existentes, muitas vezes abandonados. Embora previsto na lei aprovada pelo Congresso, o uso de recursos do "Minha Casa, Minha Vida" para a readequação desses edifícios ainda está à espera de regulamentação da parte do governo federal.



VAGUINALDO MARINHEIRO
A volta do medo e das teses bobas

SÃO PAULO - O dia de Natal de 2009 trouxe um presente inconveniente para o chamado mundo ocidental: a volta do medo. Naquela dia, o tigrariano Umar Farouk Abdulmutallab tentou explodir um avião que saía de Amsterdã com destino a Detroit, nos EUA.

Por razões ainda inexplicadas (e muita, muita sorte), o atentado não fez nenhuma vítima. Mas um dos objetivos foi alcançado: matar a ilusão de que vivíamos num mundo mais seguro após o fim da era Bush.

Alguns companhias aéreas até já haviam reintroduzido os falchões de metal, banidos no pós-11 de Setembro, e muitos voltaram a planejar férias sem incluir o risco-bomba na hora de decidir o local da viagem.

Isso tudo foi por terra. Voltam os controles rígidos nos aeroportos e a paranoia que enxerga bombas em malas ou carros abandonados e terroristas em qualquer um que circule por pontos de grande concentração de pessoas.

Junto com o medo, reaparecem as teses sobre as razões do terroris-

mo. Alguns jornalistas e pensadores mais à esquerda acreditam que a ameaça só terá fim quando a prosperidade dos países desenvolvidos se espalhar pelo resto do mundo.

Creem que, se houver alternativa entre subir na vida (ter dinheiro) e subir aos céus com um ato "heróico", jovens recrutados pela Al Qaeda vão preferir a primeira opção.

Para reforçar a tese, usam as estatísticas do fôlego, suposta nova base da Al Qaeda e onde Umar esteve antes do atentado. O país tem taxa de desemprego de 35%, sofre com escassez de água, e 45% da população, de 23 milhões de habitantes, está abaixo da linha de pobreza.

Mas como explicar Umar, que é filho de banqueiro? E Bin Laden, que é de família milionária? Além dos furros óbvios, essa tese carrega o preconceito de acreditar que todo pobre é um terrorista em potencial quando, na verdade, talvez sejam esse e outros preconceitos os reais motores do terrorismo.

vmarinheiro@uol.com.br

LIANE CANTANHÊDE
Um na mão, dois voando

BRASÍLIA - O ano de 2009 acabou com uma crise entre a área civil e a área militar do governo. O ano de 2010 começa com uma encenação de bom tamanho exatamente entre essas duas áreas.

São dois temas bastante diferentes, mas, vindo na mesma hora, sempre um pode contaminar o outro. Um é a questão do Plano Nacional de Direitos Humanos, o outro é a decisão sobre o melhor pacote para renovação da frota da FAB.

O plano é saudado num aspecto por todo mundo que tem bom senso: a verdade histórica tem que prevalecer: dou a quem doer, e insistir na busca dos desaparecidos até a última instância é um direito não apenas político, mas humanitário.

Mas incomoda os militares quando revivem para aquele jeito stalinista de criar uma comissão nacional e comitês estaduais que podem jogar a opinião pública contra prédios militares e apontar o dedo para oficiais de hoje, que não têm nada a ver com aqueles do passado.

E a renovação dos caças da FAB, o

chamado FX-2, que já sobrou do governo FHC, cria um impasse. A análise técnica de quem entende do assunto apontou o caça suéco em primeiro lugar, o norte-americano em segundo e o francês Rafale - preferido e virtualmente escolhido por Lula e pela área diplomática - em terceiro e último.

É uma tremenda saia justa para Lula, que está entre duas opções: ou joga o trabalho da FAB na turbina do Aerolula e anuncia o Rafale, custe o que custar (aliás, literalmente, porque é de longe o mais caro dos três); ou recua na decisão política e segue a orientação de quem entende do assunto e produziu mais de 30 mil páginas de documentos, estudos, análises.

Entre Lula, o plano de Direitos Humanos e os militares, há Jobim. Entre Lula, os caças e os aviadores e a Embraer, também há Jobim. E ele quem tem de tourear as feras.

Nos dois casos, Lula ganha tempo. O plano ficou para abril. Os caças, sabe-se lá para quando. E se,

efianec@uol.com.br

CARLOS HEITOR CONY

A volta do paraquoso

RIO DE JANEIRO - Um programa na TV mostra como se dão os desastres aéreos. Diante as condições atmosféricas, a maior parte dos acidentes se deve a pequenas, pequenas causas no equipamento ou na manutenção. Vi outro dia um documentário que me fez pensar. Um avião moderno, dispondo de toda a tecnologia mais avançada, caiu no oceano matando os todo 280 pessoas, entre passageiros e tripulantes.

Ao contrário de recente caso com um avião na rota Rio-Paris, acharam os destroços e as caixas pretas, sendo relativamente fácil determinar a causa do desastre. Na última revisão de rotina, um dos motores tinha um paraquoso frouxo, e o mecânico decidiu trocá-lo. Foi no manual de operações, identificou o paraquoso, pediu à fábrica uma peça igual, que se encaixou perfeitamente e o avião foi liberado para voar.

Acontece que o novo paraquoso, por defeito de fabricação, tinha

uma volta a menos em sua parte terminal. Daí que o encaixe foi perfeito, mas não completo. Os milímetros que faltavam não vedaram suficientemente um dos cabos hidráulicos, houve vazamento, fogo e morte de 280 pessoas.

Acabou o programa, pensei nesta relação de causa e efeito não apenas no nível mecânico, mas no social. A comunidade humana é um imenso aparelho com milhões de peças que se gastam e desgastam, precisando ser renovadas. Um paraquoso com uma volta a mais ou menos pode prejudicar o fluxo da história e criar outra história, ou seja, um desastre fatal. A sociedade tem mais peças que precisam ser constantemente repostas do que qualquer avião dos mais modernos. E os mecânicos não contam as voltas dos parafusos que normalizam o seu funcionamento. Voamos às cegas, com parafusos frouxos que podem nos levar ao desastre.

MARCOS NOBRE
O piso e o Suriname

ANO SE ENCEBROU com duas notícias muito boas, aparentemente desconectadas. A primeira: pelo menos 40 mil imigrantes irregulares entraram com pedido de asilo. Segundo: o piso salarial nacional obrigatório para o professorado do ensino básico subiu para R\$ 1.025.

Os números são pouco confiáveis, mas é certo que o contingente de imigrantes irregulares no país é bem maior que isso, talvez dez vezes maior. Mas a notícia mostra que, ao contrário da Europa e dos EUA, o Brasil não adota uma política de repressão sistemática, um dos maiores focos de tensão no mundo no momento e que assim continuará pelas próximas décadas.

Já o novo piso salarial para o professorado parece fazer parte de programa eleitoral: corresponde quase que exatamente ao critério de entrada na chamada classe C (de dois a cinco salários mínimos), o cartão alvore-alba da era Lula. E também o mínimo que se deve fazer nesse campo. Mas conseguir esse mínimo foi luta de décadas. E é mesmo um passo decisivo para começar a melhorar a educação básica pública.

É possível que 5 milhões de brasileiros vivam hoje no exterior. Pesquisas recentes, como as do Núcleo de Estudos de População da Unicamp, mostram que se trata, em grande parte, de uma emigração já enraizada nos países de destino, que já formou redes sociais sólidas, com baixa probabilidade de retorno definitivo ao Brasil. Os fluxos migratórios para os lugares em que redes sociais já se estabeleceram devem continuar.

O que deve mudar com as boas perspectivas de desenvolvimento do país para os próximos anos é que muita gente que poderia desbravar outros destinos migratórios tenderá a ficar. Até a crise vai dar uma mãozinha nisso.

Mais que isso, é a imigração que deve aumentar nos próximos anos. Mas não virá simplesmente suprir um crescimento populacional que não dá conta das necessidades do desenvolvimento econômico. Nem apenas por causa de lacunas pontuais em alguns setores. Virá suprir a falta de educação de largas parcelas da população.

Muitas pessoas que hoje gritam que faltaria mão de obra qualificada são as que sempre foram a favor da educação, claro, mas que tinham um ataque de nervos toda vez que se falava em aumentar os gastos públicos ou o salário mínimo. Seria muito bom perguntar a elas o que fazer agora, com quem não teve educação nem encontra trabalho. Pessoas para quem o aumento do piso do professorado chegou tarde demais. Pessoas como Alka da Costa, que foi para o Suriname se arriscar no garimpo por uma razão muito básica: "No Brasil, eu ia morrer de fome".

nobre.a2@uol.com.br

MARCOS NOBRE escreve às terças-feiras na coluna

FRASES

ENERGIA
O Brasil não pode ficar refém dos humores do Meio Ambiente. Não há energia melhor, mais limpa e mais barata do que a hidrica. Mas como estamos sujeitos aos humores do Meio Ambiente, poderemos ter dificuldades no futuro

EDSON LOBO
ministro de Minas e Energia, ontem na Folha

DILMA
Ela está tentando se aproximar do Lula... Está criando uma imagem convincente, fisicamente e pela palavra. Mas ainda está no meio do caminho

EM ORLANDI
doutora em Inguatística, sobre as mudanças na linguagem de Dilma Rousseff, ontem na Folha